

JULIANA CRISTINA BONILHA NUNES

***REVISTA FEMININA*(1915-1936):
TENSÃO ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE**

**ASSIS
2013**

JULIANA CRISTINA BONILHA NUNES

***REVISTA FEMININA*(1915-1936):
TENSÃO ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE**

Tese apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Doutor em Letras (Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientadora: Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa

**ASSIS
2013**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca da F.C.L. – Assis – UNESP

Nunes, Juliana Cristina Bonilha

N972r *Revista Feminina (1915-1936) : tensão entre tradição e modernidade / Juliana Cristina Bonilha Nunes. Assis, 2013*
247 f. : il.

Tese de Doutorado - Faculdade de Ciências e Letras de Assis -
Universidade Estadual Paulista.

Orientadora: Dr^a Rosane Gazolla Alves Feitosa

1. Literatura brasileira. 2. Periódicos brasileiros. 3. Literatura -
História e crítica - Periódicos. 4. Literatura e sociedade. 5. Literatura
comparada. 6. Século XX. I. Título.

CDD 869.909

JULIANA CRISTINA BONILHA NUNES

***REVISTA FEMININA*(1915-1936):
TENSÃO ENTRE TRADIÇÃO E MODERNIDADE**

COMISSÃO JULGADORA

**TESE PARA OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR
Faculdade de Ciências e Letras - UNESP
Área de Conhecimento: Literatura e Vida Social**

Presidente e Orientadora: _____
Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa

2º Examinador _____

3º Examinador _____

4º Examinador _____

5º Examinador _____

Assis, ____ de _____ de 2013.

A Deus, minha fonte de inspiração.

A Daniel Nunes.

A minha família.

Ao meu avô, Pedro Bonilha, in memoriam.

“O tempo no entanto não mudou; os anos continuam a ser apenas divisões abstratas que se correspondem; a vida não se alterou no jogo de forças da atonicidade à coesão; a terra é ainda fecunda; e a matéria, que se rege por si mesma e a si mesmo se limita, continua o seu ciclo repousado, agregando-se e desagregando-se, na corrente contínua da sua transformação”.

Ana Rita Malheiros,
colaboradora da *Revista Feminina*

Agradecimentos

Diante de tantos apoios durante o processo de produção deste escrito, não poderiam faltar agradecimentos a cada gesto de colaboração.

A Deus, que possibilitou a construção desta caminhada.

À CAPES, agência de fomento desta pesquisa.

Ao programa de pós-graduação, seção e funcionários que tornaram viável a execução deste projeto.

Ao CEDAP, Arquivo do Estado e Biblioteca Mário de Andrade, por disponibilizarem seus acervos.

À minha orientadora Rosane, que possibilitou crescimento em todos os âmbitos, desde o pessoal ao profissional, por meio de suas opiniões de pesquisadora.

Aos professores Álvaro Santos Simões Junior, Ana Maria Domingues, Sílvia Azevedo, Lídia Maretti, Luiz Roberto Velloso Cairo, dentre outros, cujas opiniões foram de extrema valia.

À minha família, em especial minha mãe e pai, que permitiram, através de seu esforço, que alcançasse mais que o esperado, por meio do conhecimento.

A Daniel, companheiro e testemunha da concretização desse projeto.

A todos os colegas de pesquisa, pelas opiniões sinceras e pela acolhida.

A tantos outros que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização deste trabalho.

NUNES, Juliana Cristina Bonilha. *Revista Feminina* (1915-1936): tensão entre tradição e modernidade. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

RESUMO

A tese deste trabalho é demonstrar que a análise dos textos literários presentes na *Revista Feminina* registra um momento transitório na Literatura Brasileira, com base nos preceitos teóricos Antonio Candido, a respeito da existência de uma literatura de permanência. Este periódico paulista, mas de abrangência nacional, destinado não só à mulher, mas à família brasileira, reflete, portanto, um panorama de transformações que ilustram a mistura entre tradição e modernidade de seu período. Porém, no que se refere ao plano literário pode-se dizer que a *Revista* mantém-se espelho de uma “literatura de permanência” (CANDIDO, 2000, p.104), pois incorpora em suas páginas textos produzidos anteriormente à sua publicação ou então contemporâneos seus, porém sem apresentarem inovações no sentido do despertar para uma nova consciência literária. Constatando-se que no início do século XX até meados de 1920/1922, imprensa, sociedade e literatura brasileira passam por significativas transformações em favor de uma modernização, a observação da *Revista Feminina* (1914-1936), *corpus* desta pesquisa, permite que se enumerem questões que a relacionem com uma postura tradicional no que diz respeito aos textos literários. O periódico composto por páginas repletas de imagens e textos que transitam entre assuntos triviais e a opção por uma literatura voltada para aspectos educacionais e difusores das Letras, mostra-se uma revista preocupada com a formação do pensamento crítico feminino, e com a abertura de um espaço para publicação de obras de autoria de sua leitora. A partir da observação das ideologias da *Revista*, isto é, de seus objetivos ambivalentes de democratização literária, seja oferecendo a leitura e o contato com textos literários, seja proporcionando um espaço para a publicação feminina, aliados à opção pela publicação de textos de renomados autores, que eram personalidades da Literatura como Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida, Filinto de Almeida, dentre outros, nota-se que o periódico reflete um panorama literário de continuidade, e mesmo de opção pela divulgação de obras consagradas ou de textos produzidos especificamente para a leitora da *Revista*, sendo esses últimos essencialmente românticos e emotivos. Com base nessa tendência da preservação de um panorama literário tradicional mesmo em face a uma ebulição de valores trazidos pela modernidade, é que se analisa, o periódico, contado-se sobretudo com o apoio de obras da Historiografia e Crítica Literária, como *Literatura e Sociedade* (2000), de Antonio Candido; *História da Literatura Brasileira* (2002), de Nelson Werneck Sodré; e ainda de autores como Afrânio Coutinho e Alfredo Bosi, que discorrem sobre a Literatura Brasileira do início do século XX. Apóia-se teoricamente ainda na História Brasileira, História da Imprensa e ainda no panorama da mulher no século XX, para que se possa compreender o contexto da *Revista Feminina*. Por meio do ensaio, “Literatura e cultura de 1900 a 1945” (*Literatura e Sociedade*, 1975, cap.VI) de Antonio Candido, em que o autor discorre sobre as fases literárias no século XX, busca-se questionar e propor que a *Revista* reflete e ilustra a literatura de permanência que permaneceu sendo apreciada mesmo após a Semana de 1922. Assim, no primeiro capítulo, mostra-se o contexto do qual emerge o periódico; no segundo, realiza-se a apresentação de suas características, programa e tendências; no terceiro capítulo, detém-se num estudo dirigido do *corpus*.

Palavras-chave: Literatura; *Revista Feminina*; século XX; Antonio Candido, periódico brasileiro

NUNES, Juliana Cristina Bonilha. *A Revista Feminina (1915-1936): tensão entre tradição e modernidade*. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2013.

ABSTRACT

The thesis of this paper is to demonstrate that the analysis of the literary texts present in the *Revista Feminina* (1915-1936), a informative publication created in Sao Paulo's and produced for all the brazilians women in the 20th century, registers a transitory moment in Brazilian literature, according with Antonio Candido's theoreticals principles, regarding the existence of a literature of permanence. Based on the observation of the context of this publication, when the Press, the society and the Literature got significant changes, we intend to show that despite all the modernization process, including in the Brazilian Literature, which from 1922 takes a Modernist perspective, the *Revista Feminina* maintained a posture related to traditional, mainly regards to the literary texts. The *Revista Feminina* reflects an overview of transformations within a mix between tradition and modernity, but on the literary panorama we can say that this publication remains a mirror of the "literature of permanence" (CANDIDO, 2000, p.104). The magazine, witch consists of rich pages full of pictures that comproves the tecnology modernization and formed by many special texts transiting between trivial matters and serving a literature carefully chosen to suit its readers, can be described as a magazine concerned with the women's education and dedicated in form their critical thinking, aspects that demonstrate their inclusion in a panorama of social changes. From the observation of the ideologies of the *Revista Feminina* with the analisis of the corpus of non-literary and literary texts, signed by personalities of the Brazilian Literature as Coelho Neto, Júlia Lopes de Almeida, Olavo Bilaspur, among others, we note that the journal reflects a literary panorama of continuity, even after the "Semana de 1922", an art convention which transformed the Brazilian arts. Therefore to analyze this periodic, we explored Historiography and Literary Criticism studies, mainly *Literatura and Sociedade* (2000), by Antonio Candido; *Brazilian's History books*; *The Press history*; *Brazilian Literature* (2002), by Nelson Werneck Sodré, and authors as Afrânio Coutinho and Alfredo Bosi. With all these perspectives we could understand the context of the *Revista Feminina*. Through the essay, "Literature and Culture from 1900 to 1945" (*Literature and Society*, 1975, cap.VI) by Antonio Candido, in which the author discusses the literary different stages in the twentieth century, we intend to analise that the magazine was inserted in a panorama of transformations. Therefore, in the first chapter, it we composed a panorama from the context which emerges the periodic; in the second chapter we present its ideologies and some of its features; on the other hand, the third chapter, analysis of the corpus, presenting its sections and showing its tradicional ideologies and its moderns ones; finally in the fourth chapter we collected many informations about the Literature on the pages of the Journal, with special attention about its traditional way of texts selection for the women's readers . The result is that despite presenting aspects of tradition and modernity, the literature that figures in de *Revista Feminina's* pages can be described as the terminology of Antonio Candido - a "literature of permanence".

Keywords: *Literatura*; *Revista Feminina*; 20th century; Antonio Candido; brazilian magazine

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: A Avenida Central ou Avenida Rio Branco e o Teatro Municipal criado em 1905.....	30
Ilustração 2: Palácio dos Campos Elíseos, em São Paulo.....	34
Ilustração 3: O Jardim da Luz, em São Paulo	36
Ilustração 4: A estação da Luz, em São Paulo	36
Ilustração 5: Teatro Municipal, em São Paulo, criado em 1911	37
Ilustração 7: Propagandas da Ford na <i>Revista Feminina</i> (janeiro de 1916, p.3)	39
Ilustração 8: As fábricas na <i>Revista Feminina</i> (abril de 1916, p. 40)	40
Ilustração 9: A Primeira Guerra mundial na <i>Revista Feminina</i> , janeiro de 1918	42
Ilustração 10: As colaborações literárias na <i>Revista Feminina</i> (março de 1916, p. 11).....	50
Ilustração 11: As revistas <i>A Cigarra</i> (1914) e <i>Vida Moderna</i> (1907)	53
Ilustração 12: Dona Virgilina de Souza Salles na <i>Revista Feminina</i> - agosto de 1916.....	75
Ilustração 13: Capa da <i>Revista Feminina</i> de abril de 1914 e o subtítulo “A Luta Moderna”.....	77
Ilustração 14: Capa da <i>Revista Feminina</i> de dezembro de 1915	78
Ilustração 15: A <i>Revista Feminina</i> no I Congresso de Jornalistas – outubro de 1918.....	83
Ilustração 16: Os apelos na <i>Revista Feminina</i> - setembro de 1917.....	87
Ilustração 17: A seção “Expediente” – <i>Revista Feminina</i> , janeiro de 1916.....	91
Ilustração 18: Os concursos literários na <i>Revista Feminina</i>	92
Ilustração 19: A publicidade na <i>Revista Feminina</i> : livros e produtos – setembro de 1917.....	93
Ilustração 20: A seção “Como enfeitar a minha casa”	96
Ilustração 21: Seção “Para os nossos filhinhos – <i>Revista Feminina</i>	97
Ilustração 22: Fábulas de Monteiro Lobato – <i>Revista Feminina</i> , dezembro de 1921.....	98
Ilustração 23: O artigo “O que os homens precisam saber” – <i>Revista Feminina</i> , janeiro de 1918.....	100
Ilustração 24: Os volumes encadernados da <i>Revista Feminina</i> – agosto de 1917.....	103
Ilustração 25: Os livros indicados pela <i>Revista Feminina</i>	105
Ilustração 26: Cláudio de Souza, médico e teatrólogo.....	107
Ilustração 27: O ingresso de Cláudio de Souza na Academia Brasileira de Letras- <i>Revista Feminina</i> de janeiro de 1925.....	109
Ilustração 28: Texto de Ana Rita Malheiros, de janeiro de 1920.....	112
Ilustração 29: A história de Ana Rita Malheiros – <i>Revista Feminina</i> , maio de 1920.....	116
Ilustração 30: O anúncio dos novos colaboradores na <i>Revista Feminina</i>	117
Ilustração 31: As colaborações literárias na <i>Revista Feminina</i> – março de 1916.....	120
Ilustração 32: O anúncio das novas colaboradoras - <i>Revista Feminina</i> – fevereiro de 1917.....	123
Ilustração 33: A Literatura na <i>Revista Feminina</i> – junho de 1916.....	130
Ilustração 34: A seção “Poemas da Juventude” – abril de 1915.....	142
Ilustração 35: A seção “Novos Colaboradores”	145
Ilustração 36: Recortes da <i>Revista Feminina</i> – a seção “Livros recebidos” de abril de 1915; julho e novembro de 1916.....	146
Ilustração 37: A seção “Livros Novos”- dezembro de 1918.....	148
Ilustração 38: A seção "Coleção Alva"	149
Ilustração 39: A colaboração de Coelho Neto na <i>Revista Feminina</i> – dezembro de 1917.....	152
Ilustração 40: A primeira publicação da seção Jardim Fechado – <i>Revista Feminina</i> , fevereiro de 1918.....	154
Ilustração 41: Tédio, de Clotilde de Mattos - <i>Revista Feminina</i> , de março de 1918.....	156
Ilustração 42: Soneto “Saudade” – <i>Revista Feminina</i> , abril de 1918.....	157
Ilustração 43: Soneto “Manhã de Sol”, abril de 1918.....	158
Ilustração 44: “Silhuetas”, de Marilda Palínia – setembro de 1920.....	159
Ilustração 45: Nota da seção “Jardim Fechado”	160
Ilustração 46: Soneto “O Profeta”, de Mario de Lima.....	164
Ilustração 47: Nota na seção “Jardim Fechado”	165
Ilustração 48: Aviso às leitoras no texto “O Inimigo” de Julia Lopes de Almeida – abril de 1915.....	169
Ilustração 49: Poema “Extremos”, de Prisciliana Duarte de Almeida – dezembro de 1915.....	171

Ilustração 50: O soneto “Coração Calmo”, de Júlio César da Silva.	172
Ilustração 51: Os colaboradores da <i>Revista Feminina</i> – novembro de 1916.....	174

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Seções da <i>Revista Feminina</i> – abril de 1915.....	114
Tabela 2: Seções da <i>Revista Feminina</i> – dezembro de 1915.....	114
Tabela 3: <i>Revista Feminina</i> – abril de 1915.....	132
Tabela 4: <i>Revista Feminina</i> – de 1915 a 1916.....	135
Tabela 7: <i>Revista Feminina</i> – janeiro de 1917.....	139

SUMÁRIO

Capítulo 1. O INÍCIO DO SÉCULO XX NO BRASIL: A REPÚBLICA VELHA, A IMPRENSA E A MULHER BRASILEIRA.....	22
1.1. A história da cultura brasileira num momento de transição.....	26
1.2. A República e as transformações na sociedade carioca: o Rio de Janeiro	27
1.3. São Paulo: uma cidade movida pela modernização	33
1.4. A imprensa brasileira na primeira metade do século XX: um momento de especialização.....	44
1.5 Os intelectuais e sua participação em periódicos do século XX.....	49
1.6. A imprensa paulista.....	51
1.7. Os periódicos femininos e a imprensa brasileira.....	54
1.8. A mulher brasileira no início do século XX	58
1.9. A Literatura em questão: tradição, transição e modernidade.....	61
Capítulo 2: A <i>REVISTA FEMININA</i> (1915-1936): ORIGENS, PARTICULARIDADES E PORMENORES	64
2.1. <i>A Revista Feminina</i> : apresentação.....	72
2.2. O programa da <i>Revista Feminina</i>	76
2.3. Uma revista e dois interesses: a empresa jornalística e a difusão da Literatura para a mulher.....	85
2.4. <i>Revista Feminina</i> : uma leitura para a família.....	94
2.5. A cultura e a educação: dois pilares da <i>Revista Feminina</i>	101
2.6. <i>Revista Feminina</i> : uma revista “de mulheres para mulheres ”?	106
2.7. As colaborações literárias e os gêneros textuais presentes na <i>Revista Feminina</i>	113
2.8. Curiosidades e particularidades: o caso Ana Rita Malheiros.....	122
Capítulo 3: A LITERATURA: TRADIÇÃO E MODERNIDADE.....	127
4.1. As seções de Literatura: “Poemas da Juventude”	140
4.2- A seção “Livros recebidos”	144
4.3- A seção “Livros Novos”	147
4.4- A seção “Coleção Alva”	149
4.5. A seção “Jardim Fechado”	153
4.6. Contos e poemas: a Literatura de permanência na <i>Revista Feminina</i>	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	177

REFERÊNCIAS.....	182
ANEXO.....	189
Anexo: <i>Revista Feminina</i> (Capas e textos literários de 1915-1930).....	189

INTRODUÇÃO

O estudo de periódicos que apresentam conteúdo literário tem cada vez mais motivado pesquisadores de diversas áreas a resgatar as memórias contidas nestes escritos. Portadores de registros, de valor não só documental, mas também cultural e literário, estes jornais e revistas agregam suporte para teorias já existentes, trazem novidades em relação ao passado e abrem espaço para que se descubra um conjunto inestimável de informações. Pode-se dizer que nestas páginas históricas está documentado um mundo inacabado, à espera de um leitor que recupere as informações nelas contidas e forneça um novo olhar àquilo que fora anteriormente registrado.

Assim, pensando-se na rica fonte de saber que consistem os periódicos históricos e literários, neste trabalho parte-se da análise do *corpus* da *Revista Feminina* (1915-1936). A escolha deste instrumento de trabalho deu-se a partir de uma longa pesquisa dentre os periódicos disponíveis para pesquisa no Centro de Documentação e Amparo à Pesquisa, o CEDAP, onde hoje existe catalogada, microfilmada e digitalizada uma enorme fortuna em material para pesquisa.

Constatando-se que os periódicos femininos têm sido bastante explorados nas últimas décadas no Brasil, partiu-se em busca de uma publicação consistente, de longa permanência na imprensa feminina na qual se identificasse a presença da literatura do século XX. Dentre tantas outras, como *Eco das Damas* (1879 a 1888), por exemplo, que retratava as constantes lutas feministas - optou-se pela *Revista Feminina*, que continha o conteúdo que se almejava- a Literatura- e, ao mesmo tempo, apresentava longa duração na imprensa- 22 anos. Essa junção de características foram essenciais para que se definisse a *Revista* como um *corpus* para os estudos literários propostos neste trabalho.

Ao se tomar contato com o extenso *corpus* deste periódico, formularam-se paulatinamente algumas questões que deram, por fim, enredo para esta pesquisa.

Durante a etapa em que se deu a leitura do periódico, foi possível notar que o registro histórico- temporal aparecia constantemente nas páginas lidas. Sendo assim, seria muito ilegítimo separar apenas a literatura observada constantemente na publicação, sem mencionar, nem explorar o contexto pára – textual e algumas de suas características mais marcantes.

A leitura sistemática da *Revista* permitiu perceber que história e literatura encontram-se indissociáveis. Por esse motivo, optou-se pela elaboração de um capítulo inicial voltado a atender as questões relacionadas ao tempo e ao espaço externos, mas não distantes, da

publicação. O capítulo que adentra ao contexto histórico não visa sistematizar fatos, mas aparece, neste estudo como apoio para que se conheça de modo mais completo o período em que se publica a *Revista Feminina*.

Outro ponto que merece destaque é distinção teórica entre o que se planejava estudar e a questão de gênero. Estes estudos, de incontestável importância, foram desenvolvidos nas últimas décadas e colocaram em evidência as publicações destinadas ao público feminino. No entanto, apesar desta questão estar impregnada nas páginas da *Revista*, desde o início a proposta deste trabalho era a de trabalhar com a literatura e voltar os olhares a esta produção sem deixar que o “gênero” fosse a temática principal do trabalho, apesar de ser parte indissociável quando se analisam os textos.

No caso da *Revista Feminina*, está-se falando de um periódico feminino que tem o intuito de difundir a Literatura e as informações pertinentes ao universo da mulher e respectiva família. Originado num pequeno jornal intitulado *A Luta Moderna* (1914), organizado por João Salles, marido da diretora da *Revista Feminina*, Dona Virgilina de Souza Salles, a publicação contava, desde sua elaboração, com a colaboração do Sr. Salles, de Cláudio de Souza, irmão da diretora, e de inúmeros outros colaboradores na composição de suas seções literárias.

Assim, apesar de se tratar neste estudo de um órgão de pesquisa, a princípio, destinado à mulher brasileira do início do século XX, não se pode descartar a informação de que ele era organizado por todo um grupo familiar, composto por homens e mulheres, ou seja, sem distinções de sexo.

Portanto, neste estudo, não se pretende comentar as questões relacionadas ao feminismo. O enfoque desse trabalho recai sobre os textos e seções produzidos para a leitora brasileira, atentando-se principalmente para os aspectos literários da *Revista Feminina*, fato que diferencia esse estudo de outros que se aprofundaram nessa questão.

Apesar de a análise da *Revista Feminina* não ser inédita, haja vista outros estudos terem-na tido como objeto de pesquisa acadêmica, muito de seu conteúdo permaneceu por um longo período inexplorado, principalmente no que se refere ao exame do *corpus* com foco nos textos literários em suas diversas seções e não especificamente em uma apenas.

A necessidade de conhecer a educação feminina bem como a leitura e a instrução e ainda, a seleção literária que se realizava para a mulher brasileira no início do século XX foram fatores determinantes na escolha da *Revista* como tema de pesquisa.

Impulsionada pelo artigo de Antonio Candido que define as etapas da Literatura no livro *Literatura e Sociedade* (2000), intitulado “Literatura e Cultura de 1900 a 1945” (p. 101 -126), a pesquisa iniciou-se com uma leitura do *corpus* e partiu para outras fontes que já haviam se dedicado ao mesmo com diferentes enfoques.

Dessa forma, descobriu-se que na área dos estudos literários, pouco se sabia sobre o periódico em questão, em sua totalidade, isto é, considerando-se uma abordagem sistemática de suas páginas em busca da Literatura.

Decidiu-se, apesar de se reconhecer o extenso período de publicação na imprensa e de se saber que se tratava de um vasto campo de trabalho, optar pelo estudo de cada número, atentando-se para as particularidades que se sobressaíssem e fossem dignas de menção.

Partindo da observação do contexto brasileiro no período que se inicia com a proclamação da República e se transcorre nas três primeiras décadas do século XX, procurou-se pensar na representação social e intelectual que aparece na publicação, em confronto com a “realidade” do país.

Lembrando através de inúmeras obras que tratam deste período que ao início do século instala-se no país um desejo de modernidade, uma onda de aperfeiçoamento da imprensa e que surge para a mulher um novo cenário social, pôde-se perceber paulatinamente que a *Revista* dialogava com uma leitora que começava a ganhar espaço na sociedade, que podia instruir-se e que por isso, buscava cada vez mais a leitura e a literatura.

Mas o início do século também foi marcado por uma onda de idealização dos valores que vinham de fora do país, e uma busca pela “civilização”, ou seja, por uma nova organização dos valores brasileiros, passando-se a absorver e a imitar os padrões europeus, fossem eles na arquitetura das cidades, fossem nas vestimentas, cultura e língua. É a *Belle Epoque* brasileira, tão bem registrada em seus pormenores por Brito Broca em *A vida literária no Brasil*, marcada pelo estrangeirismo, pela adoção dos hábitos parisienses e pelas reformas urbanas, principalmente, aquela arquitetada pelo prefeito da capital federal – Pereira Passos. Enquanto no Rio, a vida urbana é transformada pelas reformas de caráter higienista e preconceituosas – pois buscava-se a eliminação de doenças mas também da população pobre do centro da cidade, para que este novo centro fosse restrito à burguesia, em São Paulo, estado que sustentava a economia nacional, as mudanças advinham do progresso ocasionado pelo cultivo do café.

Desta forma, Rio e São Paulo compunham um panorama de mudanças estruturais e sociais, cada qual à sua maneira, porém de forma bastante parecida. Tanto no Rio quanto em

São Paulo, a valorização dos costumes europeus torna-se um pretexto para uma aproximação bastante marcada com o Velho Continente. Valia até mesmo usar roupas que eram impróprias para o clima tropical, mas que faziam o burguês sentir-se como um cidadão europeu, civilizado, culto e educado.

Os brasileiros experimentam, portanto, um período de valorização daquilo que vinha de outro continente àquilo que era típico.

Esta contradição, entre o local e o cosmopolita, coincide com um momento de procura por uma nova corrente estética, um período em que a literatura brasileira é vista pelos críticos literários como um momento de permanência, que corresponde aos anos de 1900 a 1922. Neste momento, a literatura brasileira também inspira-se nos moldes europeus e, de acordo com Antonio Candido, não traz grandes novidades em relação à forma e ao conteúdo. É no período de 1922 a 1945, com a Semana da Arte Moderna e o desenvolvimento de uma nova teoria estética, baseada na valorização daquilo que fosse nacional, o Modernismo, que o panorama literário brasileiro se transforma.

Foi, portanto, ao reconhecer estes dois panoramas – o de um país que transita entre o local e o cosmopolita e o de uma mulher que passa a ter um novo papel na sociedade burguesa, que lhe possibilitava a instrução e o contato com revista de Literatura – que surgiu a motivação para esta pesquisa.

Ao relacionar a *Revista Feminina* com seu contexto, surgiu a indagação sobre a forma como literatura e sociedade apareceriam retratados na publicação, ou seja, se representariam esta tendência entre a tradição e a modernidade. Muitos pontos observados durante a leitura da *Revista* possibilitaram a interpretação da convivência de duas realidades: a da tradição, presente através da preservação de valores e, ainda, da tradição literária, evidenciada através da presença de textos de autores de períodos anteriores e contemporâneos ao da publicação da *Revista*; e o da modernidade, entendida nesse estudo como o anseio pelo novo, pelo “civilizado” e pelos aspectos vanguardistas da literatura.

Diante desse quadro, a busca pelas evidências de uma predominância entre essas duas vertentes foi um dos fatores que motivou a escrita desse trabalho.

Como o estudo de periódicos literários de um período passado demanda cuidados, inclusive em relação ao contexto histórico, o estudo em questão baseia-se não só em obras de Historiografia Literária, mas também em estudos que trazem à tona a História do Brasil, a História Mundial Ocidental, a História da Imprensa e da Literatura e ainda obras de críticos

literários como Antonio Candido, Alfredo Bosi e Roberto Schwarz atuam como suportes teóricos.

Basicamente, o estudo a que se propôs estrutura-se através da obra *Literatura e Sociedade* (2000), de Antonio Candido, com respaldo de outros autores da historiografia literária como Alfredo Bosi, pois é através de suas definições sobre o local e o cosmopolita e de sua sistematização dos períodos que abarcam a Literatura no século XX, que se constrói a base teórica da análise do periódico.

É imprescindível destacar que outros estudos acadêmicos já dedicaram sua atenção ao corpus da *Revista Feminina*.

Como o periódico é composto por um conteúdo bastante variado, a *Revista Feminina* (1915-1936) tem atraído os olhares de estudiosos de diversas áreas, pois abrange temas que vão de moda a peças teatrais, passando por discussões sobre o comportamento da mulher e orientações sobre as tarefas domésticas.

Portanto, numa breve pesquisa no banco de dados da Capes e na consulta de artigos sobre a *Revista Feminina*, conseguiu-se recolher alguns trabalhos que dão enfoque à seção de moda, outros que procuram analisar, do ponto de vista jornalístico, a linguagem adotada pela *Revista* e, por fim, alguns que buscam perceber que tipo de mulher é representado na *Revista Feminina*.

Três estudos se sobressaem devido ao conjunto de informações que reúnem, importantes para a compreensão dos objetivos das edições e do contexto de publicação do referido periódico. São, ambos, estudos apresentados na Universidade de São Paulo. O primeiro deles, uma dissertação de mestrado defendida em 1982 por Sônia de Amorim Mascaro, intitula-se “A *Revista Feminina*: imagens de mulher (1914-1930)”, pertence à área de Ciências da Comunicação. O segundo, de Sandra Lúcia Lopes Lima, apresenta-se sob o título “Espelho de mulher: *Revista Feminina* (1916-1925)”, e consiste numa tese de doutorado, na área de História Social, defendida em 1991. Sua dissertação volta-se para a área de jornalismo, e mantém, a todo instante, uma forte ligação com conceitos daquela área.

Sob um outro ponto de vista, histórico-social, Sandra Lúcia Lopes Lima, em sua tese “Espelho da mulher: *Revista Feminina* (1916-1925)” discorre sobre a mulher paulista representada na *Revista Feminina*. O periódico é explorado pela autora de modo a confirmar a tese de que as informações e textos refletem a figura feminina da sociedade paulista das primeiras décadas do século XX, numa abordagem histórico-social que discute, dentre outras temáticas o feminismo.

Outro estudo que aborda a *Revista Feminina* é de autoria da pesquisadora Bárbara Heller. Em sua dissertação de mestrado, apresentada na área de comunicação na Universidade de São Paulo, a autora escreve sobre a mulher leitora no século XX. Porém, é na tese de doutoramento, realizada no programa de pós-graduação da UNICAMP, sob o título *Em busca de novos papéis: imagens da mulher leitora no Brasil*, que a autora aprofunda-se na análise das leitoras daquele período e analisa a *Revista Feminina*, dedicando-se, especificamente, à seção “Jardim Fechado”.

A presente tese considera e dialoga com as informações recolhidas nos estudos acadêmicos mencionados, mas traz a análise do periódico sob outra perspectiva, ou seja, buscando elementos que evidenciem seu perfil literário – entre a tradição no sentido amplo mas especificamente na questão dos valores culturais e literários; e a modernidade, entendida tanto como a chegada de novidades, mas também relacionada à questão do surgimento da estética Modernista no período estudado. Observa-se, portanto o periódico e suas relações entre o novo e o antigo, e, através do conceito definido por Antonio Candido - *literatura de permanência* – busca-se procurar indícios que mostrem essa característica literária do período na *Revista*.

Para melhor compreender as características do periódico, no primeiro capítulo, discorre-se sobre o contexto do Brasil, com enfoque na capital federal e na capital paulista, principalmente porque estas eram as cidades e maior importância política e econômica no país, mas, ao mesmo tempo, porque foram, ambas, os abrigos para duas sedes da *Revista Feminina*: a primeira de tantas outras à Rua Glete, em São Paulo e a segunda, à Avenida Rio Branco, no Rio.

Neste capítulo, ainda, aproveita-se para reconstruir o percurso histórico da imprensa brasileira, recuperando também dados sobre a imprensa paulista e sobre o surgimento dos periódicos femininos no Brasil. Por fim, recupera-se sucintamente a história da figura feminina no contexto em questão, para que se compreenda não só o momento histórico em que surge a *Revista Feminina*, mas também se conheça a mulher que vive naquele período e sua posição na sociedade.

No segundo capítulo, apresentamos o periódico, mostrando dados sobre sua criação, desenvolvimento, atentando ainda para suas características, através de breve descrição e ressaltando as colaborações literárias com que contava o periódico.

No terceiro capítulo, analisamos os dados recolhidos através da leitura dos textos dos números a que se teve acesso, em específico as seções que inserem a literatura no periódico,

como “Prosa e Verso”, “Livros Novos”, e mesmo “Jardim Fechado”. Analisam-se, ainda, os textos literários como contos e crônicas, encontrados na *Revista*.

Ao término da tese, incorpora-se um anexo composto durante o estudo pensando-se numa possível contribuição para futuros estudos ou mesmo para se conhecer de modo prático os números da *Revista*. Esse anexo consiste num conjunto de fichas associadas às capas dos números da publicação que trazem o título dos textos literários presentes na *Revista*, seu gênero e autoria até o ano de 1930, pois a partir de então são raros os textos literários e já não há mais colaborações. Esta indexação, portanto, foi realizada como forma de aproximar e facilitar o acesso aos textos presentes na *Revista Feminina*.

A proposta desta pesquisa consiste em mostrar que apesar de o periódico estar inserido num contexto de modernização e de avanços, ideologicamente e no âmbito da literatura, havia um posicionamento tradicionalista - tanto no que se refere a questões sociais, quanto no que concerne à seleção de textos literários. Essa escolha de textos aponta para a prevalência de “literatura de permanência” (CANDIDO), em face a uma literatura vanguardista.

O estudo dos aspectos de tradição e de modernidade na *Revista Feminina* visa dessa forma contribuir e acrescentar informações e análises sobre o periódico não só nos registros históricos, mas e principalmente nos estudos literários. Este trabalho agrega, portanto, uma série de informações novas e pertinentes sobre autores e textos literários tendo como enfoque contribuir para o desenvolvimento da Historiografia Literária, da História Geral e dos estudos literários.

Capítulo Primeiro

O início do século XX no Brasil: a República Velha, a imprensa e a mulher brasileira

“Ao raiar do século XX abre-se um período realmente novo na História do mundo”. (Leôncio Basbaum)

Este excerto de Leôncio Basbaum remete ao conjunto de transformações ocorridas no século XX não só no Brasil, mas em todo o mundo. Marcado por questões culturais peculiares e por guerras sangrentas, as mudanças políticas e sociais ocorridas durante o século XX afetaram grandemente o Brasil, que tornara-se um país republicano ainda no final do século XIX e sofria influências das rápidas evoluções que ocorriam em solo europeu.

A República recém proclamada dava seus primeiros passos quando veio à luz o novo século, que motivava e impulsionava a sociedade em busca pelo novo, pelo culto e pelo atual.

Diante dessa nova filosofia devida – a busca pelo novo – nos primeiros anos do século XX as capitais federais “modernizam-se” ou “civilizam-se” (NEEDELL, p. 49, 1993). Almejava-se sobretudo delinear contornos mais adequados às novidades que surgiam. Em Paris, Georges-Eugène Haussmann, ou simplesmente o barão de Haussmann, revolucionou a capital francesa ao recriar seu desenho a fim de torná-la mais adequada aos olhares da burguesia européia. Essa mesma motivação impulsiona os administradores das capitais brasileiras que, ansiosos pelas novidades, inspiram-se nos modelos provenientes do Velho Continente.

A cultura e a tradição passam a ser questionadas a partir da observação e constatação das diferenças culturais entre o país e a Europa, um descompasso que gerava uma ansiedade pelo novo. Inicia-se, portanto, um processo de adaptação, na tentativa de se trazer a “civilização” para o povo brasileiro. Recorda Jeffrey Needel que,

Para os brasileiros do século XIX, a Civilização era a França e a Inglaterra. Na verdade, desde a época colonial, os brasileiros seguiam o exemplo português e procuravam nos dois países o que houvesse de melhor [...]. Sobretudo em matéria de tecnologia moderna, ambos tinham muito a oferecer. (NEEDELL, p. 49, 1993).

Embora a afirmativa de Needell mencione os brasileiros do século XIX, o hábito de cultivar as tradições européias sempre esteve entrelaçado aos costumes brasileiros, bastando-se recordar da relação Brasil-Portugal, isto é, colônia e metrópole, durante 322 anos.

Esta questão cultural que sempre uniu o Brasil e o Velho Continente não se extinguiu e sempre perpassou diversos setores da cultura brasileira.

Por esse motivo, ao falar da *Revista Feminina*, que tem sua origem mais especificamente na segunda década do século XX, não é possível separar todo este histórico que funciona como um elo entre a Europa e o Brasil, desde o momento em que foi Colônia. Pensar nesse periódico isolando apenas seu contexto mais iminente- a Segunda Guerra Mundial – traria uma leitura voltada a aspectos políticos e relacionados a um período em particular, quando o que se propõe é o estudo de questões literárias, educacionais e um olhar sobre a transição que predomina nessas estruturas em particular, durante o início do século.

Sobretudo quando se entra em contato com o conteúdo da *Revista Feminina* notam-se importantes reflexos do período da *Belle Époque* brasileira. Refletindo e anunciando os novos ares vivenciados por uma cultura atrelada às evoluções que ocorrem na

Europa, anúncios e artigos demonstram a forte influência sofrida pelo país em relação aos costumes europeus, principalmente franceses e ingleses.

Sendo assim, a recuperação desse momento histórico mostra-se pertinente à medida que situa e permite compreender que a sociedade brasileira não rompe laços com os moldes europeus após o término da *Belle Époque*, mas dá continuidade de modo mais sutil a essa tradição¹.

1.1.A história da cultura brasileira num momento de transição

Quando se pensa na *Revista Feminina* enquanto periódico paulista produzido no século XX, é comum associa-lo ao seu contexto de publicação relacionado ao novo panorama que surgia na cidade de São Paulo. Essa linha de raciocínio não está equivocada à medida que contempla de forma objetiva o contexto da publicação. Porém, ao folhear a *Revista*, percebe-se com evidência a continuidade da marcante influência européia ocorrida no início do século, no período que se convencionou denominar *Belle Époque* brasileira.

Em relação a este período em particular, o historiador Jeffrey Needell tece um livro intitulado *Belle Époque Tropical* cujo enredo traz pormenores sobre o panorama político, social e literário desse momento. Dentre suas observações, o autor discorre sobre a presença dos hábitos e da cultura européia no país e explicita detalhadamente as reformas urbanas ocorridas principalmente no Rio de Janeiro e nas grandes capitais brasileiras.

Para “civilizar” o Rio, os auxiliares de Rodrigues Alves concluíram que o mapa da cidade e seu sistema de saneamento precisavam de uma reforma. Eles almejavam atingir a Civilização por meio de mudanças concretas, de acordo com os modernos padrões europeus (ou seja, franceses).(NEEDELL, p. 67, 1993)

Importante era, pois, evoluir. “Abraçar a Civilização significava deixar para trás aquilo que muitos na elite carioca viam como um passado colonial atrasado, e condenar os aspectos raciais e culturais da realidade carioca que a elite associava àquele passado”. (p. 70).

Com certo descompasso em relação à *Belle Époque* européia (1871-1914), no Brasil o período marcado pela *Art Nouveaus* inicia-se em 1889 e ultrapassa os limites entre um o século XIX e XX. Assim, a diferença entre os contextos brasileiro e europeu manifesta-

¹ Entenda-se a palavra tradição aplicada nesse contexto como o uso dos modelos europeus como referência na cultura brasileira.

se nas mais variadas áreas. Pode-se dizer que enquanto Paris havia se transformado no centro do mundo e seus ideários atraíam os olhares para as artes, ciências, cultura e educação, o Brasil adentrava um período de solidificação das novas classes e de transformações políticas e urbanas. A *Belle Époque* parisiense aparece e repercute na sociedade brasileira e gera uma necessidade de adequação. Inicia-se, desta forma, um momento de transformações nas principais capitais brasileiras como o Rio e São Paulo.

No que se refere ao contexto econômico, destacam-se como principais produtos brasileiros o café, a borracha, o cacau e o açúcar. O café, porém, era o produto de maior destaque e representava cerca de 70% do comércio internacional brasileiro. Sustentava não só a economia paulista, mas toda a economia brasileira. O estado de São Paulo, de 1889 a 1930, foi o maior produtor do grão no país.

O governo brasileiro movia-se baseado nos interesses que regiam o café. Por conta de sua importância no mercado brasileiro, muitas mudanças iniciaram-se ainda no século XIX, como a construção de ferrovias para acelerar o seu transporte. Quando o país adentra o século XX, as transformações tornam-se necessárias, pois começa a surgir uma nova formatação social. A abolição da escravatura e a proclamação da República paulatinamente influenciaram para que se iniciasse um êxodo do campo para a cidade. Apesar de muitos escravos terem continuado a trabalhar nas fazendas, alguns dos recém libertos encontraram nas cidades um refúgio onde buscavam sobreviver. Enquanto isso, a elite buscava o convívio social, além do estudo e educação.

Traçando um paralelo entre o Rio de Janeiro e São Paulo, pode-se dizer que, enquanto este se estabelece como capital federal, a cidade de São Paulo, ocupa lugar de destaque no que diz respeito ao cultivo do café.

O progresso de São Paulo nota-se aos poucos, com a urbanização e o fluxo contínuo de pessoas que migravam do campo para a cidade.

Nesse momento, Rio e São Paulo são duas cidades de grande relevância. Na capital paulista, instalam-se muitas casas bancárias, o comércio se expande intensamente e as indústrias surgem aceleradamente.

Este período da história do Brasil, que se estendeu da proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, até a Revolução de 1930, que depôs o 13º e último presidente da República Velha, Washington Luís, convencionou-se denominar Primeira República Brasileira ou República Velha.

Se no contexto econômico o Brasil evidenciava-se pelas riquezas alcançadas através do cultivo do café, no contexto político não poderia ser diferente. No período didaticamente denominado República Oligárquica (1894-1930), o poder político federal é regido pelas oligarquias cafeeiras paulistas e mineiras. Pode-se dizer que a implantação da República no Brasil consistiu numa substituição entre as classes dominantes: sucumbiu a antiga oligarquia açucareira e em seu lugar surgiu a oligarquia do café. O fato de São Paulo ter uma economia fortalecida pelo café permitiu que seus objetivos políticos fossem alcançados rapidamente. Assim, o estado elege entre 1894 e 1902 três presidentes paulistas – Prudente de Moraes, Campos Sales e Rodrigues Alves. A oligarquia do café se fortalece no poder através das oligarquias estaduais, o chamado coronelismo, por meio do qual São Paulo obteve muitas vantagens econômicas.

Conforme mencionam os historiadores, a “política do café com leite” foi um período em que houve uma alternância de poder entre os políticos de São Paulo e Minas Gerais. Bastante contraditória, a política instituída no país visava a manter-se no poder de qualquer maneira, e para isso utilizava-se de ferramentas como o coronelismo e o voto de cabresto para conseguir vencer as eleições.

A instauração da “política do café com leite” permitiu o revezamento de candidatos de São Paulo e Minas Gerais. Foram, ao todo, treze presidentes eleitos, sendo o primeiro deles o marechal Campos Sales (1889 a 1901) e, o último, Washington Luiz (1926-1930).

Culturalmente, durante a República Velha, o Brasil experimentava uma situação de mudança, transformação. O país começava a deixar suas características essencialmente rurais para então experimentar o crescimento dos centros urbanos do país. Porém, grande parte da população continuava sem instrução e o contato com a Literatura e a cultura ainda estava restrito às elites econômicas.

Ainda no que diz respeito à cultura, o fim da escravidão impulsiona os negros libertos a aglomerarem-se em cortiços e casarões abandonados nas capitais. Inicia-se um processo de desenvolvimento da cultura popular brasileira. O samba, o maxixe e o choro tornam-se os ritmos dessa nova classe liberta.

Com o fim da escravidão, a lacuna é rapidamente preenchida através do transplante de milhares de imigrantes para o país. Após a abolição da escravatura, milhares de imigrantes foram trazidos ao Brasil com o objetivo de suprir a defasagem deixada pela falta

de mão de obra escrava no campo e para trabalhar nas indústrias que se expandiam em São Paulo.

Os imigrantes, aliás, possuem um papel bastante importante no desenvolvimento histórico do país. Movidos pelo ideal de conquistarem terras brasileiras, muitos deles trouxeram ideais comunistas e anarquistas. Sua posição, contrária à política local e às injustiças do país, impulsionou a criação de diversos periódicos de cunho anarquista e propagou um comportamento contestatário, baseado em manifestações públicas e pequenos motins.

A República, nas principais capitais, Rio de Janeiro e São Paulo foi vivida em suas particularidades. Na capital federal, mudanças sociais e urbanas movimentam a população e as autoridades com o objetivo de melhorar as condições de vida – principalmente da elite. Já em São Paulo, as transformações são impulsionadas pela economia baseada no café e pela industrialização, que trazem a população para a vida urbana.

1.2 A República e as transformações na sociedade carioca: o Rio de Janeiro

Após uma final de século movimentado por diversas transformações políticas, econômicas e estruturais, o século XX desenha-se como um período de desenvolvimento e progresso. A República (1889), recém proclamada, e a Abolição da Escravatura (1888) ainda são episódios recentes quando o novo século se inicia.

Enquanto no Rio de Janeiro, a capital federal, estrutura-se como uma nova sociedade da qual faziam parte os escravos libertos e a nova burguesia, em São Paulo a cidade compõe-se, em sua maior parte, por trabalhadores e “homens-livres” e pelos barões do café, recém instalados na cidade com a finalidade de facilitar a negociação de seu produto e até a terceira década do século XX inicia um poderoso processo de industrialização. Porém, ainda baseada no cultivo do café, a economia do estado de São Paulo se desenvolve atrelada a esse contexto, enquanto a capital federal – o Rio de Janeiro - começa a sentir os ares de novidade advindos da administração do prefeito Pereira Passos (1902- 1906).

Se no Rio de Janeiro, o final do século, marcado pela Abolição da Escravatura (1888) e a Proclamação da República (1889), impulsionou o êxodo rural, gerando problemas de ordem social que levaram à ocupação dos morros e casarões centrais pela parcela da população menos favorecida, em São Paulo o movimento do campo para a cidade se deu de maneira gradual, porque as lavouras cafeeiras ainda absorviam parte da mão-de-obra. Este é

um tempo em que parte destes escravos permanece trabalhando de forma exploratória, devido à ausência de perspectiva de vida e à relação de dependência especialmente financeira travada entre ex-escravos e patrões, que prendiam com algemas invisíveis os ex-escravos e suas enormes dívidas ao campo.

Ainda é possível perceber que a República iniciada de forma conturbada permanece sem definições, com trocas periódicas de presidentes, na tentativa de encontrar algum que, de fato, permanecesse e realizasse um governo efetivo.

O Rio de Janeiro que, com o proclamar da República, tornara-se Capital Federal, aos poucos passa a ser analisado para que algumas reformas estruturais passem a acontecer, com o escopo de que a cidade passe a ter ares de capital federativa. Paris, que pouco antes modernizara-se, com a intervenção do prefeito Haussman (1809- 1891) para a reconstrução da cidade, serve de espelho para os cariocas, inclusive nesta hora de reconstruir a cidade. Por isso, uma das primeiras mudanças cogitadas é a reformulação do centro da cidade, que viria a “botar-abaixo” casas antigas que serviam de abrigo à parcela pobre da população nelas alojada e estender um tapete vermelho para a burguesia modelada pelos ideais da *Belle Epoque*.

A respeito da nova formação da sociedade carioca e do êxodo dos ex-escravos e homens-livres para o Rio, em especial para os antigos casarões centrais, Nicolau Sevcenko, na introdução à *História da Vida Privada no Brasil*, revela que,

“No início do século XX a população do Rio de Janeiro era pouco inferior a 1 milhão de habitantes. Desses, a maioria era de negros remanescentes dos escravos, ex-escravos, libertos e seus descendentes[...]. Essa população, extremamente pobre, se concentrava em antigos casarões do início do século XIX, localizados no centro da cidade, nas áreas ao redor do porto.” (p.20-p.21, 1998)

É portanto, perceptível que o centro da cidade do Rio, no período que sucedeu a Proclamação da República e a Abolição da Escravatura é povoada não só pela burguesia, mas também pelos ex-escravos que inserem-se principalmente nos casarões abandonados do centro da cidade. Sem terem as casas dos antigos patrões, alguns passam a viver nesta áreas da cidade. O aspecto antigo e degenerado dos casarões, aliado à falta de estruturas sanitárias e de condições básicas de higiene, são fatores que, gradativamente, passam a preocupar os donos do poder. Há o risco iminente de surtos de doenças como a febre amarela e a varíola.

Aliada à questão da falta de estrutura da cidade para acomodar a população, um outro problema instiga às autoridades a tomarem drásticas atitudes, impulsionando a

concretização de reformas que melhorem os aspectos estruturais e sanitários. O porto da cidade tem tamanho desproporcional ao da cidade e já não comporta a recepção e o escoamento de produtos que abastecem o Rio.

Diante de toda essa situação, a necessidade de adequação da cidade se confirma. Assim, um plano com três frentes é concebido pelas autoridades brasileiras: a execução simultânea da modernização do porto, o saneamento da cidade e a reforma urbana. O presidente, que neste momento é Rodrigues Alves, nomeia o engenheiro Lauro Muller, o médico Oswaldo Cruz e o engenheiro urbanista Pereira Passos, para resolverem cada uma destas problemáticas, respectivamente. São dados a eles plenos poderes para a execução de tarefas que viessem a trazer melhorias para a capital brasileira.

É a partir da observação da necessidade de mudanças e também do desejo de delinear uma nova cidade, que em 1904, inicia-se o processo de modernização da capital federal. É o início de um longo processo de “civilização²”. Pereira Passos, que acompanhara a reforma urbana de Paris executada pelo barão de Haussmann, põe em prática os ideais higienistas e, juntamente a Lauro Muller e Oswaldo Cruz, conduz transformação da cidade, o que cria, de acordo com Nicolau Sevchenko, uma “tripla ditadura na cidade do Rio”, a ditadura do “Bota-Abaixo”.

Decididos a eliminar os casarões ocupados pela população pobre na área central, são dados os primeiros passos para a execução de um minucioso processo de demolição. Assim inicia-se a “Regeneração³” do Rio de Janeiro.

Um dos acontecimentos mais significativos para o nosso país foi a renovação da sua capital, em seu aspecto urbanístico, sanitário e social.(...) Até fins do século passado, e princípios deste, era o Rio uma cidade de ruas tortas, estreitas e mal calçadas, traçadas ao acaso por entre vales, que nas épocas chuvosas se transformavam em lamaçais com águas que desciam dos morros. Não tinha esgotos, a luz de gás, precária, fazia das ruas lugares perigosos à noite. Os bondes puxados a burro e os tílburis eram os únicos meios de transporte urbano. A cidade, ao começar o século XX, conservava ainda o mesmo aspecto - apenas crescera um pouco, - de duzentos anos atrás. (BASBAUM, p 124, 1981)

Se a cidade do Rio mostra-se pouco evoluída antes do “Bota-abaixo”, conforme ilustra o fragmento acima, sem esgoto, com ruas tortas e mal calçadas, depois dele parece que finalmente a capital federal se renova.

²Este termo remete á expressão “O Rio civiliza-se”, criada pelo colunista da *Gazeta de Notícias* Figueiredo Pimentel ao se referir ao processo de “modernização” porque passava o Rio de Janeiro no momento das reformas.

³ Termo utilizado pela imprensa ao se referir às reformas que dariam origem a uma nova cidade do Rio de Janeiro.

Em 1904 começa a abertura da Av. Central – hoje Av. do Rio Branco. A lei sobre a Febre Amarela mandava derrubar velhos pardieiros seculares e inclusive despejar seus moradores mais recalcitrantes. Foi a era do *bota abaixo*. Ruas inteiras desapareceram, outras foram alargadas e asfaltadas. Em 1906 a luz elétrica ajudava a dar um novo aspecto à cidade. Inicia-se a Av. Beira Mar, o morro do Senado é posto abaixo, furam-se os túneis para Copacabana, que começava a descoberta. Erguem-se os primeiros grandes e modernos edifícios públicos: O Teatro Municipal, a Biblioteca Nacional, a Escola de Belas-Artes, a famosa Galeria Cruzeiro recentemente derrubada e o primeiro arranha-céu, o edifício Jornal do Brasil que, com 10 pavimentos, era o mais alto do Rio. O carioca começava a orgulhar-se da sua cidade. “O Rio civiliza-se”, era o slogan da época”. (BASBAUM, p 125, 1981)

Pode-se entender, portanto, que as reformas estruturais na capital do país são interpretadas como uma espécie de marco histórico, que separa um passado sem mudanças de um futuro próspero, em que predomina uma nova vida para os cariocas, facilitada pela construção de novos prédios como o Teatro Municipal e a Biblioteca Nacional, e o alargamento das avenidas.



A Avenida Central ou Avenida Rio Branco e o Teatro Municipal criado em 1905

Do mesmo modo como acontecera em Paris, o “Rio civiliza-se”, modernizando-se e embelezando-se, mas obviamente mantendo todas estas novidades sob o interesse da elite da época. Aos pobres são deixados os morros e a periferia da cidade.

Ao passo que a cidade de renova, são recriados também os aspectos culturais, que se adaptam ao novo estilo de vida. A moda era copiar os franceses, pois Paris é a capital

mundial do luxo. Assim, aos moldes parisienses surgem no país hábitos de freqüentar grandes salões, festas, jantares, e reuniões. Falar francês torna-se uma obrigação, para aqueles que desejam demonstrar cultura e elegância. Alguns mais ansiosos em adequarem-se com os trejeitos europeus, viajam para o Velho Continente e trazem de lá as últimas novidades. Os jornais e revistas da época dedicam seções completas destinadas a relatarem a moda e a cultura européia para os cariocas.

Até mesmo a educação espelha-se na grade curricular francesa. Escolas especializadas na metodologia do velho continente instalam-se no Rio e são a alternativa ideal para aqueles que querem aprender sem ter de deixar o país.

No Rio, o Colégio Pedro II, inaugurado em 1837, possuía um currículo baseado na educação clássica: línguas, literaturas, religião, história, filosofia e retórica eram seu enfoque principal, e deixava para plano secundário a matemática e as ciências. Os professores eram os melhores e também os mais rigorosos; a autoridade dos professores era respeitadíssima, bem como os horários e os prazos para as tarefas; os rapazes trajavam uniformes formais. Era, portanto, um colégio de disciplinas rígidas.

Para as moças da alta sociedade, havia o Collège de Sion, criado, principalmente, para educar aquelas cujos pais encontravam-se na Europa. É válido lembrar que ainda neste momento as mulheres sofrem com a restrição que se faz da educação aos homens e que muitas delas não freqüentam colégios, e, para realizar seus estudos, suas famílias contratam tutores e professores particulares que ensinam não só os conteúdos básicos mas, e principalmente, como serem refinadas e educadas, aos moldes franceses. Aulas de etiqueta, de postura e até de dança são realizadas dentro dos lares das senhoras da elite.

No entanto, como o Sion consiste num colégio interno cujos intuitos são estritamente católicos e evangélicos, algumas famílias permitem o estudo das meninas fora dos limites de seu patrimônio. Neste colégio, as aulas eram ministradas por freiras francesas e a maior parte do material e dos livros eram franceses. Em seu currículo estavam disciplinas como o português, o francês, as literaturas e história do Brasil e da França, a história da arte e da música, as ciências, a filosofia, o desenho, entre outras. O ambiente é marcadamente elitista e o estudo no Collège de Sion por este motivo é sinônimo de distinção social e é valorizado pelo grau de refinamento que proporciona às alunas que nele se formam.

Mas a intensa influência da Europa no modo de vida dos brasileiros não se dá somente na educação. Também em outros âmbitos, como a moda, a literatura e a música, essa preocupação estava presente. A necessidade dos cariocas de manterem-se atualizados com o

que é produzido no Velho Mundo os conduz a adquirir edições de revistas, livros e tudo o que se referisse à Civilização e até mesmo a viajar ou enviar algum parente para concluir os estudos ou realizarem cursos em solos europeus.

Esses conhecimentos adquiridos por meio da leitura ou da vivência na Europa tornam-se assunto nas constantes festas e reuniões sociais, nas quais, inclusive, por vezes, se falava somente em francês.

Os trajes festivos e também aqueles usados no dia-a-dia também fazem jus àqueles que se usavam nos frios países europeus. Os vestuários francês e inglês, embora inadequados para o clima tropical do país, são os mais apreciados pelos cariocas. O vocabulário da moda era quase todo em francês: *peignoir, bandeaux, pantoufle, chapeau*. As mulheres não somente se vestem à francesa, mas também andam à francesa. Os vestidos, de tafetá, e seguem moldes como cinturinhas de vespa com traseiros em tufo. Os espartilhos de barbatana de ferro, botinhas de cano alto, leques de seda e luvas inspiram-se na moda européia. O cabelo era enrolado no alto da cabeça e sobre ele colocava-se o chapéu, preso por um enfeite de madrepérola. Ao contrário das francesas, as cariocas não usavam maquiagem, nem nos lábios, nem no rosto, por motivos religiosos.

Com os homens, não é diferente: as preocupações com a elegância à francesa, levam-nos a passassem horas nos barbeiros recebendo massagem capilar, pintando os cabelos de preto e modelando as pontas do bigode. Os trajes, mais uma vez inadequados ao clima brasileiro, consistem em numerosas peças de lã, usadas sobre outras de algodão ou linho. Os fraques são geralmente azuis ou pretos; as calças, pantalonas e compridas. Nas ocasiões menos formais, permite-se usar lã xadrez grossa ou outros tecidos de lã de cores mais claras. Aos poucos a lã preta tornou-se a vestimenta adequada para o dia no solo europeu, é também assimilada por quem estava atualizado na moda que vinha de lá. Sob os casacos, são utilizadas ainda ceroulas e camisas de manga comprida de algodão ou linho, com colarinhos apertados, engomados e presos com gravata longa ou borboleta. Os pés são calçados por sapatos abotoados e as mãos, cobertas por delicadas luvas. Para completar o visual, usava-se a cartola ou um chapéu-coco. Nas ocasiões festivas usa-se o traje formal, que se compunha de fraque e colete branco.

Na decoração e na alimentação também recorre-se às tendências européias. As mobílias são geralmente importadas da França, da Inglaterra e da Itália. Da Inglaterra vêm, ainda, minérios, carvão, pólvora, ferramentas, louças, fazendas de lã e algodão e vinhos. Da França, os móveis, as tapeçarias, espelhos, pinturas, fazendas de seda, artigos de luxo, jóias,

perfumes chapéus, livros, champanhe e frutas secas. De Portugal, trazem-se azeitonas, cebola, vinagre, azeite, sal, erva-doce, remédios, manteiga, presunto, bacalhau, farinha de trigo, entre outros.

Copiam-se ainda outros costumes europeus. Um dos mais importantes que se pode destacar é a realização de passeios matinais. Com esta desculpa, é possível ao burguês mostrar sua vestimenta, sua educação, sua capacidade de falar francês, visitar as lojas de produtos importados, enfim, desfilarem um conjunto de conhecimentos e situações que cumpriam os requisitos para obter prestígio perante a sociedade.

Algumas ruas são palco para os passeios glamurosos da elite. A mais famosa delas é a Avenida Central, que passa por intensa transformação. Outra que não se deve deixar de mencionar é a Rua do Ouvidor, que Luciano Trigo (TRIGO, 2001, p. 247) define como um “salão ao ar livre”, “feira de vaidades e amores” e “rainha da moda e da elegância”, por se tratar justamente de um espaço dedicado à vaidade, ao luxo e à exibição. A Rua do Ouvidor torna-se um espaço onde os cavalheiros se reúnem nas cervejarias, para longas conversas e reuniões. É, também, um centro comercial onde se localizam as lojas mais elegantes e de melhor clientela. E onde se situam grande parte dos jornais cariocas, entre eles, o *Jornal do Commercio*, o *Diário do Rio de Janeiro*, *A Reforma*, *O País*, a *Gazeta de Notícias*, *A Cidade do Rio*, *O Tempo*, *A República* e *O Século*.

Não só no Rio de Janeiro, mas também em São Paulo, a recepção de tendências européias era observada e absorvida em tudo o que fosse considerado luxo pela elite: nos móveis, no estilo de decoração, na moda e, inclusive, no que se refere a estudos e leituras.

1.3 São Paulo: uma cidade movida pela modernização

Nos moldes do que acontece com o Rio de Janeiro, ainda no início do século, em que surge a necessidade de evoluir e concretizar os ideais de modernização, o prefeito Antônio Prado (1898-1910) estimula a adoção de medidas para a conversão da cidade de ares provincianos em uma metrópole renovada, conforme se observara anteriormente na capital federal e na Europa.

Na região da Avenida Higienópolis, Santa Ifigênia, Avenida Paulista e dos Campos Elíseos, são construídos palacetes e mansões que abrigam a burguesia paulistana. Na capital paulista, motivados pelos negócios, instalavam-se fazendeiros e donos de indústrias, em

construções luxuosas, verdadeiros palacetes, inspiradas nos padrões franceses classicistas ou *art nouveau*.

Entroncando as linhas férreas que levavam à corte e ao Vale do Paraíba, ao próspero Oeste e a Santos, porto escoador da produção cafeeira, São Paulo consolidou-se como centro político e financeiro paulista. Passou a atrair levas cumulativas de fazendeiros que migravam, sobretudo das fazendas e cidades do Oeste, e que se fixavam na capital buscando ascensão definitiva aos negócios da província, marcada pelo movimento republicano que representava os interesses da nova área cafeeira. (SEVCENKO, p.171, 1999)



Palácio dos Campos Elíseos, em São Paulo

Principalmente na área central da cidade, ao molde do que acontece no Rio de Janeiro, também sobre com as reformas e demolições. Nela, são construídos grandes edifícios oficiais.

Em relação às ruas e avenidas, estas também são alargadas, permitindo uma melhor circulação e agilidade para os transportes da época. De acordo com Paulo César Garcez Marins, “Os resultados das reformas de Antônio Prado acabaram assemelhando-se aos obtidos na mesma década do Rio de Janeiro” (p.179, 1999).

Estas transformações urbanas ocorridas em São Paulo, como o alargamento de ruas e avenidas, a criação de boulevares e ainda a construção de prédios, cuja arquitetura inspirava-se na capital francesa, carregavam os anseios de se parecer com os europeus, porque o que acontecia em Paris era considerado moda e elegância. Portanto, a imitação daqueles modelos, dava ao brasileiro a sensação de atualidade, ou seja, a sensação de se estar muito próximo ao que se considerava novo e moderno. A atualização era sinônimo de civilização, ou seja, de deixar para trás a tradição e buscar o que parecia ser novo.

Era realmente a civilização que chegava. Mas esta não chegava somente ao Rio. Outras cidades começaram a libertar-se de sua aparência colonial [...]. São Paulo começa a sair do seu “triângulo” de ruas estreitas. Aí, duas grandes avenidas são rasgadas no coração da cidade, dando início à sua transformação – a Avenida Paulista, para onde começa a mudar-se a nova aristocracia financeira e industrial (a do café continuava na Av. Angélica) e a Av. S. João. (BASBAUM, 1981, p. 126)

Conforme se pode notar no trecho acima, as reformas urbanas ocorridas em São Paulo são iniciadas com a remodelação do centro, em especial, da Avenida Paulista, onde se concentram membros da aristocracia financeira e industrial. No centro também, tanto de São Paulo, quanto do Rio, é que se concentrarão as construções suntuosas, modeladas e inspiradas na capital francesa.

Dentre tantas outras transformações, remodela-se, ao estilo inglês, o Jardim da Luz, que passa a ter suas alamedas calçadas, iluminadas por lâmpadas a gás e inclusive um monumental chafariz no meio do lago, que propicia os encontros amorosos, a recreação e o lazer. É neste local, ainda, em que se ergue a Estação da Luz, inspirada na Estação de Paddington e na torre do Big Ben, que consiste num dos grandes entroncamentos ferroviários que cortam o estado.



O Jardim da Luz, em São Paulo



A estação da Luz, em São Paulo

Símbolo emblemático do período, a locomotiva está presente neste cenário e complementa a sensação de modernidade através de um monumento visual que atesta a nova identidade cosmopolita da metrópole.

Com a instalação da eletricidade, ocorre o avanço nos meios de transporte e os bondes – antes movidos com a força de animais- passam a locomover-se através da energia gerada pelas empresas São Paulo Tramway, Light and Power Company Limited.

A telefonia é também uma portadora do sentimento de modernidade que toma a capital paulista. Entre 1895 e 1907 a cidade passa de 680 telefones instalados para 5 mil e em 1913 mais de 10 mil aparelhos são contabilizados.

No governo do barão de Duprat (1911-1914), observa-se a tentativa de melhorar os espaços públicos. Assim, as novas áreas de lazer da região central, o Parque do Anhangabaú e o D. Pedro II, são melhoradas e seus terrenos valorizam-se, o que leva à demolição dos casebres desta região.

Também no governo de Duprat, em 1911, a inauguração do Teatro Municipal agita a cidade e complementa o poder simbólico que a arquitetura exerce no sentido de modernidade. Além de seu aspecto visual, as peças nele encenadas aproximam os paulistanos da sensação de estarem atualizados com o que acontecia no mundo.

A imagem abaixo ilustra esta conexão entre Brasil e Europa, e entre São Paulo e o Velho Continente. A construção, que tem como inspiração a obra de Charles Garnier, a Ópera de Paris, traz o rebuscamento e a riqueza em detalhes.



Teatro Municipal, em São Paulo, criado em 1911

Ao discorrer sobre os cartões-postais, no texto intitulado “Cartões- Postais, Álbuns de Família e Ícones da Intimidade”, de *História da Vida Privada no Brasil*, volume 3, Nelson Schapochnik comenta sobre a importância do teatro como fonte desta sensação de atualidade: “*O espetacular Teatro Municipal também não deixou de ser enquadrado numa imagem postal significativa, pois coroava um projeto paisagístico mais amplo que convertia o Vale do Anhangabaú numa vitrine da cidade moderna*” (p.453, 1999). Juntamente com as obras urbanísticas e a construções das mansões inspiradas no estilo francês, o Teatro Municipal, a Estação da Luz e os Campos Elíseos tornavam a cidade um centro moderno, e reurbanizado.

O Teatro Municipal e outros, como o Teatro Santana, o São José e o Politeama, além de agregarem valor estético à cidade, trazem a cultura do Velho continente ao país, com óperas e peças teatrais de excelência para a apreciação da elite paulistana. O cinema também aparece entre os meios de lazer mais apreciados da época.

Outros modismos também são copiados dos europeus. Assistir a corridas de cavalo, tomar chá nas confeitarias da cidade e ir à praia tornam-se hábitos bastante apreciados na época .

Foram, portanto, inúmeros os prédios e inúmeras mudanças urbanas que deram a São Paulo uma nova característica, mais urbana e cosmopolita como se almejava.

Toda esta transformação gerou na sociedade a sensação de modernidade, de “civilização”, por estarem em contato com as tendências européias. A atmosfera gerada a partir da construção de prédios que lembravam Paris, a adoção de costumes refinados oriundos de modelos também provenientes da Inglaterra e o uso das vestimentas utilizadas pelos europeus traziam uma nova roupagem para a sociedade brasileira.

De Paris, trouxe-nos o "Avon da Mala Real Inglesa" uma coleção de peignoirs, modelos, nos quais não sabemos o que mais destacar: se a feliz inspiração de seus formatos, a ofuscante riqueza de seus tecidos ou ainda a beleza inédita e impressionante de seus desenhos e adornos.

Sobre esse assunto, em nossa sobre-loja, que V. EXa. deve visitar sempre que lhe seja possível, exibimos as mais recentes novidades parisienses. (Revista Feminina, 1925)

O fragmento acima, extraído de um anúncio da Mappin Stores, estabelecimento que se instala no país a partir de 1913, e se ocupava com a importação de tecidos e roupas, ilustra não só a necessidade que se tinha de viver no compasso do que ditava a Europa, mas também a permanência desse hábito, e por consequência, a sobrevivência do comportamento adquirido no começo do século até a segunda e terceira décadas do século XX.

Outra questão que repercute no período e que também complementa a sensação de modernidade é a do automóvel. Os bondes, que eram sucesso no país, vagorosamente vão

cedendo espaço para o sucesso deste novo meio de transporte que, de valor dispendioso, era acessível apenas à elite paulistana. Com essa novidade, procedem-se outras reformas de adaptações da estrutura da cidade. Desta vez, são alargadas outras ruas como a Avenida São João e, para melhor interligar a cidade, constrói-se o viaduto de Santa Efigênia.

A difusão rápida dos automóveis em São Paulo pode ser comprovada nos documentos e periódicos da época. Nas revistas, propagandas da Fiat e Ford estampam-se em tamanhos grandes, para chamar a atenção daqueles que as liam. Ao longo dos anos, até mesmo em periódicos como a *Revista Feminina*, cujo público alvo eram as mulheres, que naquele momento não dirigiam, encontram-se estes anúncios.

Tecido "PAGE"

A melhor cerca que se conhece até hoje para: pastos, curraes, hortas, jardins, frentes de predios, etc. . . .

E' mais barata, melhor e mais bonita do que qualquer outra



Fabricação da:
Sociedade Industrial e de Automoveis "Bom Retiro"

Largo de São Francisco N. 3
SÃO PAULO

Peçam catalogos

Automovel "FORD"

O mais barato, mais elegante, mais leve e mais economico que ha

O "FORD" transita em qualquer estrada por peor que seja =



Unicos Agentes:
SOCIEDADE INDUSTRIAL E DE AUTOMOVEIS "BOM RETIRO"

Largo de S. Francisco
N. 3
SÃO PAULO

Peçam catalogos

Propagandas da Ford na *Revista Feminina* (janeiro de 1916, p.3)

Do ponto de vista da industrialização, este é um momento de grandes avanços. Surgem inúmeras fábricas de todos os tipos, de tecidos a maquinaria, e algumas delas procuram anunciar seus serviços através de propagandas nos periódicos da época. Nas últimas páginas da *Revista Feminina*, em quase todas as edições consultadas, encontram-se alguns registros dessa relação entre as pequenas fábricas e algumas até de grande porte e os periódicos.

**COMPANHIA NACIONAL DE
TECIDOS DE JUTA**
FIAÇÃO E TECELAGEM
FÁBRICA em SANT'ANNA

ANIAGENS - - - SACCARIA
TAPETES - - LONA BRANCA

Lona de côres para colchão, etc. Fios de JUTA
simples ou torcidos, de qualquer grossura ---

ESCRITORIO:
RUA ALVARES PENTEADO No. 24
Caixa Postal N. 342 :: Telephone N. 872
Endereço Telegraphico: "JUTA" - S. PAULO
Codigos: Particular, Ribeiro, A. B. C. 4. e 5. Edição, A. 1.
S. PAULO :—: BRASIL

SÓ **E' CALVO QUEM QUER** **Porque o**
 PERDE O CABELO QUEM QUER **PILOGENIO** Faz crescer novos cabelos, impede a
sua queda, faz vir uma barba forte e sa-
dia e faz desaparecer completamente a
caspa e quaisquer parasitas da cabeça,
barba e sobrancelhas. Numerosos casos de
curas em pessoas conhecidas, provam a sua completa efficacia.

BEXIGA, RINS, PROSTATA, URETHRA

A UROFORMINA GRANULADA de Giffoni é um precioso diuretico e antiseptico dos rins, da bexiga, da urethra e dos
intestinos. Dissolve o acido urico e os uratos. Por isso é ella empregada sempre com feliz resultado nas influencia renal,
cysites, pyelites, nephrites, pyelo-nephrites, urethristres chronicas, inflamação da prostata, catharro da bexiga, typho abdo-
minal, uremia, diathese urica, arêas, calculos, etc. — A' venda em todos os Estados e no

Deposito: **Drogaria Francisco Giffoni & C.** — Rua 1.º de Março, 17 — Rio de Janeiro

Com o desenvolvimento da indústria e o aparecimento do operariado, muitas questões começam a incomodar, devido à situação precária em que se encontra esta categoria nas primeiras décadas do novo século, propiciando o surgimento de greves e revoltas. De acordo com a historiadora Sandra Lúcia Lopes Lima,

A situação de penúria e desamparo em que viviam os trabalhadores contribuiu para a organização de greves e movimentos reivindicatórios, inspirados em ideais anarquistas e socialistas trazidos pelos imigrantes. Líderes estrangeiros e brasileiros, tidos como "agitadores", valiam-se de jornais, palestras, reuniões sociais, peças de teatro, para divulgar suas idéias e preparar seus companheiros para uma ação política que resultasse em conquista de melhores condições de vida e de trabalho. (LIMA, p. 27, 1991)

Era, portanto, perceptível a industrialização e suas conseqüências. A luta dos operários por melhorias em seu modo de vida e ainda em relação a seu trabalho, obviamente aparece registrada em documentos e publicações organizadas por esta categoria. Os jornais mostram tendências inclusive ao anarquismo. No entanto, em muitos periódicos deste momento, não há nem mesmo indícios sobre as questões dos operários. Isto ocorre provavelmente por motivos de distinção social e também porque muitas revistas e jornais são administrados e formulados para atender a outros interesses, como entretenimento, informação, cultura, entre outros.

Em 1914, a Primeira Guerra Mundial abala a sociedade como um todo. O conflito bélico mundial ocorre entre 28 de Julho de 1914 e 11 de Novembro de 1918, e gera conseqüências para todo o mundo, tendo ecos no Brasil. Os jornais e revistas da época, através de correspondentes no exterior, mantinham os brasileiros informados. O conflito, que envolveu a chamada Tríplice Entente (liderada pelo Império Britânico, França, Império Russo (até 1917) e Estados Unidos (a partir de 1917) e uma coligação formada pelas Potências Centrais (liderada pelo Império Alemão, Império Austro-Húngaro e Império Turco-Otomano), causou o colapso de quatro impérios e mudou os limites de fronteiras geopolíticas da Europa e do Médio Oriente.

Na *Revista Feminina* a preocupação com o conflito se percebe através de artigos destinados a discorrer sobre a Guerra. Os artigos geralmente falam sobre as famílias das vítimas, sobre o desgaste emocional, outros são reflexos do difícil período.

REVISTA FEMININA

VISÕES DA GUERRA



As botas velhas

No interminável filme desta guerra cruel ha scenas que se succedem com a rapidez vertiginosa de um immenso caleidoscopio.

Os jornaes falam de mortos, de feridos, de batalhas, de canhões, de metralhadoras, de gazes asphyxiantes, de zeppelins, de submarinos, de trincheiras, de ataques e contra-ataques, de guerreiros e tudo isso evoca ao espirito scenas epicas de heroismo ou de horror, de afflicção e martyrio. Ha tambem as sombras desse quadro apotheoico de ruinas sem conta. Ha os negociantes que enriquecem com as industrias de guerra e recebem condecorações, ha as recompensas de generaes protegidos e todo o escandalo do luxo feminino e outras cousas semelhantes que demonstram a eterna pequenez do egoismo humano, mesmo, ou sobretudo nas horas mais solennes da Historia.

Mas ninguem fala das agonias ignoradas dos soldados anonymos, quasi ninguem pensa na amargura dos orphãos e no desespero lancinante das mães, das esposas e das noivas.

Ninguem fala tão pouco da tragedia horrivel das botas que rompem... Não, não sorriam. E' mais grave do que, á primeira vista, parece, este aspecto das botas dos combatentes.

Ellas facilitam o andar nos caminhos, pelos que sobem para a gloria ou descem para os abyssos insondaveis da morte.

Nunca reparastes nesse caracter de terrivel desespero, de miseria irremediavel que têm essas botas velhas, abandonadas na lata dos lixos, á beira dos passeios das ruas, com as solas despregadas e soltas, por deante e por de traz, tacões desgastados, remendadas, com a bocca a bocejar de fome, sob a ardentia do sol que faz sede!

São tão velhas, estão de tal modo destroçadas, que ninguem as quer, nem os mendigos, e são apanhadas a gancho, como cousas immundas para ser vendidas a peso, por atacado, a troco de alguns tostões nas fabricas de guano...

Pois bem: supponde umas botas dessas, ainda por cima de tudo, manchadas de sangue, depois de ter cal-

cado um peito humano nos estertores da agonia depois de se terem arrastado por sobre as cinzas fumegantes de uma granja, de um palacio ou de uma igreja, depois de terem tropeçado na massa encephalica de um soldado que, talvez, antes da guerra, compozesse poemas ou architectasse maravilhas de arte...

E' mais terrivel ainda do que a propria miseria. E' a ignominia suprema a que se pode chegar. Ninguem seria capaz de lhes lançar a mão, em meio de um deserto.

E, todavia, soldados inglezes — do fidalgo, pulcro e archi-elegant: exercito britanico — veem-se na necessidade de escolher as menos estragadas no montão daquellas consideradas como inserviveis, sem pensar sequer no fetido suor que as impregnou, nos mortos que se arrastaram com ellas em tantos combates — sem



Mantas de papel

pensar tambem nas marchas futuras que hão-de fazer com ellas para o Capitolio da Victoria ou mais provavelmente para o esquecimento eterno da morte.

Todo o horror desta guerra está nesse pequeno episodio que a gravura illustrou num realismo ingenuo. Quantos passos andados pela Humanidade para chegar até essa anonyma ruina, quanto sangue, quanto sacrificio e quanto cansaço da Vida, desespero, afflicção, miseria e desengano.

Nesse montão de botas velhas está o caminho da civilisação altiva de que nos orgulhamos tanto: está o passado, está o presente e quem sabe se estará o futuro, com o retrocesso á idade primitiva em que o homem se arrastava descalço, pelos caminhos da existencia, pobre mas sem ambições, inculdo mas livre, isolado mas feliz, porque não conhecia ainda o odio nem a guerra e esperava pacientemente o encontro da morte que vinha quasi sempre muito tarde, na em que o descaço appeteece e morreram enfim todas as minguidas illusões que florescem em todas as almas.

Não, não riam: essas botas velhas são um symbolo, triste, horrivel, desesperador... z III

O DELIRIO DA FRAUDE

A Europa e o mundo estão obcecados pelo demonio da mentira, da fraude, da falsidade. Na Europa, e na Allemanha principalmente não ha nada que não seja falsificado. O dinheiro que circula são uns pedacinhos de papel, de valor mais que problematico. Esse dinheiro, quando terminar a guerra, e forem chamados á conta os paizes que nella entraram, valerá tanto como nada, porque elle realmente nada é. O pão que se come, embora tenha uma vaga apparencia do pão commum, não é constituído nem de trigo, nem de milho, nem de sorgo, mas de uma substancia mysteriosa que só os padeiros conhecem e cujo segredo não revelam a ninguem.

Agora, por exemplo, começam a empregar-se, não apenas nas trincheiras mas por toda parte, os mantos de papel. Provavelmente, nos exercitos belligerantes, já se entrou a comprehender que, com quatro ou cinco grandes diarios, se pôde confeccionar uma manta mais confortavel que as mantas de lã falsificada que os paizes neutros fabricam para a exportação. Não ha muito, a um fornecedor hespanhol de calçados para o exercito francez foram-lhe devolvidos sessenta mil lotes de calçado porque as solas eram feitas de papelão; se, porém, de antemão, tivesse o malicioso industrial annunciado que não empregava couro nas suas solas, mas papelão, a sua mercadoria seria aceita.

As mantas de papel impresso foram definitivamente adoptadas nas trincheiras. Lá, os soldados e a maior parte dos officiaes subalternos não têm outro abrigo contra os rigores do inverno. Essas mantas têm, sobretudo, a vantagem de trazer impressas



O homem artificial

as noticias da guerra. Assim, pois, o soldado, em suas noites de insomnia, pôde puxar a coberta até aos olhos e ler ali as noticias que lhe interessam.

Os fornecedores desta especie de mantas pensaram provavelmente nisto. Por essa razão só são aproveitados para o fabrico de mantas os jornaes onde vêm inseridas noticias vantajosas com relação á lucta, de modo a estimular a coragem do soldado.

Com o término da segunda mundial em 1918 muitas mudanças ocorreram no cenário nacional. Passou-se a viver épocas de transformação e mudanças políticas, sociais e econômicas; surgiram novos países, outros foram dissolvidos. Ideologicamente, tendências como o comunismo e o capitalismo expandem-se pelo mundo, alterando o modo de viver das pessoas. No Brasil, essa situação, aliada à insatisfação popular com o governo exercido pela oligarquia cafeeira no Brasil, aos poucos, gera uma grande insatisfação. Os trabalhadores, operários e a classe média, em geral, descontentes com a situação de descaso e com o governo voltado aos interesses elitistas revoltam-se, e iniciam-se conflitos armados. Portanto, a República oligárquica baseada na política do “Café com Leite” passava a incomodar.

Além disso, a marginalização do povo brasileiro continuava e a utilização de meios corruptos e desonestos era um artifício para os poderosos se manterem no poder. Vale lembrar que, mesmo com as mudanças mundiais, o Brasil continuava sendo governado num esquema ultrapassado, que não respeitava o conceito de democracia. Decididos lutar por reformas na estrutura de poder do país, entre as quais se destacam o fim do voto de cabresto, instituição do voto secreto e por reformas na educação pública, na década de vinte os oficiais do Exército rebelam-se contra o governo dos fazendeiros. Os cadetes, tenentes e capitães organizam, portanto, as chamadas Revoltas Tenentistas, dentre as quais destacam-se a Revolta dos 18 do Forte de Copacabana em 1922, a Revolução de 1924, a Comuna de Manaus de 1924 e a Coluna Prestes.

Em São Paulo, é a Revolução de 1924 a que mais se destaca. A cidade é bombardeada por aviões do Governo Federal. O exército legalista (leal ao presidente, que naquele momento é Artur Bernardes) utiliza-se do chamado "bombardeio terrificante", atingindo vários pontos da cidade, em especial bairros operários como a Mooca e o Brás, e de classe média, como Perdizes (distrito de São Paulo).

Apesar de toda a batalha, o movimento tenentista não consegue mudar a estrutura política do país. No entanto, o tenentismo preparou o caminho para a Revolução de 1930, que acontece também com a necessidade de transformações políticas, e que de fato alterou o esquema da política brasileira.

Uma outra questão que se desenvolve juntamente com o processo de modernização de São Paulo, é a do feminismo.

As transformações sociais ocorridas em São Paulo através da industrialização e o maior contato com as ideologias estrangeiras, seja através da leitura de

obras provenientes do Velho Continente, seja no convívio com imigrantes, além da inclusão da mão de obra feminina nas indústrias paulistas, paulatinamente criam um novo cenário para a mulher que vive na capital. O panorama até então era o que se segue: enquanto às brasileiras que faziam parte da elite reservavam-se, sobretudo, ao ambiente doméstico, aos salões, aos saraus, e, eventualmente, pequenos passeios nas ruas da cidade, sempre acompanhadas por homens, fossem maridos, pais irmão, as mulheres mais pobres estavam fadadas ao trabalho nas fábricas e no comércio.

A mulher, que se restringia aos cuidados do marido, resultado de séculos de submissão, aos poucos, passa a lutar por seus direitos. Para conquistar alguma autonomia, as brasileiras, influenciadas pelas européias, passam a discutir a questão feminismo, discurso intelectual, filosófico e político que tinha como meta os direitos iguais e a proteção legal às mulheres. Preocupadas com as questões relacionadas às diferenças entre os gêneros, algumas mulheres da sociedade paulista passam a realizar campanhas para promover a igualdade entre homens e mulheres e para defenderem os direitos e interesses das mulheres. Um dos direitos defendidos naquele momento era do acesso ao voto, que se torna uma das temáticas freqüentes na *Revista Feminina*.

1.4 A imprensa brasileira na primeira metade do século XX: um momento de especialização

De acordo com estudos que versam sobre a história da imprensa do Brasil, os anos compreendidos entre o último quartel do século XIX e o início do século XX podem ser considerados como um período de transformação ou mais especificamente, de “especialização” na imprensa brasileira. Nelson Werneck Sodré explica que a passagem do século, no Brasil, “assinala a transição da pequena à grande imprensa”(1999, p. 288). Este é um período marcado pela estruturação da imprensa, que passa a ter melhores possibilidades, devido ao surgimento de maquinário específico, ou seja, acesso a meios tecnológicos que permitem uma maior facilidade tanto na elaboração dos periódicos quanto em sua impressão. Para Sodré, o início do século XX marca uma transição entre jornais “artesanais” para empresas jornalísticas e isto está intimamente relacionado às condições econômicas e políticas pelas quais passava o Brasil. Assim, o autor revela “Pequenos jornais, de estrutura simples, as folhas tipográficas, cedem lugar às empresas jornalísticas, com estrutura específica, dotadas de equipamento gráfico necessário ao exercício de sua função. (SODRÉ, p. 288, 1999).

Também sobre este período, Tânia Regina de Luca, que em *História da Imprensa no Brasil*, também utiliza a expressão “A grande imprensa” para designar este período, embora o considere impreciso e delicado seu significado. Explica que neste momento,

A produção artesanal dos impressos, graças à incorporação dos avanços técnicos, começou a ser substituída por processos de caráter industrial, marcados pela especialização e divisão do trabalho no interior da oficina gráfica e a conseqüente diminuição da dependência de habilidades manuais. Máquinas modernas de composição mecânica, clichês em zinco, rotativas cada vez mais velozes, enfim, um equipamento que exigia considerável inversão de capital e alterava o processo de compor e reproduzir textos e imagens passou a ser utilizado pelos diários de algumas das principais capitais brasileiras. (LUCA, p. 149, 2008)

Portanto, este é um momento de mecanização, ou melhor, de “industrialização”, da imprensa. Neste contexto, são inseridas máquinas capazes de produzir e ainda “aumentar a tiragem e o número de páginas, baratear o preço dos exemplares e oferecer uma mercadoria atraente, visualmente aprimorada”. (LUCA, p. 149, 2008). Isto significa dizer, comparativamente ao final do século XIX, que há um grande avanço em relação à forma como eram produzidos os jornais e revistas da época.

Maria de Lourdes Eleutério, colaboradora da obra *História da Imprensa no Brasil*, confirma o avanço não só tecnológico, mas também técnico da imprensa da primeira metade do século XX,

Nesse período de transformações, a imprensa conheceu múltiplos processos de inovação tecnológica que permitiram o uso de ilustração diversificada – charge, caricatura, fotografia -, assim como aumento das tiragens, melhor qualidade de impressão, menor custo do impresso [...]. A imprensa tornava-se grande empresa, otimizada pela conjuntura favorável. (LUCA, p. 83, 2008).

Se o processo de produção se moderniza, evoluem também outros setores envolvidos na criação dos jornais. Tânia de Luca explica que este é um período de especialização da imprensa, tanto pela evolução dos processos de produção, quanto pelo surgimento de novas profissões, dedicadas a atenderem especificamente a cada atribuição dentro dos jornais, como por exemplo, redator, ilustrador, editor, gerente, dentre outros.

Não se pode esquecer, no entanto, que o termo “especialização” pode ser associado à divisão dos periódicos em relação à sua temática e público, isto é, à adoção de uma linha temática. Deste ponto de vista, desde o início do século XX, pode ser vista a

propagação e definição de inúmeros periódicos especializados (políticos, literários, esportivos, etc.), sendo portanto esta mais uma característica assumida pela imprensa deste período.

Ao lado de todos estes acontecimentos (modernização do maquinário da imprensa e das profissões envolvidas no processo de produção, especializações temáticas, dentre outros) é também no início do século que ocorre a extensão da malha ferroviária no país, devido ao cultivo do café no país. Esta novidade favorece a aceleração da divulgação dos periódicos, tornando mais fácil a expansão do alcance dos periódicos que podem transitar de um local a outro de uma forma mais prática, através da utilização dos trens. Além disso, o telefone e o telégrafo auxiliam na aceleração da comunicação entre jornalistas e jornais e facilitam ainda mais a propagação veloz dos periódicos no Brasil.

Para Juarez Bahia (1967), o processo de transformação da imprensa inicia-se a partir de 1880. O autor, semelhantemente a Sodré, enfatiza que os jornais efetuam uma transição da tipografia artesanal para a indústria gráfica, e aponta que isso ocorre por meio de “quatro conquistas” – “a máquina de papel, de Louis Robert, em 1798; a prensa mecânica, de Frederico Koning, em 1812; a prensa rotativa, de Marinoni, em 1850; e a linotipo, de Mergenthaler, em 1885” (p. 47). Bahia aponta ainda a transição da imprensa baseada em sua postura política e demonstra como ela se comportou durante sua fase de consolidação em relação a episódios como a Abolição da Escravatura (1888), a Proclamação e o estabelecimento da República (1889) e posteriormente, durante a Primeira Guerra Mundial (1914). O autor explica que durante estes momentos a imprensa adquire caráter específico, sendo formada por periódicos que mostram-se a favor ou contra os acontecimentos – por exemplo, abolicionistas ou anti-abolicionistas, republicanos e anti-republicanos – e relata o surgimento de inúmeros jornais e revistas de cunho político.

Pode-se entender, portanto, que este é um período em que a imprensa brasileira cerca-se de todos os meios mais modernos para facilitar a comunicação dentro e fora do país, com o escopo de se ter contato com todo o cenário da Guerra. Para tanto, além dos já mencionados telefones, telégrafos, trens e máquinas modernas, jornais e revistas também recorrem a correspondentes no exterior, uma função já bastante conhecida em alguns periódicos do século XIX. A presença destes correspondentes ou “enviados especiais”, como destaca Juarez Bahia, nos periódicos tinha a finalidade de agregar um maior valor e dinamismo às notícias veiculadas nos jornais. Esta tarefa será incorporada ao meio jornalístico e torna-se ainda mais evidente quando, já na segunda década do século XX, em 1914, eclode a

Primeira Guerra Mundial. De acordo com os estudiosos, este seria um outro momento muito marcante na imprensa brasileira, pois esta mostra sua evolução de imprensa artesanal, produzida sem grandes tecnologias, para uma imprensa industrial, como define Nelson Sodré,

Se com o após-guerra, profundas alterações se denunciam na vida brasileira, tais alterações, para a imprensa, acentuam rapidamente o acabamento da sua fase industrial, relegando ao esquecimento a fase artesanal: um periódico será, daí por diante, empresa nitidamente estruturada em moldes capitalistas. (SODRÉ, p.355, 1999)

Portanto, se a primeira década do novo século é marcada pela propagação de periódicos e revistas especializados e ilustrados – a ilustração é também uma marca deste período, advinda com a melhoria nos processos de produção – a segunda mostra-se como um momento em que a imprensa rende-se aos ideais capitalistas, e passa a adquirir estrutura de empresa, tanto em sua formatação empresarial, quanto na estrutura dos periódicos, que passam a ceder cada vez mais espaço à publicidade.

Para Juarez Bahia, o resultado da Primeira Guerra Mundial é benéfico, no que concerne à relação com o público leitor e aos aparatos técnicos,

No espaço da Primeira Grande Guerra, entretanto, é que a imprensa brasileira observa e assimila os efeitos de modificações produzidas na vida social dos povos e nas suas relações com o sistema de comunicação de massas. Ao terminar o conflito, o jornalismo nacional já pode apresentar-se mais objetivo e melhor aparelhado tecnicamente. (BAHIA, p. 51, 1967)

São portanto notáveis durante as duas primeiras décadas do século XX dois momentos na imprensa brasileira: o primeiro, na virada do século, de transição para a “Grande imprensa” e o segundo, a imprensa do período do conflito, que mostra seu amadurecimento e caráter empresarial e capitalista.

Não se pode deixar de falar, no entanto, que as duas primeiras décadas do século XX concentram o surgimento e a ebulição de periódicos de cunho sindicalistas, operários e socialistas, por todo o país. Esboça-se também neste mesmo espaço de tempo a imprensa esportiva.

Na realidade, este período mostra-se propício para o surgimento de novos informativos de todos os tipos. Juarez Bahia aponta como principal acontecimento na primeira década de 1900 o aparecimento de *A Gazeta* (1906), um dos vespertinos paulistas de maior prestígio, fundado por Adolfo Araújo por julgá-lo um periódico duradouro; assinala ainda *Chácaras e Quintais*, de 1910. Já na segunda década, destaca *A Noite* (Rio de Janeiro, 1912);

Jornal do Comércio (Recife, 1918); *O Jornal* (Rio de Janeiro, 1919) como jornais que se tornaram influentes.

No que diz respeito à Literatura, dentro desta nova perspectiva da imprensa, nota-se que esta ganha gradativamente cada vez mais espaço por meio da publicação de textos de autores consagrados e, por vezes, através do surgimento de periódicos dirigidos e executados pelos próprios escritores da época. Um exemplo disso é a revista *Kosmos* (1904-1909), considerada por muitos estudiosos o mais bem acabado empreendimento entre as revistas consideradas modernas, e que traz como colaboradores o crítico João Ribeiro, o poeta Olavo Bilac, Coelho Neto, Artur Azevedo, Paulo Barreto (João do Rio), entre outros. Merece destaque ainda, embora tenha outro perfil estilístico, a revista *Fon-Fon*, com sua representação do modernismo da época; e a revista *Careta*, na qual se publicam poemas de Alberto Oliveira e Olavo Bilac, além de crônicas de Lima Barreto.

Um dos autores mais representativos deste momento, que confirma esta relação entre a Literatura e a imprensa é Lima Barreto, conforme escreve Maria de Lourdes Eleutério,

Lima Barreto foi dos colaboradores mais assíduos daquela República das Letras. Contabilizam-se mais de quinhentas crônicas do autor em diversos jornais e revistas, entre eles *Careta* [...]. Lima Barreto exemplifica quão complexo foi o processo de nascente profissionalização do intelectual de letras, exercida nos impressos daqueles “tempos eufóricos”. (LUCA, p. 93, 2008)

Colaborador assíduo de jornais e revistas da época, Lima Barreto é apenas um dos inúmeros escritores que adentram no meio jornalístico como profissionais, com direito a remuneração, mas também para serem lidos, isto é, para terem um maior contato com o público leitor. Além de Lima Barreto, merece destaque Olavo Bilac, homem das Letras de importância fundamental neste período para a propagação da Literatura em periódicos e revista. O escritor parnasiano publica diversas crônicas que retratam o cotidiano, as transformações ocorridas no período no Rio de Janeiro e demonstra entusiasmo pela perspectiva de progresso.

Como é possível perceber, o cenário do homem letrado nesta época difere-se bastante de momentos anteriores em que ainda não existia a possibilidade de aproximação do literato e os jornais, e estava-se à caminho para uma participação efetiva dos escritores nos periódicos. Sendo assim, o aprimoramento da imprensa gera também uma nova perspectiva para os escritores que vislumbram a possibilidade de profissionalização, ou seja, de receber

um salário pelos escritos publicados, e ainda, para a Literatura, que passa a ganhar cada vez mais espaço nos periódicos brasileiros.

1.5 Os intelectuais e sua participação em periódicos do século XX

Durante o século XIX, quando começa a ocorrer o processo de modernização da imprensa brasileira e, portanto, o surgimento de muitos periódicos devido a uma maior facilidade em produzi-los, torna-se também praticável a associação de nomes consagrados das literaturas nacionais e estrangeiras aos periódicos de maior destaque da época. Escritores como Machado de Assis, Eça de Queirós, Ramalho Ortigão, dentre tantos outros tinham sempre seus textos publicados em seções que ora tratavam de comentários a assuntos do cotidiano, às vezes em formato de crônicas, ora traziam trechos de obras literárias, algumas vezes nos chamados folhetins de rodapé ou nas seções, fixas ou não, dos jornais.

Há, neste período, portanto, uma mudança no papel dos escritores que passam a perceber na imprensa uma forma de manterem-se na escrita, com um retorno mais amplo e rápido dos leitores e com a possibilidade de ganho financeiro. Ocorre, então, uma oportunidade que outrora jamais existira: era possível, com o trabalho na imprensa, "sustentar uma vida, mesmo que precária". (NEEDELL, 1993, p.221).Torna-se portanto praticável exercer o ato de escrever como uma profissão.

Um dos periódicos de grande destaque e que merece ser mencionado, pois de certa forma ilustra a abertura dos periódicos aos literatos é a *Gazeta de Notícias*, que é considerada pelos estudiosos uma das grandes divulgadoras e financiadoras das letras. O periódico, dirigido por Ferreira de Araújo, no período de 1875-1900, abre grande espaço em suas páginas aos escritores nacionais e estrangeiros para a divulgação de suas respectivas obras.

Ao refletir sobre este novo cenário da Literatura em face ao Jornalismo e a relação entre escritores e as renomadas folhas da época, Jeffrey Needell resume: “Surgiram as condições para a formação de uma verdadeira boêmia, com uma vida independente da sociedade estabelecida e completamente dedicada às letras” (NEEDELL, 1993, p. 221).

É portanto este tipo de relação entre artistas e jornais que prevalecem mesmo depois do término do século XIX. No século XIX, com a melhora dos processos de produção e o surgimento cada vez mais freqüente de revistas voltadas a todo tipo de assunto, seja de cunho político, literário ou mesmo variado, torna-se também cada vez mais freqüente

a presença dos escritores nestas páginas. Durante o século XX predominam as colaborações de Olavo Bilac, Coelho Neto, Feliz Pacheco, Felinto de Almeida, dentre outros. Com o passar do tempo, tornam-se freqüentes também a presença de textos destes autores em publicações destinadas ao público feminino. Alguns dos mais renomados, como é o caso de Coelho Neto e

REVISTA FEMININA 11

OS NOSSOS POETAS

CRIAÇÃO

*Ha um nome um momento de grandeza,
Que é de transcendência e de êxtase bendito:
Os dias sempre são todos a Velocidade,
As duas almas são toda a infinitude.*

*E um mistério de força e de surpresa:
Estala a criação da terra, afôrto;
Espira-se na luz tremada a explosão acesa:
E de todos os astros rompe um grito...*

*Deus transmuta a seu lauto nos quantos:
Cada beijo é a criação dos Sete Dias,
E a Grande fulgora em cada abraço.*

*Poço entre duas luas subsequentes
Deu tudo a Eternidade, em harmonias
E em afagações carinhosas a respeito.*

Olavo Bilac

Abençoada a lagryma...

*Abençoada a lagryma cobrada,
Dos olhos de quem sofre. Abençoada
A alma que é como a pedra que hesitada
Viu porcelão uma parte da ferida.*

*Em detração a terra ressequida,
De fossa das águas frechada,
Deu flu e fruiu, e a sombra decorada
A pedra mesma trouxe no lauto a vida*

*Que culpada que com a seiva já se encoque
Deu-se em alocar a clareza d'ambigüidade?
A pedra, não, não, não, não, não e um bosque
E em alocar os passos alocada.*

*E da espessa e sombria do folgado,
E em que tem sido a sede das antigas.*

Mario de Alencar



Mlle. CARMEN VIDAL

A mulher e o poeta

*Leve, mobil, colural como a aula,
Traz, um duplo expressão, a fada invertida,
Não vos premia o semblante em graça aberta,
Quando ella é, talvez a morte escondida...*

*Judith, a afobita, ou Salomé, a hedonista,
Pudesse eu vê-las um momento, perto...
Tudo era apenas musara, doerito!
Tu mesma foste perfida, Glyceria!*

*E tu também, Judith resplendente,
Todas vós, estrelladas furiosas,
Parestes uma insidia em cada beijo!*

*Sabei, porém, ó vaga falsa e ardente,
Que eu sobrevivo a todas vós, perjuradas,
Na liza de ouro eterno do desejo!*

Felix Pacheco



MME. SUCUPIRA KENWORTHY

Olavo Bilac, e ainda Mario de Alencar e Felix de Pacheco, aparecem constantemente, por exemplo, em páginas da *Revista Feminina*.

1.6 A imprensa paulista

A imprensa paulista desenvolve-se à medida que as novidades tecnológicas vão sendo incorporadas às redações dos jornais e revistas.

Affonso de Freitas testemunha o alvorecer da nova imprensa do século XX, especializada e tecnológica, e escreve na obra *A imprensa periódica de São Paulo*:

Hoje a imprensa periódica de São Paulo, indiscutivelmente a mais desenvolvida de todas as das outras circunscrições brasileiras, apresenta todas as características do mais adiantado jornalismo e amplamente satisfaz as necessidades e as exigências da sociedade moderna em que o progresso da civilização transformou o velho e lendário domínio dos bandeirantes. (FREITAS, 1915, p. 21)

Realizando um breve histórico da evolução da imprensa paulista, Freitas recupera informações sobre os periódicos desde o início do século XIX.

Acompanhando o crescimento de periódicos que se concretizava em vários pontos do país, a capital paulista aos poucos ganha inúmeras publicações, que variavam de cunho político a revistas de caráter cômico. Mas o crescimento no número de periódicos já começara ainda em meados do século XIX, conforme Freitas:

Em 1850 o número de jornais que havia surgido na capital orçava em 47: a este número temos a adicionar o de 55 novos periódicos que vieram a lume no decênio de 1851-1860, seguramente o mais fecundo do jornalismo paulistano, em época anterior ao vertiginoso progresso material, que ainda não cessou, da velha capital paulista. Só o ano de 60 viu aparecer nada menos de 12 periódicos, ou seja, a média de um por mês o que, para uma população de 20000 almas já não é pouco. Daí por diante o jornalismo foi-se desenvolvendo progressivamente em correspondência com o desenvolvimento intelectual e material de São Paulo. (FREITAS, 1915, p.17)

Portanto, ao passo que a capital paulista moderniza-se, evoluem também os meios de confecção da imprensa e desta forma, facilita-se o crescimento do número de publicações ao longo dos anos. Porém, afirma Freitas,

A grande maioria dessas publicações deram apenas alguns números; outros periódicos, principalmente os jornais literários acadêmicos, em número não pequeno, tiveram a duração do tempo decorrido entre duas estações florais. [...]. Poucas foram

as publicações que tiveram existência mais ou menos longa [...] do aluvião de jornais vindos a lume na capital de S. Paulo durante os dois impérios, apenas o *Correio Paulistano* (1854), a *Província do Estado de S. Paulo*, hoje *Estado de S. Paulo* (1875), o *Diário Popular* (1884) e a *Platé* [...] conseguiram subsistir e manter-se ininterruptamente desde as primeiras edições e são hoje indiscutivelmente os grandes orientadores da opinião pública, conjuntamente com o *Comércio de S. Paulo*, *A Gazeta* e a mais recente *A Capital* surgidas já no atual regime [...]. (FREITAS, 1915, p. 18)

Diante da diversidade de publicações surgidas entre o final e o início do século, poucas conseguiram ter uma longevidade considerável na imprensa paulista. Dentre as mencionadas por Freitas, o *Correio Paulistano* (1854) e o *Estado de S. Paulo* (1875) permaneceram na imprensa por um longo período.

O *Correio Paulistano* foi o primeiro jornal diário publicado no estado de São Paulo e o terceiro do Brasil. Lançado em 26 de junho de 1854 teve como fundador o proprietário da Tipografia Imparcial, Joaquim Roberto de Azevedo Marques, e como primeiro redator Pedro Taques de Almeida Alvim. O *Correio* circulou até 1963 e retornou posteriormente nos anos de 1980 com José Carlos Gutierrez.

Ao lado do *Correio*, tem grande relevância na imprensa paulista o *Estado de São Paulo*, a princípio, *A Província de S. Paulo*. Fundado por um grupo liderado por Américo Brasiliense de Almeida Melo e Manuel Ferraz de Campos Sales, em 4 de janeiro de 1875, o jornal de publicação diária defendia os interesses da elite agrária. Após dez anos de seu lançamento, em 1885, ingressa em sua redação Júlio César Ferreira de Mesquita, que em pouco tempo passa a conduzir o periódico, na função de diretor. O jornal torna-se, em 1902 propriedade da família Mesquita e neste momento já havia conquistado a posição de maior jornal de São Paulo, superando em muito o *Correio Paulistano*.

Conforme era comum no período, o jornal contava com colaborações especiais, realizadas por ilustres escritores da época. Um de seus principais colaboradores é o escritor Euclides da Cunha, que contribui com a publicação sob o pseudônimo de Proudhon.

Escritores como Coelho Neto, Olavo Bilac, Bastos Tigre assinavam crônicas e colunas diárias nos jornais da capital federal, enquanto em São Paulo, Monteiro Lobato, Amadeu Amaral, Menotti Del Picchia, entre outros, freqüentavam as colunas do jornal do *Comércio*, *Correio Paulistano* e *O Estado de S. Paulo*. (LUCA, 2008, p.106)

Se no início do século o clima era de euforia, por conta da *Belle Epoque*, quando inicia-se a Primeira Guerra Mundial, são os reflexos das mudanças e das preocupações com questões com o conflito que movimentam os periódicos. Jornais e revistas abrem espaço para debates sobre a Guerra, sobre a situação econômica e política dos países envolvidos e algumas publicações surgem com o pretexto de discutirem e formarem opinião pública.

De acordo com Maria de Lourdes Eleutério, destaca-se neste momento a *Revista do Brasil* (1916-1925), “fundada em São Paulo [...] abordava temas variados como a literatura, ciência, artes, política, sociologia, línguas, direito, economia entre outros”.

Voltada à questão do debate sobre nacionalidade e sobre a “arte moderna”, *Klaxon* (1922-1923) reúne nomes como Mário de Andrade, Menotti Del Picchia, Oswald de Andrade entre outros.

Resumidamente, de acordo com o que menciona Eleutério, pode-se dizer que a imprensa do período é marcada pela “celebração do progresso. A cidade era enaltecida como o palco das transformações e da modernização constantes”. (p. 112)

O aperfeiçoamento dos modos de produção das revistas facilita a difusão de periódicos ilustrados, dotados de fotografias e ilustrações coloridas. Exemplos dessa modernização são as revistas *A Cigarra* (1914) e *Vida Moderna* (1907).



As revistas *A Cigarra* (1914) e *Vida Moderna* (1907)

1.7 Os periódicos femininos e a imprensa brasileira

O surgimento de periódicos femininos na imprensa brasileira ocorre como consequência da crescente modernização da imprensa na segunda metade do século XIX. É basicamente neste momento histórico que surgem alguns periódicos editados para mulheres como o “Jornal das Senhoras” (1852) e “O Belo Sexo” (1862).

Como necessidade de leituras específicas para o público feminino, estes jornais aparecem na imprensa brasileira, trazendo às mulheres assuntos que ultrapassam os limites da moda e da literatura e por vezes ousavam, publicando protestos contra a maneira possessiva com que os homens tratavam suas mulheres. Ainda no final do século XIX nota-se o aparecimento de várias publicações femininas, dentre as quais, algumas com tendência feminista, como “O Domingo” (Rio de Janeiro- 1874); “Eco das Damas” (Rio de Janeiro – 1879); “A Família” (Rio de Janeiro – 1889); “O Sexo Feminino” (Minas Gerais – 1873)⁴.

Vale lembrar que à criação de periódicos de caráter feminino, antecedem alguns jornais e até mesmo revistas voltadas ao público masculino, mas que começam a trazer algumas seções dedicadas às singelas leitoras brasileiras. A “Revista da Semana” (Rio de Janeiro-1901-1962), por exemplo, apresenta apenas uma seção intitulada “Cartas de Mulher”, ou seja, não está inteiramente focada nos assuntos relacionados à mulher. “Fon-Fon” (Rio de Janeiro-1907-1958) e “Cigarra” (São Paulo-1914-1975), não podem ser totalmente consideradas revistas específicas para o público feminino, mas traziam informações direcionadas a este público.

Na primeira metade do século XX, com a modernização da imprensa, já é possível notar que a tecnologia desenvolvida no período permite maior agilidade e rapidez na produção e distribuição dos periódicos. As gravuras e ilustrações tornam-se atrativos para aumentar o número de leitores e mostrar o prazer em se folhear um periódico que traz em si toda a tecnologia aprimorada. Nesta nova imprensa são maiores as tiragens, e os periódicos contam ainda com a presença da publicidade representada por pequenas ou grandes propagandas no interior das publicações. Neste ambiente propício para o surgimento de publicações de todas as espécies, surgem então algumas revistas que incluem seções e matérias destinadas ao público feminino.

Conforme mencionado anteriormente, este momento caracteriza-se como um período de produção especializada, em que os periódicos tendem a voltarem-se para um público específico. É o que acontece no caso dos periódicos femininos, que começam então a surgir com matérias relacionadas especificamente ao público feminino e à família.

Pode-se dizer que o surgimento de periódicos femininos no Brasil ocorre de certa forma, tardiamente. Se na Europa, tais publicações surgem no século XVIII, no Brasil, seu aparecimento ocorre no início do século XIX, porém de forma tímida. Dulcília Buitoni explica os principais motivos para este descompasso:

Seguindo os costumes portugueses, devido à influência moura, a mulher quase não saía de casa, a não ser para ir à missa. Vivia cozinhando e fazendo rendas; raramente os pais deixavam as filhas estudarem, sob a alegação de que elas poderiam assim manter correspondências amorosas não consentidas. O hábito de enviar as filhas à escola só foi absorvido pelas famílias de posses por volta da metade do século. Então, se os homens letrados eram poucos, as mulheres alfabetizadas formavam um número bem reduzido. (BUITONI, p. 36, 1986)

Os costumes da época e o alto índice de analfabetismo, portanto, colaboram para o aparecimento tardio de publicações femininas.

Sobretudo é interessante destacar que o primeiro periódico feminino brasileiro é o carioca *O Espelho Diamantino*, lançado em 1827, conforme delimitam Dulcília Buitoni, Tânia Regina de Luca, dentre outros especialistas que se dedicam ao estudo da imprensa brasileira. Os principais assuntos abordados em suas páginas são política, literatura, belas-artes e moda, assuntos destinados às senhoras brasileiras.

Já o segundo periódico feminino apontado pelos estudiosos é *O Espelho das Brasileiras*, que aparece em Recife no ano de 1831. Conforme ressalta Dulcília Buitoni, Recife e São Paulo são neste momento sedes das duas primeiras faculdades de Direito do país e, desta forma, concentram grande atividade intelectual.

Posteriormente, ainda em São Paulo, surgem *Jornal de Variedades* (1835), *Relator de Novelas* (1838), *Espelho das Bellas* (1841). Já no Rio de Janeiro, o *Correio das Modas* (1839-1841) e *A Marmota* (1849 a 1864), são apontados como precursores da imprensa feminina.

Ana Luiza Martins, no capítulo “A produção de uma nova mulher: revistas femininas”, do livro *Revistas em Revista: Imprensa e Práticas Culturais em Tempos de República 1890-1922*, inclui o *Jornal das Senhoras* (1852) como um dos periódicos de grande destaque do período. Para ela, o jornal de Joana Paula Manso Noronha destaca-se por ter sido “um dos primeiros periódicos a contar com mulheres na redação” (MARTINS, p.372, 2008). Tânia de Luca acrescenta como curiosidade a respeito da publicação o fato de convidar suas colaboradoras a escreverem sob o anonimato.

Inúmeras são portanto, as publicações femininas que nascem ainda no século XIX. Em 1862, é a vez de *Belo Sexo*, do Rio de Janeiro, cuja descrição transcreve-se de Luca “feita

por mulheres com instrução secundária que já não se escondiam sob o anonimato, assinando crônicas literárias”. (LUCA, p.60, 2008). Em 1873, aparece em Minas Gerais *O Sexo Feminino*, praticamente ao mesmo tempo em que surgem no Rio *O Domingo* (1874) e *Eco das Damas* (1879). O momento é portanto bastante fecundo no âmbito das produções femininas,

Os títulos sucediam-se. Entre moda e literatura, duas incentivadoras da fantasia, a imprensa feminina brasileira caminhava. Com nomes de flores, pedras preciosas, animais graciosos, todos metáforas da figura feminina, ou mencionando a mulher e seus objetos, tivemos no Rio, São Paulo e outras cidades, *A Camélia*, *A Violeta*, *O Lírio*, *A Crisálida*, *A Borboleta*, *o Beija-Flor*, *A Esmeralda*, *A Grinalda*, *O Leque*, *O Espelho*, *Primavera*, *Jornal das Moças*, *Eco das Damas* e assim por diante. (BUITONI, p. 40, 1986)

Já no século XX, período em que a imprensa se moderniza, tendo como principais aliadas a fotografia e as ilustrações, destaca-se *A Revista da Semana* (1901), que traz um conteúdo variado contando com notícias, editoriais, comentários, literatura e uma seção com o nome “Cartas de Mulher”. Buitoni destaca que a revista é uma das melhores do gênero durante algumas décadas.

Em 1900, era lançada, no Brás, *O Chromo*, revista mensal de literatura, arte e ciência dedicada ao belo sexo, sob a gestão de José Cantinho. Em 1905, destaca-se *Anima e Vita*, fundada por Ernestina, redigida em italiano, por iniciativa da mulher operária, porta um espaço de 8 páginas, em que se dedica inclusive à Literatura, valendo-se citar o artigo “Verità, il nostro romanzo di Zola”, em que divulga o escritor naturalista.

Em 1914, Gelásio Pimenta cria a revista ilustrada *A Cigarra*, que conta com a presença de muitas colaborações de grandes escritores e, portanto, bastante conteúdo literário. Apesar de a publicação não ter surgido como revista feminina, aos poucos adapta-se e passa a atender a assuntos relacionados à mulher.

É também de 1914 que aparece a revista *Ondina*, contribuição que marca a presença estrangeira em São Paulo. A revista, bilíngue, em italiano e português, dedica-se à mulher da elite e destaca-se por sua qualidade gráfica apurada e características luxuosas.

Mas, consensualmente, os estudiosos da imprensa brasileira nomeiam a *Revista Feminina* como principal publicação voltada às mulheres, deste período. Dulcília Buitoni considera este periódico a primeira grande revista feminina brasileira, devido a sua estrutura:

O nome não poderia ser outro: *Revista Feminina*, fundada por uma mulher, Virgilina de Souza Salles, de tradicional família paulista. Surgiu em junho de 1914, e circulou durante 22 anos, até 1936. Essa publicação foi o exemplo mais perfeito da vinculação imprensa/ indústria nascente/ publicidade, pois deve sua existência a uma bem-montada sustentação comercial, hoje ingênua, mas muito eficaz na época. (BUTONI, p.43, 1986)

De fato, surge um novo modelo de gestão baseado numa dedicação e atenção extremas em relação às leitoras e numa organização praticamente empresarial que envolvia anunciantes, venda de produtos e venda de assinaturas da própria *Revista*. Este novo modelo que aproxima a publicação de sua leitora seria um dos motivos que teria facilitado a permanência do periódico na imprensa por mais de duas décadas. Acresça-se a isso o fato de esta revista contar com a colaboração de alguns conhecidos escritores da época, fato que a torna bastante desejada por suas leitoras. Tânia de Luca, em seu breve estudo sobre as revistas femininas brasileiras, também registra seu ponto de vista sobre o periódico e confirma estas idéias,

No período estudado, imperava nos lares a *Revista Feminina (1914-1936)*, dirigida por Virgilina Salles. Dentre seus colaboradores destacavam-se nomes de importantes escritores, como Coelho Neto, Menotti Del Picchia e Julia Lopes de Almeida. (...) o sucesso dessa revista pode ser medido não apenas pela durabilidade, mas ainda pelos números: uma média de 15 a 20 mil exemplares, e em alguns números chegou a ter 30 mil exemplares impressos. Mais do que o público, a base comercial da revista era a “Empresa Feminina”, que vendia produtos de beleza, romances etc. (LUCA, p. 117, 2008)

Portanto, a história dos periódicos femininos brasileiros inicia-se ainda no século XIX, quando a imprensa começa a se desenvolver, e evolui juntamente com a sua especialização. Observando-se o percurso evolutivo da imprensa brasileira e das publicações destinadas à mulher, pode-se dizer que a *Revista Feminina* surge num contexto em que a imprensa encontra-se numa etapa de desenvolvimento consolidado. Nesta fase, é possível a publicação rápida das notícias e acontecimentos da época, com requintes como a ilustração, cor e inclusão de propagandas, que naquela época financiavam as empresas jornalísticas, possibilitando uma maior duração e fixação destes periódicos.

1.8 A mulher brasileira no início do século XX

Acompanhando o progresso evolutivo do país, ou seja, a onda de “modernização”, aos poucos a mulher que existia no século XIX, restrita ao ambiente doméstico e às funções de esposa e dona de casa, também se transforma.

No século XX, a mulher começa a ter acesso à educação, e o estudo e conhecimento de outras culturas e o domínio de idiomas, dentre o mais apreciado, o francês, passa a ser importante para, dentre outros motivos, se estar na moda.

A urbanização traz convívio social e por este motivo as casas, ambientes antes restritos e fechados para as famílias, perdem esse caráter. Aos poucos, passa-se a recepcionar outras famílias e, ao mesmo tempo, passa-se a frequentar outros ambientes, como os típicos salões, saraus noturnos e festas.

Nesses lugares, a idéia de intimidade se ampliava e a família, em especial a mulher, submetia-se à avaliação e opinião dos "outros". A mulher de elite passou a marcar presença em cafés, bailes, teatros e certos acontecimentos da vida social. Se agora era mais livre - "a convivência social dá maior liberalidade às emoções"-, não só o marido ou pai vigiavam seus passos, sua conduta era também submetida aos olhares atentos da sociedade. Essas mulheres tiveram de aprender a comportar-se em público, a conviver de maneira educada. (DEL PRIORE, 2001, p.228)

Pensando-se ainda em âmbito nacional, pois nos grandes centros a industrialização, a vida social composta pela frequência em ambientes como salões e saraus, era ainda uma forma de a mulher ter convívio social e apresentar seus conhecimentos de cultura. Era comum, portanto, que se esperasse dela a leitura de poesia e romances em voz alta ao som de piano ou de harpa.

Estes eventos que paulatinamente foram sendo absorvidos na rotina social da família, auxiliam no desenvolvimento de uma nova possibilidade para as mulheres, no que concerne ao estudo e à leitura. Todavia, o sentimento de liberdade era apenas uma fachada, pois o público feminino apesar do pouco convívio social, ainda vivenciava a solidão das alcovas.

As alcovas, espaço do segredo e da individualidade, forneciam toda a privacidade necessária para a explosão dos sentimentos: lágrimas de dor ou ciúmes, saudades, declarações amorosas, cartinhas afetuosas e leitura de romances pouco recomendáveis. A máscara social será um índice das contradições profundas da sociedade burguesa e capitalista [...] em função da repressão dos sentimentos, o amor vai restringir-se à idealização da alma e à supressão do corpo. (DEL PRIORE, 2001, p. 229)

Enquanto a mulher tinha de demonstrar educação e hábitos refinados em convívio social, dentro de casa seu papel era ainda muito restrito, tendo como principais tarefas cuidar do marido e dos filhos. Sua imagem funcionava como uma “máscara”, para que a família fosse bem vista aos olhos da elite burguesa. O papel de boa esposa e de mãe passa então a ser um dos valores prezados pela elite.

O casamento entre família ricas e burguesas era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do status [...]. Mulheres casadas ganhavam uma nova função: contribuir para o projeto familiar de mobilidade social através de sua postura nos salões como anfitriãs e na vida cotidiana, em geral, como esposas modelares e boas mães. cada vez é mais reforçada a idéia de que ser mulher é ser quase integralmente mãe dedicada e atenciosa, um ideal que só pode ser plenamente atingido dentro da esfera da família "burguesa e higienizada". (DEL PRIORE, 2001, p. 229)

A pesquisadora e professora Bárbara Heller lembra de um outro ponto interessante no que se refere à mulher no início do século XX, a taxa de analfabetismo. Enquanto na esfera da burguesia o acesso à educação efetivava-se, seja através do estudo dentro do lar, seja em escolas ou colégios internos - comandados por ideais cristãos-, em outros extratos sociais ainda existiam muitas barreiras, que impediam o acesso da mulher ao estudo.

Sem acesso pleno à escola, ainda em pequeno número e mais preocupada em educar os meninos, boa parcela da população feminina ainda era analfabeta. Em números arredondados: do total de 15.200.000 mulheres recenseadas em 1920, pelo Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, equivalente ao nosso atual IBGE, apenas 3.000.000 sabiam ler e escrever. Em percentuais também arredondados: apenas 20%. (HELLER, 2006, p. 12)

Era, sem dúvida, um momento de mudanças na esfera social, principalmente no que se refere à mulher. As atitudes tornam-se contraditórias, à medida que, no ambiente fora do lar, deve-se mostrar suas qualidades, dentre as quais a educação e o *finesse*, e dentro dele, deve-se manter a submissão ao marido.

Encarnação de virtudes contraditórias, a mulher deveria fazer inúmeros ajustes e concessões para, ao mesmo tempo preservar o tradicional ideal de pureza e de submissão, combinar com as novas expectativas burguesas de gerência eficiente do lar e ainda representar em sociedade o papel de companheira adequada. (SEVCENKO, 1998, p.396)

A mulher, portanto, passa a exercer dois papéis: um dentro do ambiente familiar, e outro nos ambientes externos. Mas se o papel das mulheres se transforma nos ambientes externos, dentro das mansões burguesas também acontecem mudanças. Diante de uma sociedade que valoriza os ideais de mãe e esposa, as mulheres burguesas passam a coordenar e administrar sozinhas o ambiente doméstico e a vida de seus familiares. A mulher, que antes coordenava uma vasta criadagem, passa a cuidar do lar com suas próprias forças, como resultado de uma sociedade que valorizava a boa mãe e a boa esposa.

Ainda conforme Heller, que estuda a imagem da leitora nas obras literárias do período em questão e ainda a mulher leitora de periódicos, especificamente da *Revista Feminina*, alguns romances e crônicas produzidos na época sob a autoria de renomados escritores, como França Junior e Coelho Neto, representam mimeticamente a figura da mulher na sociedade burguesa. Segundo a pesquisadora, “com os costumes sociais menos rígidos, as mulheres abastadas tinham mais liberdade de circulação na cidade (principalmente as do Rio de Janeiro), para freqüentar clubes e teatros, para viajar para Paris e para aprimorar seu ainda limitado universo cultural”. (HELLER, 2006, p. 16).

Heller comenta ainda que a preocupação com esta nova atitude da mulher na sociedade, que começava a inclusive a se instruir, a lutar por alguns direitos, estimula a produção de textos de escritores como França Júnior e Coelho Neto, que “puseram-se a escrever sobre os perigos e as ameaças que a leitura representava para quem usasse corpetes parisienses”. (HELLER, p. 17). Para ela, os dois autores, juntamente com Valentim de Magalhães, “são bons exemplos da crítica que se fazia à mulher instruída até pelo menos as duas primeiras décadas do século XX”. (p. 19)

Jeffrey Needell também discorre sobre as mudanças sociais e os papéis que deveriam ser cumpridos pelas mulheres. Para ele, “as mulheres aprenderam o que se esperava delas, porque estavam expostas, na Europa e na Corte, a um contato maior com a cultura européia”. (NEEDELL, 1993, p. 163).

Portanto, a mulher que lia a *Revista* poderia ser aquela que começava a ser inserida no mercado de trabalho e nas indústrias. Porém, uma leitura aprofundada do periódico permite afirmar que o público-leitor da *Revista* consistia principalmente na parcela das leitoras que tinha instrução e cultura e que ainda encontrava-se atrelada ao lar e à família.

Sendo assim, a *Revista Feminina* destina-se primordialmente à mulher alfabetizada e que está inserida dentro do modelo familiar deste início de século: aquela que para ter uma maior aceitação social sabe ler, cuidar da casa e da família e aquela que começa a se formar para atuar profissionalmente na sociedade.

1.9 A Literatura em questão: tradição, transição e modernidade

As questões anteriormente expostas relacionadas ao contexto, à imprensa e à mulher no século XX, somadas à presença literária na *Revista Feminina* são o ponto-chave da discussão que se propõe sobre o tema tradição e modernidade neste periódico.

Antes, porém, de adentrar a esta temática, é preciso recuperar os valores literários vigentes no período de publicação da *Revista*.

As primeiras décadas do século XX no que concerne à Literatura denotam também reflexos da necessidade de modernização que se sentiu culturalmente. Este período é marcado por uma multiplicidade de manifestações literárias, mas também pela sobrevivência de antigas estéticas. Didaticamente, costuma-se chamar o período que vai de 1900 a 1922 de Pré-Modernismo, termo estabelecido primeiramente por Tristão de Atayde para designar os textos literários produzidos num período em que não havia de fato uma harmonia na produção literária e permaneciam ainda resquícios de escolas literárias anteriores. O crítico literário Antonio Candido, assinala, em sua obra *Literatura e Sociedade*, que a literatura brasileira do século XX pode ser dividida em três etapas:

A primeira vai de 1900 a 1922; a segunda, de 1822 a 1945 e a terceira, começa em 1945. A primeira etapa pertence organicamente ao período que se poderia chamar pós-romântico e vai, grosso modo, de 1880 a 1922, enquanto as duas outras integram um período novo, em que ainda vivemos: sob este ponto de vista, o século literário começa para nós com o Modernismo. Para compreendê-lo, é necessário partir de antes, isto é, da fase de 1900- 1922. (CANDIDO, 2000, p. 104)

Para Candido, a literatura produzida no período de 1900 a 1922 pode ser entendida como uma literatura de *permanência*. O autor considera que neste momento a arte literária não traz novidades, mas “conserva e elabora os traços desenvolvidos depois do Romantismo” (CANDIDO, p. 104). O crítico define ainda a literatura deste período como “satisfeita, sem angústia formal, sem rebelião, nem abismos”. (p.104)

Para Alfredo Bosi (1973) o termo Pré-Modernismo deve ser entendido, em dois sentidos. Primeiramente, o prefixo *pré* pode designar uma anterioridade temporal, mantendo-se ainda os traços conservadores de tendências realistas, naturalistas e parnasianas e

sustentando traços anti-modernismo. Posteriormente, o prefixo pode significar uma antecipação temática e formal dos valores renovadores modernistas.

Portanto, até 1922 considera-se, sobretudo, que a literatura brasileira vive um período de transição, que só será interrompido com a Semana da arte Moderna, em São Paulo, no ano de 1922.

Para Candido, entretanto, já no período que coincide com a Primeira Guerra Mundial (1914-1918), iniciava no país um sentimento de busca por uma renovação literária. Tanto para o autor, quanto para Bosi, é em 1922, com a Semana da Arte Moderna, que se concretiza a mudança neste panorama.

A Semana da Arte Moderna (São Paulo, 1922) foi realmente o catalisador da nova literatura, coordenando, graças ao seu dinamismo e à ousadia de alguns protagonistas, as tendências mais vivas e capazes de renovação, na poesia, no ensaio, na música, nas artes plásticas. Integram o movimento alguns escritores intimistas como Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida; outros, mais conservadores, como Ronald de Carvalho, Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo; e alguns novos que estrearam com livre e por vezes desbragada fantasia: Mário de Andrade, Oswald de Andrade, na poesia e na ficção; Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, Prudente de Moraes Neto, no ensaio. Dirigindo aparentemente por um momento, e por muito tempo proclamando e divulgando, um escritor famoso da geração passada: Graça Aranha. (CANDIDO, p. 108)

Ocorrida em fevereiro de 1922, na *Semana*, realizam-se em São Paulo uma série de atividades artísticas, em fevereiro de 1922, com grande divulgação, como forma de atrair a atenção para as obras em exposição. A Semana da Arte Moderna ocorre no então famoso e já mencionado Teatro Municipal da capital paulista e tem como patrocinadores influentes personalidades do período como Paulo Prado, Oscar Rodrigues Alves, José Carlos de Macedo Soares, entre outros, cujo prestígio abrangia os círculos econômicos, financeiros, sociais e políticos do estado e do país. Seus fundadores são Anita Malfatti, Victor Brecheret, Di Cavalcanti, Vila Lobos, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti Del Picchia, Sérgio Milliet, Guilherme de Almeida e Manuel Bandeira, todos membros da burguesia culta, paulista e carioca. Dotados de uma propriedade cultural bastante favorável, como afirma Alfredo Bosi, estavam cercados de “condições especiais, como viagens à Europa, leitura dos *Deniers Cris*, concertos e exposições de arte” (BOSI, p. 377, 1985).

A importância da Semana da Arte Moderna consiste na possibilidade de renovação literária que se gerou através de seu acontecimento. O acontecimento, portanto, permite o alvorecer dos ideais que se tinha para compor a nova literatura e sua divulgação.

Segundo Alfredo Bosi, dentre os objetivos do Modernismo brasileiro, na sua fase heróica (1922-1930), estavam os ideais de se romper com o academicismo e com as proposições artísticas e temáticas precedentes. Candido completa a descrição do movimento, afirmando que “inaugura um novo momento na dialética do universo e do particular, deixando de lado a corrente literária estabelecida, que continua a fluir; mas retomando certos temas que ela e o espiritualismo simbolista haviam deixado no ar” (p. 109) . Dessa forma, pode-se entender que o modernismo romperia, gradativamente, com os resquícios de tendências que ainda flutuavam durante o Pré-Modernismo, trazendo novas possibilidades temáticas e renovando estética.

Conciliando-se, portanto, todos os aspectos abordados até o momento, tem-se uma descrição sucinta do que a *Revista Feminina* tinha por essência: a presença da cultura européia; a figura feminina vista como uma figura relativamente associada ao lar e à família; reflexos sutis da modernização de São Paulo; e, por fim, uma literatura heterogênea selecionada para atender a uma leitora que começava a ter seu interesse atendido.

Capítulo 2

A Revista Feminina (1915-1936): origem, particularidades e pormenores

Conforme ressaltou-se no capítulo anterior, o início do século XX no Brasil foi marcado pela transição em diversos setores. Na política, a República ainda consolidava-se; socialmente, o surgimento da burguesia e do operariado transformavam as estruturas familiares brasileiras. Na economia, o capitalismo movimentava as transações financeiras. A imprensa também evoluía em direção a um aprimoramento que permitiria a confecção de revistas e jornais de qualidade e plenos de ilustrações. Comportamentalmente a sociedade incorporou ainda mais os modelos europeus e vive um momento de transição.

É inegável que o advento do novo século gerou o anseio por mudanças. As redefinições e transformações do Rio de Janeiro e de São Paulo foram tentativas de melhorar e aproximar culturalmente o país daquilo que se julgava ser evoluído, novo. Inicia no país uma busca pelo que era considerado “civilizado”, expressão que vem do slogan de Figueiredo Pimentel “O Rio civiliza-se”, pois era esta a nova ideologia difundida nas cidades para definir o que vinha em oposição ao passado. Era o anseio pelo novo motivado pelos ideários da nova classe burguesa.

Literariamente, na virada do século o panorama começa a se modificar devido às transformações sociais. De acordo com Brito Broca,

Por volta de 1900, as principais figuras da chamada geração boêmia de 1889 já se haviam aburguesado. Aluísio Azevedo, desde 1896 que conseguira entrar para a carreira consular, abandonando praticamente a literatura; Coelho neto, casado, com filhos, entregue a uma produção metódica e regular, tornara-se o antípoda boêmio. [...]. A geração nova de então surgia nesse clima diferente, em que já não se compreendia a atitude do artista morrendo de fome, do escritor sacrificando tudo pelo ideal literário e fazendo uma própria vitória do seu desajustamento no ambiente social. Mesmo os simbolistas, com todo o desapego ao utilitarismo, com um ódio inalienável à burguesia, já haviam dado provas de que não se pode ignorar as contingências da vida material. (BROCA, 2004, p. 39)

As alterações na configuração da sociedade aos poucos atingem a vida dos literatos que desde a última década do século XIX passam a exercer atividades remuneradas através de seus escritos. Periódicos como a *Gazeta de Notícias*, dentre tantos outros, passam a incorporar artigos e seções de escritores renomados em suas páginas, para enriquecer o repertório jornalístico e desta forma atrair atenção, e por conseqüência, vender mais suas publicações.

Na primeira década do século XX o escritor adquire novas funções e passa a colaborar com os periódicos mais bem conceituados no país. Machado de Assis e Eça de Queirós são exemplos de autores que são constantemente recrutados para fazer parte destes jornais e revistas.

A questão da Literatura durante o século XX aparece na obra *Literatura e Sociedade*, do professor Antonio Candido de Mello e Souza. Se o profissional das letras aburguesara-se – tendo como ponto de partida para este comportamento as mudanças estruturais nas cidades e a fundação das Academia Brasileira de Letras, ainda em 1896 (BROCA), a Literatura também sofreria algumas alterações. Antonio Candido, no capítulo “Literatura e Cultura de 1900 a 1945” explica e define o panorama literário que compõe o século XX.

Primeiramente, Candido delimita dois momentos que seriam decisivos para a Literatura Brasileira: o Romantismo, no século XIX (1836- 1870) e o Modernismo (1922-1945). São, portanto, duas fases que representam momentos culminantes em relação à Literatura pois emetem de forma mais clara a presença da dialética do local e do cosmopolita. Isto significa dizer que nestes dois momentos tornam-se mais perceptíveis as relações entre a literatura produzida no país e os influxos externos.

Se o Romantismo consiste numa tentativa de estabelecer uma “literatura nacional”, ao mesmo tempo, afirma-se enquanto superação da influência portuguesa. Enquanto que o

Modernismo, a partir de 1922, representa uma forma de estabelecer uma literatura nacional que já desconhece a influência portuguesa

Embora estas duas fases sejam delineadas por Candido como momentos decisivos, o autor assinala uma divisão periódica entre as duas fases, que interessa à medida que seu período de duração coincide com o da *Revista Feminina*.

Em três etapas bem definidas, Antonio Candido divide a literatura brasileira no século XX.

A Literatura brasileira no século XX se divide naturalmente em três etapas: a primeira vai de 1900 a 1922, a segunda de 1922 a 1945 e a terceira começa em 1945. A primeira etapa, pertencente organicamente ao período que se poderia chamar Pós-romântico e vai, grosso modo, de 1880 a 1922, enquanto as duas outras integram um período novo, em que ainda vivemos. (CANDIDO, 2000, p. 104)

A fase que vai de 1900 a 1922, em comparação com a fase seguinte pode ser vista, de acordo com Candido, como *literatura de permanência*. O período é visto como mantenedor dos traços desenvolvidos depois do Romantismo. Candido vai além, chegando a afirmar que o período “dá quase a impressão de estagnar-se”. O crítico revela ainda que o período compõe-se de “uma literatura satisfeita, sem angústia formal, sem rebelião, sem abismos. Sua única mágoa é não parecer de toda europeia”.(p.104) .

De fato, a literatura do período mantém algumas das tendências já desenvolvidas anteriormente. Neste momento de redefinição em setores como política, economia, jornalismo dentre muitos outros, a literatura segue a mesma problemática proporcionadas por um período de transição.

Nelson Werneck Sodré, em sua *História da Literatura Brasileira* (2002, p. 536) traz um capítulo sobre as “Interpretações do Brasil” deste período e consegue traduzir a dinâmica da vida e obra do período em questão.

No ambiente intelectual perturbado pelas perplexidades e pelas falsidades da transplantação, em que se confrontavam, numa luta constante, o velho e o novo surgem, na fase que vai dos fins do século XIX ao encerramento da Primeira Guerra Mundial algumas das mais importantes interpretações do Brasil. É uma fase que se caracteriza precisamente pela curiosidade do país e pela vontade de apreciar e concluir das razões de seu desenvolvimento, por isso mesmo intensamente trabalhada pelo espírito crítico. Tal fermentação traduz, em suma, as alterações econômicas e sociais em processo cada vez mais acelerado no Brasil, o intenso trabalho ascensional de uma classe média que afirmava a sua fisionomia política, a acirrada luta da classe dominante para manter as posições que consolidara na longa vigência do regime colonial, ao mesmo tempo que começa a surgir a classe operária, particularmente no fim do período, quando a interrupção das correntes de comércio externo permite e ajuda o surto da indústria nacional de bens de consumo, fundamentada nas disponibilidades

provindas da acumulação proporcionada pela lavoura cafeeira e na ampliação do mercado interno.

Nas interpretações do Brasil, que então surgem, verifica-se facilmente o reflexo desse quadro de contrastes. A curiosidade pelo homem e pela terra traduz as contradições existentes. Os interpretes voltam-se para o Brasil munidos ainda de instrumentos de análise elaborados por uma cultura externa, que não assimilam e nem adaptam. (SODRÉ, 2002, p. 536-537).

Conforme explica Sodré, dentro do contexto de transformações ocorridos no início do século XX, surgem diversas interpretações, que emergem de um quadro de contrastes entre “o velho e o novo”.

Na historiografia literária diversos autores como Alfredo Bosi, Antonio Candido e Nelson Werneck Sodré costumam demonstrar que não há uma tendência literária predominante neste período, mas artistas e obras que se destacam dentro deste momento de busca pelo novo.

Assim, desse contexto de transição em que a literatura procura uma nova definição é que surgem alguns renomados periódicos literários do período. Muitos deles apontam nuances de uma literatura que se desenvolvia. Importante dizer, entretanto, que essa fase literária representa um momento de convívio de tendências e de seleção daquilo que se considerava ter maior qualidade. Essa seleção aparece claramente representada nos impressos da época, dentre os quais a *Revista Feminina*. Buscando definir-se entre a tradição e a modernidade, entre o antigo e o novo, a literatura que antecede a Semana de 22 é nela representada por seus contrastes.

Voltando à divisão literária de Candido, para melhor se compreender posteriormente essas questões, tem-se a apresentação da segunda etapa literária do século XX, no período que vai de 1922 a 1945. A historiografia literária costuma abordar este momento como um ápice no que concerne ao surgimento de novas idéias e um dos marcos cronológicos utilizados para expressar esta nova fase literária marcada pela Semana da Arte Moderna, que teria sido uma das manifestações concretas da expressão das idéias modernistas.

Assim, no que se refere aos estudos literários num momento de busca pela definição por uma nova corrente literária, a um movimento literário mais concreto. Dentro deste contexto – primeiro de redefinição e de busca por uma nova vertente literária, observada de 1900 a 1922 e depois de 1922 a 1945, a relação da produção nacional com a produção europeia é sempre muito próxima: ora se busca a negação das influências externas, ora se está intimamente ligado aos ideais do velho continente.

As análises da literatura brasileira que aparecem em obras de história da literatura como as de Alfredo Bosi, José Aderaldo Castello e ainda De Nelson Werneck Sodré mostram que a literatura brasileira tem sua trajetória marcada ora por influências externas, ora pela tentativa de consolidar características nacionais. Em outras palavras, a literatura brasileira é marcada em sua construção por momentos em que sua inspiração é proveniente de influxos externos que são incorporados à produção nacional.

Em sua obra *Literatura e Sociedade*, Antonio Candido estuda e define estes momentos em que o local e o estrangeiro dialogam, intitulado este processo como dialética entre o *localismo* e o *cosmopolitismo*. Estes termos aparecem em diversos ensaios e artigos do próprio autor e ainda em textos de autores e pesquisadores que nele se inspiram para definir a relação entre a produção nacional e os influxos e produções estrangeiras.

No ensaio *Literatura e Cultura de 1900 a 1945*, Candido discorre sobre os termos *localismo* e *cosmopolitismo* traçando limites entre o “local” e o “cosmopolita”,

Se fosse possível estabelecer uma lei de evolução da nossa vida espiritual, poderíamos talvez dizer que toda ela se rege pela dialética do localismo e do cosmopolitismo, manifestada pelos modos mais diversos. Ora a afirmação premeditada e por vezes violenta do nacionalismo literário, com veleidades de criar até uma língua diversa; ora o declarado conformismo, a imitação consciente dos padrões europeus (CANDIDO, 2000, p.101)

De acordo com o autor, a formação da literatura brasileira compõe-se de momentos de transição entre a valorização dos padrões nacionais - localismo - e dos europeus - *cosmopolitismo*.

Candido define, portanto, esta relação com o termo “dialética”, explicitando que o “local” e o “molde europeu” integram-se de forma progressiva na vida literária e espiritual brasileira.

Roberto Schwarz também exprime seu parecer sobre a relação de dependência do país em relação à Europa no âmbito ideológico e assinala que “o ritmo de nossa vida ideológica, no entanto, foi [...] determinado pela dependência do país: à distância acompanhava os passos da Europa” (SCHWARZ, 2000, p. 25). O autor discorre sobre a questão da adaptação das teorias ideológicas vigentes na Europa ao serem incorporadas no país independentemente de seu contexto. A abordagem de Schwarz revela uma opinião crítica em relação ao transplante de moldes europeus para a literatura nacional, pois contextualmente Brasil e Europa vivem momentos de evolução histórica e social diferentes. Assim, enquanto uma tendência faz sentido na Europa, por ter evoluído de maneira natural conforme o desenvolvimento

sociológico e ideológico, no país, a inspiração brasileira nos moldes europeus é apresentada como uma imitação, ou seja, momentos em que se copia o externo mesmo sabendo-se das diferenças evolutivas que existem entre um continente e outro.

Como discípulo de Candido, Schwarz acompanha o pensamento do crítico de que a recorrência aos ideários europeus está ligado a um sentimento de “inferioridade e vergonha nacional cujos motivos são outra dialética, a do progresso versus o passado, a do país novo, tropical e largamente mestiçado versus os velhos países de composição étnica estabilizada, com uma civilização elaborada em condições geográficas bastante diferentes” (CANDIDO, 2000, p.100).

Porém é inegável que a literatura brasileira atrela-se à européia em diversos momentos. Ao observar a formação da Literatura Brasileira, Antonio Candido explicita que desde suas raízes a literatura brasileira funde-se com a européia. Para o professor, até a independência o Brasil vive um momento particular da dialética por ele proposta pois é através da absorção do que vem de Portugal que aos poucos a vida espiritual brasileira adquire consciência de suas próprias características.

Pode-se mesmo dizer que a nossa rebeldia estereotipada contra o português, representando um recurso de autodefinição, recobria no fundo um fascínio e uma dependência. Todo o nosso século XIX, apesar da imitação francesa e inglesa, depende literariamente de Portugal, através de onde recebíamos não raro o exemplo e o tom da referida imitação. (CANDIDO, 2000, p. 103)

De acordo com o escritor, portanto, mesmo na tentativa de valorização no nacional, em que ocorre a “rebeldia” em relação ao português, o diálogo com o cosmopolita se mantém através da negação dos valores.

Pensando-se nos séculos XIX e XX, momento em que se busca literariamente a definição do nacional, conforme definem Candido e Alfredo Bosi, nota-se com clareza o diálogo entre o local e o europeu. De forma sutil ou explícita, alternando entre um e outro, a literatura mantém seus diálogos com o Velho Continente, principalmente em dois momentos, como elucida Candido: *durante o Romantismo no século XIX (1836- 1870)* e também *na permanência do Modernismo (1922-1945)*. Nestes dois momentos culmina a dialética entre o local e o cosmopolita: o primeiro tenta negar os valores portugueses; já o segundo concentra-se em superar as questões de *inferioridade* que constroem os particularistas e em torná-las *superioridades*.

Diante da definição proposta por Candido, em que as duas tendências - local e cosmopolita - são observadas na literatura brasileira, ora de maneira mais marcante, ora de forma mais sutil, pode-se atentar a uma fase – no âmbito cultural e literário- em que a relação entre o local e o europeu é notória. Trata-se do final do século XIX e principalmente início do século XX, no período em que se convencionou intitular *Belle Epoque*, uma referência ao movimento iniciado no continente europeu em torno de 1880. Como principais marcas, este momento histórico caracteriza-se pela tentativa de modernização e pela tendência de imitação não só da cultura francesa, mas da moda, da linguagem e até mesmo dos trejeitos franceses, como combate ao *rotineiro* e *arcaico*, numa ânsia pela *europeização* e pela *modernização*, conforme explica Elias Thomé Saliba,

Na perspectiva da vida privada, o advento da República viria proclamar, inicialmente, uma atitude de repúdio difuso à vida rotineira e aos arcaísmos, que seriam a própria negação do progresso, como forma de os indivíduos desamarrarem-se dos modos provincianos e das sociabilidades causadas pela sociedade escravista. Assim, uma atmosfera ansiosa por cosmopolitismo, gerada no Rio de Janeiro, autêntica capital cultural do Brasil na *Belle Epoque*, percorre o país, num desejo sôfrego da europeização e da modernização. (in: SEVCENKO, 2010, p. 292)

De acordo com a perspectiva de Saliba, a inspiração nos moldes franceses surge como tentativa de evolução, de modernização após a superação de um passado escravista. Assim a República aparece como um recomeço, uma possibilidade de progresso e a ânsia pelo “moderno” se reflete na busca pelo que se julga moderno, no caso os padrões europeus.

Toda a ligação cultural entre Brasil e Europa se intensifica no início do século XX.

A Semana da Arte Moderna (São Paulo, 1922) foi realmente o catalisador da nova literatura, coordenando, graças ao seu dinamismo e à ousadia de alguns protagonistas, as tendências mais vivas e capazes de renovação, na poesia, no ensaio, na música, nas artes plásticas. Integram o movimento alguns escritores intimistas como Manuel Bandeira, Guilherme de Almeida; outros mais conservadores como Ronald de Carvalho, Menotti Del Picchia, Cassiano Ricardo; e alguns novos que estrearam com livre e por vezes desbragada fantasia: Mário de Andrade, na poesia e na ficção; Sérgio Milliet, Sérgio Buarque de Holanda, prudente de Moraes Neto, no ensaio. (CANDIDO, p. 108)

O Modernismo é também visto pelo autor como a legitimação do pensamento brasileiro,

Parece que o Modernismo (tomado o conceito no sentido amplo de movimento das idéias, e não apenas das letras) corresponde à tendência mais autêntica da arte e do

pensamento brasileiro. Nele, e sobretudo na culminância em que todos os seus frutos amadureceram (1930-40), fundiram-se a libertação do academicismo, dos recalques históricos, do oficialismo literário; as tendências de educação política e reforma social; o ardor de conhecer o país. (CANDIDO, p. 114)

A *Revista Feminina* e todo o seu conteúdo estão inseridos nos anos de 1915 a 1936. Conforme, explicitou-se anteriormente, este é um momento em que os periódicos refletem a produção literária e a vida social em todo o país, pois ora fornecem informações literárias, ora incorporam em seu corpo de colaboradores autores renomados para potencializar sua difusão e venda. Desde o final do século XIX inúmeros e ilustres literatos contribuem com trabalhos e textos para jornais e revistas de grande relevância.

Na *Revista Feminina* podem ser encontrados vestígios da vida social de São Paulo e do Rio de Janeiro. A *Revista* reflete em vários âmbitos a transitoriedade do período do início do século e a relação tradição *versus* modernidade, na qual inclusive se insere a questão do local e do cosmopolita, à medida que se nota que o “local” corresponde à tradição e o “cosmopolita” à modernidade. Os anseios sociais são pelo novo, pelo que se convencionou idealizar como moderno, “civilizado”. A análise deste *corpus* com base nos dados históricos, sociais, culturais e literários permitiu a princípio que se questionasse qual o papel da *Revista* em meio a este contexto de transformações em todos os âmbitos, inclusive literário.

Portanto, da análise do periódico, isto é, da *Revista Feminina* em seu contexto e em sua relação com a historiografia literária pode-se identificar que a *Revista* traduz em suas páginas questões relacionadas à tradição e questões que demonstram uma modernidade, inclusive no que se refere a seus aspectos ideológicos. No âmbito literário, conforme pode-se notar na através de sua leitura, seu período de publicação, de 1914 a 1936, coincide, na literatura, com o período que se convencionou chamar Pré-modernismo e também com o período Modernista. Portanto, nota-se que no que concerne ao período de publicação, uma dualidade: o que antecede ao Modernismo, pode ser lido como “tradição”, pois representa o passado, e o que vem depois da Semana – o Modernismo – pode ser visto como o novo. Além disso, conforme mencionado no capítulo primeiro, as produções e a vida européia, no geral, eram vistas como novidade, como respiros do “moderno” que tanto se almejava. Os brasileiros viam-se portanto, como “inferiores” e desejavam aquilo que era novidade. Sendo assim, a dicotomia “brasileiro” e “europeu” pode ser vista como um jogo entre tradição e modernidade.

Todas estas questões podem ser observadas no *corpus* da *Revista Feminina*. Se na primeira metade do século XX inaugura-se uma época de transformações e tradições que convivem num mesmo espaço, pode-se dizer que o desejo da atualização, convive com um certo tradicionalismo no que se refere a comportamento, cultura e modo de pensar. Sendo portanto este um momento de avanços e, ao mesmo tempo, de conservadorismo na sociedade paulista como um todo, o embate entre o localismo e o cosmopolitismo, ou entre tradição e modernidade, pode ser notado não só na literatura, mas também na cultura, nas transformações da cidade.

A análise deste *corpus*, portanto, busca confirmar que o estilo da *Revista* fino e rebuscado, e seu conteúdo repleto de textos nacionais e estrangeiros, reflete um período de transformações e de busca por uma definição da literatura nacional, mas que sobretudo o convívio entre tradição e modernidade explicita-se não só nas questões ideológicas da *Revista*, como também na literatura por ela veiculada.

2.1. A *Revista Feminina*: apresentação

No ano de 1914, a família Salles, um núcleo tradicional da elite paulista, funda um pequeno periódico, *A Luta Moderna*. Jornal simples, com tiragens pequenas, aos poucos o periódico cai no gosto dos brasileiros e inicia um processo de construção de um público leitor e de instalação na imprensa brasileira. Através de pequenas notas no interior do jornal que instigam os leitores a realizarem uma assinatura anual da publicação, paulatinamente consolida-se na imprensa paulista. O sucesso entre a sociedade brasileira é tamanho que, em 1915, a família arrisca investir num projeto mais amplo, o de criar uma revista de melhor qualidade, bem estruturada, e, principalmente, preocupada com a instrução e a leitura da mulher brasileira. Este periódico receberia o nome de *Revista Feminina* (1915 -1936).

Tudo começa com a idéia de se escrever para a mulher uma leitura educativa e que ao mesmo tempo proporcionasse lazer. Estes eram os ideais de Dona Virgilina Salles, senhora que integrava uma família tradicional, que havia tido acesso à educação e que tinha o intuito de compartilhar com outras mulheres não só questões pedagógicas, mas também a literatura, a cultura, o lazer e ainda as novidades na moda – principalmente européias e americanas.

Dona Virgilina, que vive dentro do panorama exposto no capítulo primeiro, em que a São Paulo urbaniza-se e a sociedade vive momentos de idealização da cultura européia, mas também discute a sua nacionalidade; em que a mulher começa a interpretar novos papéis sociais e luta por

alguns direitos; vivencia e relata, através do jornalismo, não só os fatos mais importantes do início do século XX, mas dialoga, orienta, forma opinião e recebe o retorno de suas leitoras.

Tudo começa, portanto, a partir de um pequeno jornal, um *jornaleco*⁵, intitulado *A Luta Moderna*, criado em 1914, pela família Salles.

No ano de 1914, a família Salles, tradicional núcleo paulista, cria um jornal modesto, cujas principais características seriam o elevado número de anúncios de publicidade, atividade que naquele momento começa a se aperfeiçoar na imprensa, e sua publicação gratuita. Affonso de Freitas, pesquisador que cataloga uma série de periódicos de meados do século XIX às primeiras décadas do século XX, na obra *A Imprensa periódica em São Paulo*, assim comenta:

Jornal de distribuição gratuita e exclusivamente de propaganda comercial [...]. Em sua apresentação ao público declarava *A Luta Moderna* que, como todo jornal que se presa, teria seu programa, “*mas um programa simples, singelo: jornal de propaganda e de distribuição gratuita, seu fim seria propugnar pelos interesses comerciais e industriais anunciando seus produtos e levando nosso jornal a todos os recantos do Brasil com uma larga e profusa distribuição.*” (FREITAS, 1915, 789.)

Freitas relata ainda as dimensões deste periódico: *o primeiro número, ano primeiro, d’A Luta Moderna veio a lume a 1 de junho de 1914. Dimensões e formato: 38 x 55, com 4 páginas a 5 colunas.*

A pesquisadora Sonia de Amorim Mascaro em sua dissertação, intitulada *A Revista Feminina (1914-1930)*: imagens de mulher, traz algumas outras informações sobre o periódico, e consegue identificar a transição ocorrida de *A Luta Moderna* para *Revista Feminina*,

Foi em dezembro de 1914 que o periódico, ainda intitulado-se “*A Luta Moderna*” começa a trazer inovações, como a encadernação em formato de revista, capa alusiva ao mês de Natal, e vinte páginas nas dimensões de 19 x 27. No mês seguinte, o periódico passa a intitular-se “*Revista Feminina*”. (MASCARO, 1982, p.9)

É, portanto, em 1915, a partir de algumas transformações nas características do periódico *A Luta Moderna*, que surge a *Revista Feminina*.

Uma das principais transformações ocorridas nesta transição foi a passagem de periódico singelo e gratuito a revista de assinaturas. Se *a Luta Moderna* permanece na

⁵ Termo utilizado por Dona Avelina de Souza Haynes para designar o jornal *A Luta Moderna* (1914), que seria o sucessor da *Revista Feminina*.

imprensa por quase um ano, a *Revista Feminina*, através desta nova ferramenta, consegue fixar-se no meio jornalístico até 1936. Esta estratégia viria a ser um dos fatores determinantes para a popularização do periódico em território nacional.

Contando com *A Luta Moderna* são, portanto, 22 anos de duração, marcados pelo árduo trabalho da família Salles em consolidar o periódico dentre as principais publicações da época e pelo constante apelo em fazer com que cada vez mais leitoras consolidem suas assinaturas.

Importante destacar que a análise da *Revista* permite seja entendida, em seu todo, como uma publicação que tem três fases distintas: a primeira, comandada por Dona Virgilina; a segunda, depois de sua morte, marca-se pelo comando de João Salles, seu marido; e a terceira, por fim, surge através da colaboração de sua filha, Dona Avelina de Souza Salles.

Dona Virgilina de Souza Salles, de origem nobre, membro de uma família integrante da sociedade paulista, é quem cria a *Revista*, que seria destinada ao público feminino. Tendo como principais aliados o marido, João Salles, e o irmão, Cláudio de Souza, conduz o periódico até maio de 1918, quando, por razão de uma doença, ocorre o seu falecimento. Deste momento até o seu final, em 1936, assume a publicação sua filha, Dona Avelina de Souza Haynes, que ainda menina se responsabilizou pelas matérias que seriam destinadas às leitoras brasileiras. Portanto, a *Revista Feminina* conta, durante sua existência, com a direção de duas mulheres – mãe e filha- respectivamente Dona Virgilina e Dona Avelina.

Sônia de Amorim Mascaro, durante sua pesquisa de mestrado, consegue realizar uma entrevista com Dona Avelina, acrescentando dados bastante pertinentes para o estudo do periódico. Em um dos trechos do depoimento, a segunda diretora da *Revista*, revela dados sobre a criação e sobre os assuntos que se tornavam seus temas:

Ela [A Revista] nasceu em Mogi das Cruzes. Naquela ocasião, mamãe morava em Mogi das Cruzes, mas logo mudaram-se para São Paulo, e numa garagem de nossa residência, na Alameda Glete, ela foi tomando corpo, foi se difundindo, com um corpo de colaboradores do que havia de melhor aqui.

Depois teve seu escritório no centro, na Praça Antônio Prado, na rua 15 de novembro, e assim por diante.

Minha mãe dirigia a revista, que tinha um fundo muito moral, um princípio do qual não se podia fugir. Abrangia muitos assuntos relativos à mulher, tanto sua vida doméstica como o desenvolvimento de sua libertação, para o trabalho, para tudo.

Mamãe teve muita dificuldade para empenhar-se nesse trabalho, porque havia naquela ocasião, em 1914, muita aversão à mulher trabalhando fora do lar. Dentro da própria família a censura era muito grande, porque pertencendo a uma família de quatrocentões não admitiam que ela fizesse isso. Mas mamãe foi adiante.



Dona Virgilina de Souza Salles na Revista Feminina- agosto de 1916

Conforme revela Dona Avelina, a *Revista* surge em Mogi das Cruzes, cidade que se situa na região metropolitana de São Paulo, e depois de pouco tempo a família muda-se para a rua Alameda Gleite situada numa das áreas nobres da cidade, próxima à estação Júlio Prestes. De acordo com a diretora, o início da *Revista* foi difícil para sua mãe, exatamente porque, naquele período, a mulher ainda restringia-se ao ambiente doméstico ou à vida social relacionada aos saraus e salões, que o pensamento burguês determinava. Porém, mesmo com o preconceito e a censura, Avelina afirma que sua mãe quis prosseguir com o seu ideal de construir uma publicação feminina.

Quando Dona Virgilina morre, Avelina ainda é muito jovem, por isso quem mantém o periódico é o pai, João Salles. Quando Avelina retorna, tenta manter o projeto da mãe.

Eu comecei a trabalhar na Revista em 25, 26. Eu era muito novinha, tinha saído interna do colégio Sion. Minha mãe havia falecido em 18. Sua morte foi muito sentida. Eu tenho uma coleção de jornais de todo o país noticiando a morte de Virgilina Souza Salles. Ela era muito jovem, teve uma complicação de peritonite.

Meu pai continuou com a revista, e depois eu, ajudando ele até que me casei. Minha irmã também ajudou, porque eu tenho uma irmã mais moça. Meu pai não quis vender o nome da revista, quis continuar com nossos princípios, porque era um ideal de família.

De acordo com este outro trecho do depoimento de Dona Avelina, durante alguns anos após a morte de sua mãe, a *Revista* é comandada por seu pai, até que ela se forme no Colégio de Sion, colégio interno de prestígio na sociedade paulistana, e possa assumir o controle do periódico. É possível perceber também que a *Revista* era um periódico que resultava da contribuição de toda a família, desde o marido de Dona Virgilina até as filhas.

2.2. O programa da *Revista Feminina*

Se o programa de *A Luta Moderna* era singelo, o programa da *Revista Feminina* era mais audacioso, pois ao deixar de ser um periódico de apenas poucas páginas, recebe uma formatação encadernada, novo papel, novos ideais e novos colaboradores.

A pedido de grande número de leitores, que desejam colecionar o nosso periódico, digno realmente de ser guardado como depositário de variedades literárias e informações úteis absolutamente selecionadas, resolvemos dar à Luta Moderna o formato de revista, a fim de que se adapte melhor àquele fim. Por outro lado, como é cada vez mais crescente a aceitação que ela tem merecido em toda parte do Brasil [...] decidimos melhorá-la consideravelmente, tanto na parte

material como da redatorial, imprimindo-a em melhor papel e contratando novos colaboradores. (MASCARO, 1982, p. 10)

Levando, portanto, em consideração o gosto da leitora e sua vontade “coleccionar” os números do periódico, decide-se pelo aprimoramento de *A Luta Moderna*.

Apesar de portar novos ideais, tendo em vista a contratação de colaboradores, para melhorarem seu conteúdo, a nova revista traz ainda resquícios do periódico originário, como por exemplo a inscrição “A Luta Moderna” como subtítulo ou uma espécie de título complementar para o periódico, como pode ser visto na imagem que se segue.



Capa da *Revista Feminina* de abril de 1914 e o subtítulo “A Luta Moderna”

Apesar de notável desgaste na imagem a que se teve acesso, através de microfilme⁶, é possível visualizar o escrito logo no topo da página, logo após o título.

Porém, uma aparente continuidade em relação aos preceitos do periódico antecessor – *A Luta Moderna*, aos poucos se dissolve. Em dezembro de 1915, provavelmente até anteriormente, o subtítulo “A Luta Moderna” é suprimido da capa da *Revista Feminina*.



Capa da *Revista Feminina* de dezembro de 1915

⁶ Microfilme consultado no CEDAP - Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa, situado no campus da Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

Portanto, a partir de 1915 surge um novo periódico, com assuntos específicos que estão dentro de um único padrão e de um único programa e isso envolve ainda, um novo tipo de público leitor e novos colaboradores literários. Pode-se dizer que há uma nova essência, a de uma *empresa jornalística*⁷, formada por fundadores e organizadores, que preparam a *Revista* para um público específico, em questão, o público feminino, não só de São Paulo, mas de todo o país. Configura-se como meio de venda do periódico a forma contratual, ou melhor, popularizam-se as assinaturas, fator que cede à *Revista* um público fiel e leitor de suas notícias, formado pelas mulheres de todo o país.

Sendo assim, pode-se constatar que a *Revista Feminina* é um periódico renovado, que embora apresente alguns traços que remetam à *Luta Moderna*, como a menção na capa, ressaltada anteriormente, ambos diferem-se em outros aspectos, como o fato de o último ser gratuito, fato que não selecionava um público propriamente dito, enquanto que o primeiro travava uma relação estrita com a leitora brasileira, isto é, com a mulher que fazia parte da elite brasileira na época de sua publicação.

Diferentemente, portanto, de *A Luta Moderna*, tendo enfoque na mulher brasileira que começava a ter alguma liberdade diante da sociedade burguesa, a ideologia da *Revista Feminina* aparece assim descrita, no número de dezembro de 1918,

A nossa revista representa um gesto abnegado de altruísmo. Criá-mo-la pela necessidade premente de que se ressentia o nosso meio de uma leitura sã e moral e que, ao lado da parte recreativa e literária, colaborasse eficaz e diretamente na educação doméstica e na orientação do espírito feminino. Não tivemos, não temos e não teremos nenhuma pretensão descabida; nosso esforço é modesto e humilde; não pretende ensinar nem reformar; o que pretende é apenas colaborar, na medida de suas forças, para a educação feminina. (*Revista Feminina*, dezembro de 1918).

Conforme exposto no trecho, que resgata as palavras de Dona Virgilina quando do início da veiculação da *Revista Feminina*, o principal intuito da publicação é o de levar uma “leitura sã e moral” para a mulher brasileira, ou seja, colaborar para que a mulher de qualquer parte do país tenha acesso a uma leitura consciente e dentro dos preceitos dos “bons costumes” da época. Dona Virgilina, aliada a uma equipe de colaboradores formada por seus familiares e por literatos brasileiros, deseja difundir a *Revista* levando recreação e Literatura além de educação e orientação para a mulher leitora do periódico.

⁷ Termo utilizado pela pesquisadora Sonia de Amorim Mascaró.

Trata-se, pois, de um ideal que na realidade não é “modesto e humilde” conforme menciona Dona Virgilina. O cenário que cercava a publicação ainda era aquele que restringia em boa parte o comportamento feminino. Assim, organizar e difundir por todo o país uma revista voltada apenas para este público era, sobretudo, um ato de “altruísmo”.

Dentre os propósitos descritos por Dona Avelina em sua entrevista, e por Dona Virgilina em texto dentro da *Revista Feminina*, está a democratização ou difusão de uma leitura dentro dos preceitos morais e ao mesmo tempo educativa. Chamam a atenção os aspectos educacionais, tanto no que se refere aos artigos apresentados às leitoras, quanto na questão do voltar-se à uma mulher que ao mesmo tempo em que é mãe, também começa a se tornar uma profissional, muitas vezes da área da Educação.

A observação do periódico trouxe elementos que comprovam este intuito de Dona Virgilina, que procurava atender a uma leitora culta, que começava a transitar entre o ambiente doméstico e as novas escolas.

Assim, pode-se dizer que a leitora da *Revista Feminina* é uma mulher alfabetizada, que começara a ter a possibilidade de se instruir, dentro e fora do ambiente doméstico. A leitora da *Revista*, conforme pode-se observar é a mulher culta, mas que ao mesmo tempo, é o pilar da família, ou seja, é ela quem cuida do marido e dos filhos.

Sendo assim, dentre os assuntos que figuram no periódico, figuram desde temas como receitas, moda, casa, filhos e marido, a temas mais complexos, como o direito ao voto e questões políticas ligadas à questão da Guerra. Juntamente a esse conteúdo de variedades, aparece a literatura, que tem um espaço bastante amplo, aparecendo em muitas páginas, como forma de tornar acessível o conteúdo literário à mulher brasileira.

Dentre os anseios de Dona Virgilina através de sua revista, estava o sentimento de necessidade de ver uma publicação dedicada aos interesses da mulher, que lhes proporcionasse uma leitura bastante variada, composta por artigos “recreativos” - aqueles que lhes pudesse fazer se distrair e se divertir – e artigos literários, que lhes proporcionasse o contato com a Literatura. De acordo com o ponto de vista de D. Avelina,

Não havia uma revista para mulher, então minha mãe, incentivada também pelo irmão, Cláudio de Souza, membro da Academia Brasileira de Letras, e por meu pai, fundou a Revista Feminina...

No começo era um jornaleco, com o nome de *A Luta Moderna*; depois mudaram o nome para *Revista Feminina*. Acharam mais apropriado. Aí já tomou a forma de uma revista.

Ela [a *Revista*] nasceu em Mogi das Cruzes; naquela ocasião mamãe morava em Mogi das Cruzes, mas logo mudou-se para São Paulo, e numa garagem de nossa residência, na alameda Gleite, ela foi tomando corpo, foi se difundindo, com um corpo de

colaboradores do que havia de melhor aqui (Depoimento de D. Avelina de Souza Haynes, em 19 de março de 1989).

Importante notar no fragmento acima e no que o antecede que tanto em um quanto em outro se tem um leve panorama do periódico, que funciona como uma espécie de editorial. Os trechos, resgatam as pretensões que se tinha com o periódico, a princípio, a criação de uma revista “sã e moral”, com enfoque na “educação doméstica”. Estes dois segmentos extraídos da citação acima na realidade são os princípios que movem a publicação. A *Revista* tem seu enfoque no sexo feminino, como se pode notar já a partir de seu título – “Revista Feminina” – porém, sem “pretensão descabida”, ou seja, uma publicação “modesta e humilde”, voltada à “educação doméstica”. Em outras palavras, este periódico tem como intuito a informação e a educação da mulher, especialmente aquela que já havia tido algum contato e formação educacional e que passava a ser uma senhora dentro de um ambiente familiar.

À medida que se adentra numa leitura detalhada dos textos da *Revista*, o objetivo proposto pela diretora se confirma. Textos direcionados aos cuidados da casa e da família e leituras destinadas para crianças estão presentes em cada novo número. Colunas sobre como organizar a casa ou sobre como tratar doenças, além de moldes de costura estão presentes na *Revista*. Era a imprensa feminina dando seus primeiros passos em direção ao que depois veio a se consolidar como periódicos endereçados à mulher.

Todos esses hábitos compõem o cenário de criação do periódico e confirmam o comportamento da sociedade e da mulher dentro deste ensejo, como cuidadora da casa e ao mesmo tempo portadora da possibilidade de leitura e instrução. E muitos destes hábitos estão inseridos na publicação, pois seus idealizadores estavam imersos neste ambiente. Por isso, o conteúdo que se veicula na *Revista* apresenta pinceladas de modernidade, apesar de também prezar pela tradição.

Vale dizer que a criadora desse periódico vivia em condições sociais privilegiadas. Pode-se afirmar que a posição favorecida de D. Virgínia na sociedade paulista foi decisiva na difusão do periódico por todo o país. Em contrapartida, a leitora da *Revista* era a mulher instruída, não importando, portanto se era de uma classe social elevada. Porém pode-se dizer que entre esse público estavam tanto as mulheres que cuidavam do lar quanto aquelas que começavam a trabalhar e a ter uma nova postura na sociedade. Essa heterogeneidade no grupo das leitoras justifica a presença de textos ao mesmo tempo relacionados à uma postura doméstica, que abarcam esse universo em particular, mas também artigos com assuntos mais críticos, que trazem à tona a questão do voto, ainda um tabu naquele período.

Vale ressaltar, porém, que apesar de o intuito do periódico ser conquistar o público feminino no geral, apenas 20% das mulheres eram alfabetizadas. Disso portanto pode-se concluir que o alcance da *Revista* apesar de abrangente, com distribuição nacional, era ainda bastante restrito.

Para incentivar suas leitoras a continuarem fiéis à publicação, a *Revista* procura sempre manter eu público consciente de seu sucesso dentre os demais periódicos, seja demonstrando seu número de assinantes, em seção específica, seja através das menções a outros periódicos, em que o tema abordado é a *Revista*. Sempre disposta a fornecer à leitora um panorama da recepção do periódico na sociedade, muitas vezes a direção do periódico incorpora as citações e referências feitas pela crítica em suas páginas, para a apreciação das leitoras.

No número de outubro de 1918, um texto bastante longo (quase 6 páginas) traz para a leitora, muito além de um comentário de outra publicação sobre a *Revista Feminina*, mas a participação dos membros colaboradores no I Congresso Brasileiro de Jornalistas, cuja página inicial insere-se na seqüência.

A REVISTA FEMININA

N.º 10

I Congresso Brasileiro de Jornalistas

— A nossa Revista mereceu uma moção de applausos do I Congresso Brasileiro de Jornalistas, reunido no Rio de Janeiro. A Associação de Imprensa do Rio de Janeiro collocou o retrato de sua fundadora no salão de honra, na galeria dos grandes jornalistas brasileiros.

Reuniu-se no mez passado no Rio de Janeiro o I Congresso de Jornalistas Brasileiros, promovido pela Associação de Imprensa daquelle Capital, sob a presidencia do senador federal conde dr. Fernando Mendes de Almeida, director do *Jornal do Brasil*.

A nossa *Revista*, accedendo ao convite que lhe foi dirigido pelo brilhante jornalista João Mello, director da *Associação de Imprensa do Rio*, compareceu áquelle congresso no qual se reuniam jornalistas de todo o Brasil, apresentando uma memoria sobre a «Imprensa Feminina no Brasil», memoria que damos abaixo, e que foi approvada unanimemente, tendo o Congresso votado uma moção de applausos á nossa iniciativa. Foi incumbido de relatar a nossa memoria o dr. Cleantho Jiquiriçá, da *Noite e do Rio-Jornal*, cujo retrato honra hoje as nossas paginas. O dr. Cleantho Jiquiriçá é um formoso espirito, servido por uma vasta illustração. Seu parecer, que damos abaixo, é grato a todas as mulheres brasileiras. Espirito superior, emancipado dos preconceitos da rotina, avigorado no estudo da unica philosophia compativel com o genio de novo seculo, que é o que se enraiza no analyse da evolução natural da humanidade, o dr. Cleantho Jiquiriçá enfileira-se decididamente ao lado dos grandes pensadores mundiaes que se vêm batendo pela egualdade civil dos sexos. Seu feminismo, como o que sempre foi apregoado nestas columnas, não é o feminismo revolucionario e anarchico que pretende subverter as nações de ordem em que se equilibram as sociedades, «masculinizando» a mulher.

Elle pensa, como nós pensamos, que a mulher deve continuar a ser a dona affectiva de seu lar; reclama, apenas, para a heroica collaboradora do homem, um papel que não seja o de escravisação physica e psychica; reclama, apenas, que se lhe dê o direito de pensar e que lhe não negue o direito de concorrer mais directamente para o aperfeiçoamento social, fonte primeira como elle o é da moral.

E', pois, para nós motivo de justificado orgulho o seu parecer, que foi adoptado unanimemente pela 5.ª commissão do Congresso, composta dos seguintes jornalistas: Presidente, senador dr. João Lyra Tavares; secretario, dr. Alcibiades Delamare; relatores: José N. Daher, Augusto Sá, Luiz Guimarães Filho, dr. Sampaio Ferraz, Leopoldo T. Leite Filho, Mozart Monteiro, Thomé Reis, Paulo Pereira, Diniz Junior, Porto da Silveira, Armando Vidal, Cleantho Jiquiriçá, Paulo Hasslocher, Dionysio Silveira, Basílio de Magalhães, Casper Libero e João A. Pereira Rego.

Uma grande homenagem a Virgínia de Souza Salles

No dia 16 de setembro, ás 5 horas da tarde, os trabalhos do I Congresso Brasileiro de Jornalistas foram momentaneamente interrompidos para que se realizasse a solemnia da inauguração dos retratos de Alcindo Guanabara e de nossa saudosa fundadora, Virgínia de Souza Salles, na galeria de jornalistas notaveis do Brasil, installada no salão de honra da *Associação de Imprensa do Rio de Janeiro*.

Naquelle galeria figuram os retratos de Evaristo da Veiga, Ferreira de Araujo, Quintino Bocayuva (inaugurados ha tres annos, com um discurso de Alcindo Guanabara) Hippolito José da Costa (inaugurado ha dois annos, com um discurso de João Mello, actual presidente da Associação) e João Francisco Lisboa (inaugurado ha

um anno, com um discurso do senador conde de Fernando Mendes). Nella vemos, agora, figurar com grande justiça o retrato de Virgínia de Souza Salles que foi a maior jornalista feminina militante, não só do Brasil, como de toda a America do Sul.

O salão nobre da *Associação de Imprensa* encheu-se para aquella solemnia não somente dos jornalistas de todo o Brasil, como de muitos homens de letras e de admiradores dos homenageados.

Foi em primeiro lugar inaugurado o retrato de Alcindo Guanabara, o grande jornalista e politico, senador da Republica, cujo elogio foi feito em bello discurso pelo dr. Paussilippo da Fonseca.

Em seguida foi inaugurado o retrato de Virgínia de Souza Salles. Seu elogio foi feito em nome da *Associação de Imprensa* pelo dr. Cleantho Jiquiriçá, cujo discurso damos a seguir, tendo sido coroado por uma salva estrepitosa de palmas em que toda a sala vibrou dcante de sua eloquencia sobria e equilibrada de pensador.

Teve a palavra em seguida o nosso estimado collaborador dr. Arthur de Cerqueira Mendes, que nos penhorou com sua ida ao Rio por delegação de nossas redactoras e collaboradoras, e por um grupo de intellectuaes paulistas, para dizer de nossa saudade e de nossa admiração pela grande brasileira.

O dr. Arthur de Cerqueira Mendes revelou-se mais uma vez o eloquente e brilhante orador, ao qual a tribuna tantos louros tem proporcionado. Desde suas primeiras phrases empolgou o auditorio com sua palavra quente e musical servindo a idéas precisas e a imagens encantadoras. Sua oração—que a imprensa do Rio classificou com justiça de primorosa—foi de começo a fim entrecortada de applausos, e applausos sinceros, vibrantes e espontaneos de um auditorio que cinco minutos antes lhe era desconhecido. Suas ultimas palavras foram cobertas por uma salva prolongada de palmas, e todos os presentes, bem como a directoria da *Associação de Imprensa*, trouxeram-lhe felicitações univocas pela bella affirmação de seu espirito, que, em meio tão culto e de tantos oradores, valeu por uma assignalada victoria.

Nossos agradecimentos á Associação de Imprensa

Antes de fecharmos estas linhas e de passarmos a transcrever os discursos moção, seja-nos permitido exprimir publicamente o nosso agradecimento. Não somente aos dois oradores que fizeram o justo elogio das altas virtudes de nossa nunca esquecida fundadora—como, principalmente á *Associação de Imprensa do Rio de Janeiro*, que tomou a iniciativa daquellas homenagens.

Desde o momento em que entramos naquella casa de fraternidade e de affecto que se chama a *Associação de Imprensa do Rio de Janeiro*, comprehendemos que iam ali respirar uma atmosfera de carinhosa solidariedade a atmosfera placida e amavel de um lar maior que os outros lares, de uma familia mais numerosa que as outras familias.

E assim foi. A *Associação* tem hoje á sua frente uma directoria que se póde ufanar de, em praso relativamente curto, ter consolidado definitivamente aquella grande obra, fazendo dessapparecer pequenas dissensões, divergencias de ponto de vista profissionais e outros embaraços que em todas profissões se apresentam, e reunindo ao redor de sua mesa todos os jornalistas

O texto na verdade se compõe por uma parte introdutória em que se elata para as leitoras a participação da *Revista* no Congresso de Jornalistas no Rio de Janeiro(1918), e depois por uma transcrição dos discursos de moção referentes ao periódico no evento. Nessa solenidade, inaugura-se o retrato da jornalista Dona Virgilina de Souza Salles, no salão nobre da Associação da Imprensa, sob o discurso de Cleantho Jiquiriçá, jornalista de *A Notícia* e do *Rio-Jornal*.

De acordo com Jiquiriçá, que relata todos os acontecimentos deste dia às leitoras da publicação,

A *Revista Feminina* foi recebida naquela casa com as mais cativantes demonstrações de afeto. Vivemos ali algumas horas verdadeiramente entre irmãos, esquecidos de todos os dissabores de luta, gozando a grande paz, paz alegre e festiva, que deriva da aproximação de forças que pelo mesmo ideal se batem dispersos, e que, num momento dado, cessam o seu pelejar, para se revigorar num gesto de confirmação da solidariedade que os une sob a mesma bandeira. (*Revista Feminina*, outubro de 1918)

É interessante perceber que a participação do periódico feminino no I Congresso de Jornalistas representa a inserção da leitura voltada para as mulheres na imprensa. Importante perceber ainda que há um discurso voltado à questão da participação da mulher na imprensa. Jiquiriçá, na conclusão do artigo, escreve as seguintes palavras,

Assim, o Primeiro Congresso Brasileiro de Jornalistas recebe com carinho a colaboração da mulher na imprensa e faz votos pelo desenvolvimento da Imprensa Feminina no Brasil, para que essa imprensa vá muito além do que as simples seções femininas atuais, dos jornais, ou simples colaborações femininas, tendo como modelo, digno de imitação, a *Revista Feminina*, de São Paulo, a cuja fundadora ora rende e presta homenagens de que se tornou merecedora. (*Idem*).

Começava-se portanto, a criar uma imprensa voltada às necessidades de informação e leitura do universo feminino. Jiquiriçá testemunha um fato que ainda estava em seu início: a participação da mulher nos periódicos. Antes restrita a pequenas seções nos periódicos voltados aos interesses dos barões do café e novos burgueses, a participação feminina nos jornais e revistas era ínfima. Com a criação de revistas como a *Revista Feminina*, as leitoras ganharam um periódico específico, que tentava atender aos seus anseios.

2.3 Uma *Revista* e dois interesses: a empresa jornalística e a difusão da Literatura para a mulher

No século XX acentua-se o caráter empresarial da imprensa brasileira, isto é, os periódicos assumem uma nova postura e adentram numa nova etapa em que estão diretamente influenciados pela política de obtenção de lucro. Essa característica perpassa também a empresa jornalística da *Revista Feminina*. Por meio das propagandas e da venda dos exemplares, que foram publicados na *Revista*, constata-se na observação da *Revista Feminina* o predomínio de dois níveis de objetivo: num nível explícito, a *Revista* trazia um programa especial, de textos voltados à mulher e a sua cultura; um segundo nível, revela-a enquanto empresa jornalística nos moldes do desenvolvimento da imprensa. Se de um lado observa-se em toda a existência da *Revista Feminina* seu objetivo literário, de outro faz-se perceber, notoriamente, as influências capitalistas no modo de conceber uma publicação.

Para ilustrar o que se diz, parte-se deste lado financeiro que figura em todo o periódico. Como forma de manter a *revista* em circulação, aos moldes do que já se praticava no século XIX, a publicação aparecia plena de propagandas. Em suas páginas iniciais, ocupando geralmente de 2 a 3 páginas, uma série de propagandas compunha uma espécie de catálogo para a leitora da publicação. Algumas propagandas aparecem ocasionalmente também inseridas ao centro ou aos pés das páginas trazendo anúncios de produtos de beleza, medicamentos, além de novas fábricas de tecido e enxovais recém chegados da Europa.

As propagandas também compõem um almanaque no final da publicação, em mais duas ou três páginas, figurando dentre as principais a Mappin Stores, Chocolates Falchi e produtos da empresa Granada.

Porém, não eram somente as publicidades que favoreciam a difusão da *Revista*. Outras estratégias também auxiliavam sua adesão pelo público-leitor. Uma que mais se destaca é a questão das assinaturas.

Como se disse anteriormente, uma diferença entre a *Revista Feminina* e *A Luta Moderna* consistia no fato de a *Revista* estar estruturada sob a forma de assinatura anual enquanto a *Luta Moderna*, seu periódico originário, era vendido individualmente. Já em *A Luta Moderna* há um despertar pelo âmbito lucrativo da imprensa, pois atestam Sônia de Amorim Mascaro e Sandra Lúcia Lopes Lima que Dona Virgilina teria pacientemente recolhido nomes e endereços de personalidades e de senhoras brasileiras que pudessem se interessar em sua publicação e enviado-o gratuitamente a suas casas. Com esta amostra, os

idealizadores do periódico pretendiam e conseguiram alcançar um público grande, de todo o Brasil, que aos poucos se interessa pela assinatura da *Revista Feminina*. Após todo este retrocesso, chega-se portanto à *Revista*. Em que medida a empresa da *Revista Feminina* se fazia perceber em seu interior? Pois em todas os seus números a publicação inovava e fazia sua empresa vir à tona através da questão das assinaturas. Em cada novo número, um texto de mais ou menos uma página aparecia com solene apelo às leitoras para que renovassem a assinatura anual e para que auxiliassem na difusão do periódico e de suas assinaturas. Isso ocorre como forma de manter a publicação em circulação, mas também como medida de implementação dos lucros da Empresa Feminina Brasileira.

Portanto, ao lado de toda a preocupação com o conteúdo da *Revista* dedicado à leitura da mulher brasileira, havia também o interesse pelos retornos financeiros que sua publicação poderia conferir aos seus proprietários, além do prestígio social em possuir uma empresa jornalística de grande porte. Apesar de as demais estudiosas do periódico - Sandra Lúcia Lopes Lima e Sônia de Amorim Mascaro – além de Dona Avelina de Souza Salles dissertarem que a publicação tinha como preocupação a educação, a leitura e a difusão da Literatura para a mulher brasileira, não se pode deixar de observar que a *Revista* era uma fonte de recursos bastante lucrativa. Uma breve investigação no conjunto dos números da *Revista Feminina* permitiu a percepção do periódico como um negócio, gerido e formulado para atrair cada vez mais leitoras e proporcionar cada vez mais lucros para seus idealizadores. Portanto, muito além de escrever um periódico voltado para a mulher daquele período, existia uma indústria jornalística interessada em nos retornos financeiros que ela poderia proporcionar.

Os constantes apelos às leitoras para renovarem suas assinaturas e para difundirem a *Revista* para outras mulheres estão presentes em toda o período de publicação da *Revista* e alguns deles foram comentados por Sonia de Amorim Mascaro em sua dissertação .

Os textos de apelo são interessantes, pois, revelam-se espaço de interação entre a direção e a leitora, onde ficam explícitos os intuítos educacionais e também financeiros da equipe de direção. Este tipo de texto de apelo demonstra a proximidade entre o periódico e suas leitoras (proximidade também verificada em outros textos e seções como Jardim Fechado), o que revela uma característica de inovação, pois o periódico passa a ser um “entre – lugar”, ou seja, um lugar abstrato em que as leitoras podiam expressar suas opiniões e trocar informações.

REVISTA FEMININA

APPELLO ÀS NOSSAS LEITORAS

EM numeros anteriores, e já afastados, intercedemos o auxilio de nossas leitoras e de todas as senhoras brasileiras, para a nossa modesta iniciativa que representa um primeiro passo na necessaria cultura do espirito feminino brasileiro, dentro da san moral que tem constituído a belleza serena de nossa raça.

Ha quatro annos ininterruptamente, sem hesitações e com grandes sacrificios, temos procurado realizar nosso programma, que foi e é, fornecer uma leitura util, instructiva e amena, que possa circular livremente entre as senhoras e as moças, pelo escripto que preside á sua confecção. Obtivemos a collaboração dos mais festejados escriptores nacionaes, e entre elles, podemos citar os nomes de Coelho Netto, Olavo Bilac, Felinto de Almeida, Felix Pacheco, director do "Jornal do Commercio" do Rio, Magalhães de Azeredo, nosso ministro em Roma, todos da Academia Brasileira, Amadeu Amaral, Claudio de Souza, d. Presciliana de Almeida, dr. J. J. de Carvalho, Valdomiro Silveira, da Academia Paulista de Lettras, Julio Cesar da Silva, d. Francisca Julia, José Maria Machado, Arthur Cerqueira Mendes, João Luso, Anna Rita Malheiros, Chrysantheme, chronista d' "O Paiz", d. Julia Lopes de Almeida, René Thiollier, Laurita de Lacerda, Gomes dos Santos, e muitos e muitos outros escriptores, formando uma brilhante pleidade de talentos, de que poucas revistas nacionaes se podem ufanar.

Como temos realisado o nosso programma dizem-no as centenas de cartas que temos registrado na nossa secção *De todo o Brazil* e disseram-no ainda, em captivantes cartas que publicamos nas nossas columnas, S. Eminencia o Cardeal Arcoverde, e S. Exas. o Arcebispo de S. Paulo e o Bispo de Goyaz, aconselhando a disseminação de nossa Revista entre as familias brasileiras.

Tudo isto citamos não por vangloria, porque bem sabemos que ainda estamos apenas a meio caminho, mas simplesmente para assignalar o quanto nos vamos esforçando para bem cumprir a missão que nos impuzemos.

Alem de fornecermos uma leitura sane instructiva, temos procurado exaltar por todas as formas as qualidades da mulher brasileira, já installan-

do em nosso escriptorio uma exposição e venda de trabalhos femininos, sem nenhum lucro material para nós, já inaugurando cursos especiaes de trabalhos de agulha e prendas domesticas, que se acham em pleno funcionamento,

A nossa acção, que tem sido até hoje desinteressada, muitas vzes abnegada e sempre onerosa, merece, pois, inteiro auxilio das senhoras brasileiras.

E o auxilio que lhe pedimos depende de pouco esforço e está ao alcance de todas: — é apenas o da divulgação de nossa *Revista*, angariando-nos novas assignantes!... O preço da nossa assignatura, pela somma de vantagens que a *Revista* offerrece ás suas leitoras, é quasi insignificante. A nenhuma de nossas amigas será difficil obter-nos uma nova assignatura entre os seus conhecidos.

E com este pequeno auxilio, multiplicado pelas muitas senhoras que nos honram com sua estima, teriamos nossa existencia assegurada e poderiamos desenvolver por completo o nosso programma.

Pretendemos dentro em pouco inaugurar o systema das revistas femininas européas, enviando ás nossas assignantes, em cada numero, um trabalho já começado, com todo o material necessario para a sua execução. Para tal fim, porem, comprehende-se desde logo quão exiguo é o preço de \$4000 da assignatura annual, que deve ainda cobrir todas as despezas da *Revista*. Maior fosse, no emtanto, o numero de assignantes e sem nenhum augmento naquelle preço, poderiamos iniciar a distribuição de trabalhos, bem como, introduzir na nossa *Revista* melhoramentos que lhe são necessarios para que possa rivalisar com as publicações congeneres da Europa.

As nossas assignantes, pois, ao mesmo tempo que collaboram na nossa obra, enviando-nos novas assignantes, concorrem para seu proveito, com os melhoramentos de uma *Revista* de que são leitoras.

E' a primeira vez no Brasil que uma revista de senhoras, com o numero de paginas e de gravuras e com a collaboração que tem a nossa, consegue chegar ao seu 4.º anno de existencia, sem nenhuma interrupção. O mais difficil está feito. Ajudem-nos, agora, as nossas leitoras e poderemos completar uma obra que ficará honrando a cultura de nosso sexo.

A nossa bibliotheca

(Aos nossos escriptores e ás nossas leitoras)

E' nosso intuito augmentar cada vez mais a nossa bibliotheca, que já se compõe de mil e tantos volumes, enriquecendo-a com tudo quanto possa interessar ao espirito feminino. Ella tem estado aberta, gratuitamente, a todas nossas leitoras, grande numero das quaes se habituaram a vir passar algumas horas entre nossos livros.

Sem nenhuma fonte de renda especial, no emtanto, ella só se poderá completar-se com a collaboração de nossas boas amigas, ou pelo donativo generoso de alguma de nossas grandes damas, si umas e outras se interessarem pela organização da primeira *Bibliotheca Feminina*, na America.

Ahi esta um lindo sonho para as senhoras de elevado espirito, que dispõem, de grande fortuna e de renda superior ás suas necessidades: — serem as fundadoras da primeira *Bibliotheca Feminina*, da America!

Eduardo Prado, o nosso fino escriptor, legou sua bibliotheca ao publico. Seu nome perdurará através deste gesto. Muitos outros homens, entre nós e no estrangeiro, têm vinculado seus nomes a bibliothecas e centros de instrucção, verdadeiros correctivos sociaes, que occupam as horas vagas em leituras sans, orientando os espiritos para além das suggestões vis da materia.

As senhoras, infelizmente não dispõem de bibliothecas, pois nas bibliothecas publicas, sentem-se mal, embaraçadas mesmo, não sendo habitual que uma senhora só, frequente esses lugares.

A organização de uma bibliotheca só para senhoras, funcionando durante o dia e parte da noite (para aproveitar ás senhoras que vivem de empresas diurnas) traria beneficios que não é necessario descrever, tão evidentes desde logo se mostram.

E' um dos capitulos do nosso sonho!... E si ao demais estamos dando realização, nada nos esmorece em concluir mais este, sendo S. Pzulo o primeiro Estado da America que possuía uma bibliotheca feminina, si bem que pequena, como é a nossa.

E' uma semente... Que nos ajudem as nossas leitoras enviando-nos os livros que lhes não fizeram falta, que nos ajudem os nossos auctores, enviando-nos um exemplar de cada uma de suas obras, que venham em nosso auxilio as generosas senhoras que se preocupam com o cultivo intellectual do seu sexo, e a semente não dará a germinar e a florescer.

Lembrem-se de tudo o que tem feito a nossa *Revista* que surgiu, modestamente, ha quatro annos, em quatro folhas, apenas, de papel! E não descreiam da energia feminina quando posta seriamente ao serviço de uma causa.

B&B

Para melhor entender a questão dos apelos, apesar de a qualidade da imagem inserida estar aprazível, transcreve-se o texto na seqüência.

Em números anteriores, e já afastados, intercedemos o auxílio de nossas leitoras e de todas as senhoras brasileiras, para a nossa modesta iniciativa que representa um primeiro passo na necessária cultura do espírito feminino brasileiro, dentro de sã moral que tem constituído a beleza serena de nossa raça.

Há quatro anos ininterruptamente, sem hesitações e com grandes sacrifícios, temos procurado realizar nosso programa, que foi e é, fornecer uma leitura útil instrutiva e amena, que possa circular livremente entre as senhoras e as moças, pelo escrúpulo que preside à sua confecção. Obtivemos a colaboração dos mais festejados escritores nacionais e, entre eles, podemos citar os nomes de Coelho Neto, Olavo Bilac, Felinto de Almeida, Felix Pacheco, diretor do "Jornal do Comércio" do Rio, Magalhães de Azeredo, nosso ministro em Roma, todos da Academia brasileira, Amadeu Amaral, Cláudio de Souza, d. Presciliana de Almeida, Dr. J.J. de Carvalho, Valdomiro Silveira, da Academia paulista de Letras, Júlio César da Silva, d. Francisca Julia, José Maria Machado, Arthur Cerqueira Mendes, João Luso, Chrysantheme, cronista d'"O Paiz", Dona Júlia Lopes de Almeida, René Thiollier, Laurita Lacerda, Gomes dos Santos e muitos e muitos outros escritores, formando uma brilhante plêiade de talentos, de que poucas revistas nacionais se podem ufanar.

Como temos realizado o nosso programa dizem-no as centenas de cartas que temos registrado na nossa seção De todo o Brasil e disseram-no ainda, em cativantes cartas que publicamos nas nossas colunas, S. Eminência o Cardeal Arcoverde, e S. Exas. o Arcebispo d S. Paulo e o Bispo de Goiás, aconselhando a disseminação de nossa Revista entre as famílias brasileiras.

tudo isto citamos não por vangloria, porque bem sabemos que ainda estamos apenas a meio caminho, mas simplesmente para assinalar o quanto nos vamos esforçando para bem cumprir a missão que nos impusemos.

Além de fornecer uma leitura sã e instrutiva, temos procurado exaltar por todas as formas as qualidades da mulher brasileira, já instalando em nosso escritório uma exposição e venda de trabalhos femininos, sem nenhum lucro material para nós, já inaugurando cursos especiais de trabalhos de agulha e prendas domésticas, que se acham em pleno funcionamento.

a nossa ação que tem sido até hoje desinteressada, muitas vezes abnegada e sempre onerosa, merece, pois, inteiro auxílio das senhoras brasileiras.

E o auxílio que lhe pedimos depende de pouco esforço e está ao alcance de todas: - é apenas o da divulgação da revista, angariando-nos novas assinantes!... O preço da nova assinatura, pela soma de vantagens que a Revista oferece às suas leitoras, é quase insignificante. a nenhuma de nossas amigas será difícil obter-nos uma nova assinatura entre os seus conhecidos.

E com este pequeno auxílio, multiplicado pelas muitas senhoras que nos honram com sua estima, teríamos nossa existência assegurada e poderíamos desenvolver por completo o nosso programa.

Pretendemos dentro em pouco inaugurar o sistema das revistas femininas européias, enviando às nossas assinantes, em cada número, um trabalho já começado, com todo o material para a sua execução. [...]

As nossas assinantes, pois, ao mesmo tempo que colaboram na nossa obra, enviando-nos novas assinantes, concorrem para o seu proveito, com o melhoramento de uma Revista de que são leitoras.

É a primeira vez no Brasil que uma revista de senhoras, com o número de páginas e de gravuras e com a colaboração que tem a nossa, consegue chegar ao seu 4º ano de existência, sem nenhuma interrupção. O mais difícil está feito. Ajudem-nos agora, as nossas leitoras e poderemos completar uma obra que ficará honrando a cultura de nosso sexo. (*Revista Feminina*, setembro de 1917)

Conforme pode-se observar, o texto se inicia trazendo uma recuperação dos valores e dos ideais da *Revista*: “nossa modesta iniciativa que representa um primeiro passo na necessária cultura do espírito feminino brasileiro, dentro de sã moral que tem constituído a beleza serena de nossa raça”. Ou seja, inicia-se o texto com a recordação de que a *Revista* se mantém dentro dos padrões que foram criados para o seu desenvolvimento, que eram o de fornecer uma leitura dentro dos limites morais da época. Entenda-se por conduta dentro da moral aquilo que era socialmente aceito para o cumprimento das tarefas ligadas ao mundo feminino, como cuidar da casa, ser educada e culta, ou seja, atuar dentro dos limites de um papel tradicional. Em oposição ao tradicional, nesta época aparece o que se considera revolucionário que seria o comportamento das mulheres feministas. Portanto, durante todo o discurso que aparece na publicação, nota-se esta inserção dos termos “são”, “moral”, “leitura amena e instrutiva”, termos utilizados para caracterizar o periódico como uma leitura familiar, dentro dos bons costumes aceitos socialmente.

Na continuidade, o texto adentra o apelo mais propriamente dito, utilizando até mesmo uma linguagem que recorre ao drama para sustentar que a *Revista*, devido aos seus inúmeros esforços, mereça ter suas assinaturas renovadas e atingir a cada vez mais leitoras. Note-se no segundo parágrafo citado que a questão da leitura dentro do programa proposto e dentro dos padrões sociais aparece enfatizada: “temos procurado realizar nosso programa, que foi e é, fornecer uma leitura útil instrutiva e amena, que possa circular livremente entre as senhoras e as moças, pelo escrúpulo que preside à sua confecção”.

Todo o esforço na proposta do programa da *Revista* e a seriedade em sua confecção são argumentos utilizados para apelar às leitoras que divulguem o periódico. Há de se ressaltar, sobretudo, um outro artifício incorporado nesta espécie de carta às leitoras: a menção aos escritores que colaboram com a publicação. A sequência do texto traz a longa lista de colaboradores que atuam na *Revista* que aparecem não por acaso no apelo, mas para enfatizar a qualidade cultural do periódico, pois estes colaboradores “formam uma brilhante plêiade de talentos, de que poucas revistas nacionais se podem ufanar”.

Para melhor convencer as leitoras de que a *Revista* necessitava de sua colaboração na difusão do periódico, argumenta-se ainda que a sede da publicação abriga “uma exposição e

venda de trabalhos femininos”, além de “cursos especiais de trabalhos de agulha e prendas domésticas”.

Portanto, a assinante do periódico contava com muitas vantagens ao assiná-lo e ao recomendá-lo a suas amigas. Mas estes não eram os únicos argumentos utilizados para atrair mais leitoras.

Em outros números da *Revista*, são comuns artigos que revelam nas sedes do periódico bibliotecas compostas por livros de cultura e de variedades além de exposições de artesanato – alguns deles enviados pelas próprias leitoras.

Na mesma página anteriormente inserida, em que conta o texto de apelo da *Revista* pode-se observar também a presença do texto “A Nossa Biblioteca”. Como empresa jornalística a *Revista* não se restringia apenas ao periódico impresso e enviado às senhoras da elite brasileira. Muitas atividades paralelas eram efetuadas na sede da publicação. Conforme á mencionado, a presença de exposições era comum, mas além disso, criou-se para as assinantes um núcleo onde se podia ter contato com a cultura e a literatura. As instalações onde se produzia o periódico abrigavam uma biblioteca que em pouco mais de 4 anos, compunha-se por mais de mil livros, conforme pode-se observar no fragmento.

É nosso intuito aumentar cada vez mais a nossa biblioteca, que já se compõe de mil e tantos volumes, enriquecendo-a com tudo quanto possa interessar ao espírito feminino. Ela tem estado aberta, gratuitamente a todas as nossas leitoras, grande número das quais se habituaram a vir passar algumas horas entre nossos livros. (*Revista Feminina*, setembro de 1917)

A abertura de uma biblioteca voltada ao público feminino era um dos objetivos da direção da *Revista* que sabendo que lidava com as mulheres da elite, a ela recorria para a concretização deste ideal.

Sem nenhuma fonte de renda especial, no entanto, ela [a biblioteca] só se poderá completar-se com a colaboração de nossas boas amigas, ou pelo donativo generoso de alguma de nossas grandes damas, si umas e outras se interessarem pela organização da primeira Biblioteca Feminina, na América. Aí está um lindo sonho para as senhoras de elevado espírito, que dispõem de grande fortuna e de renda superior às suas necessidades: serem fundadoras da primeira biblioteca Feminina, da América!⁸ (*Revista Feminina*, setembro de 1917)

Ao observar este último fragmento, nota-se que a *Revista* apesar de declarar possuir ideais modestos, trazia sonhos na realidade bastante audaciosos ao se pensar no panorama da

⁸ Grifos nossos.

mulher brasileira do período em questão – primeiras décadas do século XX. Afinal, compor uma biblioteca voltada especificamente a este público demandaria tempo e dinheiro, fato que decide-se resolver através do compartilhamento deste ideal com as leitoras, convidando-as a unirem-se neste objetivo e auxiliarem-no a concretizá-lo.

O contato da direção da *Revista* com suas leitoras faz-se por muitos canais dentro do periódico. Uma seção bastante constante é “Expediente”, cujo conteúdo faz menção ao valor da assinatura anual ou a premiações que suas assinantes poderiam receber caso indicassem novas consumidoras para o periódico.

EXPEDIENTE

A todas as pessoas que tomarem uma assignatura da REVISTA FEMININA remetteremos como presente O Adaluis elegante livrinho de receitas de cosinha e doces ou um fascículo do „Cyrano de Bergerac” de Edmund Rostand.

Toda Sra. que nos arranjar 10 assignaturas terá uma assignatura gratis alem do Adaluis, e a que nos enviar 2 assignaturas terá direito ao sorteio de um enxoval de noiva, um mobiliario ou um conto de reis em dinheiro.

Avisamos as senhoras assignantes cujas assignaturas terminam neste mez, que devem mandar reformal-as quanto antes evltando assim que seja suspensa a remessa da REVISTA.

Toda a correspondencia destinada a REVISTA FEMININA deve ser dirigida á Da. Virgilina de Souza Salles, directora da Empresa Feminina Brasileira, Alameda Glette, 87, São Paulo.

A seção “Expediente” – *Revista Feminina* janeiro de 1916

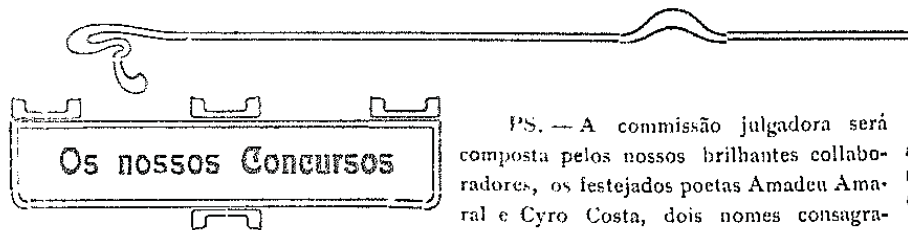
Conforme se pode perceber, um prêmio tipicamente feminino, emblemático no que concerne à mulher como figura que gerencia a família, cuidando de todos os afazeres da casa, é destinado à leitora: um livro de receitas. Este livro reunia as receitas já publicadas pela *Revista* e também as que eram enviadas para a redação pelas leitoras. Atente-se também para a segunda opção: um fascículo de *Cyrano de Bergerac*, obra de origem francesa, cultura que estava tão em voga no início do século. Dentre as duas opções, *Cyrano de Bergerac* não traz uma característica de ser um romance destinado às mulheres, mas esta faz essa referência à cultura francesa, que tomou conta dos ideários brasileiros no início do século.

Voltando ao trecho, note-se que para receber o prêmio, bastava simplesmente assinar a *Revista*. Mas havia outras formas de ganhar prêmios: quem indicasse dez assinantes ganharia

uma assinatura anual, enquanto quem indicasse duas, participaria do sorteio de um enxoval de noiva, um mobiliário ou um conto de réis em dinheiro.

Era portanto, bastante comum ver este tipo de anúncio na publicação, como forma de fidelizar suas assinantes e manter o público da *Revista* sempre interessado.

Concursos também faziam parte dos números. Alguns dos mais notórios são relativos à criação de histórias para crianças, aos trabalhos de artesanato ou de poesias. Sobretudo destaca-se um concurso literário ocorrido em novembro de 1916, cujo prêmio seria uma assinatura gratuita à leitora que enviasse a melhor tradução para alguns versos em francês.



PS. — A comissão julgadora será composta pelos nossos brilhantes colaboradores, os festejados poetas Amadeu Amaral e Cyro Costa, dois nomes consagrados em nossas letras.

XV. CONCURSO — Offerecemos uma assignatura annual, gratuita, de nossa REVISTA, como premio, aquella de nossas leitoras que nos enviar a melhor tradução, em verso, dos versos seguintes :

LE ROI ET LE BERGER.

*Un roi, recontrañt un berger,
S'avisava de l'interroger :*

*Ça, combien gagnes-tu ? -- Mais autant que vous, Sire,
Autant ? reprit, et non sans rire,
Le souverain ; fais-moi ton compte -- Il est tout clair :*

*Que m'importent les grosses sommes ?
Je condu s des moutons, vous conduisez des hommes,
Et nous gagnons tous deux le ciel -- ou bien l'enfer.*

J. M. Villefranche.

Os concursos literários da Revista Feminina – novembro de 1916

Pode-se notar que o concurso era voltado à leitora que conhecia a língua francesa, ou seja, àquelas que tinham conquistado uma boa base de estudo nas escolas renomadas da época e que conheciam bem o idioma. Interessante perceber que como comissão julgadora das traduções a *Revista* contava com Amadeu Amaral – poeta, filólogo e ensaísta brasileiro - e Cyro Costa, ambos descritos como “dois nomes consagrados em nossas letras”.

Toda a preocupação do periódico em propagar uma Literatura de boa qualidade, se tornava notória em procedimentos como este, de proporcionar às leitoras processos criativos

relacionados à produção de textos literário ou mesmo de traduzir peças sob o julgamento de famosos literatos.

Mas outros concursos de natureza menos relacionada ao lado culto da língua também se faziam notar, mas a maioria deles prezava pela cultura ou entretenimento das leitoras.

Além das vendas de assinaturas - e das propagandas, a *Revista* comercializava outros produtos. Anúncios de cosméticos e de medicamentos são constantemente inseridos entre um texto e outro. Alguns cosméticos e livros eram vendidos pela *Revista* devendo ser requeridos à redação. De acordo com alguns textos do periódico, a venda de produtos através da redação dava-se como forma de auxiliar seu alcance às áreas mais distantes das capitais e dessa forma oferecer às mulheres a possibilidade de estarem em contato com as novidades que eram produzidas nos grandes centros. Essa característica pode ser observada em todos os anos da publicação.

oooooooooooooooooooooooooooooooo

Nos toucadores elegantes

Entre os productos que devem figurar no toucador de uma mulher elegante recommendamos muito especialmente o crême *Dermina*, ultima palavra, em materia de crême para amaciar a pelle e para curar *infallivelmente* todas as erupções de pelle, as espinhas, os cravos, as manchas vermelhas do nariz e mesmo o eczema, e todas as erupções. ————— Só em premios a *Revista Feminina* já distribuiu mais de seiscentos potes de *Dermina* e chegam-nos diariamente attestados entusiasticos de sua efficacia. —Podemos enviar ás nossas leitoras, por 3\$500 um pote. Os pedidos deverão vir acompanhados da respectiva importancia, accrescida de 500 réis para porte do Correio. Praça Antonio Prado (Palacete Briccola)

ADALIS

O mais elegante livro sobre cozinha até hoje publicado.

Contém grande copia de receitas de cozinha, doces, licores, etc. todas experimentadas e muito praticas.

Elegante livrinho util a toda a dona de casa e de grande proveito para as moças.

Preço 1\$000 Réis

Remettei essa importancia em sellos do correio com o vosso endereço á *Empresa Feminina Brasileira* Praça Antonio Prado (Palacete Briccola) — S. Paulo e immediatamente receberéis o "Adalys" pela volta do correio.

A publicidade: livros e produtos na *Revista Feminina* – setembro de 1917

Dermina, creme de beleza, e *Adalius*, livro de receitas, são alguns dos produtos que mais aparecem durante todo o período em que a *Revista* é publicada.

Perceba-se, portanto, que ao lado da cultura e da literatura, inegavelmente inseridas e difundidas em todos os números do periódico, há sempre um lado comercial, ligado à publicidade, relacionado à face “empresarial” da *Revista*.

Portanto, pode-se concluir que esta dinâmica da publicidade e do comércio revela traços de modernidade da publicação, pois esta característica só começa a ser incorporada pelas jornais e revistas quando há seu aperfeiçoamento e direcionamento para o lado empresarial no século XX.

2.4 Revista Feminina: uma leitura para a família

Apesar de o próprio nome da revista de que se tem tratado – *Revista Feminina* - delinear um público leitor formado apenas por mulheres, há casos em que se percebe mesmo que indiretamente uma relação também com os demais membros da família dessa leitora.

Ao ler as páginas da *Revista* facilmente encontram-se muitos indícios de que ela se direcionava principalmente à mulher, mas pode-se afirmar indubitavelmente que um de seus objetivos era abranger a toda a família.

Ao lado de textos explicativos sobre moda, beleza, artigos e seções de literatura brasileira e estrangeira, a *Revista* preocupava-se em informar a mulher sobre diversos assuntos, preparando-a para se comportar com uma boa dona de casa e ainda uma boa mãe. Assim, apesar de o periódico não passar pelas mãos dos maridos ou dos filhos, seu conteúdo apontava para que a mulher compartilhasse ou aplicasse seus conhecimentos dentro do lar, principalmente realizando leituras para seus filhos.

Dentro do periódico notam-se inúmeros textos de caráter tradicional que remetem ao universo doméstico. Em contrapartida, a *Revista Feminina* trabalha com textos de Literatura, procurando equilibrar assuntos que envolviam a prática caseira e a parte instrutiva ou educacional.

Fazendo uma análise do perfil do periódico, e procurando evidenciar a questão da relação entre a *Revista Feminina* e a família, pode-se destacar a constante presença de textos que se referem aos maridos das leitoras. As seções “Como agradar meu marido” ou “Menu de meu marido” carregam um conteúdo pontual, com orientações de como uma mulher pode

manter seu casamento ou então aprender a cozinhar melhor. Estes textos marcam a posição social e até hierárquica das mulheres na segunda década do século XX. São recorrentes, ainda, histórias de tom moralizante cujo conteúdo geralmente é composto por pequenas histórias de enredo melancólico que teriam como função auxiliar as jovens casadas nos dilemas da rotina matrimonial.

Apenas para ilustrar a questão, um artigo que mostra a relação entre a *Revista* e sua leitora, e, mais especificamente, a relação entre maridos e esposas é “Como a esposa consegue atrair a atenção do marido” cujo conteúdo revela que a *Revista* selecionava seus textos para uma leitora jovem, que iniciava seu convívio matrimonial.

A base fundamental do casamento e da felicidade conjugal é a simpatia. Sem simpatia, o casamento deixa de ser a precisa e inquebrantável união do homem e da mulher para juntos atravessarem as dificuldades da vida. Sem ela não pode existir felicidade conjugal. Infelizmente, nem todos os casamentos se realizam por simpatia entre os conjuges. Muitos casamentos se fazem tendo em mira o dinheiro. São os chamados casamentos por conveniência e que apesar do nome, em muita pequena conta têm todas as conveniências os esposos. [...]
A missão da mulher no casamento é na verdade mais importante do que a do homem, no que diz respeito à transformação dos sentimentos afetivos dos esposos.[...]
Uma apresentação esmerada, um lindo penteado, um vestuário irrepreensivelmente elegante, embora simples, tem sempre o condão de encantar e agradar(...). (*Revista Feminina*, janeiro de 1918)

Observar esse tipo de texto exige um cuidado para que não se corra o risco de ser anacrônico. Porém ao se tratar da *Revista*, cujos artificios estavam presentes em muitas etapas, há de se observar que muitos objetivos não eram ingênuos. O texto acima exposto ainda se concentra na fase de liderança de Dona Virgínia de Souza Salles, o que permite associar a *Revista* a um ponto de vista bastante tradicional. Uma leitura descuidada poderia inferir que este texto possui uma intenção de ironizar o casamento. Porém, o exame cauteloso do texto em questão permite que seu significado seja o que ele expõe, apesar de em outros textos da publicação serem notáveis os ares “maliciosos” e o tom de crítica.

Em algumas seções da *Revista*, a literatura e a informação ficavam de lado, para que a mulher obtivesse informações sobre o lar.

Como enfeitar minha casa

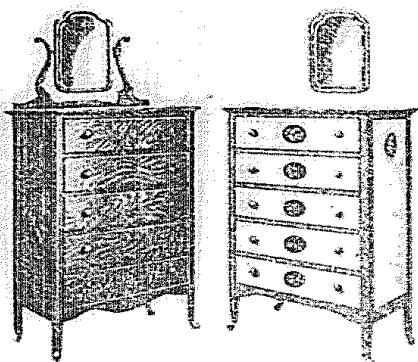


Figura 1

A nossa figura 1 representa um movel, já muitas vezes pintado e que tem um aspecto velho. Com uma solução forte de borax e com agua quente addiccionada de potassa, tira-se todo o verniz velho. Depois de bem limpa a superficie da madeira passa-se sobre ella uma lixa fina. Passam-se em seguida duas camadas de esmalte branco, deixando seccar a primeira, para passar a segunda e—à vontade— uma terceira camada de enamel, faz-se um pequeno motivo de pyrogravatura ao centro das gavetas e com tão pequeno trabalho teremos um movel novo e elegante.

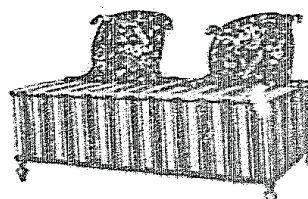


Figura 2

Com um caixão commum e com um pouco de panno podes fazer um lindo divan, que servirá ao mesmo tempo, para guardar qualquer coisa. Adaptam-se ao caixão quatro pés que se compram feitos em qualquer marcenaria. Cobre-se a tampa com algodão em rama e em seguida reveste-se todo o caixão com uma fazenda propria para moveis ou com um cretone discreto. Duas almofadas mais e está terminado vosso lindo e economico divan-armario que se vê na nossa figura 2.

As nossas gravuras representam, a de n. 3, uma má disposição de quadros e a de n. 4, a disposição correcta dos mesmos quadros.

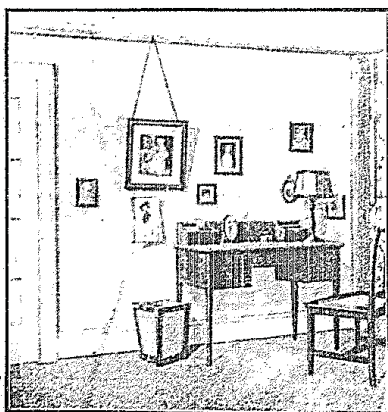


Figura 3

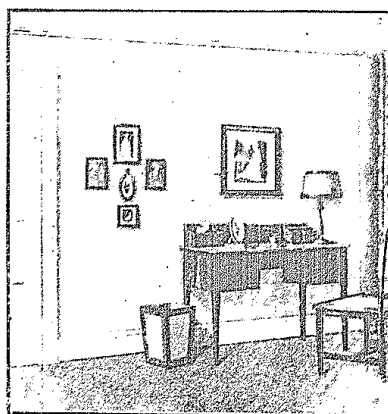
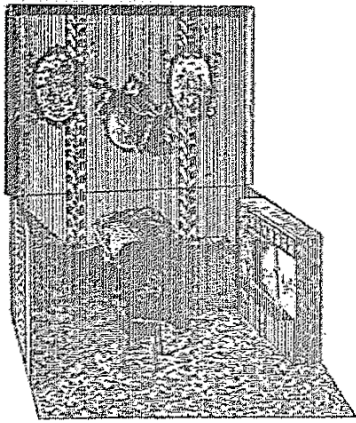


Figura 4

A seção "Como enfeitar a minha casa"

A família também era alvo de muitas das seções do periódico. As crianças e os filhos constantemente apareciam em seções sobre saúde, moda e comportamento. Alguns textos traziam o passo-a-passo para se confeccionar roupas de tricô para crianças ou como criar brinquedos caseiros.

Para os nossos filhinhos



as casas. A parte alta pode ser forrada com um papel diferente, ou ainda, com uma sedinha leve. Os dois quadros que decoram a parede, são duas gravuras que se encontram facilmente em qualquer revista ou jornal e que são colladas ao muro. Temos assim a nossa sala atapetada, com as suas paredes luxuosamente forradas a seda e lindamente decoradas. Falta-nos apenas o mobiliario. Com alguns pedaços de papelão, ajustados peça a peça, por meio de fios de arame, atravez de pequenos buracos, faremos com facilidade uma cadeira, um sofá, uma mesinha de centro. As cadeiras e o sofá podem ser forrados a seda e decorados com pequenas franjas. Com um retalho de seda faz-se uma almofadinha para o centro da sala. Um ou dois vasos de papelão, com uma palmeirinha, completarão a nossa sala, economica, coquette e interessante que fará as delicias dos nossos filhinhos.

Seção “Para os nossos filhinhos – Revista Feminina

A literatura também aparece neste contexto, trazendo histórias, contos, fábulas e peças teatrais que estavam na moda no momento. Exemplo clássico disso são as fábulas de Monteiro Lobato inseridas no exemplar de dezembro de 1921. São, ao todo, treze fábulas do autor somente neste número da *Revista*. Nota-se, através da leitura dos números a preocupação em manter um contato do periódico não só com as mulheres, mas, indiretamente com a família. Dessa forma, muitos contos e peças teatrais eram inseridos na *Revista* para que as mães os pudessem ler para seus filhos.

REVISTA FEMININA

FABULAS EM PROSA

MONTEIRO LOBATO

As fabulas constituem um alimento espiritual correspondente ao leite na primeira infancia. Por intermedio dellas a moral, que não é outra coisa mais que a propria sabedoria da vida accumulada na consciencia da humanidade, penetra na alma infante, conduzida pela loquacidade inventiva da imaginação. Esta boa fada mobiliza a natureza, faz falar aos animaes, ás arvores, ás aguas e tece com esses elementos perennias tragedias donde resurte a "moralidade"; isto é, a lição da vida.

O maravilhoso é o assucar que disfarça o medicamento amargo e torna agradável a sua ingestão. O autor desta serie que começamos a publicar nada mais fez senão dar forma sua ás velhas fabulas que Esopo, LaFontaine e outros crearam. Algumas são tomadas do nosso "folk-lore" e todas trazem em mira contribuir para a criação da fabula brasileira, pondo nellas a nossa natureza e os nossos animaes sempre que é isso possível.

A CIGARRA E A FORMIGA

Houve uma joven cigarra, de côres rebrilhan-tes, que tinha por costume chinar ao pé dum formigueiro. Só parava quando cansadinha; e, então,

seu divertimento era observar as formigas operosas, na eterna faina de abastecer as tulhas de Formigopolis.

Mas o bom tempo, afinal, passou, e vieram as chuvas finas de Janeiro. Os animaes todos, arrepiados, cochilavam nas tôcas, á espera de que cessasse o horrivel chuveisueiro.

A pobre cigarra, sem abrigo em seu galhinho secco, deliberou socorrer-se de alguém.

Manquitolando, com a asa a arrastar, dirigiu-se a Formigopolis. Bateu.

Surgiu uma formiga friorenta embrulhada em fichú de paina.

— Que quer você? pergunta ella, examinando a triste mendiga, suja de lama e a tossir, a tossir.

— Venho em busca de agasalho. A garôa não cessa e eu...

A formiga olhou-a d'alto a baixo, franziu a testa e disse:

— E que fazia você durante o bom tempo que não construiu a sua casa?

A pobre cigarra, treme-tremendo, respondeu, depois de um accesso de tosse:

— Eu cantava, bem sabe...

— Ahn!... exclamou a formiga, recordando-se. Era você, então, quem cantava, nessa arvore secca, enquanto nós corriamos para abastecer as tulhas?

— Isso mesmo, era eu...

— Pois entre, amiguinha! Nunca poderemos esquecer as boas horas que sua cantoria nos proporcionou. Aquelle chiado nos divertia e nos aliviava o trabalho. Diziamos sempre: Que felicidade ter como vizinha a uma tão gentil cantora! Entrz, pois amiga, que aqui tem cama e mesa enquanto o mau tempo durar.

A cigarra entrou, sarou da tosse e voltou a ser a alegre cantarina dos dias de sol quente e ceo azul. E durante toda a temporada chuvosa encheu o formigueiro de alegria com a vibração das suas musicaschiantes.

Mais tarde, quando o sol reapareceu e a cigarra partiu, confessaram as formiguinhas, saudosas, nunca terem passado uma estação de aguas mais divertida que aquella...

Já houve, entretanto, uma formiga má que não soube comprehender a cigarra e friamente a repelliu de sua porta.

Foi isso na Europa, em pleno inverno, quando a neve recobria o mundo com o seu cruel manto de gelo.



Seções ou artigos para os maridos também apareciam na publicação. No número de janeiro de 1918 um texto sem assinatura intitulado “O que os homens precisam saber” aparece dentro do periódico, destinado aos maridos das leitoras. Diferentemente dos demais textos cujos enredos geralmente versam sobre assuntos do universo feminino – moda, beleza, comportamento, educação, entre outros - este artigo reflete sobre o trabalho e as diferenças entre o trabalhador nos Estados Unidos e no Brasil. Nota-se, durante o texto uma idealização do modo como os americanos trabalham – pontualidade, locais adequados, dentre outros. Fala-se, ainda, no artigo, sobre a escolha dos empregados. Percebe-se que o autor é um proprietário de uma oficina que quer compartilhar o que sabe sobre manter uma empresa.

Preocupa-me a seleção dos homens. Não me basta que eles sejam honrados. se o são, melhor. O que eu exijo deles é que conheçam a sua tarefa, que sejam senhores de seus misteres, que sejam homens de ação. Prefiro os homens de ação rápida aos que se escravizam a minúcias.

Estou em contato constante com todos os negócios de minha oficina. Diariamente exijo informações, por escrito, aos chefes dos diversos departamentos, sem desprezar, já se vê, as consultas verbais e os conselhos. (*Revista Feminina*, janeiro de 1918).

O texto destaca-se dos demais que em sua maioria são escritos para as leitoras da *Revista*, porque apresenta reflexões destinadas aos homens. Aparentemente, o texto não se destinava às leitoras, mas aos maridos, ou então às leitoras que posteriormente poderiam comentar sobre o texto com seus companheiros.

A presença de textos voltados para as crianças e para os maridos das leitoras demonstra que a *Revista Feminina* ocupava-se não só com a leitura da mulher, mas também com a família.

Perceptível, pois é o fato de que poucos tratam de assuntos como política ou economia, por exemplo. Diferentemente dos periódicos comuns, cujo público não é delineadamente feminino, como é o caso da *Revista*, em suas páginas raramente figuravam temas como a economia ou a política. Seções sobre o direito ao voto, traziam como reflexão o próprio tema, sem se estender ao tema da política, mas discutindo a questão da inclusão social. Já a economia aparecia em seções sobre a economia doméstica, e não partia para aprofundamentos. Como a luta feminina por seus direitos aparecia ainda de forma velada, pode-se dizer que a presença de artigos que dessem às mulheres algum acesso à troca de informações sobre temas que a elas interessassem propiciava grandes avanços.

REVISTA FEMININA

O que os homens precisam saber

(Observações e conceitos que devem interessar a todos os brasileiros, seja qual for a sua profissão ou posição social)

Entremos numa officina norte-americana. Não indagaremos de saber as variedades de artigos que ella produz. Porque todas as officinas daquelle immenso e maravilhoso paiz, seja qual for a sua producção, funcionam da mesma fórma e obedecem á mesma disciplina.

A officina americana não é um carcere, que tolhe, entre as suas quatro paredes, a liberdade dos seus detentos; não é um quartel, que impõe a sua disciplina com mão de ferro: é, antes, um collegio, onde, ao cabo de estudos constantes e reiterados, se adquire um aprendizado util e fecundo. Esse aprendizado é o da prosperidade, e, portanto, da vida, na acceção ampla e verdadeira do vocabulo.

O edificio onde funciona a officina, é largo, comodo, arejado, ventilado, cheio de luz. Nelle se emprega tudo o que a sciencia e a hygiene crearam e inventaram para garantir a saúde do homem. Cada departamento, em directa connexão com todo o organismo directivo, gosa, não obstante, de uma absoluta autonomia, sendo cada chefe, responsavel, perante o director geral, pela tarefa que lhe foi imposta. E nenhum destes chefes nem os seus subordinados poderão tomar attribuições que não lhes correspondam.

Com a mais rigorosa pontualidade, todos os dias, a certa hora, os empregados, sem excepção, estão á sua mesa de tarefa. O exemplo da pontualidade vem do chefe. O trabalho não espera o operario. O operario é que aguarda a hora para começá-lo. A velha expressão «o tempo é dinheiro» é mais exacta em Nova-York que em Londres.

A officina está em movimento. Os operarios já vieram do seu almoço. Cada operario marca o seu respectivo cartão no relógio da entrada, e no cartão fica assignada, de maneira indelevel, a hora, o minuto e o segundo exacto do ingresso. Todo atrazo, minuto por minuto, é implacavelmente descontado no ordenado da semana. Na America do Norte os operarios, em geral, recebem os seus ordenados semanalmente.

Mas, antes de nos occuparmos do operario, façamos uma ligeira vizita ao director da Empresa, cujo nome e circumstancias pouco nos importam. O que nos importa é saber como elle trabalha e o que pensa da sua officina. Esse director—digamol-o francamente—não é um homem de mentalidade excepcional, é igual a todos os outros. Como elle, ha mil ou mais no paiz. A sua mentalidade se bitola pela craveira commum de todos os directores.

Ouçamol-o:

— Nenhum magico impulso — diz elle — levantou os meus negocios. O segredo do meu exito em todas as tentativas que emprehendi, reside no meu methodo. E' um methodo simples e directo. E' por elle que vou guiando a minha actividade. As complexidades soem crear obstaculos e resultam, porisso, inefficazes: para a boa marcha de um negocio não se requer mais que determinação e senso commum.

O mais essencial, para mim, é a conservação da minha saúde. Ella constitue um dos meus esforços. Faz parte, portanto, dos meus negocios. Necessito, imprescindivelmente, de saúde, como necessario de uma mesa e de uma cadeira para trabalhar. Por este motivo, nunca me occorre dizer que não tenho tempo para nada, porque, para me divertir, depois de ter trabalhado, nunca me falta tempo. Disponho do tempo de que preciso. Os exercicios physicos, preferivelmente quando são executados no ar livre, renovam as minhas energias e tornam menos penosos meus esforços. Jogar o tennis, o bilhar, remar, nadar, fazer esgrima, fazer uma hora de box, não são recreios superfluos, como não o são, tambem, os recreios intellectuaes, a musica, o theatro, a poesia e o romance. Para mim é tão necessario divertir-me como tomar banho. E' preciso, antes de tudo, conservar a machina physica bem brilhante, bem lubrificada, bem preparada sempre.

O equilibrio entre o trabalho e o recreio é coisa que se impõe. Trabalhar sómente, entorpece, embota, annulla a vontade e enfraquece as energias. A abstenção do recreio e a morte das faculdades creadoras da imaginação. Eu espero mais do trabalho do homem que entusiasticamente equilibra o seu labor com as suas honestas diversões, que do homem que passa quinze ou dezeseis horas diarias, manietado ao trabalho como um calceta.

Cultivo o meu caracter. Sofreio os impetos do meu instincto. Mantenho o meu humor com egualdade, em todas as horas. Não tenho impacencias, ansiedades, iras, medo, inveja ou ciumes. Todos estes sentimentos provocam emoções inúteis e têm a propriedade de fazer perder as energias. Estas emoções encurtam a mocidade, sacrificam a saúde, adeantam a velhice e a morte.

Não é necessario que o individuo venha ao mundo dotado de um temperamento tranquillo, sereno e docil. Todo homem póde, com o auxilio da vontade e do esforço, educar o seu temperamento, por mais violento e impulsivo que elle seja.

Preoccupa-me a selecção dos homens. Não me basta saber que elles são honrados. Se o são, melhor. O que eu exijo delles é que conheçam a sua tarefa, que sejam senhores dos seus misteres, que sejam homens de acção. Prefiro os homens de acção rapida aos que se escravizam a minucias.

Estou em contacto constante com todos os negocios da minha officina. Diariamente exijo informações, por escripto, aos chefes dos diversos departamentos, sem desprezar, já se vê, as consultas verbaes e os conselhos.

Sigo o criterio de collocar os meus empregados sob responsabilidade do seu chefe, fazendo cada chefe responsavel pelo que se passa em seu departamento. Que cada um saiba o que póde produzir. Não preciso sómente de obediencias passivas.

Estimulo a todos ao trabalho. Procuo ser amigo de todos. Procuo, a cada passo, insinuar-me na amizade e sympathia dos meus empregados. Quero, tam-

2. 5 A Cultura e a educação: dois pilares da *Revista Feminina*

Dois dos pontos-chaves que perpassam e traduzem a essência da *Revista Feminina* são as questões da cultura e da educação. A leitura dos números a que se teve acesso demonstra que há, desde o seu princípio, uma preocupação com estas duas questões, procurando-se sempre manter o periódico um propagador não só de notícias cotidianas, mas também de um conteúdo que enriquecesse o repertório intelectual de seus leitores⁹.

[A Revista] é uma leitura que se impõe, no lar, não só pelo escrúpulo e cuidado com que formamos nossas páginas literárias e recreativas, como pelas inúmeras seções de utilidade doméstica e de educação, que vamos mantendo. Nenhuma outra publicação existe entre nós que possa com maior confiança circular entre as senhoras e senhoritas; nenhuma outra existe que mais útil que seja à formação do espírito feminino, dentro das normas de educação moderna, que sem abandonar o que de bom havia na educação de nossas antigas donas de casa [...] (Revista feminina, dezembro de 1916)¹⁰

Constata-se, através do fragmento acima, que ao lado de seções de utilidades domésticas, literárias e recreativas, havia uma preocupação com a educação, não só das senhoras que liam a *Revista* mas também das crianças. Note-se que a educação difundida na *Revista Feminina* era a “educação moderna”, mas que não abandona o que havia de bom na “educação de nossas antigas donas de casa”. Perceba-se, portanto, que apesar de se procurar deixar a mulher mais “moderna” há ainda um molde baseado nas tradições que se procura sustentar.

Ao analisar os textos sobre educação, notou-se que estão em grande parte baseados na idéia de manter a questão familiar como tema. Geralmente há uma tendência em se manter a mulher no papel de mãe, dedicada a conduzir a carreira e o estudo dos filhos.

Precisamente não se pode demarcar o ponto em se deva educar físico, intelectual e moralmente as crianças. A princípio, quando ainda elas absolutamente não têm noção de coisa alguma, pelo estado dos sentidos nada ainda desenvolvidos, parece que a educação somente se impõe quanto ao físico, num interesse natural de conservação da espécie. Entretanto, a par do desenvolvimento material das crianças, as suas faculdades vão aparecendo segundo já o modo de vida que se lhes dá.[...]

Ser mãe não é ter o filho, mas é criá-lo. E criar é educar. (Revista Feminina, outubro de 1917)

⁹ Considerando-se a presença de textos destinados aos maridos, como “O que todo homem deve saber”, que poderia ser lido pelo público do sexo masculino, e ainda de contos infantis, cujo alvo poderia ser a criança, infere-se que a *Revista Feminina* tinha como intuito não só as mulheres, mas a família como um todo.

¹⁰ Grifos nossos.

Perceba-se, portanto, que facilitar o processo de educação das crianças era um dos objetivos da *Revista*.

Quando se observam os 21 anos de publicação pode-se perceber uma evolução do periódico no sentido de aumento de ilustrações, de tiragens, de avanços no *merchandising*. Se, aos poucos, os anúncios ganham espaço, as seções têm seu espaço reduzido. Apesar dessa mudança, as discussões sobre educação e cultura não são suprimidas, mas continuam sendo mote da *Revista*

A educação feminina, portanto, aparece atrelada à Literatura. Na realidade, buscava-se através da veiculação de textos literários tornar a mulher culta, conhecedora de uma Literatura não só nacional, mas mundial. Notam-se ainda textos de conhecimentos gerais, normalmente, geralmente apoiados numa linguagem elevada e formal, o que demonstra cuidado com as leitoras.

Dentro desse universo relacionado à educação e ao acesso das mulheres à leitura e a textos de qualidade, é válido lembrar que a *Revista Feminina* atuava ativamente à favor de uma boa formação para suas leitoras também fora das páginas do periódico.

Durante seus anos de vigor na imprensa brasileira, utilizando-se do periódico como canal direto que relacionava direção e leitoras, fundam-se na sede do periódico bibliotecas.

Nessas sedes, salas de exposição de cultura e de artesanato foram criadas para trazer à leitora a possibilidade de entrar em contato com as obras literárias e não-literárias, ampliando sua intimidade com a leitura.

A relação da *Revista Feminina* com a Literatura era estreita em vários sentidos. Sobre esta questão, chama a atenção o fato de a *Revista* ter organizado bibliotecas, isto é, conjunto de livros especialmente selecionados para as leitoras. Além de inserir poemas, contos, biografias e textos e seções de crítica literária, a *Revista* preparava coleções para serem compradas por suas leitoras.

Anualmente, reuniam-se em volumes com capas especiais os números publicados. A leitora do periódico poderia adquirir e organizar uma coleção de todos os números da *Revista Feminina*.



Os volumes encadernados da *Revista Feminina* – agosto de 1917

Além disso, a redação da *Revista* enviava às leitoras de todo o país volumes de livros produzidos em São Paulo, funcionando como uma distribuidora de obras e, portanto, uma difusora das letras. Seu papel de incentivadora da leitura levou-a à confecção de “bibliotecas”, ou seja, coleções, prontas para serem adquiridos as leitoras da *Revista Feminina*. Em maio de 1923, em texto intitulado “As nossas iniciativas de utilidade prática: as bibliotecas da *Revista Feminina*”, colocam-se à disposição das leitoras estas coleções.

Damos hoje, às nossas leitoras e assinantes mais uma agradável e interessante notícia.

No desejo de facilitar a todas as nossas assinantes a aquisição de bons livros, de livros instrutivos, morais e interessantes, que, absolutamente não devem faltar nas estantes de uma senhora que preze e cultive as letras, resolvemos a organização de bibliotecas especiais de obras ricamente encadernadas, que pela arte que contém e pela elevação moral de seus conceitos são universalmente conhecidas.

Assim, tendo em vista os interesses de nossas leitoras e assinantes, já organizamos e temos à venda a primeira dessas bibliotecas, a que demos o nome de "Biblioteca Azul".[...]

Com a criação de nossa "Biblioteca Azul" não visamos vantagens pecuniárias, queremos apenas facultar às nossas queridas leitoras uma interessante e ótima leitura, um ornamento digno de uma sala elegante, e o aperfeiçoamento do gosto pelo livro este nosso melhor e mais fiel amigo.[...]

Estas nossas bibliotecas, especialmente organizadas para senhoras, moças e meninas, representam, como se vê, uma iniciativa louvável, pela primeira vez tentada em nosso país. (*Revista Feminina*, maio de 1923)

Interessante, portanto, perceber os avanços propiciados pelo desenvolvimento da imprensa no século XX. A criação de uma revista dedicada ao gosto literário feminino levou, ainda, à possibilidade de difusão das obras produzidas por todo o país. O caso das “bibliotecas” criadas pela *Revista Feminina* revela que o periódico inovou ao dedicar suas seções a esse público, mas inovou sobretudo porque por preocupar-se com a educação, dedicou-se em compor conjuntos de obras em sua redação que poderiam ser enviados e entregues às leitoras de qualquer parte do país.

Na imagem a seguir é possível conhecer alguns dos livros que estavam disponíveis na redação da *Revista Feminina*. Dentre as obras de maior destaque, sobressaem “Dor de Amar”, que posteriormente é publicado folhetinescamente na *Revista* e “a Jangada”, de autoria do irmão de Virgilina de Souza Salles, Cláudio de Souza.

Sobre a questão das “bibliotecas” e das “Coleções”, Teresinha Del Fiorentino ressalta: “quanto à produção do livro em São Paulo, há que se chamar a atenção para o lançamento daquilo que hoje denominamos “coleções” e que nessa época não eram desprezadas pela elite literária [...] (p. 14, 1982). De acordo com a autora, as coleções eram anunciadas em tom de exclusividade,

Os anúncios persistiam durante todo o ano, sempre procurando alertar o público leitor quanto à qualidade da obra, ao seu conteúdo e às vantajosas condições de compra. A fim de melhor impressionar, os editores publicavam opiniões sobre a obra emitidas por destacados elementos da intelectualidade brasileira, além de sempre insistirem que a edição logo se esgotaria”. (p. 15).

Assim como especifica a autora em relação às coleções de livros publicados por jornais como *O Estado de São Paulo*, a *Revista Feminina* trazia para suas leitoras esta mesma oportunidade: a de comprar livros e lançamentos de sua própria “biblioteca”, apresentando descrições e resumos dos exemplares ofertados, conforme é possível observar na imagem a seguir.

As nossas iniciativas de utilidade pratica

AS BIBLIOTHECAS DA "REVISTA FEMININA"

DAMOS hoje, ás nossas queridas leitoras e assignantes mais uma agradável e interessante noticia.

No desejo de facilitar a todas as nossas assignantes a aquisição de bons livros, de livros instructivos, moraes e interessantes, que, absolutamente, não devem faltar nas estantes de uma senhora que prese e cultive as letras, resolvemos a organização de bibliothecas especiaes de obras ricamente encadernadas, que pela arte que contem e pela elevação moral de seus conceitos são universalmente conhecidas.

Assim, tendo em vista os interesses de nossas leitoras e assignantes, já organizamos e temos á venda a primeira dessas bibliothecas, a que demos o nome de "Bibliotheca Azul".

Compõe-se ella das seguintes notaveis obras:

— "Escrava ou rainha" — lindo romance, que alcançou grande successo pela sua concepção altamente moral, e pela forma em que foi vasado.

Um grosso volume nitidamente impresso.

— "Dôr de Amar", — interessante romance da vida actual. Narrativa de amor e sentimento, verdadeiramente comovedora. Um volume de impressão magnifica.

— "Nova Seiva" — um dos melhores e mais bellos livros de contos para creanças, instructivos e escriptos numa linguagem fluente.

Edição luxuosa, propria para presentes e premios.

— "Esposa do Sol" — romance de Gastão Leroux, obra esplendidamente traduzida, de alto valor moral. Um bellissimo volume.

— "A Jangada" — linda comedia de Claudio de Souza.

— "As Sensitivas" — outra esplendida comedia do mesmo autor.

— "Aventuras de uma Abelha" — livro admiravel de Waldemar Boureh que alcançou na Alemanha para mais de 400 edições, é uma obra didactica e moral de extraordinario valor. Um volume ricamente encadernado.

— "A Filha do Director do Circo" — Uma das obras mais conhecidas e estimadas da baroneza von Brakel, um grosso volume de mais de 800 paginas, esplendidamente encadernado, proprio para presentes.

— "O lar" — bellissimo romance de Paulo Keller, nome conhecidissimo em sua patria — a Alemanha.

A traducção portugueza é esplendida. Um volume de luxuosa encadernação.

— "A Casa Assombrada" notavel trabalho do jesuita P. Francisco Finn que obteve um grande successo de livraria.

E' um lindo e rico volume encadernado.

— "Josephina" — esplendido romance de Franz von Seeburg; muitissimo bem traduzido, e de interesse empolgante.

Um artistico volume encadernado luxuosamente.

— "Némesis" — romance onde se estuda, com

propriedade e segurança de processos, os deslumbramentos de Monte Carlo, este celebre *casino* onde tantos dramas se tem desenrolado. Lindo volume encadernado.

— "Um Ramilhete á Virgem", "Adaluis", "O Terror do Rei" e finalmente um Quarto Livro de leitura adoptado em numerosas escolas do Brazil.

No intuito de facilitarmos ás nossas leitoras a aquisição desta esplendida collecção, eis as vantagens que offerecemos

1.º — A importancia de 70\$000 que é o custo da "Bibliotheca Azul" nos será paga, 20\$000 no acto da compra e os restantes 50\$000 em prestações de 10\$000 mensaes.

2.º — A toda a pessoa que prefira pagar toda a importancia de uma só vez, faremos o desconto de 10% sobre o total da importancia.

Como se vê, as vantagens que offerecemos ás nossas leitoras e amigas são innumerables. Terão direito a ellas, apenas as nossas assignantes, ou aquellas pessoas que ao fazerem o seu pedido, tomem a assignatura da nossa revista por um anno.

Com a criação de nossa "Bibliotheca Azul" não visamos vantagens pecuniarias, queremos apenas facultar ás nossas queridas leitoras uma interessante e optima leitura, um ornamento digno de uma sala elegante, e o aperfeiçoamento do gosto pelo livro este nosso melhor e mais fiel amigo.

Desde já recebemos pedidos de encomenda da "Bibliotheca Azul". A toda a pessoa que nos remetter a primeira prestação de 20\$000 enviaremos, immediatamente, todos os livros de que se compõe a "Bibliotheca Azul", perfeiramente acondicionados de forma a chegarem ao seu destino em perfeito estado de conservação.

Toda a importancia que nos fór dirigida, para este fim, deve ser enviada, em carta registrada com valor declarado, vale postal, ou cheque, para a "redacção da Revista Feminina, - Rua Conselheiro Christiano n.º 1 - São Paulo.

Os pedidos desta bibliotheca devem vir acompanhados da importancia de 20\$000, e de uma carta onde o signatario declare accetar as condições acima descriptas e a responsabilidade dos respectivos pagamento mensaes de 10\$000.

Caso no momento em que recebermos o pedido nos falte algum livro substituil-o-emos por outro de igual valor e interesse.

Em breve, vamos organizar a segunda destas nossas bibliothecas que intitulos de "Bibliotheca Cór de Rosa".

Estas nossas bibliothecas, especialmente organisadas para senhoras, moças e meninas, representam, como se vê, uma iniciativa louvavel, pela primeira vez tentada em nosso paiz.

Tambem por isso mesmo estamos certas de que gratas nos ficarão as nossas queridas leitoras e amigas, por quem não medimos esforços e sacrificios.

2.6 *Revista Feminina*: uma revista “de mulheres para mulheres¹¹”?

Esta questão, que surgiu logo no início da presente investigação, pode ser respondida de duas maneiras. A primeira delas, é a de que a *Revista*, de acordo com seus ideais, trazia um conteúdo voltado às leitoras e era dirigida por uma mulher, o que de certa forma responderia a esta questão de forma positiva. Porém, alguns aspectos permitem que uma resposta negativa também seja válida.

Como dito anteriormente, a *Revista* contou desde seu princípio com a colaboração dos membros da família. João Salles, marido de Dona Virgilina, apóia e cria a *Revista Feminina* junto de sua mulher, e é ele quem assume a direção do periódico, por alguns anos depois de sua morte. Sendo assim, já, neste momento, há uma inserção da figura masculina na direção da revista. De acordo com um trecho de artigo, assinado por Joaquim Feijó, presente neste periódico em dezembro de 1914 e inserido na dissertação de Mascaro, a participação de João Salles no início de *a Luta Moderna* é de extrema relevância.

As edições não chegavam para as encomendas, não havendo mão a medir com as assinaturas e os anúncios que choviam de toda parte. E para corresponder a extraordinária simpatia do público pela *A Luta Moderna*, [o Salles] resolvera dar-lhe outro formato, de mais fácil e cômodo manuseio, e melhorar simultaneamente a parte redacional. E explicou-me por miúdo o seu projeto de, dentro em pouco, transformar a revista em uma colossal empresa, com instalação própria, linotipos, máquinas Marinoni, atelier de fotografia e oficinas de gravura. (MASCARO, p. 1982, p.10)¹².

Como se pode perceber no fragmento, o “Salles” era quem na verdade administrava a publicação. No auge do periódico *A Luta Moderna*, em que os diretores do periódico notam um grande interesse dos leitores por sua assinatura, é ele quem comenta com Joaquim Feijó sobre a necessidade de transformar o periódico em uma revista aprimorada, que acompanharia o progresso tecnológico da imprensa da época.

Portanto, desde *A Luta Moderna*, a participação de homens em sua construção já era notada. Porém, quando a *Revista* se consolida sob o título *Revista Feminina*, a figura de João Salles desaparece e em sua capa, editorial e menções à direção surge sempre a imagem de Dona Virgilina. Provavelmente este recurso surge como estratégia para alavancar as vendas do periódico, pois, com a imagem de uma mulher em sua direção, o conteúdo do periódico ganharia mais credibilidade diante das leitoras.

¹¹ A citação refere-se à mesma expressão utilizada por Dona Avelina em entrevista, em que afirma que o periódico visava ser um veículo de feito por mulheres para mulheres.

¹² Sonia de Amorim Mascaro provavelmente teve acesso a uma coleção mais completa da *Revista Feminina*, na qual constavam os números de *Luta Moderna*.

Dar maior destaque à participação de uma mulher na realização do periódico, nos parece um recurso de vendas, uma argumentação para a promoção da *Revista*. Exaltava-se a figura de d. Virgilina, enquanto que não se dava maior destaque ao Sr. Salles. Tudo indicava que a implantação do periódico foi tão importante quando o de D. Virgilina, visto que, após seu falecimento em maio de 1918, o Sr. Salles continua a dirigir o periódico com êxito. (MASCARO, p. 45)

No texto de Mascaró predomina a idéia de que *A Luta Moderna* reflete os ideais de João Salles e que a partir da transformação de *A Luta Moderna* em *Revista Feminina*, sua figura é colocada em segundo plano e a de Virgilina começa a ser exaltada.

Além de João Salles, há que se considerar também uma outra figura de grande prestígio na sociedade e que mantinha grandes laços com os literatos da época _ Cláudio de Souza¹³. O médico e teatrólogo, que alcança inclusive posto na Academia Brasileira de Letras em 1924, é irmão de Dona Virgilina e, mais que um colaborador do periódico, Cláudio era o escritor por trás dos artigos que abriam o periódico.



Fonte: Academia Brasileira de Letras
Cláudio de Souza- médico e teatrólogo

¹³ De acordo com informações fornecidas pela Academia Brasileira de Letras, “Cláudio de Souza (1876-1954) foi o terceiro ocupante da Cadeira 29, eleito em 28 de outubro de 1924, na sucessão de Vicente de Carvalho e recebido pelo Acadêmico Alfredo Pujol. Era filho do escrivão, Cláudio Justiniano de Sousa e de Antônia Barbosa de Sousa, e casado com Luísa Leite de Sousa, filha dos barões de Socorro. Em 1897, forma-se em medicina, no Rio de Janeiro. Colabora desde cedo na imprensa carioca, em *O Correio da Tarde* e *A Cidade do Rio*. Diplomado, muda-se para São Paulo, onde instala um consultório médico, mas continua colaborando na imprensa paulistana. Foi ainda professor de Terapêutica na Escola de Farmácia de São Paulo, hoje integrada à USP. Em 1909, juntamente com um grupo de intelectuais, foi um dos fundadores da Academia Paulista de Letras. Na imprensa, escreveu também sob os pseudônimos Mário Pardal e Ana Rita Malheiros”. Fonte: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=408&sid=283>

O periódico, que teoricamente seria escrito apenas por mulheres, portanto, contava já com pelo menos duas figuras masculinas em sua base, fato que permite que se afirme que a *Revista Feminina*, não era escrita somente “de mulheres para mulheres”, pois todos os membros da família estavam empenhados em tornar a publicação bem aceita pelo público.

Cláudio de Souza assinava seus próprios textos de teatro, veiculados na *Revista* ao longo de seus 22 anos de existência. Mas era sob o pseudônimo Ana Rita Malheiros que assinava os textos que abriam cada novo número. Portanto, desde sua primeira página, ou seja, desde seu primeiro texto, a *Revista* contava com a assinatura de um homem. De acordo com Sandra Lúcia Lopes Lima, historiadora que percorre o *corpus* da *Revista* em busca de suas características feministas,

Ana Rita Malheiros seria o símbolo feminino dos ideais da Revista, seria, se fosse realmente uma mulher. Ana Rita Malheiros na verdade era um pseudônimo sob o qual se expressava Cláudio de Souza, irmão de D. Virgilina, médico, teatrólogo, membro da Academia Brasileira de Letras. (1991, p. 59)

Ana Rita Malheiros era quem escrevia os textos de abertura da *Revista*, que na realidade não eram exatamente editoriais, mas por vezes, histórias de características românticas escritas para agradar ao público feminino.

Sendo assim, nota-se que ocorre uma ruptura na relação preconizada pela revista “de mulher para mulher” tendo em vista que Cláudio de Souza é “um homem falando pelas mulheres, sob outra ótica da realidade”. (LIMA, 1991, p.59).

De acordo com o depoimento de D. Avelina, informação também encontrada na tese de Lima, a família Salles guardou segredo sobre a verdadeira identidade de Ana Rita Malheiros durante todo o período da publicação da *Revista Feminina*. Segundo dona Avelina, *ele usava o pseudônimo porque queria valorizar a mulher, era a mulher falando, “de mulher para mulher”, mas nunca ninguém soube*. Este segredo em relação à identidade de Cláudio de Souza consistia num recurso para aproximar a leitora do periódico. Acredita-se que tenha-se selecionado o teatrólogo para compor os textos de abertura¹⁴ do periódico por este ser o membro da família de maior nível cultural e literário, fato que implicaria diretamente na qualidade dos textos apresentados na abertura dos periódicos, e que, portanto, atrairia mais

¹⁴ Opta-se por referir-se aos textos que davam início ao periódico como “textos de abertura” e não editoriais, pois nem sempre os textos enquadram-se no conceito de editorial – revelando a posição da *Revista* ou debatendo alguma questão. Trata-se de um espaço no qual aparecem por vezes textos românticos, fato que implica em não se poder generalizar e se referir a estes textos como editorial.

REVISTA FEMININA

A 27 d Outubro ultimo, a Academia Brasileira de Letras abriu suas portas para receber o novo academico sr. Claudio de Sousa, eleito para a cadeira antes occupada pelo saudoso Vicente de Carvalho.

O salão nobre do Petit-Trianon apresentava nesse dia o aspecto bri-

lhante que sempre caracteriza todas as sessões em que se dão as boas vindas a um novo "immortal". Figuras representativas da melhor sociedade carioca, do mundo literario e scientifico, — todos alli compareceram para assistir á não commum solennidade e applaudir o discurso de apresentação do sr. Claudio de Sousa, e as palavras que, em nome da Academia, o sr. Alfredo Pujol disse saudando o successor do poeta dos "Poemas e Canções".

Não é facil resumir o discurso do sr. Claudio de Sousa, tão variados e multiplos os aspectos que alli se fixam. O orador dividiu sua oração em tres partes distinctas. Na primeira, agradece sua eleição e tece alguns comentarios sobre o nosso theatro, ou, melhor, a nossa "falta de theatro", combatendo este ponto de vista, que classifica de sceptico e injusto. Demonstra que quando nossos escriptores theatraes têm tentado vôos mais altos se chocam contra a má vontade e a indiferença do publico, snob e restricto, que só admitte o lyrico e a comedia franceza no Municipal. E diz que, diante dessa indiferença quasi hostil, resulta que a scena do theatro nacional não pôde ser mais do que é, "expressão da alma popular, sincera, risonha e despreoccupada..."

A seguir, o autor de "Flores de sombra" entra no estudo da obra de seu antecessor, desde a estréa nas letras, em 1885, com "Ardenias e Relicario", em que Vicente de Carvalho se apresentava fervoroso adepto da escola lyrica, inimigo do parnasianismo. Mais tarde, Vicente de Car-



Claudio de Sousa

IMMORTAL

valho se convertia ao culto da fórma, renegando suas primeiras theorias. Continuando, o sr. Claudio de Sousa demonstra que a guerra que se faz á Academia é symptoma commum a todas as épocas literarias de renovação, seguindo-se apesar disso a vida secular das tradições e das obras classicas da belleza.

Desaprecia a literatura concupiscente que se vende ás centenas de milhar e que dessexualisa a mulher e anarchisa as relações sexuaes dos dois

leitoras para a *Revista*. A presença de textos cuidadosamente redigidos seria um artifício para seduzir cada vez mais leitoras para a publicação.

Obviamente a direção do periódico poderia ter revelado o nome do autor dos textos, inclusive ter deixado claro às leitoras que um homem escrevia os textos de abertura. Porém, como se objetivava um periódico feminino voltado à mulher, convencionou-se deixar Claudio de Souza escondido atrás do pseudônimo Ana Rita Malheiros. O motivo dessa malícia em se manter o escritor sob o pseudônimo é explicada por Dona Avelina. Segundo ela a direção da *Revista* “queria valorizar a mulher, era a mulher falando, de mulher para mulher, mas nunca ninguém soube, pois a mulher aceitaria mais outra mulher falando por ela, defendendo as suas causas”.

Como é possível perceber, Dona Avelina mantém o segredo da família, e não o revela às leitoras da *Revista Feminina* como meio de não perder a credibilidade perante as leitoras.

Indubitável é, portanto, que apesar de se utilizar de uma estratégia, visava-se ter uma identidade entre a leitora e as “escritoras”, ou seja, aproximar e tornar íntimas as leitoras e a *Revista*. O fato de se omitir que Ana Rita era, de fato, Cláudio de Souza pode também ser uma questão de repercussão social em relação ao escritor, que preferiu manter seu nome sob sigilo.

Conforme dito, ao folhear o periódico, nota-se que a colaboração masculina na revista era frequente, e, ao contrário de Ana Rita Malheiros, os nomes estavam visíveis. Alguns exemplos notórios são Coelho Neto, Olavo Bilac, Felinto de Almeida, Felix Pacheco, entre outros. Porém, desta vez a estratégia era outra: o uso da fama de personalidades do meio literário e jornalístico para alavancar as vendas dos periódicos,.

Nota-se, portanto, que a *Revista Feminina* não se restringia à mulher em seu processo de construção, mas também considerava demais opiniões e colaborações masculinas, desde que desta forma se conseguisse atrair mais leitoras para o periódico. Pode-se acrescentar, oportunamente, que por trás da publicação que pretendia um diálogo “de mulher para mulher”, havia figuras tanto masculinas, tanto femininas. Isso permite que se constate que a publicação não se limita ao feminino, impedindo a inclusão do masculino, como algumas publicações de sua época – a exemplo, *Eco das Damas* – que em breve análise apresenta seu conteúdo pela luta feminista e aparentemente não traz homens em sua redação. A *Revista* trata-se de um periódico que preconiza o fato de instruir e levar entretenimento ao público feminino, mesmo se em muitos de seus textos haja colaboração de homens.

Muito além do sexo dos autores ou colaboradores da publicação, o que, de fato, interessa é saber como era construída a relação entre o periódico, e seus colaboradores e

suas leitoras, e ainda que tipo de Literatura era escolhida para ser incluída na *Revista Feminina*. Obviamente os artificios da *Revista* expostos anteriormente merecem ser levados em consideração, para que não seja feita uma leitura parcial dos textos e para que suas informações sejam melhor interpretadas.

Mas é importante considerar essa questão no que se refere à *Revista* porque mostra que apesar de sua equipe de direção intitula-lo um periódico “de mulheres para mulheres” havia artimanhas para camuflar a presença masculina em seus artigos e seções. Isso, do ponto de vista ideológico, revela uma tendência ao tradicional, no que se refere a manter a figura masculina atuante no periódico, mas ao mesmo tempo uma atitude perspicaz, pensando-se no ato de maliciosamente se esconder essa participação do público-leitor.

Apenas a título e apresentação, insere-se, na seqüência, um dos textos de abertura da *Revista Feminina*, assinados por Ana Rita Malheiros.

Apesar de não ser foco desse estudo a análise dos editoriais da *Revista*, para demonstrar o teor dos textos assinados por Malheiros, segue um fragmento para se conhecer sua forma de escrita e, ainda nesse caso, os temas da discussão central de seu artigo: o casamento, a traição e o assassinato, como forma de justiça pessoal. Sobretudo é possível perceber a crítica à moral de nuances questionáveis instaurada no país no início do século XX.

Em dia do mês passado, um marido que matara sua mulher, interrogado por um jornalista, declarou-lhe com a fleugma com que relatam os fatos normais:

- Ao entrar em casa encontrei minha mulher em flagrante adultério. Fiz o meu dever: matei-a

Nem mais, nem menos. Eis, portanto, a moral que, dia a dia, se vai firmando no espírito público, e nele se arraigando. Não se conta mais om a justiça. Fez-se eclipse das leis. Justiça sumária e barata: custa o peço de um cartucho de resolver... E ainda pode o assassino gabar-se de sua façanha: Cumpri meu dever.

Que dever? No Brasil, na nossa terra, que se pretende civilizada e católica, matar, assassinar, trucidar, passou a ser um dever. (*Revista Feminina*, janeiro de 1920)

Assinatura annual para todo o
Brasil 15\$000
Assinatura com registro 20\$000
Idem para o estrangeiro 30\$000

Revista Feminina

Redacção
:: PRAÇA ANTONIO PRADO ::
Palacete Briccola
Telephone N. 5661 - Central ::

FUNDADA POR VIRGILINA DE SOUZA SALLES

Secretaria: Avelina de Souza Salles

O Le Congresso Brasileiro de Jornalistas declarou que a "Revista Feminina" é um modelo digno de imitação.

Sua Eminência o Cardeal Arcebispo afirma que a "Revista Feminina" é redigida com elevação de sentimentos e largueza de vistas.

ANNO VII

SÃO PAULO, JANEIRO DE 1920

NUM. 68

JANEIRO



EM DIA do mez passado, um marido que matara sua mulher, interrogado por um jornalista, declarou-lhe com a flagueira com que se realtam os factos normaes: — Ao entrar em casa encontrei minha mulher em flagrante adultério. Fiz o meu dever: matei-a.

Nem mais, nem menos. Eis, portanto, a moral que, dia a dia, se vai fumando no espirito publico, e nelle se arraigando. Não se conta mais com a justiça. Fez-se eclipse das leis. Justiça summaria a barata: custa o preço de um cartucho de revolver... E ainda pôde o assassino gabar-se de sua façanha: Cumpri o meu dever.

Que dever? No Brasil, na nossa terra, que se pretende civilizada e catholica, matar, assassinar, trucidar, passou a ser um dever. Um dever indeclinavel, inadivavel, insubstituivel. Quem não espalma as mãos ao publico tintas de sangue assassino é um resignado, um covarde. Por uma estranha inversão do senso moral, valente é quem mata uma mulher em condições de se não poder defender; sobre é quem abusa de sua força, e, sem dar tempo a uma reacção, entra de improviso para a chacinha, e com superioridade de armas e de posição, mata friamente; heróico é o type — muitas vezes desbragado e torpe — que fuzila summariamente uma mulher por ter commettido uma infidelidade contra um pacto que elle, diariamente, espeinha...

Antigamente, matava-se ainda com algum pudor. Procuravam-se attenuantes. Essa classe de assassinos appellava para a tubação passional. E' bem verdade que, muitas vezes, para desaggravar sua honra de maridos, vinham da casa das amantes, e que eram estes que os instigavam, com intrigas e eructações de brio, a eliminar a importuna. E' bem verdade que muitos delles mantinham a esposa e os filhas num regimen de restricções que produzisse sobras para o luxo e a regular digestão da concubina... E' bem verdade que... Mas, cessemos. O decoro social olhava tudo aquillo pelo monoculo da hypercrista, e fúria não vêr. Aceitava a derimento. Agora, porém, progredimos. Já não são precisas desculpas. Já não vem a talho etibar a defesa todo um rosario de criminalistas, e de alienistas. Nem ha mister de afusar attenuantes. Nem se buscam attenuantes. O assassino tornou-se um dever. Ninguém pôde ser accusado por ter cumprido o seu dever. Ao contrario: merece louvores.

— Cumpri meu dever! — diz o assassino sorridente, prezenteiro, satisfeito consigo mesmo. E dil-o arrogantemente como um soldado que volta de matar pelo dever civico que o conjuga á defesa da patria.

E de facto, todos recebem a sua declaração. Os jornaes interveem em nomeando, caixa alta, a sua phrase lapidar. Os amigos visitam o assassino. Os conhecidos telegrapham-lhe. Os desconhecidos escrevem-lhe. De toda a parte chovem-lhe felicitações. — Ha mesmo hysterics que lhe mandam cartas de amores. O merceiro da esquina envia-lhe uma caixa de champanha, e espontaneo á freguezia, com agulha, e retrato do criminoso nos jornaes, exclama:

— Honra-me com a sua freguezia... Esse sim, foi homem!

O charuteiro manda-lhe uma caixa de havanas, o livreiro uma ruma de romances, os fornecedores todos, cada qual um mimo.

— Sim, senhor! Lavaste tua honra. Podemos esperar-te a mão.

E na sala livre, com todas as regalias de um heróico, e covarde que mata uma mulher indefesa, conta a sua bravata, com minucias de caçador que conta uma caçada, entre applausos e sympathias.

Emquanto isso, a sua desgraçada victiminha, ora sobre a mesa de um necrotério, ora sobre um catre de ambulancia, abandonada como um animal morto, triste na sua carne exangue, nas suas mãos cruzadas sobre o peito como dois passaros presos que se cochicham desgraças, os olhos cobertos pelo apago da morte, exposta nua ao commettimento da patuleia, espera, como a peor das criminosas, que os bisturis dos legistas lhe rasguem as carnes.

Especa a champanha na cella do heróico... Cosgula-se o sangue do assassinato sobre a mesa do necrotério... E' edificantemente torpe como a moral de um povo, como um estorço de almas...

Não precisamos justificar o adultério, já o ditamos uma vez. Nunca! E isso ditamos com a violencia da convicção de quem teve no casamento todas as felicidades, e no seu marido o mais leal dos amigos. O adultério da mulher não se justifica, mesmo quando ella não tenha encontrado no casamento a realização de suas legitimas esperanças. Ha alguma coisa que deve falar mais alto á sua consciencia do que todo e qualquer de seus sentimentos: é a sua honra. A honra é a nossa gloria, a nossa apothese. Devemos ser honrados não pelo nosso marido, que muitas ve-

zes não nos corresponde, mas por nós mesmos. Devemos respeitar nossos corpos, como nossas almas. Adulterar é prostituir-se, é suicidar-se. Si não vale o homem a quem nos confiamos, vale a honra por si mesma, sem outro auxilio, porque nos veste com toda a sua sobreza, nos embalsama a vida e a torna impetrescivel. E se que têm filhas, felicidade que Deus não me deu, têm ainda nessa segunda pagina de existencia uma nova virgindade, que devem guardar sem todo e carinho com que seubersam defender-se dozellas.

E si o marido, pela abjecção crescente de seus vicios, chega a tornar-se de convivio impossivel, não tem necessidade a mulher de adulterar. Separe-se dentro da lei, recorra ao trabalho, e corajosa e serena como é de seu sexo, continue orgulhosamente rica na sua sobreza com o theouro de sua honra.

Mas porque assim entendemos, e assim o praticamos, não podemos desapidar-nos das pobres infelizes — quantas por mera desgraça! — que, ou como as creanças mal guardadas, ou como as almas mal acitadas, ou como meriposas imprevidentes, dão um não posso. Christo errancou as pedras das mãos da população que contra ellas investia. E não é sem revolta que vemos como se vai tornando moente e corrente o julgamento summario, sem defesa, sem processo, dessas desgraçadas, fuziladas como bestas feras. Eliminamos de nosso Codigo a pena da morte para os peccadores mais horribes crimes, e deixamo-lo, no mão dos homens, para os desvios do amor. Não, não é possível que não se levante uma reacção contra essa horrivel e continuada chacinha, de que é principal culpada a instituição mendaz, crapulosa, immoral, subornavel, politice, e feita de subjuices e zumbais, que se chama o jury. Mulherer, reagi!... Não reis animaes, seis antes humanos. Não seis caça sem terra e sem rei.

E é de medo de vossa reacção, no campo do direito, que certos espiritos molculinos gritam contra a equiparação social dos dois sexos, contra o voto ás mulheres, e apregoam que devemos limitar a nossa actividade e pregar-lhes os botões da roupa, a varrer a casa, a preparar-lhes a sopa, e a esperar, submissivamente, suas ordens...

Reagi, si não quereis morrer. Não vos deixeis despir de vossas prerogativas humanas, e lembre-vos que o direito só é direito quando é força, porque nasce do arbitrio... da maioria.

Anna Rita Malheiros

(Para a Revista Feminina, S. Paulo)

2.7. As colaborações literárias e os gêneros textuais presentes na *Revista Feminina*

A colaboração de personalidades renomadas da literatura e das artes é uma constante em nas publicações do século XIX e XX. Não são raros os jornais e revistas que se valem da fama de escritores e artistas para atrair mais leitores para suas páginas. A *Gazeta de Notícias*, periódico carioca de grande apreço no século XIX, é um claro exemplo disso. Trazia em seus números autores consagrados como Machado de Assis e Eça de Queirós. No século XX, *A Cigarra* e outros periódicos de mesma relevância, também se favorecem com a publicação de textos de escritores renomados. Com a *Revista Feminina*, isso não foi diferente. Cláudio de Souza, que colabora com a publicação em seus textos de abertura, como dito é um dos escritores que mais cooperam com o periódico, por fazer parte da família de Virgilina, porém sem vincular seu nome às crônicas que escreve. A importância de Cláudio é outra: era ele quem tinha relações sociais com os intelectuais brasileiros de maior prestígio na sociedade, fato que contribui para que na *Revista* apareçam textos de personalidades da época.

A influência de seu irmão [Cláudio de Souza] nos meios literários garantiu-lhe [à *Revista*] a colaboração de intelectuais como Menotti del Picchia, Olavo Bilac, Coelho Neto, Afonso Arinos, Amadeu Amaral. Havia também colaboradoras como Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia da Silva, Dra. Alzira Reis, Priscila Duarte de Almeida, Laurita Lacerda e várias outras. (LIMA, 1991, p. 41)

Com o auxílio do nome do irmão, Virgilina conseguia reunir nas páginas da *Revista* importantes nomes da literatura brasileira, como Menotti del Picchia, Olavo Bilac, Coelho Neto, Afonso Arinos, Amadeu Amaral. Havia também colaboradoras como Júlia Lopes de Almeida, Francisca Júlia da Silva, Dra. Alzira Reis, Priscila Duarte de Almeida, Laurita Lacerda e várias outras”.

Num tempo em que a imprensa estava desenvolvida e que o profissional das letras havia conquistado uma nova atividade, a de colaborar em periódicos e poder escrever em troca de salários, a cooperação em revistas era uma troca que beneficiava tanto ao escritor, tanto ao periódico. Ambos obtinham ganhos com a inserção de personalidades renomadas nos periódicos literários.

Para a *Revista Feminina*, manter um conjunto de colaboradores apreciados pela sociedade em suas páginas era uma questão relevante, pois as leitoras pertenciam à elite e buscavam por textos que tivessem qualidade. De acordo com Sonia Mascaro “a *Revista* se

orgulhava de ter muitas páginas de literatura e fazia questão de enfatizar seus propósitos e seu corpo de colaboradores” (1892, p.138). O fato de se reunir nas páginas da publicação diversos escritores de prestígio colaborava, dentre outras coisas, para o alavancar da venda de assinaturas, e por este motivo se prezava grandemente a presença destes escritos.

Ao realizar a leitura dos números da *Revista*, devido ao seu extenso *corpus* e à constatação de que nela colaboravam centenas de escritores, realizou-se uma sistematização de seus textos, até o ano de 1930, quando já são muito raros os textos literários nela presentes. A tabela abaixo traz um modelo desta sistematização.

Revista Feminina – abril de 1915			
Título	Autor	Tipo de texto	Página
A confissão - Guy de Maupassant	Sem assinatura	Conto	3- 4
Seção “Livros recebidos”	Sem assinatura	Resenha crítica	6
Seção “Poemas da Juventude”	Garcia Redondo	Crônica	11
Coleção Alva	Coelho Neto	Crônica	16
AEIOU	Alphonsus de Guimarães	Poesia	16
O inimigo	Júlia Lopes de Almeida	Poesia	17-18

O quadro revela o título dos textos, bem como seus respectivos autores, tipologia textual e neste caso, também as páginas¹⁵, e torna mais acessível as informações da *Revista* mesmo sem se estar de posse dos números digitalizados ou dos exemplares originais.

Com esta tabela pretende-se evidenciar a participação dos escritores brasileiros na *Revista Feminina*, mesmo que não fossem exatamente colaboradores. É possível perceber que textos de Garcia Redondo, Coelho Neto, Alphonsus de Guimarães e Júlia Lopes de Almeida aparecem no número de abril de 1915. Quase um ano depois é a vez de Raul Pompéia, Olavo Bilac, Mário de Alencar e Felix Pacheco serem apreciados pelas leitoras da *Revista*, como ilustra a tabela a seguir.

Revista Feminina – março de 1916			
Título	Autor	Tipo de texto	Página

¹⁵ Até novembro de 1916 aparece numeração nas páginas da *Revista Feminina*. A partir de dezembro a paginação é omitida.

Uma noite histórica	Raul Pompéia	Crônica	6 e 16
Seção “Os nossos poetas” - <i>Criação</i>	Olavo Bilac	Poesia	11
Seção “Os nossos poetas”- <i>Abençoada a lágrima</i>	Mário de Alencar	Poesia	11
Seção “Os nossos poetas”- A mulher e o poeta	Felix Pacheco	Poesia	11
O prazer da caça	Guy de Maupassant	Conto	17 a 18
O poeta	Allegretti Filho	Poesia	29

A comparação entre a *Revista* em seu início, meio e fim, revela que, em seu início, a publicação trazia textos de escritores valorizados pela sociedade, mas que, aos poucos, essa característica se modifica. Assim, ao seu término, são raros os autores conhecidos, diferente do que acontecia em seu início, provavelmente porque Dona Virgilina, em conjunto com o irmão literato, Cláudio de Souza, instigavam a presença de textos literário na *Revista*. João de Souza Salles tenta preservar esse teor da publicação, mas quando Avelina assume, existe outro contexto de publicação - aumenta-se o número de propagandas, os artigos curtos, etc . Dessa forma, o espaço que antes era destinado aos textos de literatura vai sendo, aos poucos, substituído.

Outro ponto que merece destaque é que a *Revista* anunciava em destaque às suas leitoras adesão de um novo colaborador à equipe do periódico. Isso ocorria geralmente em nota, na qual realizava-se uma breve apresentação do autor, além de se destacar sua produção literária ou sua profissão.

Nas imagens a seguir, é possível observar a forma como era enunciada às leitoras a parceria com um novo colaborador. O quadro selecionado em vermelho destaca a localização na página.

Na sequência, o conteúdo pode ser observado em seus pormenores.

lhes a lér a nossa lingua, e a escrever as suas primeiras cartas na nossa lingua e a amar a nossa lingua. Dá-lhes depois então a tua sonhada *missy* e a tua querida *mademoiselle*, na certeza de que a melhor parte da patria já lá estará dentro, no coração e no espirito das tuas criaturas.

Perdôa a longura desta carta mas, sabes, estes assuntos arrastam-me.

Branca.

(Revista Feminina de S. Paulo)

Julia Lopes de Almeida

TRECHOS CLASSICOS

Ha um homem, em cada parochia, que não tem familia, mas que é da familia de todo o Mundo, que é chamado como testamento, de todos os actos mais solennes da vida civil; sem o qual não se pode nascer ou morrer; que coadjuva o homem do seu matrimonio ao funeral; que abençoa ou consagra o berço, o leito conjugal, o leito da morte e o funeral; um homem que as creanças se habituam a venerar, a temer e a amar; que mesmo os desobedientes tratam de pai; aos poz dos qzanos, os caridosos fazem as suas mais intimas confissões e vertem suas lachrimas mais secretas; um homem que é o consolador de todas as miserias da alma e do corpo, o intermediario habitual da riqueza e da pobreza, a cuja porta batem o rico para dar a esmola secreta, e pobre para receber sem corar; que não sendo de nenhuma classe social, pertence a todas ellas; ás classes inferiores, pela sua vida pobre e muitas vezes pela humildade do seu nascimento; ás classes elevadas, pela reticencia, pela sciencia; um homem enfim que tem o direito de tudo dizer e cuja palavra não do alto colore as intelligencias e sobre os corações com a autoridade de uma missão divina e o imperio da fé! Este homem, é o padre.

Lamartine

A abelha e a mosca. Um dia uma abelha percebeu uma mosca junto da sua colmeia.

— Que vens fazer aqui? — disse-lhe ella para tom lúrio. Queres por acaso viveres com os rabinos do ar?

Tendes razão — respondeu triamente a mosca — e sempre meo approximar-se algum de uma nação tão fogosa como a vossa.

— Ninguém nos avy tija — disse a abelha

— Temos leis e uma republica bem policada; não colhemos senão flores odoríferas; não fazemos senão mel deliciao, que no netar eguala. Fuge de minha presença, vil mosca importuna, que nada mais fazes que ambir e que procuras o teu alimento nas estroqueiras.

Vivemos como podemos — retorquiu a mosca; a pobreza não é um vicio. A colmeia, sim, é um grande vicio. Fabricas o mel que é doce, mas vosso coração é sempre amargo; nós sabdes em vossas leis, mansarebatadas em vossa conducta. Vossa colera, que pica nos inimigos, vos dá a morte e vossa lousa crendide vos faz mais mal que a ninguém. Vale mais ter qualidades menos brilhantes e mais moderação!...

Fénelon

(Revista Feminina de S. Paulo)

RECEITAS PARA A PELLE

O crême Dermina, fórmula do Prof. Ficher é o grande successo do dia. Além de ser um excellent crême de toilette é um remedio poderoso contra as espinhas, os dartros, o eczema, os cravos, manchas vermelhas do nariz, irritações da pelle, picadas de insectos, etc.



OS NOSSOS TROVADORES

Um dos mais inspirados e vibrantes repentistas foi sem duvida Gregorio de Mattos, cujo nome se popularisou no Brasil e em Portugal. O padre Manuel Bernardes, o grande classico portuguez, a elle assim se refere:

«Conhecemos, aqui em Lisboa, um homem que glossava motes (por difficultosos e paradoxaes que fossem) sem deter-se mais do que enquanto corria a mão pelo bigode. Uma vez lhe propoz o Marquez de Fronteira, o seguinte motte:

A mais formozza que Deus.
Gregorio de Mattos levantou os olhos pensativos e fazendo a acção costumada, saiu logo com a seguinte glossa:

Eu com duas damas vim
De uma certa romaria;
E uma, feia em demazia,
Sendo a outra um serafim.
E vendo-as eu, vir assim
Sós e sem amantes seus,
Lhes perguntei: Anjos meus,
Quem vos poz em tal estado?
Disse a feia — que o peccado —
A mais formozza — que Deus.

As nossas colaboradoras

Annunciamos hoje e com immenso prazer ás nossas leitoras uma nova colaboração — e especial para a nossa Revista — D. Julia Lopes de Almeida, a mais festejada, a mais original e a mais perfeita das nossas escriptoras. Julia Lopes é uma escriptora de prediços raros, que se escrevesse em uma lingua de maior vulgarisação, teria a mesma ou maior consagração que Marcelle Tynaire, Mathilde Serão ou qualquer outra das grandes escriptoras europeas, cujos livros se vendem por dezenas de milhares. Felizmente para nós e infelizmente para ella, a sua alma de escol vasa todas as suas subtilissimas e deliciaosas impressões no nosso desconhecido portuguez. A sua prosa leve e scintillante, sem artificios e sem rebascamentos, deliciosa como os mórangos frescos colhidos no prado por manhans esplendentes de primavera — é um regalo para as almas femininas que nella renascem nas suas mais reconditas

e mais suaves emoções. E' pois, com intenso prazer, que publicamos hoje a 1.ª carta de uma serie com que bondosamente vae honrar as nossas paginas a festejada e gloriosa artista. É o gesto generoso de Julia Lopes de Almeida, vindo ao nosso encontro no arduo e espinhoso apostolado que nos impuzemos, do levantamento do espirito feminino no Brazil, deve servir de incentivo ás demais senhoras brasileiras, para que não nos desamparem. Certo, são poucas e raras as Julia Lopes de Almeida, mas nem tanto pedimos ás nossas leitoras. Para que todas nos auxiliem, basta que cada uma nos envie uma nova assignante. Di-nos uma as flores rutilantes do seu espirito; outras nos darão, com o seu auxilio prestante, as flores generosas do coração. E si nem todas as mulheres têm um grande espirito creador, todas têm um grande coração generoso!...

As nossas collaboradoras

Annunciamos hoje e com immenso prazer ás nossas leitoras uma nova collaboração — e especial para a nossa Revista — D. Julia Lopes de Almeida, a mais festejada, a mais original e a mais perfeita das nossas escriptoras. Julia Lopes é uma escriptora de predi- cados raros, que se escrevesse em uma lingua de maior vulgarisação, teria a mesma ou maior consagração que Mar- celle Tynaire, Mathilde Serão ou qual- quer outra das grandes escriptoras eu- ropeas, cujos livros se vendem por de- zenas de milhares. Felizmente para nós e infelizmente para ella, a sua alma de escol vasa todas as suas subtilis- simas e deliciosas impressões no nosso desconhecido portuguez. A sua prosa leve e scintillante, sem artificios e sem rebuscamentos, deliciosa como os mo- rangos frescos colhidos no prado por manhans esplendentes de primavera — é um regalo para as almas femininas que nella renascem nas suas mais reconditas

e mais suaves emoções. E' pois, com intenso prazer, que publicamos hoje a 1.ª carta de uma serie com que bon- dosamente vae honrar as nossas pa- ginas a festejada e gloriosa artista. E o gesto generoso de Julia Lopes de Almeida, vindo ao nosso encontro no arduo e espinhoso apostolado que nos impuzemos, do levantamento do espirito feminino no Brazil, deve servir de incentivo ás demais senhoras brasilei- ras, para que não nos desamparem. Certo, são poucas e raras as Julia Lopes de Almeida, mas nem tanto pedimos ás nossas leitoras. Para que todas nos auxiliem, basta que cada uma nos envie uma nova assi- gnante. Dá-nos uma as flores ruti- lantes do seu espirito; outras nos darão, com o seu auxilio prestante, as flores generosas do coração. E si nem todas as mulheres têm um grande espirito creador, todas têm um grande coração generoso!...

O anúncio dos novos colaboradores na *Revista Feminina*

Como é possível notar, o anúncio geralmente trazia uma breve descrição da obra de seus autores e apresentava-os a suas leitoras enfatizando sua posição literária e seus “predicados”: “D. Julia Lopes de Almeida, a mais festejada, a mais original e a mais perfeita das nossas escriptoras de predicados raros [...]”. Obviamente o anúncio das novas contribuições acontecia para promover o periódico, isto é, para ceder credibilidade e ainda manter e atrair cada vez mais novas assinantes para a *Revista*.

Se, no trecho acima, evidencia-se o anúncio de uma escritora, em outros números do periódico também são anunciados escritores, como é o caso do excerto a seguir. Como se verá adiante, há sempre a preocupação em recuperar informações sobre os colaboradores, acentuando-se seu caráter de destaque social e literário. O trecho que se verá explícita, ainda, o grande número de colaboradores com os quais contava a publicação, dentre eles Coelho Neto, Olavo Bilac, Júlia Lopes de Almeida, Garcia Redondo, e outros não menos importantes.

A estrela amorosa

O lado e missas todas que dema e se-... de Deus... e a estrela amorosa...

Em sua estufa da vida, herança que lhe... e a estrela amorosa...

Até então um jovem moço, enfiado, que... e a estrela amorosa...

O padre que entrava o firmamento, e... e a estrela amorosa...

Mas com o tempo, começou a pedalar e... e a estrela amorosa...

A bondade excessiva da Estrella o... e a estrela amorosa...

Enfim, soluçando se quizesse da ingratidão, e... e a estrela amorosa...

Porém, exultando sobre a coragem para... e a estrela amorosa...

Esta é a história de uma Estrella que se... e a estrela amorosa...

Revista Feminina e S. M. M.

Novos colaboradores

Mais um nome brilhante vem hoje enriquecer... e a estrela amorosa...

RECEITA UTIL PARA MÃOS SUADAS... e a estrela amorosa...

Novos colaboradores

Mais um nome brilhante vem hoje enriquecer... e a estrela amorosa...

Apresentamos hoje e com imenso prazer... e a estrela amorosa...

Transmittimos á nossa illustre colaboradora... e a estrela amorosa...

Como está explícito no texto, o tom de apresentação é sempre em louvor aos colaboradores e de exaltação ao fato de que estas personalidades estão presentes na *Revista Feminina*, um fato que aparece como um destaque a mais para convencer às leitoras sobre a importância e o caráter culto da publicação. Para facilitar a leitura, insere-se, a seguir, a transcrição do trecho a que se refere.

Mais um nome brilhante vem hoje enriquecer nosso corpo de colaboradores que sem vanglória podemos dizer, é o mais seletivo de quantos constituem os sumários das revistas literárias brasileiras. Os maiores nomes literários do Brasil têm honrado com suas produções nossas modestas páginas, dando-lhes realce e brilho e concorrendo generosamente para o triunfo completo da missão que nos impusemos e entre eles destacam-se os de Coelho Neto, Olavo Bilac, Julia Lopes de Almeida, Garcia Redondo, Felinto de Almeida, Felix Pacheco, Affonso Arinos, da Academia Brasileira, Cláudio de Souza, Presciliana Duarte de Almeida, J.J. de Carvalho, Amadeu Amaral, da Academia Paulista de Letras, Julio Cesar da Silva, Chrysantheme, Ana Rita Malheiros, Adelina Vieira, René Thiollier, João Luso, Oscar Lopes, da Sociedade de Homens de Letras e muitos outros.

Note-se que ao mesmo tempo em que se deixa claro às leitoras a íntima ligação entre o periódico e as renomadas personalidades literárias do momento, tenta-se através de eufemismos, manter uma certa modéstia: “Os maiores nomes literários do Brasil têm honrado com suas produções nossas modestas páginas”.

Conforme o trecho acima, pode-se constatar ao longo da leitura dos periódicos, que são colaboradores da *Revista*: Coelho Neto, Olavo Bilac, Julia Lopes de Almeida, Garcia Redondo, Felinto de Almeida, Felix Pacheco, Affonso Arinos, Cláudio de Souza, Presciliana Duarte de Almeida, J.J. de Carvalho, Amadeu Amaral, da Academia Paulista de Letras, Julio Cesar da Silva, Chrysantheme, Ana Rita Malheiros, Adelina Vieira, René Thiollier, João Luso, Oscar Lopes, além de muitos outros. Nos 21 anos da *Revista Feminina* pesquisados, muitas páginas reúnem estas colaborações, mas, menos que os nomes dos autores, importa-se ressaltar a inclusão de textos literários, ou seja, textos que agregavam qualidade, cultura e “instrução” para a mulher brasileira.

Na página subsequente, pode-se observar a forma como estes textos eram apresentados para a leitora da *Revista Feminina*, em seus anos iniciais. Geralmente, os poemas selecionados para compor a parte literária do exemplar eram reunidos em uma página, apesar de no restante do periódico também existirem textos literários como contos, crônicas, resenhas, seções bibliográficas, entre outras.

OS NOSSOS POETAS

CRIAÇÃO

*Ha no amor um momento de grandeza,
que é de inconsciência e de extase levadito;
Os dois corpos são tudo a Natureza,
As duas almas são tudo o infinito.*

*É um mistério de força e de surpresa:
Estala o coração da terra, offerece;
Respira em luz ferida a espessa neblina;
E de todos os ventos sopra um grito...*

*Duas tranças em a sua baliza nos amantes;
Vozes briga e a sensação dos Sete Dias,
E a brisa folgazã em volta alonga.*

*Doque entre duas lareiras salta,antes
Reda tudo a Unicevo, em latentes
E um clarificação cuidadosa a espera.*

Olayo Bilac

Abençoada a lagryma...

*Abençoada a lagryma caida,
Das alturas de que a soffre. Abençoada
A ulala que e como a pedra que lenda
Voz nesses dias uma fonte do freixo.*

*Em desce a lagryma escurida,
Das fessuras das aguas freixada,
Das fessuras do freixo, e a sua luz decora
A pedra nesses dias uma fonte do freixo.*

*Que lagryma que em a secura se escurida,
Das alturas de que a soffre a lagryma?
A pedra nesses dias uma fonte do freixo.*

*E em estada os pastores antigos,
E da espuma e suas, e em fessuras,
A sua que tem sido a sede dos antigos.*

Maria de Silencar



MME. SUCUPIRA KENWORTHY



MME. CARMEN VIDAL

A mulher e o poeta

*Leve, móbil, volutet como a nuvem,
Froz, um duplo expressivo, o fado breche,
Não em pedra o semblante em graça aberta,
Quando ella é, talvez a morte esconda...*

*Judith, a offita, em Salome, o hedonista,
Pudesse eu vê-la um momento, poeta...
Tudo era apenas poesia, devida!
Tu mesma foste profeta, gloriosa!*

*E tu também, Judith esplendente,
Todas vós, estrelas do firmamento,
Fazeis uma insidia em cada beijo!*

*Sabei, porém, é vago falso e ardente,
Que eu subverico a todas vós, pejoas,
Na liza de ouro eterna do desejo!*

Felix Pacheco

Como é possível notar, os três poemas apresentados são sonetos, uma forma nobre na poesia, que segue moldes e possui estrutura marcada, composta por versos estruturados em dois quartetos e dois tercetos. Este tipo de poesia é muito freqüente na *Revista* e geralmente traz como enredo diversos tipos de temas, que vão desde o amor fraternal, até a exaltação do país, o que revela uma pluralidade na temática dos textos escolhidos para integrar a *Revista Feminina*. Nos dois primeiros anos da publicação, aparecem, assinados pelos autores antes mencionados, poemas (sonetos) de teor romântico, familiar, ou seja, voltados àquilo que se convencionava ser de interesse da mulher leitora daquele período.

Assim, Olavo Bilac, Mário de Alencar e Félix Pacheco, que faziam parte dos contatos sociais de Cláudio de Souza, irmão da diretora da *Revista*, compunham poemas elaborados diretamente para satisfazer o gosto das leitoras da *Revista Feminina*. A relação de Cláudio de Souza com os literatos e, por conseqüência, de Dona Virgilina, com estes profissionais, facilitava que o conteúdo da publicação estivesse sempre cercado de textos de autores renomados e tornasse a publicação cada vez mais conhecida em todo o país, conforme relata em seu depoimento Dona Avelina,

O relacionamento que ela [Dona Virgilina] tinha e o corpo de redatores contribuíram para que [a *Revista Feminina*] se tornasse conhecida. Que eu me lembre, escreviam o Cerqueira Mendes, o Garcia Redondo, Amadeu Amaral, Menotti dei Picchia. Tinha também colaboradores mulheres, como Ana Rita Malheiros, que fazia em geral a crônica, e como a revista se difundiu muito recebia colaborações espontâneas de outros estados, como Rio Grande do Norte¹⁶.

Importante ressaltar ainda que muitos colaboradores atuavam na *Revista* sob pseudônimos. Conforme se mencionou anteriormente, Ana Rita Malheiros era ao pseudônimo utilizado pelo teatrólogo Cláudio de Souza para assinar a seção de abertura dos exemplares. Peças teatrais e outras crônicas do autor também estão presentes nos números, porém assinados com seu próprio nome. Note-se, ainda que mesmo nos números em que Ana Rita Malheiros expunha suas opiniões, Cláudio também aparecia, o que revela que o irmão de Virgilina exercia bastante influência sob o periódico.

Além de Malheiros, o pseudônimo Chrysanthème, também aparece na publicação, sempre na seção Jardim Fechado, e consistia numa freqüente colaboradora. Sônia de Amorim Mascaro ao tratar brevemente da questão do pseudônimo em sua dissertação, informa que o

apelido Chrysanthème seria utilizado por Cecília Moncorvo Bandeira de Mello Rebello de Vasconcellos. Outros escritos confirmam a relação entre Cecília Bandeira de Melo e o pseudônimo, principalmente o estudo de Maria de Lourdes de Melo Pinto, *Memória de autoria feminina nas primeiras décadas do século XX: a emergência da obra periodística de Chrysanthème*, que reúne informações sobre a produção da escritora em periódicos como *A Imprensa*, *O Paiz* (1884), *Correio Paulistano* (1854), *O Mundo Literário* (1922), *O Cruzeiro* (1928), *Gazeta de Notícias* (1875), dentre outros, perfazendo um total de 1.530 escritos.

Também freqüentam as páginas da *Revista* as colaboradoras Lygia Marques (Sybilla Schans) e Emma Pola, cujo apelido não proporcionou a possibilidade de desvendar qual autor ou autora se escondia sob este pseudônimo, e cuja descrição efetuada pela *Revista* era a que se segue: “discípula diletta de Coelho Neto”¹⁷.

As colaborações se concretizavam em textos de vários gêneros: ao lado dos contos, poesias, artigos, publicavam-se também romances em capítulos. Conforme foi possível conferir através da leitura dos números da *Revista*, esta característica se confirma, juntamente com a observação de que muitos autores consagrados colaboravam com o periódico.

2.8. Curiosidades e particularidades: o caso Ana Rita Malheiros

A colaboradora Ana Rita Malheiros assume uma grande responsabilidade: a de escrever o que seria o editorial da *Revista*. Sua popularidade é tamanha que para explicar o fato de Malheiros não ser vista nos eventos sociais da capital, cria-se uma estratégia para conferir veracidade à identidade da autora Ana Rita Malheiros: em um dos números, conta-se uma história de vida pautada em datas, personagens, e um enredo coerente, acrescentando-se a figura de Coelho Neto, artista de renome inquestionável no início do século XX, para dar mais fundamento ao conto.

Sandra Lúcia Lopes Lima, traz em sua tese de doutorado uma parcial transcrição deste texto, e realiza uma breve análise da história criada para compor a vida de Malheiros. Ao molde de Lima, transcreve-se o texto, porém neste íterim, de forma integral, e estuda-se brevemente seu conteúdo, desta vez sob o ponto de vista literário¹⁸, sobretudo porque Ana Rita é a porta-voz do periódico – pois tem a posição de destaque abrindo cada número com seus textos.

¹⁷ *Revista Feminina*, novembro de 1915, p. 17.

¹⁸ Sandra Lúcia Lopes Lima faz um estudo detalhado do texto, porém direcionando-o para o seu objetivo de realizar um estudo histórico.

REVISTA FEMININA

E como a fortuna, na sua deplorável cegueira, não sabe a quem deve beneficiar, augmentou os bens do Quedinho por tal fórmula que elle está hoje quasi millionario, casado com moça de familia importante e, talvez, em vespéras de ser deputado pelos seus meritos de chupim de primeirissima...

Já vêm os leitores que nem todos os chupins são inofensivos como o "Eduardinho", assim como nem sempre as professoras são energicas e decididas como a interessante D. Zenobia...

Taubaté, 18—3—1920.

OLGA JUREMA.

ANNA RITA MALHEIROS

Ao termos de noticiar o anniversario de nossa distincta e brilhante collaboradora d. Anna Rita Malheiros, que é a 15 de junho proximo, não nos pedemos furtar ao prazer de trasladar para as nossas columnas e que escreveu sobre a nossa querida companheira, Coelho Netto o maior de nossos prosadores vivos, cuja obra literaria é tão vasta e tão insigne que em qualquer paiz de Europa lhe teria valido uma consagração nacional. O eminente escriptor patricio de tal modo se enthusiasmou pela chronica de Anna Rita de nosso numero de março que a transcreveu integralmente em sua bella revista, procedendo-a das seguintes frases:

" Do numero de março da excellente Revista Feminina que se publica em S. Paulo, pedimos venia para transcrever a chronica de Anna Rita Malheiros á qual demos o titulo que se lhe ajusta de "Chronica opportuna". É uma pagina de prosa lapidar, e de excelente observação. D. Anna Malheiros que vive nos confins de Matto Grosso pôde disputar com as mais bellas e perfumadas flores do nosso jardim literario "

Esta espontanea e carinhosa demonstração do grande mestre de nossa letras vem intensificar o coro de applausos que de todo o Brasil, norte e sul, recebe esta Revista pelas brilhantissimas chronicas de sua egregia collaboradora, que são transcriptas por muitos e muitos jornaes tão logo são publicadas. Anna Rita Malheiros, tão formosa de corpo quanto de espirito, teve da natureza todas as graças que uma mulher pôde desejar, inclusive a da fortuna. Nascida nesta capital em 1886, hoje, pois com 34 annos, casou-se aos 18 annos com o dr. Ricardo Malheiros, cujas condições de fortuna, alladas ás que possuia sua noiva, fizeram com que a vida de novo casal transcorresse em viagens de recreio, com uma larga estadia em S. Petersburgo, onde foram recebidos na Corte.

Numa viagem ao Oriente, na passagem pelo Thibet o dr. José Ricardo adoeceu gravemente, e veio a fallecer mais tarde, de volta a Paris, do terrivel mal que contraira; um derrame pleural. Falleceu o dr. José Ricardo no seu castello de Vaux-Cresson, tendo estado sua esposa a seu lado sem descanso, em perpetua vigilia durante muitos mezes, até a hora de sua morte. O dr. José Ricardo era um fino espirito de estheta e foi grande amigo de Eduardo Prado e de Eça de Queiroz. Foi no ambiente de Paris, com o convívio de um circulo só de escriptores e artistas, que Anna Rita formou a sua delicada educação literaria, sem nunca perder, como se vê em suas chronicas, o

seu espirito de nacionalismo, o que raramente acontece com os nossos patricios que vão á Europa...

Logo após a morte de seu marido, Anna Rita, que o idotrava, e com elle se ligara por uma paixão violenta, regressou ao Brasil, liquidou diversos assumptos e foi se internar numa fazenda de uma sua tia, não em Matto Grosso, mas em Goyaz, até onde não chega a estrada de ferro e onde, conforme disse ella em uma de suas chronicas "Vivo a colher em cada arbusto de meu jardim, em cada arvore de meu pomar a flor e o fructo de minha saudade." Moça, e formosa só mesmo um grande amor podia levar-a a sepultar-se assim em vida quando todos os exitos a esperam numa grande Capital.

No mez de março Anna Rita, que é de uma modestia excessiva que chega a ser quasi um crime, esteve em S. Paulo, mas sem que ninguem o soubesse alem de nós, que trabalhamos nesta Revista. Veiu fazer a sua escolha de livros, a "minha provisão de mantimentos" dizia-nos graciosamente, e poucos dias aqui se demorou, tendo ido para o Rio onde esteve algum tempo, e para onde enviamos diversas cartas que lhe tinham sido endereçadas por collaboradoras nossas e que se achavam commosco.

Perdê-nos nossa encantadora companheira a indiscreção que commetemos, mas são tantas as cartas e os pedidos de informações que recebemos a seu respeito, que não quisesmos perder a oportunidade da data de seu anniversario para satisfazermos a justa curiosidade de suas innumeradas admiradoras. Infelizmente não podemos obter uma sua photographia.

Uma boa noticia podemos, porem, dar ás nossas leitoras. Anna Rita parece disposta a attender aos innumerados pedidos de seus amigos, e abandonar o seu exilio de 10 annos numa fazenda em que apenas tem de parentes uma tia edosa, e mudar-se para o Rio para uma sua propriedade na Tijuca. É mais uma indiscreção, que nos foi revelada pela mesma amiga de Anna Rita que nos deu os outros informes.

Resta-nos, ao enviar as nossas felicitações á nossa tão querida collaboradora agradecer-lhe do fundo d'alma a dedicação com que desde o primeiro numero de nossa Revista tem amparado a nossa iniciativa, cujo exito em grande parte é seu.

VAIDADE DUM PAVÃO

Sei dum regio pavão que extranho orgulho encanta.
Não no enleva outra cor que alheia pluma ostente,
quando da cauda em arco as plumas reaes levanta,
como alguém que ostentasse os berylos do oriente.

E a vaidade que o enleva e o insuffla é tal e é tanta,
que outro ideal não procura e outra gloria não sente,
sinão essa loucura azul em que a alma canta:
fechar a cauda, e a cauda abrir, gloriosamente...

Cégo de alma, no céo obscuro, em que se abysma,
quando, ó Noite do orgulho, os olhos lhe constellas,
lembra um mago idealista, a olhar por falso prisma.

E abre as plumas em leque, e o seu encanto é vel-as,
crendo, porque sonhou com o céo, em doída scisma,
que abre sobre este mundo uma cauda de estrellas...

CASSIANO RICARDO

(Do "Jardim das Hesperides)

Ao termos de noticiar o aniversário de nossa distinta e brilhante colaboradora d. Ana Rita Malheiros, que é a 15 de junho próximo, não nos podemos furtar ao prazer de trasladar para as nossas colunas e que escreveu sobre a nossa querida companheira, Coelho Neto o maior de nossos prosadores vivos, cuja obra literária é tão vasta e tão insigne que em qualquer país da Europa lhe teria valido uma consagração nacional. O eminente escritor patricio de tal modo se entusiasmou pela crônica de Ana Rita de nosso número de março que a transcreveu integralmente em sua bela revista, precedendo-a das seguintes frases:

"Do número de março da excelente Revista Feminina que se publica em S. Paulo, pedimos vênua para transcrever a crônica de Ana Rita Malheiros à qual demos o título que se lhe ajusta de "Crônica oportuna". É uma página de prosa lapidar, e de excelente observação. D. Ana Malheiros que vive nos confins de Mato Grosso pode disputar com as mais belas e perfumadas flores do nosso jardim literário".

Esta espontânea e carinhosa demonstração do grande mestre de nossas letras vem intensificar o coro de aplausos que de todo o Brasil, norte e sul, recebe esta Revista pelas brilhantíssimas crônicas de sua egrégia colaboradora, que são transcritas por muitos e muitos jornais tão logo são publicadas. Ana Rita Malheiros, tão formosa de corpo quanto de espírito, teve da natureza todas as graças que uma mulher pode desejar, inclusive a da fortuna. Nascida na capital em 1886, hoje, pois com 34 anos, casou-se aos 18 anos com o Dr. Ricardo Malheiros, cujas condições de fortuna, aliadas às que possuía sua noiva, fizeram com que a vida de novo casal transcorresse em viagens de recreio, com uma larga estadia em Petersburgo, onde foram recebidos na Côrte.

Numa viagem ao Oriente, na passagem pelo Tibete o Dr. José Ricardo adoeceu gravemente, e veio a falecer mais tarde, de volta a Paris, do terrível mal que contraíra; um derrame pleural. Faleceu o Dr. José Ricardo no seu castelo Vaux-Cresson, tendo estado sua esposa ao seu lado sem descanso, em perpétua vigília durante muitos meses, até a hora de sua morte. O Dr. José Ricardo era fino espírito de esteta e foi grande amigo de Eduardo Prado e de Eça de Queirós. Foi no ambiente de Paris, com o convívio de um círculo só de escritores e artistas, que Ana Rita formou a sua delicada educação literária, sem nunca perder, como se vê em suas crônicas, o espírito de nacionalismo, o que raramente acontece com os nossos patricios que vão à Europa...

Logo após a morte de seu marido, Ana Rita, que o idolatrava, e com ele se ligara por uma paixão violenta, regressou ao Brasil, liquidou diversos assuntos e foi se internar numa fazenda de uma sua tia, não em Mato Grosso, mas em Goiás, até onde não chega a estrada de ferro e onde, conforme disse ela em uma de suas crônicas "Vivo a colher em cada arbusto de meu jardim, em cada árvore de meu pomar a flor e o fruto de minha saudade". Moça, e formosa só mesmo um grande amor podia levá-la a sepultar-se assim em vida quando todos os êxitos a esperam numa grande Capital.

No mês de março, Ana Rita, que é de uma modéstia excessiva que chega a ser quase um crime, esteve em S. Paulo, mas sem que ninguém soubesse além de nós, que trabalhamos nesta revista. Veio fazer a sua escolha de livros, a "minha provisão de mantimentos" dizia-nos graciosamente, e poucos dias aqui se demorou, tendo ido para o Rio onde esteve algum tempo, e para onde enviamos diversas cartas que lhe tinham sido endereçadas por colaboradoras nossas e que se achavam conosco.

Perdoe-nos nossa encantadora companheira a indiscrição que cometemos, mas são tantas as cartas e os pedidos de informações que recebemos a seu respeito, que não quisemos perder a oportunidade da data de seu aniversário para satisfazermos a justa curiosidade de suas inúmeras admiradoras. Infelizmente não pudemos obter uma sua fotografia.

Uma boa notícia podemos, porém, dar às nossas leitoras. Ana Rita parece disposta a atender aos inúmeros pedidos de seus amigos, e abandonar seu exílio de 10 anos numa fazenda em que apenas tem de parentes uma tia idosa, e mudar-se para o Rio para uma propriedade na Tijuca. É mais uma indiscrição, que nos deu os outros informes.

Resta-nos, ao enviar as nossas felicitações à nossa tão querida colaboradora agradecer-lhe do fundo d'alma a dedicação com que desde o primeiro número de nossa Revista tem amparado a nossa iniciativa, cujo êxito em grande parte é seu.

Conforme é possível perceber no texto, que não traz assinatura, Ana Rita Malheiros seria uma senhora de 34 anos, de grandes posses, que após ter se casado com Dr. Ricardo Malheiros e ter visto sua morte em viagem à Europa, decide manter-se numa fazenda de uma tia, afastando-se da cidade para conseguir superar sua perda.

Este seria o motivo criado pela redação da *Revista Feminina* para justificar a ausência da figura de Ana Rita, apreciadíssima pelas leitoras do periódico, dos eventos sociais na cidade de São Paulo e do Rio. De acordo com a história, Ana Rita moraria em uma fazenda “nos confins de Mato Grosso”, mas pensa em morar no Rio de Janeiro.

O texto conta ainda que supostamente Ana Rita teria ido até São Paulo e teria visitado a redação da *Revista*, “mas sem que ninguém soubesse além de nós”, ou seja, sem avisar a ninguém além da equipe do periódico, para escolher alguns livros. A visita teria sido tão rápida que nem mesmo para satisfazer a curiosidade das leitoras, teria sido possível obter uma fotografia.

A história sobre Ana Rita, repleta de detalhes, personagens e composta por um enredo melodramático torna-se ainda mais verídica através da inclusão de um trecho escrito por Coelho Neto em outra publicação sobre sua admiração em relação a um artigo da autoria de Malheiros, o qual o autor considera “uma página de prosa lapidar, e de excelente observação”. Neto ainda comenta “D. Ana Malheiros que vive nos confins de Mato Grosso pode disputar com as mais belas e perfumadas flores do nosso jardim literário”, atestando a qualidade do texto produzido por Ana, mas, sobretudo, qualificando-a como uma grande escritora.

Obviamente, a história criada consegue convencer às leitoras de que Ana Rita Malheiros existia e inclusive tinha uma história dramática que a obrigava a permanecer reclusa, sem freqüentar, portanto as festas e cerimônias nas quais se reunia a sociedade. Por esse motivo, a identidade do verdadeiro autor dos textos – Cláudio de Souza – permanece reservada até o fim da publicação da *Revista*.

Como é possível notar, a partir da leitura da apresentação da *Revista Feminina*, é notório que o periódico trazia à leitora um universo de informações que transitava entre questões tradicionais, relacionadas a uma cultura ainda atrelada a moldes vigentes no século XX, com certos toques de modernidade, inovando, por exemplo ao se consolidar como um periódico destinado à mulher e à família, uma atitude “altruísta” diante de uma sociedade extremamente moralista e conservadora.

Recuperando-se, portanto as informações do capítulo primeiro, em que predomina o contexto histórico-social do Brasil e de São Paulo nos momentos iniciais do século XX, consegue-se estabelecer basicamente o perfil da *Revista Feminina*: pinceladas de moral opõem-se a outras de malícia; discussões sobre o papel da mulher no ambiente familiar, aparecem lado a lado com questões sobre o voto; a participação da mulher na guerra aparece acompanhada de leituras que determinam como agradar, enfeitar e tornar o ambiente familiar mais agradável. Essas características tão heterogêneas do ponto de vista de um leitor crítico, eram na verdade, as bases de um periódico que ao mesmo tempo em que pretendia ceder espaço para as lutas feministas, para o novo e para o ideal, ainda calava-se por questões morais, que se fossem expressas poderiam acarretar conseqüências graves, como a suspensão da circulação do periódico.

Assim, se em sua composição a *Revista* mantinha uma postura até certo ponto obediente à moral, planejando sua aceitação na sociedade, como se comportava em relação à escolha de textos para a mulher e a família brasileira? Qual era o teor desses textos? Espelhavam ou não a atitude comedida, mas ao mesmo tempo não ingênua, que se tinha com os demais artigos?

As respostas para essas questões serão exploradas no capítulo que se segue, em que discorrer-se-á sobre a literatura que aparece no periódico.

Capítulo 3

A Literatura na *Revista Feminina*: tradição e modernidade

No capítulo anterior, procurou-se expor basicamente quais eram os intuitos da *Revista Feminina*, abordando seu programa, realizando uma breve descrição de seu conteúdo e apresentando-a como um instrumento utilizado para a mulher como forma de instruir-se e ter maior contato com a literatura de sua época.

Realizando-se um breve retrocesso ao primeiro capítulo, tem-se que vivia-se no Brasil um panorama de transformações que exigia evoluções, pois tinha-se como base comparativa países como França e Inglaterra.

Durante esse período de intensas mudanças, emerge a *Revista Feminina*. Assumindo uma postura ambivalente – entre tradição e modernidade – o periódico reflete ora uma tendência à modernização, ora uma estreita ligação com o tradicional, seja no campo ideológico, seja no campo literário. Como principais tópicos que estavam sempre em pauta no periódico apareciam a questão educativa da leitora e da família; a questão da identificação texto (temáticas) e a leitora; e a questão do direito da mulher à literatura. Esses eixos centrais moldavam a escolha dos temas e das obras que seriam publicadas para a leitora da *Revista*.

A literatura presente na *Revista*, analisada a partir da perspectiva de que o país vivia um momento de transição e de que a literatura também vivenciava a busca por uma nova consciência literária, pode revelar, em tese, reflexos da movimentação literária de seu período. Se em registros a historiografia literária aponta que o momento anterior ao Modernismo revela-se como um período de busca de uma nova identidade, como a *Revista Feminina* funcionaria para ilustrar essa questão?

Observando-se a conduta na escolha textual na *Revista*, podem-se notar alguns aspectos constantes. Primeiramente nota-se uma predominância em massa de textos de autores canônicos, como Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Neto, dentre outros não menos importantes. A estreita ligação com esses textos e a escolha de escritos que tivessem como essência temas relacionados à mulher podem delinear, através de reflexos, o panorama literário da época. Podem, ainda refletir uma *literatura de permanência*, nas palavras de Antonio Candido.

Vista sob os eixos da educação, da identificação com a leitora e do direito à literatura para a mulher, a literatura da *Revista* vale-se de autores consagrados e navega por temas emotivos, fornecendo um panorama do período em que foi publicada. De acordo com artigo de dezembro de 1917, o periódico propunha-se a fornecer à mulher o melhor da Literatura de seu período.

Na nossa parte literária publicamos durante estes quatro anos colaboração variada e seleta e podemos orgulhar-nos de haver conseguido colaboração dos nossos melhores escritores, e de termos apresentado novos nomes literários de todo o Brasil. Entre esses figuram:

da academia brasileira: Coelho Neto, Olavo Bilac, Luiz Guimarães, Filinto de Almeida, Felix Pacheco, Magalhães de Azeredo, Paulo Barreto, Garcia Redondo; Da Academia P. de Letras: Amadeu Amaral, Cláudio de Souza, Valdomiro Silveira, D. Presciliana Duarte, Freitas Guimarães, Dr. J. Gomes dos Santos, J. de Carvalho e mais Cyro Costa, Arthur Cerqueira Mendes, Julio Cesar da Silva, René Thiollier, J. Machado, D. Julia Lopes de Almeida, D. Ana Rita Malheiros, Dr. Edward Camilo, Oscar Lopes, D. Francisca Julia da Silva, João luso, Tapajós Gomes, Chrysantheme, D. Bebe Mendonça Lima, Couto de Magalhães Sobrinho, e muitos e muitos outros escritores nacionais, do norte e do Sul do Brasil.

A par da literatura nacional temos publicado os melhores trechos de literatura estrangeira moderna, traduzidos especialmente para a nossa *Revista*. (*Revista Feminina*, dezembro de 1917)

O fragmento acima, extraído da seção “A nossa Revista”, de dezembro de 1917, explicita, resumidamente, o papel da Literatura na *Revista Feminina* e a preocupação com a difusão de textos de renomados escritores da Literatura brasileira e da estrangeira.

Conforme mencionado anteriormente, um dos pontos principais na *Revista* era a preocupação com a cultura e com a educação feminina. Neste contexto, pode-se dizer que a literatura era incorporada ao periódico como forma de “instrução” da mulher brasileira. Para tanto, um dos recursos básicos utilizados não só para “instruir”, mas também para melhor difundir o periódico era a veiculação de textos de literatos reconhecidos na sociedade.

Para garantir à leitora que a *Revista* prezava por uma literatura de qualidade, mesmo num momento de ebulção e de permanência de inúmeras tendências literárias, expunham-se, no periódico o exame da crítica de sua época. A repercussão da *Revista Feminina* em outros jornais atestava às leitoras, dentre outras particularidades, que as seções e textos literários e ainda seus colaboradores eram apreciados pela sociedade.

Não é por um sentimento de vaidade que nos referimos nesta coluna ao entusiástico acolhimento que tem tido nossa *Revista*, por parte de toda a imprensa do Brasil, mas apenas como um encorajamento às valorosas senhoras que em todos os estados se estão empenhando, para que se vulgarize leitura útil e sã. Não podem deixar de desvanecer-nos as elogiosas e carinhosas expressões com que todos os jornais do Brasil, desde os jornais do Rio de Janeiro, notadamente o *Jornal do Comércio*, até os jornais das capitais dos estados, se referem à nossa revista, aclamando-a como a melhor publicação feminina do Brasil. Temos visto com prazer que os artigos de nossas distintas colaboradoras são transcritos em dezenas de jornais, inclusive jornais desta capital e do Rio. A linda crônica - *As virtudes de meu marido* - publicada em nosso número passado, foi transcrita pela *Gazeta*, o elegante vespertino que se publica nesta capital e os artigos de Bebê de Mendonça Lima, Julia Lopes de Almeida e as cintilantes crônicas de Ana Rita Malheiros, que é indubitavelmente a primeira das cronistas brasileiras, estão correndo todo o país, de jornal em jornal. (*Revista Feminina*, junho de 1916)

O fragmento anterior, extraído da seção “Nós e os jornais”, demonstra que a propagação e a recepção da literatura produzida para a *Revista* pelos demais jornais de sua época ocorriam de forma positiva.

Se, portanto, as seções literárias da *Revista Feminina* mereciam citações e menções elogiosas em outros jornais de sua época, isto devia à qualidade dos textos, à popularidade dos autores que com ela colaboravam e ainda devido ao fato de a família Salles integrar a elite que fazia parte do círculo literário de São Paulo e Rio de Janeiro e desta forma manter contatos importantes para a sua divulgação.

Dentro do panorama de transição social, histórico e literário em que surgiu a *Revista Feminina*, quais eram os gêneros explorados pelo periódico?

Em linhas gerais, a parte literária da *Revista* pode ser descrita como uma produção ampla dividida entre seções, crônicas, poesias e contos.

PERRUQUES BLANCHES

A nossa Revista tem sido um attestado de que o espirito feminino no Brasil, por modesto, não deixa de ser brilhante e quando outro valor não tivesse nossa iniciativa, não se lhe poderia negar o de ter revelado ao publico escriptoras nacionaes de real merito. O mimoso sainele da senhora Regia de Oliveira, que publicamos a seguir e que foi representado com grande successo no Theatro Parque, é mais uma prova de que podem as nossas artes esperar das nossas intellectuaes, quando ridiculas convenções masculinas deixarem de entravar-lhe a rica floração. ▲ ▲ ▲ ▲ ▲

PERSONNAGES

URSULE, Comtesse de la Tour-Jacqueline. 37 ans
 ELODIE DE LA TOUR JACQUELINE, fille de la Comtesse. 18 »
 TOINETTE, Soubrette 17 »
 LE MARQUIS DE LA ROCHE MONTAUBAN 35 »

EPOCHE LOUIS XV

La scene représente un salon de style. Guéridon, clavecin, causeuses, etc. Portes à gauche et à droite; fenêtres.

SCENE PREMIERE

ELODIE, pensive, regarde par la fenêtre; LA COMTESSE, au premier plan, dispose un bouquet.

LA COMTESSE, gaiment

Elodie, ce bouquet fait-il bien?

ELODIE, évasive

Oui, mère.

LA COMTESSE, se retournant

A quoi songez-vous, ma fille?

ELODIE, s'avançant vers la comtesse
 Moi? Mais... à rien, mère. Puis-je vous aider?

LA COMTESSE, l'entraînant

Asseyez-vous là (elles s'asseyent). Maintenant, confesse-toi. (Geste de protestation d'Elodie). Oui, confesse-toi. Je ne serai pas méchante. La penitence sera un baiser! Ma tendresse a deviné ce que tu me caches. Je t'observe... Voilà deux semaines tu n'es plus la même. Ton regard m'échappe, ton appétit a des manières, ta gaieté court encore.

ELODIE, timide

Maman, je vous assure...

COMTESSE, interrompant doucement

Tais-toi. Tu m'inquietes. Tu auras beau te cabrer: l'image d'un petit marquis passe trop souvent sous l'ombre de tes cheveux. Mais, je respecte ton silence... La Roche Montauban viendra avec le coucher des fleurs; le crépuscule caresse les aveux... A lui tu parleras.

ELODIE, tréssautant

Jamais! (Un temps) Oh! ma mère! Pourquoi le marquis!

LA COMTESSE, étonnée

Quoi? L'oncle, comme tu l'appelles, l'effarouche maintenant?

ELODIE

Non! Il est si bon! Mais...

LA COMTESSE, interrompant

Alors, tu avoueras...

ELODIE

Mais, maman; ma chère maman... vous le savez, aucun homme ne tient

à moi... Comment supposer?... Là... franchement... Une gamine qui ne sait même pas broder, ni discuter Voltaire!

LA COMTESSE, piquée

Mon enfant, vous vous égarez. Tout gentil-homme qu'accepte une La Tour Jacqueline monte d'une souche son arbre généalogique. Les preux nos aïeux s'alliaient aux rois. Leur sang a rouillé bien des épées. Ne l'oubliez jamais Elodie. Vous descendez d'une lignée de héros dont les cuirasses invulnérables garantissaient leurs cœurs.

ELODIE, embrassant sa mère

Vous êtes jolie comme un pastel, chère mère. Je suis presque jalouse, belle dame, de ne pas vous ressembler. (Elle tire une révérence. Puis, inquiète) vous annoncez le Marquis de La Roche Montauban, mère?

COMTESSE, troublée

Oui — J'ai même a ce propos un gros secret a confier.

ELODIE, vivement

Un secret? Oh! maman, ne dites pas! (Ingenument). J'ai peur des secrets.

LA COMTESSE

Peur?

ELODIE

Oui — Un secret est beau, car il couvre une illusion; aussitôt dévoilé, l'illusion s'effrite.

LA COMTESSE

Oh! la vilaine! Du pessimisme maintenant? L'amoureux a fait plus de dégats que je n'imaginai. (Finement). Ne devines-tu pas ce que cherche le marquis?

ELODIE, palissant

Non.

COMTESSE

Ta mine te dément. Elodie. Tu sais... Et même tu me blâmes...

ELODIE, interrompant

Pourquoi, mère?

COMTESSE, hésitante

Ma fille... Tu me comprends tout bas... si j'ai osé, c'est que tu l'aimes aussi... et puis... tu verras; tu seras heureuse: nous serons deux à te choyer.

ELODIE

Est-ce possible? Mon Dieu, mon Dieu! (Un sanglot—Elle cache sa figure)

COMTESSE

Calme-toi, ma chérie. Alors, ce mariage t'apparaît moins extravagant? Ma petite Elodie, mon enfant. Je craignais tant t'affliger, et lui... il tremblait plus que toi!

ELODIE

Pourquoi? puisque je l'aime, maman!

COMTESSE

Mais, l'âge, les difficultés...

ELODIE

Des difficultés? Quelles difficultés? Je ne saisis pas.

COMTESSE

Enfant...

SCENE II

LES MEMES, MARQUIS DE LA ROCHE MONTAUBAN

MARQUIS, dans les coulisses

Madame la comtesse de la Tour Jacqueline? est-elle prevenue? (Il entre, l'aperçoit, s'incline et lui baise la main). Oh! chère, adorée comtesse!... Je ne vivais plus! Le soleil sur les cadrans de la ville ne jetait plus son ombre. (Un temps). Enfin! Je renais au rejaillissement de vos yeux! (Il lui baise tendrement les doigts.)

LA COMTESSE, au marquis

Ma fille... notre fille reclame sa caresse.

ELODIE, intimidée

Oncle! Elle tire une révérence Le marquis la baise au front. (Elle rougit et se dérobe.)

LE MARQUIS

Chère petite! (A' la comtesse). Eh bien, comtesse? La nièce n'a-t-elle pas trop aplati le vieux oncle?

ELODIE, à demi-voix, au marquis:

Pourquoi le cachez vous? Longtemps j'ai douté; mais, l'exquise incertitude m'enviévrait.

MARQUIS, même jeu

Oh! oh! Je ne savais pas ma petite élève aussi psychologue. (La comtesse à gauche prépare l'échiquier.)

ELODIE, coquettement au marquis

C'était mal! J'aurais compris. (Elle se trouble.)

LA COMTESSE, au marquis

Ne l'intimidez pas, cher marquis! Allons à notre revanche.

A ilustração anterior traz o texto “PERRUQUES BLANCHES”, uma peça teatral no idioma francês, que consistia, nesse periódico, na manutenção da relação Brasil- França ocorrida durante a *Belle Époque*. Não se pode esquecer que as influências européias que adentraram no país em vários âmbitos, como o social, o artístico e até mesmo o educacional, nesse caso através de teóricos que atuavam como referência para o Brasil, foram assimiladas pela sociedade que continuava a valorizar a “Civilização”. A imagem reflete, ainda, a busca pelos padrões franceses, e demonstra a dualidade localismo e cosmopolitismo que dialoga com o par tradição e modernidade proposto nesse estudo. Se o que se almejava era a modernidade, entendida como a aspiração pelo novo, e, ao mesmo tempo vivenciava-se ainda muitos aspectos da tradição e permanência, uma leitura da imagem pode ser a de que a modernidade era explorada pela *Revista* no sentido de fornecer um contato com o novo. Apenas nesse sentido - o de fornecer o contato com a língua francesa – que significava estar em consonância com a Europa é que se pode ver o texto como um reflexo de modernidade.

Ao notar um texto escrito em francês na *Revista* pode-se dizer que o periódico voltava-se a uma leitora culta e refinada, características que apenas as mulheres oriundas de famílias de melhor poder aquisitivo poderiam ter.

O texto da imagem fornece ainda outro detalhe: a escolha de textos dramáticos para integrar a *Revista*. O texto escrito para o teatro ocupa aproximadamente 3 páginas da publicação. No geral, as seções de Literatura ocupavam geralmente longas extensões, tomando-se como base o periódico completo.

Enquanto, em seu início, a *Revista* apresentava cerca de 30 a 40 páginas, com o passar do tempo este número quase dobra. O número de março de 1930 apresenta 67 páginas. Juntamente com este espaço mais vasto, aumentam as extensões dos textos.

Com relação ao gênero textual, portanto, nos números iniciais, principalmente, há uma enorme variedade de crônicas e poesias; já nos números que aparecem depois de 1920, permanecem as poesias, em menor número, mas há uma maior atenção aos contos e trechos de romances e novelas.

Com relação aos demais gêneros, como contos e crônicas, por vezes a *Revista* apropriava-se de textos de autores consagrados e reproduzia trechos de obras aclamadas já publicadas.

Vale dizer, ainda, que a quantidade de seções na publicação era bem menor que a de artigos e crônicas. Proporcionalmente, a literatura ocupava um espaço bastante considerável quando comparada a outras seções, de temas variados.

Importante mencionar que os números que dedicavam ainda maior espaço à literatura eram os de dezembro, cuja extensão, em páginas, também era consideravelmente maior que a das demais edições do ano. A tabela abaixo demonstra a variedade de gêneros e de autores que parecem no periódico.

<i>Revista Feminina</i> – abril de 1915			
Título	Autor	Tipo de texto	Páginas
A confissão	Guy de Maupassant	Conto	3-4
Seção “Poemas da Juventude”	Garcia Redondo	Crônica	11
Coleção Alva	Coelho Neto	Crônica	16
AEIOU	Alphonsus de Guimarães	Poesia	16
O inimigo	Júlia Lopes de Almeida	Poesia	17-18

Observando a tabela referente ao mês de abril de 1915, correspondente a um dos primeiros números da *Revista Feminina*, nota-se a presença de textos de autores consagrados, como Coelho Neto, Alphonsus de Guimarães, Júlia Lopes de Almeida, Garcia Redondo e Guy de Maupassant.

Fato notório é, portanto, que havia por parte da redação da *Revista Feminina* uma seleção prévia dos textos literários que seriam divulgados para o seu público, ou seja, um trabalho de captação de obras que levava em consideração mulher e a família. A Literatura, nesse ínterim, aparecia após essa escolha de obras que poderiam agradar à leitora brasileira, e geralmente privilegiava autores que já tinham caído no gosto popular, por isso recorria-se ou a colaborações de autores de prestígio momento ou ao levantamento de obras que interessariam à leitora, mesmo sem serem inéditas.

Sendo assim, autores como Garcia Redondo, escritor, contista e jornalista português, que aparece em alguns números da publicação ter sido reproduzido ou colaborado com o periódico. O mesmo acontece com Alphonsus de Guimaraens: não há registro de que o autor de relacionava com a direção do periódico. De acordo com o exame que se realizou do periódico, era uma regra da *Revista* anunciar seus colaboradores. Coelho Neto e Júlia Lopes de Almeida – são, nesse contexto, mencionados e apresentados às leitoras em notas especiais como a que segue: “Anunciamos hoje e com imenso prazer às nossas leitoras uma nova colaboração – e especial para a nossa Revista – D. Julia Lopes de Almeida, a mais festejada, a mais original e a mais perfeita das nossas escritoras” (*Revista Feminina*, fevereiro de 1916, p.

7). Portanto, pode-se entender que os autores não mencionados nas seções de apresentação de colaboradores eram apenas reproduzidos.

Com relação à parte literária da *Revista*, depreende-se que consistia num universo de textos de autores variados, do qual faziam parte literatos ilustres como Coelho Neto, Julia Lopes de Almeida, e o irmão de Virgínia de Souza Salles, Cláudio de Souza. Provavelmente Cláudio de Souza foi o elo mais forte que interligou a *Revista Feminina* com a literatura de seu tempo, pois Souza, médico e teatrólogo, integrava as rodas literárias do período, freqüentadas pelos mais renomados escritores.

No panorama geral da Literatura da época, isto é, no plano exterior à *Revista*, o momento era de transformações significativas. A historiografia literária discute e define o período que antecede 1922 como portador de uma “literatura de permanência” (CANDIDO, 2000, p. 104), ou seja, um período de preparação que só iria encontrar um novo percurso em 1922, a partir da Semana da Arte Moderna. Até este momento, portanto, nota-se uma continuidade, uma “tradição”.

Sobre o momento histórico-social nas primeiras décadas do século XX, Alfredo Bosi postula,

Um olhar, ainda que rápido, para esse conjunto mostra que deviam separar-se cada vez mais os pólos da vida pública nacional: de um lado, arranjos políticos manejados pelas oligarquias rurais; de outro, os novos estratos socioeconômicos que o poder oficial não representava.

Do quadro emergem ideologias em conflito: o tradicionalismo agrário ajusta-se mal à mente inquieta dos centros urbanos, permeável aos influxos europeus e norteamericanos na sua faixa burguesa, e rica de fermentos radicais nas suas camadas média e operária. No limite, a situação comportava:

- a) uma visão de mundo estática quando não saudosista;
- b) uma ideologia liberal com traços anarcoídes;
- c) um complexo mental pequeno-burguês, de classe média, oscilante entre o puro ressentimento e o reformismo;
- d) uma atitude revolucionária. (BOSI, 2006, p. 324)

O cenário do Brasil era plural e os níveis de consciência, seja literária, seja ideológica, eram diferentes em cada parte. Sendo assim, os escritos oriundos desse período poderiam refletir os sentimentos enumerados por Bosi, como o saudosismo, o anarquismo, dentre outros.

Se somente a partir de 1922 o cenário literário toma novos rumos, como a *Revista* selecionaria os textos que viriam integrar a *Revista Feminina*? Sobretudo quando se pensa no programa do periódico e nas suas principais características, pode-se perceber que sua essência estava mais atrelada à questão do acesso à literatura que selecioná-la de um período

específico. Tendo isso como ponto de partida, pode-se entender melhor de que forma aparecem os textos literários no periódico: entre a tradição e a modernidade.

A transitoriedade literária é documentada pela *Revista* no sentido em que analisando todo o *corpus*, nota-se a presença de textos de períodos anteriores ao de sua publicação e ainda escritos de autores que eram contemporâneos à sua publicação. Porém, seus textos marcados pela poeticidade, pela escolha de temas românticos e relacionados à emoção nada denunciavam sobre uma literatura modernista, marcada pela renovação da linguagem, por uma temática diferenciada e um novo olhar sobre o *local*. Se na revista *Klaxon* (1922-1923) havia os objetivos de difusão das novas ideologias na literatura, dentre os quais os ideais modernistas, na *Revista Feminina* as inovações no plano literário, apesar da estreita ligação de Claudio de Souza com os literatos da época, não foram nem mesmo mencionadas. Seu foco recaía na produção que pudesse ser endereçada à leitora e à família. Toda a agitação causada pelo alavancar do movimento modernista permanece fora das páginas da publicação, que mantém seus objetivos de instrução e educação da mulher brasileira e apresentando a literatura sob esse enfoque.

Apesar de o registro de posturas, consciências e movimentos literários não terem feito parte do programa geral da *Revista*, o exame de seu conjunto revela um grupo de textos que ilustram a literatura vivida no período e acrescenta alguns dados que podem complementar o que se sabe até o momento sobre a Literatura difundida no período de transição literária.

Pensando-se na questão da relação *Revista*- tradição, entendendo-se o termo tradição como a permanência ou o resgate de tendências literárias até de momento anteriores ao de sua publicação, um dos pontos que se sobressai é a colaboração literária. É possível dizer que a escolha de autores ocorria de modo a se considerar sua produção e prestígio social, características que estavam intimamente ligadas ao passado literário de cada artista. Imperam, portanto, em suas páginas textos de autores de fases literárias anteriores ou de autores que produziram naquele período.

As colaborações da *Revista Feminina* juntamente com os textos de autores estrangeiros por ela veiculados em seus primeiros anos demonstram sua relação com uma literatura “tradicional”, isto é, uma “literatura de permanência”, nas palavras de Antonio Candido.

Nas tabelas que se seguem, observam-se os textos e seções literárias nos dois primeiros anos da *Revista Feminina*, e, ainda, os autores presentes nos números neste período. Note-se a multiplicidade de textos, seções e de autores.

Revista Feminina – abril de 1915	
Título	Autor
A confissão	Guy de Maupassant
Seção “Livros recebidos”	Sem assinatura
Seção “Poemas da Juventude”	Garcia Redondo
Coleção Alva	Coelho Neto
AEIOU	Alphonsus de Guimarães
O inimigo	Júlia Lopes de Almeida
Revista Feminina - dezembro de 1915	
Título	Autor
A Loba: conto de dezembro	Guilherme Rubim
A caçada	Coelho Neto
Hino à Primavera	Laurita Lacerda
Sonhos Ambiciosos	B. Octavio
Extremos	Prisciliana Duarte de Almeida
No Tribunal	Coelho Neto
A Palmeira	Alberto Oliveira
Cinzas	Heitor Lima
Revista Feminina -janeiro de 1916	
Título	Autor
O espelho de prata	Conan Doyle
A partilha	Coelho Neto
Pai contra mãe	Machado de Assis
Seção “Poemas da Juventude”	Garcia Redondo
Revista Feminina -fevereiro de 1916	
Título	Autor
Seção “Trechos Clássicos”	Lamartine
A abelha e a mosca	Fenelon
A eterna máscara	João Luso
O templo do passado	Maeterlinck
Um sorteio de noivas	Anna Rita Malheiros (Cláudio de Souza)
Distâncias	Crysanthème
O mendigo	Brito Mendes
Revista Feminina - março de 1916	
Título	Autor
Uma noite histórica	Raul Pompéia
Seção “Os nossos poetas” - <i>Criação</i>	Olavo Bilac
Seção “Os nossos poetas”- <i>Abençoada a lágrima</i>	Mário de Alencar
Seção “Os nossos poetas”- A mulher e o poeta	Felix Pacheco
O prazer da caça	Guy de Maupassant
O poeta	Allegretti Filho
Revista Feminina - abril de 1916	
Título	Autor
O Recitativo: conto cearense	Gil Amora
Sonho de mocidade	Stefan Zweig
A época das possibilidades	Julia Lopes de Almeida
Coração calmo	Julio Cesar da Silva
Revista Feminina - maio de 1916	
Título	Autor
A princesita das rosas	Fialho de Almeida
Tarde de abril	Y. de Schloenbach Blumenschein
Caro bem	Prisciliana Duarte de Almeida
Quanto vale uma mulher: narrativa de costumes africanos	Luis Bermudês de Castro

Revista Feminina -junho de 1916	
Título	Autor
Coleção Alva	Coelho Neto
O velho	Guy de Maupassant
Ao Tiêê	Eugenio Fonseca Junior
A flor da trapoeraba	Adelina Lopes Vieira
A amizade	Prisciliana Duarte de Almeida
Perruques Blanques	Regis de Oliveira
Livro d'alma: a minha esposa	Stocker de Lima
Revista Feminina -julho de 1916	
Título	Autor
Seção "Livros recebidos"	Sem assinatura
A estrela amorosa	Magalhães de Azeredo
O Bêbedo	Guy de Maupassant
Revista Feminina - agosto de 1916	
Título	Autor
As primeiras neves	Guy de Maupassant
Carta a uma noiva	Bebé de Mendonça Lima
A mariposa	Julia de Asensi
Kosmos	J.M. Goulart de Andrade
Revista Feminina – setembro de 1916	
Título	Autor
Seção "Novos livros": <i>A árvore</i>	Julia Lopes de Almeida
Histriões que passaram	Gomes dos Santos
Amores d'além túmulo	Arthur Dourliac
A intriga	Anna Rita Malheiros (Cláudio de Souza)
Un entretien d'amour	Lygio
Revista Feminina - outubro de 1916	
Título	Autor
Tédio hibernal	Emílio de Menezes
Seção "Livros Novos"	(sem assinatura)
Quem diria!	Júlia Lopes de Almeida
Seção "Jardim dos Poetas" – <i>Saudade; Ruínas</i>	Leôncio Correia/Cyro Costa
Revista Feminina - novembro de 1916	
Título	Autor
Junto de minha mãe	Leôncio Correia
Flirt	Chrysanthème
Seção "Livros recebidos"	(sem assinatura)
Seção "Livros Novos"	(sem assinatura)
Revista Feminina - dezembro de 1916	
Título	Autor
A mulher brasileira	Benedito Salgado
Serenata	Carlos Magalhães de Azeredo
O primeiro bilhete	G. de Biez
Versos à vizinha: das "Cantigas"	Wenceslau de Queiroz
Seção "Livros recebidos"	Sem assinatura
Jesus e a pecadora	Leão d'Eça
O anjo da paz	Leôncio Correia
Os mestres da língua	Almeida Garrett

A tabela de dezembro de 1915 confirma que a colaboração de Coelho Neto continua e que textos de outros autores, diferentes dos que aparecem no número de abril, têm seus textos publicados, e entre eles Prisciliana Duarte de Almeida e Heitor Lima.

Garcia Redondo e Coelho Neto aparecem novamente na *Revista Feminina* de janeiro de 1916. A novidade, no que concerne a autores, fica por conta da publicação de um texto de Conan Doyle (1859-1930), famoso escritor britânico, e outro de Machado de Assis (1839-1908), o conto “Pai contra mãe”.

Na *Revista Feminina* de fevereiro deste mesmo ano, nota-se o aumento do número de textos literários. Publica-se uma fábula de François Fenélon, “A abelha e a mosca”; um trecho de um texto, sem título, de Lamartine; uma crônica do escritor e crítico português João Alves das Neves, que escreve sob o pseudônimo de João Luso; uma peça teatral da escritora Cecília Bandeira de Mello, sob o pseudônimo de Crysanthème; uma crônica de Cláudio de Souza, irmão da diretora do jornal que escrevia sob um pseudônimo feminino, Anna Rita Malheiros, e, por fim, um poema de Brito Mendes intitulado “O Mendigo”.

Na *Revista* de março destaca-se a presença de Olavo Bilac, Mário de Alencar e Felix Pacheco na seção “Os nossos poetas”, com os respectivos textos “Criação”, “Abençoada a lágrima” e “A mulher e o poeta”, todos do gênero lírico.

No número de abril de 1916, é interessante notar a temática dos textos que o compõem. “Sonho de mocidade”, “A época das possibilidades” e “Coração calmo” são textos que abordam temas que a direção da publicação possivelmente considera agradar às mulheres que leem a *Revista Feminina*, pois lidam com a uma atmosfera emotiva, com a imaginação e com os sentimentos.

Ao considerar os exemplares do ano de 1916, nota-se que a *Revista* procura lidar com temas pertencentes ao universo feminino de uma mulher que está presa aos moldes clássicos da educação patriarcal, ou melhor, de uma mulher que cuida do lar, dos filhos e do marido. Isso fica mais evidente quando se observam os artigos que a ensinam a cozinhar, a se comportar e a agradar seus filhos e marido. Com os textos literários acontece basicamente a mesma coisa: a escolha dos temas respeita o que teoricamente seria o interesse desta mulher, com temas românticos, muita poesia e histórias moralizantes; por isso a publicação de fábulas e crônicas com fundo moral. Portanto, se ocorre a presença de textos literários, estes estão diretamente vinculados com a leitora, com a recepção e a equipe de edição sem dúvida selecionava os textos a serem publicados tendo em vista esse critério.

Na *Revista Feminina*, além da escolha de textos líricos, crônicas e fábulas, publicam-se, ainda, trechos de textos dramáticos. No mês de junho, a peça teatral já mencionada *Perruques Blanches*, de Regis de Oliveira, é publicada integralmente, ocupando três páginas da *Revista*, e em francês, fato que chama a atenção, porque com isso pode-se

dizer que o público, ou melhor, a leitora que se pretende entreter é uma leitora culta, que tem o conhecimento do idioma francês, que no início do século XX é uma febre nacional, conform mencionado anteriormente. O texto *Perruques Blanches*, embora seja escrito em francês, tem autoria brasileira, o que exemplifica essa valorização do exterior, cosmopolitista, em detrimento do nacional, que ocorre no início do século XX.

Outro exemplo disso é a freqüente veiculação de contos do renomado escritor francês Guy de Maupassant. Em apenas um ano de publicação (12 números), a *Revista* publica 5 contos seus, um número elevado quando comparado ao que ilustra a freqüência de alguns autores brasileiros como Machado de Assis, que aparece somente uma vez nesses doze meses. A presença de textos de Maupassant ocorre no número de abril de 1915 e é retomada nos exemplares de março, junho, julho e agosto de 1916.

Ainda no número de junho, destaca-se a repetição da seção “Coleção Alva”, de Coelho Neto.

Na *Revista Feminina* do mês de julho, salienta-se a presença da seção “Livros Recebidos”, que traz referências de leituras para as mulheres. A seção tem mais duas publicações, em novembro e dezembro de 1916, e é importante pois torna acessíveis às leitoras os livros que estão em evidência.

No número de agosto, predominam os textos soltos, dentre os quais destacam-se “As primeiras neves”, de Guy de Maupassant; “Carta a uma Noiva”, de Bebê de Mendonça Lima, o conto “A mariposa”, de Julia de Asensi e a poesia “Kosmos”, de J. M. Goulart de Andrade.

Em setembro, começa a ser publicada a seção “Livros Novos”, que seguindo o modelo da seção “Livros Recebidos”, traz resumos e resenhas de livros enviados à direção da *Revista Feminina*. Aparecem ainda neste exemplar a crônica “Histriões que passaram”, de Gomes dos Santos; o conto “Amores d’além túmulo”, de Arthur Dourliac; e a peça teatral *A intriga*, de Anna Rita Malheiros, pseudônimo do irmão da fundadora da *Revista Feminina*, Cláudio de Souza.

Em outubro, novembro e dezembro aparecem as poesias “Tédio hibernal”, de Emílio de Menezes, “Saudade”, de Leôncio Correia; “Ruínas”, de Cyro Costa; “Junto de minha mãe”, de Leôncio Correia; “A mulher brasileira”, de Benedito Salgado; “Serenata”, de Carlos Magalhães de Azeredo; “Versos à vizinha: das Cantigas”, de Wenceslau de Queiroz; “Jesus e a pecadora”, de Leão d’Eça; “O anjo da paz”, de Leôncio Correia. Publicam-se, ainda, as crônicas “Quem diria!”, de Júlia Lopes de Almeida; “Flirt”, de Crysanthème; e “Os mestres da língua”, do escritor português Almeida Garrett.

Em 1917, também são constantes os textos de Literatura:

Revista Feminina – janeiro de 1917		
Título	Autor	Tipo de texto
Corações de mulher	Condessa de Tramar	Crônica
Na roça	Carlos da Fonseca	Poesia
A idiota	Rene Thiollier	Crônica
(ilegível)	Olegário Mariano	Poesia (soneto)
Ano velho	Luís Carlos	Poesia (soneto)
O ramo de lilás	Max Villeneuve	

É, portanto, bastante numeroso o corpo de textos literários que fazem parte da *Revista Feminina*.

É importante lembrar que a *Revista* passa por três fases e se modifica mesmo que de forma sutil, quando passa de uma para outra. Assim, pode-se apontar como primeira fase, o período em que a publicação é dirigida por Virgilina de Souza Salles, sua fundadora, isto é, de 1915 a 1918. A partir dessa data, que se marca pelo falecimento da diretora, assume a liderança do periódico João Salles. É somente após 1925 que se inicia a terceira fase do periódico, gerenciado então por Avelina de Souza Salles. Durante as três fases predomina a mesma essência, porém, o período de maior enfoque e de maior quantidade de textos literários é aquele em que Virgilina está no comando.

Por este motivo, o enfoque analítico recai sobre os textos que apareceram durante esses três anos, por serem uma amostra considerável de escritos que exemplificam como a literatura era tratada na *Revista Feminina*, sem no entanto descartar os textos das demais fases delimitadas anteriormente, que aparecerão como forma de confirmar a coerência do comportamento do periódico nos demais anos de publicação.

Sendo assim, começa-se a explorar as seções de maior destaque, para depois comentar alguns textos em particular.

As seções abordadas e analisadas são “Poemas da Juventude”, “Livros Recebidos”, “Livros Novos” e “Coleção Alva”.

3.1 As seções de Literatura: “Poemas da juventude”

A seção “Poemas da juventude” aparece apenas duas vezes (em abril de 1915 e em janeiro de 1916), nos dois primeiros anos de publicação, porém os poucos textos que nela aparecem já demonstram a tendência da *Revista Feminina* de escolher artigos que fossem de interesse específico da imagem que se tinha da mulher daquela época, dado seu intenso apelo romântico. Os textos, ao contrário do que indica o nome da seção, não possuem a estrutura formal de poemas, mas no geral tratam de temas que despertam a emoção de suas leitoras utilizando-se da prosa. Assinadas por Garcia Redondo, escritor que teve sua produção concentrada no final do século XIX, as pequenas narrativas de apelo emotivo-romântico – trazem como enredo histórias de amor e paixão. A ambientação, o espaço, o tempo e as personagens e o discurso fazem com que se tenha a impressão de se estar lendo uma história vivida e contada por uma pessoa íntima. As histórias são geralmente bem simples, isto é, os enredos não trazem complexidade e são de fácil entendimento.

Garcia Redondo¹⁹, colaborador da *Revista Feminina*, foi também um dos integrantes da Academia Brasileira de Letras e fazia parte dos círculos literários não só brasileiros, mas também portugueses. Habitado a colaborar na imprensa e fundador de um periódico literário – *O Peregrino* - o autor realiza essa colaboração com a *Revista Feminina*.

Na seção de abril de 1915, são apresentados dois textos de Garcia Redondo – “Prelúdios” e “O silêncio eloqüente”. Segue a transcrição:

¹⁹ Garcia Redondo (Manuel Ferreira G. R.), engenheiro, jornalista, professor, contista e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 7 de janeiro de 1854, e faleceu em São Paulo, SP, em 6 de outubro de 1916. Convidado a comparecer à última sessão preparatória para a criação da Academia Brasileira de Letras, fundou a Cadeira nº 24, que tem como patrono Júlio Ribeiro.

Filho de Manuel Ferreira de Sousa Redondo e de Francisca Carolina Garcia Redondo. Frequentou a Universidade de Coimbra por algum tempo, cursando humanidades. Foi companheiro de poetas e escritores portugueses e brasileiros, entre os quais Gonçalves Crespo, Guerra Junqueiro e Cândido de Figueiredo. Em 1872, ingressou na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, pela qual obteve o grau de engenheiro e bacharel em ciências físicas e matemáticas.

Em fins de 1878, nomeado engenheiro fiscal de obras de Alfândega de Santos, transferiu-se para aquela cidade, onde residiu até 1884, transferindo-se daí para a capital de São Paulo.

Em Portugal, colaborou no *Novo Almanaque Luso-brasileiro de Lembranças* e fundou *O Peregrino*, periódico literário, onde teve por companheiros de redação Augusto Bittencourt e Sergio de Castro. No Rio de Janeiro, colaborou na *República* em sua primeira fase, quando redigida por Salvador de Mendonça, e na segunda fase em 1878; na *Idéia*, periódico literário; no *Mosquito*, semanário humorístico; no *Jornal do Commercio*; no *Repórter*, onde publicou folhetins semanais, e na *Revista de Engenharia*. Pseudônimos: Um contemporâneo; Um plebeu, Cabrion, Pepelet, Gavarni, Nemo, Childe Harold. (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Garcia Redondo. <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=560&sid=247>. Acesso em 30 de janeiro de 2012).

Prelúdios

A primeira vez em que nos vimos ela tinha doze anos.

Menina e travessa, não percebeu logo que o meu coração pulsava por ela e, querendo um companheiro para os seus brincos infantis, levou-me a um bosque umbroso onde gemiam regatos e aves canoras trinavam.

Ali, no meio da selva, a sós comigo, disse-me:

— Vira-te de costas que vou esconder-me. Depois, procura-me. Se me achares, dou-te um beijo.

— E se não te achar?

— Dou-te um murro, respondeu logo agastada e mostrando-me o seu punho fechado.

Escondeu-se, mas eu permaneci quedo no mesmo lugar.

Quando, minutos depois, reapareceu, desapontada, perguntou-me:

— A promessa do meu beijo não te despertou o desejo de me procurar e achar?

Prefiro o teu murro, respondi.

Ela ergueu o braço e pousou levemente os nós dos seus dedos na minha face trêmula. Em seguida, olhou-me e, vendo-me triste, colou os seus lábios aos meus num beijo longo, que eu retribuí longamente.

Desde então, nunca mais me convidou para brincarmos no bosque.

O silêncio eloqüente

Numa roda juvenil e galante, onde estava a minha doce amada, discutia-se a paixão.

Uma loura, muito formosa, de olhos cerúleos, perguntou às outras:

Que fariam vocês se tivessem entre as mãos o coração do bem amado?

Uma morena respondeu logo:

Cobria-o de beijos.

Outra, de coma ondeante e castanha, disse:

Punha-o no escrínio das minhas jóias cintilantes.

Uma terceira, de cílios dourados, emendou:

No escrínio não, que é frio; punha-o no seio, no meu seio macio, para comunicar-lhe o calor do meu corpo.

A que fizera a pergunta disse então desdenhosamente:

Tolas! um coração morto e frio é lixo inútil...

A minha amada conservava-se muda, mas dos seus olhos febris corriam lágrimas quentes.

Confrontando o enredo das duas histórias, nota-se que o tema central é a paixão – inocente ou calorosa – das personagens. O enredo centraliza-se no jogo da conquista e as personagens são dotadas, ao mesmo tempo de certa ingenuidade e malícia. O tempo das narrativas é o passado, mas próximo, o que faz com que a história seja próxima da leitora. O narrador é o homem que ama e é ele quem descreve toda a ação. Tais histórias são apresentadas às leitoras como forma de entretenimento literário, e lhes propiciam um contato com um universo

imaginativo, ficcional. Se se compara esta seção com as demais que aparecem na *Revista Feminina*, nota-se que este era um espaço dedicado a propiciar à mulher um contato com o imaginário e, ao mesmo tempo, funcionava como meio de entretenimento. É importante lembrar que um dos intuitos primordiais da *Revista Feminina* era o de oferecer uma leitura “sã e moral” à mulher e que contribuísse para sua “educação”,

REVISTA FEMININA 11

Muitas paginas se encheriam com os nomes dessas senhoras reito nas sociedades bem organizadas, por meios suasórios, batalharam por tão ingrata causa.

Em Portugal o movimento feminista foi sempre digno de menção, com DD. Maria Amalia V. de Carvalho, Olivia T. de Menezes, Clorinda de Macedo, Guiomar Torrezião e actualmente D. Anna de Castro Ozorio e outras.

Só no Brasil a Mulher parece conservar-se inactiva — dir-se-ia uma chrysalida entorpecida no casulo da indiferença. Mas é preciso que ella se faça nympha e erie azas, que alargue o seu horizonte rompendo obstaculos e en-traveses para conquistar o lugar que lhe compete nas sociedades modernas.

É um erro suppor que a Mulher, para collaborar com o homem publicamente, deva abandonar a função carinhosa do lar. O tempo sabiamente dividido permitirá que não se descuidando do lar, ella occupe as horas vagas na leitura e no estudo, preparando o seu espirito para as contingencias cada vez mais dificeis da lucta pela vida. A toilette é o triumpho da mulher e muitas senhoras embaldadas por esta mystificação delicada do sexo opposto, iludem-se e escravizam-se cada vez mais, satisfazendo apenas o orgulho dos homens.

A alma é que se deve adornar. O corpo é ephemero; o espirito não.

A leitura de um bom livro vale mais do que os repetidos passeios, e a palestra continuada sobre modas, creados e pequenos “potins” de sociedade não é a mais adequada a educação espirital necessaria a mulher moderna.

É por isso que eu saúdo com o mais grato enthusiasmo, a Exma. Sra. D. Virgíllina de Souza Salles, pela brilhante iniciativa que acaba de ter, fundando um jornal para senhoras que, embora isento de caracter feminista, concorrerá para o preparo do espirito da Mulher brasileira de hoje para que amanh ella

reconquiste o lugar a que tem direito nas sociedades bem organisadas.

S. Paulo.

POEMAS DA JUVENTUDE

(Colaboração especial para a Revista Feminina de S. Paulo.)

PRELUDIOS

V

A primeira vez que nos vimos ella tinha doze annos e eu quinze.

Menina e travessa, não percebeu logo que o meu coração pulsava por ella e, querendo um companheir para os seus brincozinhos infantis, levou-me a um bosque umbroso onde gemiam regatos e aves canoras trinavam.

Alli, no meio da selva, a sós comigo, disse-me:

— Virate de costas que vou esconder-me. Depois, procura-me. Se me achares, dou-te um beijo.

— E se não te achar?

— Dou-te um murro, respondeu logo agastada e mostrando-me o seu punho fechado.

Escondi-me, mas eu permaneci quédo no mesmo lugar.

Quando, minutos depois, reapareceu, desapontada, perguntou-me:

— A promessa do meu beijo não te despetou o desejo de me procurar e achar?

Prefiro o teu murro, respondi.

Ella ergueu o braço e pousou levemente os nós dos seus dedos na minha face tremula. Em seguida, olhou-me e, vindo-me triste, collou os seus labios aos meus n'um beijo longo, que eu retribuí longamente.

Desde então, desde então, nunca mais me convidou para brincar-mos no bosque.

O SILENCIO ELOQUENTE

VI

Numa roda juvenil e galante, onde estava a minha doce amada, discutia-se a paixão.

Uma loura, muito formosa, de olhos ceruleos, perguntou ás outras:

— Que fariam vocês se tivessem entre as mãos o coração do bem amado?

Uma morena respondeu logo:

— Cobria-o de beijos.

Outra, de coma ondeante e castanha, disse:

— Punha-o no escriptorio das minhas joias scintillantes.

Uma terceira, de cilios dourados, emendou:

— No escriptorio não, que é frio: punha-o no seio, no meu seio macio, para communcar-lhe o calor do meu corpo.

A que fizera a pergunta disse então desdenhosamente:

— Tolas! um coração morto e frio é lixo inutil...

A minha amada conservava-se muda, mas dos seus olhos febris corriam lagrimas quentes.

S. Paulo, 1882.

Garcia Redondo
(Da Academia Brazileira)



Vestido de setim rosa velho, salteado com tulos de veludo preto e da mesma.

O VICIO DE ROER AS UNHAS

Temos em mãos neste momento um excellent preparado, da Mfg. Drugs S. Paulo C., para evitar o vicio de roer as unhas, que é muito commum nas crianças e que além de ser repugnante, é sempre prejudicial, provocando lesões no estomago e casos frequentes de apendicite com morte em 24 horas.

Quem vê uma linda criança, com os dedinhos postos na bocca cor de rosa, roendo as unhas, não imagina muitas vezes os perigos a que ella se expõe e cuja responsabilidade cabe as mães impavidas e descuidadas. Por um accordo com a *Manufacturing Co.*, podemos aceitar os pedidos das nossas leitoras, ao preço de \$8500 o vidro, livre de porte.

A seção “Poemas da Juventude” — abril de 1915

Sem dúvida, a presença de “Poemas da Juventude” e outros artigos e seções literárias que aparecem na *Revista* confirmam o propósito de Virgíllina que era o de aproximar a leitura “recreativa e literária” “sã e moral” da mulher. A partir do contato com textos literários, ela

poderia enriquecer sua cultura, e, ao mesmo tempo, se distrair das tarefas que lhe eram comuns, como cuidar da casa e de sua família.

Todavia, por mais que a presença da Literatura fosse freqüente nas páginas da *Revista Feminina*, o que demonstra certa preocupação com a situação educacional da mulher, não havia, por parte da *Revista*, ideais revolucionários. A literatura aparece apenas como forma de conscientizar, educar, colaborar culturalmente. Isso fica claro quando se observa as demais seções não-literárias que aparecem nesse periódico, como “Como enfeitar a minha casa”, “Como agradar o meu marido”, entre outras. Assim, pode-se dizer que a leitura literária aparece como meio de tentar ampliar o universo feminino, que se restringe até este momento ao ambiente doméstico.

Na temática dos textos, tanto nos literários quanto nos não-literários, geralmente predominam temas tradicionais, como a paixão, o amor, o casamento e temas religiosos.

Na mesma seção, mas no ano de 1916, publica-se apenas um texto, que mais uma vez pertence a Garcia Redondo. “Enfim!” traz como enredo a descrição dos sentimentos de um casal em sua festa de casamento, de forma idealizada, sob o olhar apaixonado do narrador.

Enfim! (Garcia Redondo)

Linda, linda, no seu vestido de seda alva, de cauda longa, coberto de flores de laranjeira, ela subia ao meu lado a escada alpendrada do nosso ninho adorado.

Ouvimos atrás o burburinho dos amigos e das amigas que subiam também, conversando alegremente.

A tarde, serena e tépida, prometia uma noite estrelada, num céu muito azul, como os céus desse Rio de Janeiro formosíssimo e fascinante.

Nós íamos silenciosos, acariciados pelos olhares amigos, inundados de felicidade ambicionada, sem encontrar a frase precisa para pintar o nosso júbilo e a nossa ventura.

No topo da escada um rancho de meninas louras e lindas, vestidas de branco, esperava-nos, atirando com as mãos pequeninas e róseas beijos e flores.

Lentamente, lentamente, subíamos, demorando a ascensão para ter esse gozo indizível de receber afagos e felicitações que não se repetem jamais.

Ela, feliz e trêmula, sob a chuva de pétalas que caíam, levemente ruborizada sob o seu véu, parecia-me um anjo, planando no alto em busca do paraíso.

E eu levava-a pelo braço, sem sentir o seu peso, crente de que ela se elevava, por um fenômeno de levitação, sem pousar os pés no solo.

Súbito uma voz nos disse:

— Quero ser a primeira a abraçá-lo.

E dois braços cingiram os nossos dois corpos unindo-os conjuntamente a um colo amigo, perfumado e palpitante. Era a Anita, a querida Anita, que nos esperava no alpendre e que nos conduziu para a sala.

Ao lado da doce amiga o seu noivo olhava-nos, cheio de inveja.

E eu, lembrando-me de uma promessa feita, disse baixinho à companheira amada, que o céu me destinava:

— Bem vêes que foi antes da Anita...

A sua mão apertou carinhosamente a minha, os seus olhos fizeram-me deliciosas promessas e os seus lábios murmuraram apenas:

— Enfim!

Repleto de imagens tradicionais que fazem menção ao casamento, como as flores de laranjeira, o uso da cor branca, e o véu, o enredo do texto – a festa de casamento de um casal apaixonado – é bastante simplório. Porém o trabalho com as figuras de linguagem, como metáforas, por exemplo, e a escolha dos vocábulos “transformam” essa festa tradicional numa espécie de sonho, em que a atmosfera é leve, e as personagens “sobem” as escadas como se subissem ao paraíso. O casamento aparece como uma união celestial; a noiva, idealizada pelo olhar apaixonado do noivo, “parece um anjo, planando no alto em busca do paraíso”. Ao mesmo tempo em que traz essa suposta “leveza”, o texto traz uma atmosfera de malícia observada em várias passagens do texto, como esta, que descreve uma amiga do noivo “E dois braços cingiram os nossos dois corpos unindo-os conjuntamente a um colo amigo, perfumado e palpitante”.

Nota-se, portanto, que os textos presentes na *Revista* mantêm-se atrelados a uma poesia romântica, voltada à mulher e que portanto está desapegada de tendências literárias. Trata-se de uma literatura direcionada e desenvolvida para entreter e ao mesmo tempo proporcionar cultura para a leitora da *Revista Feminina*.

Os três textos integrantes da seção “Poemas da Juventude” são apenas uma pequena parte da *Revista Feminina* em que se observa a preocupação em propiciar o contato das mulheres com uma Literatura direcionada ao público leitor, que não integrava as rodas de Literatura paulistas, mas que conhecia e apreciava os literatos do período.

Um ponto que não se pode deixar de comentar é a questão da autoria do texto. De acordo com as pesquisas realizadas, não há registro desses textos de Garcia Redondo em livros, revistas ou jornais da época. Assim, pode-se concluir que estes textos ilustram a escrita do autor para o público da *Revista*, e que, portanto, são direcionados.


3.2- A seção “Livros recebidos”

Diferentemente da seção de Garcia Redondo, na seção “Livros Recebidos” não são publicados textos literários. O trabalho a que se propõe aí é o de divulgar as obras que estão em destaque e que são recebidas pela direção da *Revista Feminina* para divulgação.

É válido recordar que Cláudio de Souza, irmão da fundadora da *Revista*, D. Virgínia de Souza Salles, faz parte do corpo editorial da publicação. Apesar de renomado médico, Cláudio participa das rodas literárias e tem contato com famosos escritores deste período, o que facilita na divulgação de obras literárias recém-lançadas – pois os escritores

enviavam-lhe os exemplares tão logo eram lançados – e, ainda, na grande participação desses escritores como colaboradores da *Revista*. É, portanto, quase certo que a preocupação com a presença da Literatura nas páginas em questão tenha sido de responsabilidade de Cláudio de Souza.

Dentre as colaboradoras deste periódico paulista, mas de abrangência nacional, Prisciliana Duarte de Almeida, Júlia Lopes de Almeida, Coelho Neto, entre outros, aparecem anunciados com grande destaque para que as leitoras notem que ilustres personalidades da sociedade figuram nas páginas do periódico. Nesta pequena amostra de dois anos de *Revista*, observa-se a publicação de textos de colaboradores e de trechos de obras de autores de outros períodos literários, como Machado de Assis e Guy de Maupassant. Quando um novo colaborador é apresentado às leitoras, isto se faz numa seção específica, intitulada “Novos colaboradores” e lá o acesso ao nome das personalidades da época se dá de forma direta e sempre com grandes elogios. A ilustração que se segue traz uma das aparições as seção e revela como a *Revista* apresentava seus colaboradores



<p>Novos Colaboradores</p> <p>Mais um nome consagrado podemos anunciar ás nossas leitoras, entre os nomes de nossos colaboradores:— Julio Cesar da Silva, o delicioso poeta, cuja arte de perfeições minuciosas,</p>	<p>é mondada mesmo dos mais ligeiros e sonateiros granidos. Os lindos versos com que elle nos honrou e que publicaremos no proximo numero, dirão mais do que o nosso verbo insipido das bellezas do seu estro.</p> <p>E assim, dia a dia, por um esforço constante e tenaz, vamos congregando no nosso corpo de collabo-</p>	<p>radores os mais brilhantes expoentes da intellectualidade brasileira.</p> <p>À METROPOLE Exposição de "móveis, tapetes e decorações. Reformas de móveis, estofados, colchões e almofadas.</p> <p>ERNESTO MARINO & C. RUA BOA VISTA, 27 TELEPHONE 1506</p>
---	--	--

A seção “Novos Colaboradores”

A seção “Livros recebidos” traz sempre uma pequena resenha dos livros que tem à disposição para ofertar a sua leitora. A apresentação se dá em poucas linhas, e o nome do autor, assim como na seção “Novos colaboradores”, se faz presente quase que com maior evidência que o título do livro ou da obra que se apresenta.

Contudo, é importante ressaltar que nesta seção são mencionados todos os tipos de livros – não só os pertencentes a “admiráveis” escritores do início do século XX, mas também àqueles que trazem assuntos que podem agradar às leitoras. Na segunda imagem da seção “Livros Recebidos”, pode-se ler o anúncio de um livro de economia, intitulado “Manual da Dona de Casa”, cujo assunto central é o ambiente doméstico: “economia do lar, regime alimentar, higiene do corpo, receitas de forno e fogão, licores”. Pode-se dizer que a seção é,

sob este ponto de vista, bastante variada, e que com ela não se pretende apenas instruir a leitura de clássicos literários, já que contém todo tipo de texto que agregue algum tipo de conhecimento para as mulheres.

Nas demais ilustrações relativas a esta seção que se selecionou acima, destacam-se, ainda, duas que se referem a textos de literatura e uma que traz títulos de livros de medicina e lavoura. As obras *A morte do Pierrot*, de Júlio César da Silva e *Páginas Infantis*, *O livro das aves*, e *Sombras*, de Prisciliana Duarte de Souza são brevemente descritos, porém são bastante recomendados às leitoras. Já *Das moléstias da boca*, *Máquinas para a lavoura* e *Indicador Comercial* são apenas descritos.

É interessante ressaltar que a seção “Livros recebidos” não só apresenta resumos dos livros, mas faz uma espécie de apresentação-recomendação às leitoras, para que estas compreem os livros, mas principalmente para que os consultem na biblioteca mantida pela direção da *Revista*.

.....
LIVROS RECEBIDOS.

A Morte de Pierrot de Julio Cesar da Silva É uma deliciosa phantasia, de vibração delicada, em que a alma do poeta revela toda a vivacidade de sua esthesia. Julio Cesar da Silva que estreou em São Paulo, ha uma dezena de annos, com as *Stalactites*, um livro de versos que era a affirmação vibrante de uma alma de artista, deixou nos por ongo tempo privados dos accordes de sua lyra. Fazemos votos para que *A morte de Pierrot*, seja o inicio de uma nova era de productividade, que consagrará os seus meritos de artista delicado, de labores finos e ao mesmo tempo nos embalará na suave cadencia do seu verso, delicioso de colorido e morbidez.

Os mesmos votos fazemos quanto a D. Francisca Julia da Silva, sua dilecta irman a princeza das poetizas brasileiras que com uma crueldade refinada, nos priva da delicia suprema do seu verso perfeito.

Livros recebidos

Manual da Dona - de - Casa

É este o titulo de um livro que sobre economia domestica acaba de publicar o Snr. Bento Jordão de Souza. É um volume de 300 paginas com optimos capitulos sobre economia do lar, regime alimentar, hygiene do corpo etc, e grande copia de receitas de forno e fogão, licores etc. Ao seo autor agradecemos o exemplar que nos effertou

LIVROS RECEBIDOS

O poeta não conhece Plínio Borghetto, e a gentileza de enviarnos, um exemplar de seu livro *Virgilio nas poesias*. Não se trata de um livro novo. É a edição de 1914 e sobre ella já falamos a imprensa se pronunciou, de modo que nos chega aqui noticia mais minuciosa sobre a obra poetica de Plinio Borghetto. Registamos pois o recebimento do exemplar que nos foi enviado e que de ora avante nossas leitoras encontrarão em nossa bibliotheca; e agradecemos ao sr. Borghetto as captivantes frases com que o poeta, na dedicatória de seu volume emulou nossa REVISTA e nossa illustração.

Judicador Commercial O snr. Antonio M. Figueira teve a gentileza de offerter-nos um exemplar desse interessante annuario 1916, 147. É uma publicação deveras interessante e util, e offendo grande copia de informações da vida commercial, industrial e administrativa de nossa capital. Gratos pelo exemplar offerecido.

Máquinas para a lavoura Com este titulo os srs. F. Upton & Comp. acalam de editar um luxuoso catalogo illustrado, com titulos elegantes de machinas para a lavoura e industria de sua exclusiva importação. É um catalogo de muito interesse para todos e especialmente para os lavouradores e industriaes. Recommendamolo tambem as nossas leitoras pois nelle encontramão muita coisa de utilidade domestica. Os srs. F. Upton & Comp. remetem gratis este catalogo ás leitoras da REVISTA. Pedidos para o largo de S. Bento, 12, S. Paulo.

Das moléstias da bocca - na primeira e segunda infancia: recebemos e agradecemos um exemplar de seu autor o cirurgião dentista - sr. Osorio Cezar.

Recortes da *Revista Feminina* – a seção “Livros recebidos” de abril de 1915; julho e novembro de 1916

Portanto, esta é uma seção de divulgação das obras que as leitoras podem acessar, seja por meio da compra, seja por meio do empréstimo na biblioteca da *Revista*.

A relevância dessa seção dá-se por repercutir aquilo que era tendência de leitura no Brasil durante o período de veiculação do impresso. Nos recortes acima, note-se, por exemplo, o anúncio do livro *A morte de Pierrot*, de Julio César da Silva, poeta que transitou entre as tendências Simbolista e Parnasianista.

3.3 A seção “Livros Novos”

À semelhança da seção “Livros Recebidos”, “Livros Novos” também traz resenhas de obras em destaque. No que concerne ao conteúdo sobre o qual versam, há apenas uma diferença entre as duas seções – “Livros Novos” explora obras apenas relacionadas à literatura enquanto “Livros Recebidos” publicava também sobre obras de outros temas.

Na primeira amostra da seção a que se teve acesso, encontrada na *Revista Feminina* de setembro de 1916, o livro que se analisa é *As árvores*, de Júlia Lopes de Almeida. Assim como na seção “Livros Recebidos”, o texto inicia-se com o agradecimento pelo envio da obra que fará parte da biblioteca mantida pela *Revista*, e termina com pequenos comentários sobre seu conteúdo:

A nossa brilhante colaboradora D. Júlia Lopes de Almeida teve a bondade de enviar-nos um exemplar de seu último livro - *As árvores* - escrito de colaboração com seu filho o jovem poeta Afonso Lopes de Almeida, que com não menor brilhantismo, vem continuar as tradições literárias de sua ilustre progenitora e de seu pai, Felinto de Almeida, um de nossos mais delicados cantores e um dos membros da Academia Brasileira de Letras. [...] O novo livro de D. Júlia e de Afonso de Almeida é um livro escolar, interessante, bem feito e que todo ele é um hino à arvore, procurando criar no coração de criança o culto apaixonado da Natureza, não só pelo seu lado estético, mas também pelo seu lado prático e econômico. (*Revista Feminina*, setembro de 1916, p.9)

O fragmento revela a proximidade entre a direção da *Revista* e a poetisa Júlia Lopes de Almeida e comprova a divulgação de uma literatura que ainda se moldava. O fragmento também registra o momento que publicação se concretiza e começa a ser distribuída.

A seção “Livros Novos” continua a ser publicada até o término da *Revista*, em 1936, com o mesmo molde da seção “Livros recebidos”, ou seja, primeiro apresentando a seção e depois efetuando a descrição da obra. As obras destacadas em outubro de 1916 são *Jardim de Académus*, de Gomes dos Santos, alguns versos de Leôncio Correia e *Páginas para a*

REVISTA FEMININA

LIVROS NOVOS

SETEMBRO, versos de Manuel do Carmo, com illustrações de Aplecius do Carmo. Edição de Olegário Ribeiro & Comp. S. Paulo.

Manuel do Carmo é estudante da nossa Faculdade de Direito. Não é, porém, um estreante. Já publicou quatro volumes em prosa e em verso e annuncia mais dois, em via de publicação. É socio da Academia de Letras do Rio Grande do Sul. Tem, portanto, credenciaes que o habilitam a apre-entar-se ao publico. Quer-nos parecer, entretanto, que o seu melhor livro é *Setembro*. É o melhor, comparado aos que já produziu; e comparado ao commun dos livros de versos que se publicam em nosso paiz, é um livro bom, interessante, que se lê sem esforço e onde ha, por vezes, composições excellentes. O poeta, ao que parece, produz com abundancia e um pouco á pressa. Percebe-se isso a cada passo. Nem sempre a sua syntaxe é correcta, nem sempre as suas expressões têm propriedade. Mas, a despeito de tudo isso e de certos desleixos de fórma, imperdoaveis hoje, os versos de Manuel do Carmo agradam sempre. São inspirados e ardentes.

A primeira parte do livro tem por titulo *Levar de rideau* e compõe-se de villancetes e voltas. Essas composições de gosto antigo não têm sido tratadas pelos nossos poetas com muita habilidade. O que tem faltado aos nossos poetas, como falta a Manuel do Carmo, é uma cultura mais aprofundada do velho vernaculo. Quem, nesse genero, tem feito algo appreciavel é Goulart de Andrade e Guilherme de Almeida. Aos villancetes de Manuel do Carmo falta a velha syntaxe. Se elle substituisse, nessas composições, o tratamento de segunda pessoa do plural pelo da segunda do singular, ellas perderiam inteiramente o sabor antiquado que o autor lhes quer dar, e tornar-se-iam perfeitamente modernas.

Entretanto, é justo perdoar a Manuel do Carmo essas audacias, porque as suas voltas villancetes são tecidos, não raris, com uma graça encantadora. Senão, vejamos:

*Nestes campos deleitosos
Meu rebanho a pastorear,
Jem vejo o tempo passar.*

VOLTA

Chuva, frio e sóes apanho,
Nam encanto pela vida,
Soltando a nota sentida
Deste meu cantar estranho.
A pastorear o rebanho
Dos sonhos, vivo entre gosos
Nestes campos deleitosos.

Temperando agreste avena
Pela flauta dos pastores,
Que sofejiam seus amores:
Nesta veiga tão serena,
Sigo onde a musa me ordena.
No sabor do meu cantar,
Meu rebanho a pastorear.

Zagala, de ardente seio,
Como é doce o teu abraço;
Zangala em cujo regaço
Pouso a fronte sem receio.
No suave e brando encieio
Do teu collo a repousar,
Nem vejo o tempo passar.

Estas são tambem muito graciosas:

*«A minh'alma por vós peço,
É a vossa não sei por quem.»*

(Bernardim Ribeiro)

VOLTAS

Veijo-vos sempre, Senhora,
Descuidosa do que eu digo,
Sem attentar que eu vos sigo,
Que se me calo, falando
Vão meus olhares contando
A minha dor que envenena,
E vós tão calma e serena.

Não vos comprehendendo, ou então
Nãa sois mulher, pois a serdes
Natural era quererdes
Saber ao menos, formosa,
De feminiil, de curiosa,
Embora calma e serena,
Que a minh'alma por vós penta.

Eu, por mim, sei, entretanto,
E sabem os mais pastores,
O' dona dos meos amores,
De tanto eu cantar aos ventos,
Que a minh'alma entre tormentos,
Só por vós chorado tem
E a vossa... não sei por quem!...

No *Setembro* ha tambem algumas traducções. Ha mesmo uma parte no livro intitulada *Musa Uruguaya*, onde o autor nos apresenta, vertidas para o portuguez, muitas poesias de poetas contemporaneos uruguayos. O que é de extranhar é que, constando o livro de tantas traducções, o poeta, ao dar-lhe o titulo de *Setembro*, lhe agglutinasse tambem este subtítulo inutil: *Versos originaes*. Claro está que nenhum poeta reúne em volume os versos alheios, a não ser que queira fazer uma anthologia.

Mas isso não tem importancia. *Setembro* é um excellente livro de versos.

LUZ E SOMBRA

(Para a Revista Feminina)

Adeus, manhãs de sol e de poesia
Com idyllios e musica nos ramos,
Onde se escutam, quando nasce o dia,
Pintasilgos, sabiás e gaturamos.

Adeus, formosas tardes crystallinas,
Povoadas de aureos sonhos virgíneas,
Onde se osculam bocças purpúrias!
Onde se trocam phrasas aromas!

Adeus, ó noites de luar, dormentes,
Como uma pomba branca abrindo as azas,
Sobre agulhas e cupulas fulgentes
De palácios, de torres e de casas...

Adeus, paizagens que saudoso eu canto,
Sobre o esplendor divino destes ceus!
A minha lyra se desfaz em pranto,
Ao vos dizer o derradeiro — Adeus.

Adeus, ó nuvens, fontes, astras, rosas,
Passaros e ondas, sol, ninhos e cores,
Noites de estrelas e manhãs radiosas,
Feita para a Alleluia dos Amores.

Do meu leito de dor e de agonia,
Que aos suspiros e as lagrimas me induz,
Escuto os hymnos triumphaes do dia,
Nas fanfarras orgiicas da luz!

LAURINDO DE BRITO.

□□□□□□□□□□□□□□□□□□□□□□□□

Brinquedos de Natal

O natal é occasião de presentes. Não ha quem os não tenha de lazer e quem não tenha o prazer de os receber. Para quem os dá, sobretudo as creanças, são uteis alguns conselhos.

Lembrai-vos de que o brinquedo é a verdadeira occupação racional e intelligente da creança. Brinquendo, ella aprende e só aprende dessa fórma. Os seus brinquedos são positivos instrumentos de trabalho. Portanto escolhei presentes que sejam brinquedos em que a creança possa fazer alguma cousa, que a obriguem a agir e não a ser uma simples espectadora mais ou menos indifferente.

Lembrai-vos de que o seu instincto é imitador. Escolhei, portanto, brinquedos com os quaes ella possa reproduzir em miniatura, as scenas da vida que tem diante dos olhos, cada dia.

Lembrai-vos de que o seu instincto é crear. Escolhei, portanto, brinquedos que se prestem á verdade das suas pequenas construcções.

Lembrai-vos de que o seu instincto é ser activo. Escolhei, portanto, brinquedos que a estimulem ao exercicio e fortifiquem os musculos.

Lembrai-vos de que o seu instincto é repetir. Escolhei, portanto, brinquedos que resistam e não se estroquem logo.

Lembrai-vos de que o instincto da creança é admirar. Escolhei, portanto, objectos que sejam artisticos.

Lembrai-vos de que os brinquedos são cabides onde a creança pendura o rico manto da sua imaginação. Tende, portanto, mais cuidado no que diz respeito á adaptabilidade do brinquedo do que ao custo; olhae mais a qualidade do que á quantidade.

Assim fareis bons presentes de Natal e sereis uteis ás gerações do futuro.

BRINQUEDOS NATAL

Grande exposição e com escolhido sortimento — CASA LEBRE — 2, RUA DIREITA, 2 — S. PAULO —

infância, de Helena Junqueira Loureiro. Em novembro, explora-se o livro de Carlos de Vasconcelos sobre Antonietta Rodge. Todos esses títulos ilustram a condição literária brasileira de transitoriedade e de apego à tradição.

Conforme é possível perceber na imagem anterior, a seção “Livros Novos” traz uma resenha de *Setembro*, de Manuel do Carmo, que teve sua primeira edição em 1917. Apresenta, ainda, versos de Bernardim Ribeiro e Laurindo de Brito, sendo que o primeiro foi um escritor português renascentista.

Portanto, a *Revista* mostrava-se bastante aberta à publicação das mais variadas obras, e publicava desde lançamentos à obras de origem mais remota, desde que seu conteúdo tivesse relação com a leitora do periódico.

3.4 A seção “Coleção Alva”

Como se ressaltou anteriormente colaboram com a *Revista Feminina* inúmeros escritores de certo prestígio na sociedade, não só paulista, mas de todo o país. O maranhense Coelho Neto era um deles. O pré-modernista mantinha uma seção literária em que publicava pequenas narrativas, intitulada “Coleção Alva”. Nos dois anos iniciais de publicação da *Revista Feminina* encontram-se alguns textos do escritor que não estão inseridos em nenhuma seção, como “A caçada” e “No tribunal”. A seção “Coleção Alva” aparece apenas duas vezes nos números de 1915 a 1916, aos quais se teve acesso.

Os recortes a seguir trazem na íntegra dois textos de “Coleção Alva”. É possível perceber a repetição da temática da conquista amorosa, da narrativa que tem como narrador o homem apaixonado e a presença de um enredo simples, que em muito contrasta com as obras de Coelho Neto. Tais textos comprovam a independência da *Revista* em relação ao cânone e, ao mesmo tempo, mostra outra perspectiva do renomado escritor.

COLLECÇÃO ALVA

(Coelho Netto)

1 E' pontual, disse minha amada sorrindo.

2 Cabria-me o cumprimento porque, justamente á hora determinada para o primeiro encontro, eu me achava ao alcance dos seus lábios.

3 Pontual, affirmei, beijando-lhe as mãos delgadas. Possuo um regulador sem igual em todo o mundo. E' possível que, as vezes se adiante: ainda assim não o troco pelo famoso relógio da torre de Strasburgo. Trago-o sempre commigo, todavia foi necessario que me apparecesses para que eu descobrisse o valor inestimavel dessa preciosidade. Nos lábios de minha amada lindamente desabrochava um curioso sorriso.

4 Sem lhe deixar as mãos continuei fallando para os seus olhos: Não pára; disse-me alguém que ha um só meio de o fazer parar. Fitei-a com amor e, enternecido tomando-lhe as mãosinhas:

5 Mas tu has de ser minha sempre? dize...

6 Sempre! jurou num suspiro profundo. Mas, a eterna curiosidade feminina...

7 E tens commigo esse regulador? Mostra-m'o...! pediu.

8 Pousei a sua pequenina mão sobre o meu peito. Sentes?

9 E' o coração, disse com os olhos risonhos.

10 E' o meu regulador. Não pára nunca a menos que tu... e, beijando-lhe as mãos ia para dizer-lhe palavras que a maguavam quando, a rir, ella acudia, muito vermelha!

11 Por isso! Ah! Bem me parecia... Por isso é que acordo agora tão cedo! Ah! bem me parecia... por isso é que não me chamam mais a preguiçosa... E, enquanto eu lhe beijava as petalas dos dedos, ajuntou jocunda: Acertei o meu coração pelo teu: é elle que me acorda tão cedo e que me não deixa dormir. Por isso... por isso... Ah! bem me parecia!

COLLECÇÃO ALVA

(COELHO NETTO)

V

Não podes comprehender o texto santo, ris das palavras biblicas, emtanto não ha verdades mais limpidas dos que as que foram escriptas pelo patriarca do exodo.

Perguntas como ponde o Senhor tirar das trevas a terra e os astros, os astros principalmente, rutilos, resplandecentes. Queres a explicação do mysterio? Cerra as paginas da Biblia e mira o teu rosto no crystal do espelho.

Teus olhos... O Cháos, de certo, não era tão escuro. E' possível que exista maior treva? Dize, já viste noite alguma comparavel ás tuas pupillas? Emtanto, repara como scintillam, vê quanta luz expandem. Teus olhares, tens olhares... que luz d'astros á mais fulgurante?

Se o meu amor arranca dos teus olhos tanta luz, porque duvidas de que Deus houvesse do Cháos tirado o sol da madrugada e as estrellas das noites? Que maior trevas queres, meu amor, do que a de teus olhos e que mais astros queres do que as tuas luminosas pupillas.

VI

— Delicioso aroma! disse alguém tomando-me das mãos o lenço que eu trazia.

Delicioso aroma! Achei curioso. Eu nesse, não perfumara o lenço. Para convencer-me aspirei-o também e sahí-me expontanea a mesma exclamação: — Delicioso aroma! E pensei. Teria eu mesmo perfumado o lenço? não com certeza. Demais, aquella essencia tão delicada, tão subtil tão branda, jamais eu possuiria. Que flor teria tão estranho aroma...? Não me constava que tal flor houvesse; entretanto, por força, ella existia. De repente lembrei-me: — Meu lenço, nesse dia, roçara brandamente pelas rosas do teu rosto.

Nos moldes da seção “Poemas da Juventude”, de Garcia Redondo, a “Coleção Alva” traz textos que trabalham enredos amorosos. No primeiro deles, de abril de 1915, narra-se o encontro de um casal apaixonado que troca mensagens de amor. Na seção de junho de 1916, o primeiro dos dois textos que aparecem traz um enredo menos óbvio ou mais denso, apelando para metáforas que se referem ao “Caos” narrado no livro do Êxodo, na Bíblia. O narrador compara os olhos da mulher amada às trevas, por sua escuridão, e as pupilas, “cintilantes” e “luminosas”, à luz do Sol e às estrelas. No último e brevíssimo texto, por fim, narra-se mais uma passagem de apelo emotivo, em que um jovem que carrega um lenço perfumado é abordado por outra pessoa que elogia o perfume do objeto e este se lembra de que o aroma deixado no lenço provinha das “rosas” do rosto de sua amada. Essa é uma seção de textos literários voltados à imaginação feminina, pois relata imagens de romances e paixões. Esses temas teoricamente eram de interesse da mulher. Porém é interessante notar que não só essa seção, mas outras como “Poemas da Juventude”, são assinadas por homens, fato que torna a *Revista* um espaço em que por vezes predomina a visão do homem em relação ao que se considera interesse feminino.

No caso da seção “Coleção Alva”, como colaborador de uma revista de perfil feminino, Coelho Neto restringe-se aos temas de apelo romântico e emotivo. Há também contos e poemas em prosa do autor que não estão inseridos em seções cujos temas fogem desse critério. Vale observar que, por vezes, a *Revista Feminina* repete alguns textos publicados em outras edições. Este é o caso de “Relógio do Coração”, de Coelho Neto, que depois de aparecer em “Coleção Alva”, em 1915, repete-se em dezembro de 1918, mas nesta nova versão, ganha uma página de destaque cercada de ilustrações, conforme é possível observar na imagem que se segue.



3.5. A seção “Jardim Fechado”

A seção “Jardim Fechado” pode ser apontada como uma das seções de Literatura que teve maior duração na *Revista Feminina*. Porém, ao contrário das demais, cujos autores eram escritores renomados ou a própria direção da *Revista*, o espaço era aberto à colaboração das leitoras do periódico. Surgida em fevereiro de 1918, a seção nasce da sugestão de uma leitora que visava publicar seus poemas. No número da *Revista* referente a esta data, a seção, que aparece sempre nas últimas páginas do periódico, inicia-se com o seguinte parágrafo,

No nosso número de Natal tratamos, numa pequena notícia, de iniciar em nossa *Revista* uma seção subordinada ao título acima e na qual pudessem colaborar todas as nossas assinantes. “Jardim Fechado” é, sem dúvida, um título sugestivo. Trata-se, de fato, de um jardim fechado, isto é, de um jardim privado onde só são recebidas as pessoas de nossa intimidade. Quer isto dizer que as pessoas, cujos nomes não estão incluídos nos nossos livros de assinantes, não serão recebidas no nosso "Jardim". (Revista Feminina, fevereiro de 1918)

Apesar de se ter consultado várias fontes do periódico em questão, não foi possível localizar o texto de dezembro de 1917 a que se refere a citação. Porém, a abertura da seção em 1918 traz dados que explicam a idéia de seu surgimento. Teoricamente, através da sugestão de uma leitora a *Revista* teria criado uma seção específica para receber os textos literários produzidos por suas leitoras. Porém só poderia fazer parte desta atividade aquelas que fossem assinantes do periódico, excluindo-se, portanto aquelas que adquirissem a *Revista* de forma avulsa.

Destaca-se a seção pelo fato de que aparentemente este era mais um artifício para que a publicação tivesse cada vez mais leitoras, ou seja, assinantes. Se por um lado havia a preocupação com a leitura da mulher, por outro, para que a publicação se sustentasse, havia a necessidade de que houvesse financiadoras para o projeto. Em diversas notas, a *Revista* expõe que seu intuito não era o de lucrar com o periódico, mas o de manter uma leitura útil e instrutiva para a mulher brasileira e para tanto era necessário que houvesse assinantes. A seção Jardim Fechado, portanto, pode ter surgido destes dois intuitos: o de conquistar mais assinantes e, ao mesmo tempo, de proporcionar um espaço para diálogo entre as produções de suas leitoras.

JARDIM FECHADO

No nosso numero do Natal na noticia curta, foi recebida, tratamos, numa pequena noticia, de iniciar em nossa revista uma secção subordinada ao titulo acima e na qual pudessem colaborar todas as nossas assignantes. "Jardim fechado" é, sem duvida, um titulo suggestivo. Trata-se, de facto, de um jardim fechado, isto é, de um jardim privado onde só são recebidas as pessoas da nossa intimidade. Quer isto dizer que as pessoas, cujos nomes não estão incluídos no nosso livro de assignantes, não serão recebidas no nosso "Jardim".

Todos os assumptos são permitidos, arte, moda, contos, cozinha, hygiene domestica, conselhos praticos, observações, simples phantasias, versos até, mas todos estes assumptos devem ser tratados com certa gravidade e com algum estylo. A collaboração excessivamente friola será recusada. Aceitaremos tambem pseudonymos, tendo, porém, as collaboradoras o cuidado de, ao lado do pseudonymo, assignar o verdadeiro nome, afim de podermos verificar se são assignantes. Este pormenor é importante, porque o nosso jardim, como o proprio titulo indica, é destinado somente a acolher, entre os quatro muros que o limitam e sob a sombra das suas ramagens sussurrantes, as pessoas intimas..

A idéa desta secção foi-nos suggerada por uma das nossas leitoras, que — diz ella — muito se interessa pela "Revista Feminina".

A idéa, lançada embora nu-

desde logo, com enthusiasmo por grande parte das nossas assignantes. A semente estava, pois, lançada em terreno fértil. Ao cabo de algum tempo, meiros rebentos, cresceu, frondejou e começa agora a mostrar os seus primeiros frutos.

Vae-se, pois, inaugurar a secção. As nossas novas collaboradoras comprehenderam perfeitamente o programma que a limita. Eis as primeiras composições que nos chegaram á's mãos:

"IDEAL" Delicioso, suave e o preferido dos Lança-Perfumes.
144 R. biberô Badaró - DROGARIA AMERICANA

A proposito da moda

Digam o que disserem a respeito das saias curtas, calumniando-as como attentatorias do decoro feminino, eu, apesar dos meus annos e da attitudo imposta pela minha idade, continuo a preferil-as. Acho que as meninas devem usal-as muito curtas, as moças, menos curtas, nunca acima do tornozelo, e as senhoras, pouco acima do pé.

Essas saias são commodas e hygienicas. A sua commodidade eu ponho á prova todos os dias, quando vou á cidade a compras e ando com os meus movimentos desembaraçados, sem ser forçada, como antes, a occupar uma das mãos em mantel-as sofredadadas por causa do pó. Quanto á sua hygiene, isso é o que ninguem põe em duvida.

E' verdade que a saia curta é excessivamente democratica, e, sob certos aspectos, um pouco villã. Não tem a graça noble e airosa das saias "trainantes". Isso é verdade. Mas a civilização moderna, baseada no trabalho, na hygiene, nos exercicios desportivos, precisa

impor a sua moda. Os que reclamam contra as saias curtas, são interrogados.

M. L.

(S. Paulo)

Reflexões ao luar

Amo as noites de luar e não aprecio os dias de sol. E' durante essas noites que me apraz pensar, meditar, demorar a minha imaginação, não nas cousas exteriores que o luar illumina com a sua luz de opalas, mas nas cousas intimas que a sua magia suggere.

Penso em mim mesma, nos sonhos de que me deixei despertar e naquelles em que ainda vivo mergulhada, lastimando o desencantamento dos primeiros e gosando a illusão que ainda me dão os segundos. Toda a minha vida reside nisto: no ideal que busco alcançar e no que, alcançado, desvanecet.

A's vezes, o esforço das naturas contemplativas, como a minha, dá-me a idéa do tonel das danaides, que se enche de um lado e se esvasia do outro..

Gyp bez

(Rio).

Os versos

Não gosto de versos nem de poetas. O verso, por mais bello que seja, sempre me parece artificioso; o poeta, por mais sincero que se mostre, sempre me parece falso. O verso é artificioso, porque, obedecendo ao rythmo, á rima, á variedade de vogaes, a mil preceitos e regras que o escravizam, acabam por sacrificar a sua sinceridade; o poeta é falso, porque, obrigado a estudar as paixões para pol-as dentro do verso, a medir-lhes o tamanho para que caibam no rythmo, acaba por tornar-se affectado.

A. Leonny

(Fortaleza, Ceará)

Essa seção é, portanto, uma das que mais possibilita uma visão do que era produzido pela leitora da *Revista*. Verifica-se, até mesmo um tipo de produção que não teve registros em outros documentos, ma espécie de produção inédita, que não dialogava com o cânone ou tendências literárias. Tem-se, portanto, uma amostra de um outro tipo de produção típica de um momento de transição, cujo intuito era apenas a divulgação de textos entre um pequeno grupo de leitoras que eram assinantes da *Revista*.

Diferentemente do restante dos textos da *Revista*, a seção Jardim Fechado trazia produções de suas leitoras, contrariando ao que se fazia com os demais textos, que geralmente eram provenientes de escritores renomados. Seu espaço aparecia de forma bastante evidente, geralmente compunha uma página, com o título da seção todo em letras maiúsculas. Destaca-se que a seção aparecia nas últimas páginas da *Revista*, ligeiramente anterior às laudas de publicidade que estavam no final do periódico.

É imprescindível dizer que apesar de uma das proposta de “Jardim Fechado” ser a de veicular textos literários de suas leitoras, este era um espaço de diálogo, de reflexão e de exposição de idéias e pensamentos. Em “Jardim Fechado” existem desde páginas epistolares a textos, cuja temática passa pela reflexão sobre a vida ou sobre a literatura, como o que se pode perceber abaixo.

Reflexões ao luar

Amo as noites de luar e não aprecio os dias de sol. E' durante essas noites que me apraz pensar, meditar, demorar a minha imaginação, não nas cousas exteriores que o luar illumina com a sua luz de opalas, mas nas cousas intimas que a sua magia suggere.

Penso em mim mesma, nos sonhos de que me deixei despertar e naquelles em que ainda vivo mergulhada, lastimando o desencantamento dos primeiros e gosando a illusão que ainda me dão os segundos. Toda a minha vida reside nisto: no ideal que busco alcançar e no que, alcançado, desvaneceu.

A's vezes, o esforço das naturas contemplativas, como a minha, dá-me a idéa do tonel das danaides, que se enche de um lado e se esvasia do outro...

Gyp bee

(Rio).

Os versos

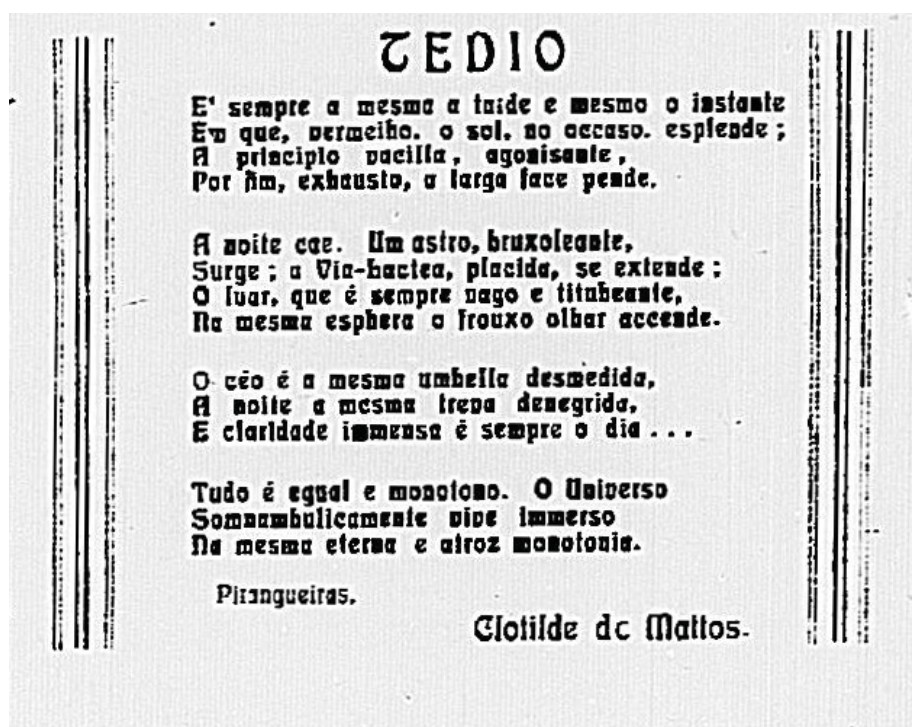
Não gosto de versos nem de poetas. O verso, por mais bello que seja, sempre me parece artificioso; o poeta, por mais sincero que se mostre, sempre me parece falso. O verso é artificioso, porque, obedecendo ao rythmo, á rima, á variedade de vogaes, a mil preceitos e regras que o escravizam, acabam por sacrificar a sua sinceridade; o poeta é falso, porque, obrigado a estuclar as paixões para pol-as dentro do verso, a medir-lhes o tamanho para que caibam no rythmo, acaba por tornar-se affectado.

A. Leonny

(Fortaleza, Ceará)

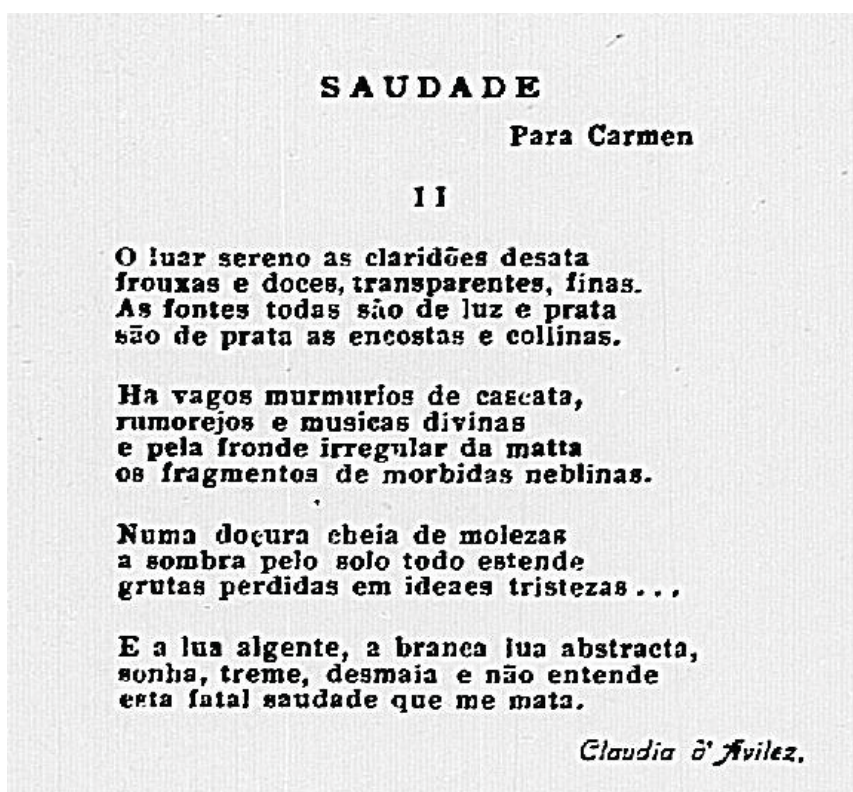
No primeiro texto, predomina o tom melancólico, e a autora, provavelmente escondida sob o pseudônimo Gyp Lee, mergulha-se na busca pelo sonho – inacessível em grande parte. Já no texto de A. Leony, *Os versos*, pode-se perceber o domínio dos conceitos literários referentes à poesia. Embora o texto seja de 1918, é possível perceber uma coincidência do tema do texto com o que depois viria a ser uma das características defendidas pelos modernistas – o verso livre. Note-se que a autora considera o verso, o ritmo e a rima artificiais e o poeta é “falso” por se dispor a esquematizar a poesia dentro destes padrões.

No entanto, embora existam textos que demonstrem esta antecipação e “modernidade” em relação ao poema, a seção Jardim Fechado, assim como o restante da *Revista* apresenta às leitoras inúmeras poesias de estrutura fixa - os sonetos. Esta é a forma poética que mais aparece em todos os números, o que demonstra que a *Revista Feminina* valorizava as formas que precederam o Modernismo. Abaixo, pode-se observar um dos sonetos produzidos pelas leitoras.



Tédio, de Clotilde de Mattos - *Revista Feminina* de março de 1918

Assim como em “Reflexões ao luar”, “Tédio” traz o tema da melancolia como o enredo que serve de base para a estruturação em versos. Novamente a observação da natureza e o cotidiano sempre rotineiro conduzem a poesia, o que pode ser justificado pela rotina da mulher do início do século XX, cuja vida ainda restringia-se basicamente ao lar, o que implicava na pouca variedade na temática de seus textos. No soneto abaixo, extraído da seção no mês de abril de 1918, novamente a melancolia, juntamente com a saudade, são as temáticas do soneto. Note-se a presença de elementos da natureza, como a lua, a mata, a neblina, que também aparecem em “Reflexões ao luar” e “Tédio”. O luar, o entardecer e a noite são temas aludidos por trazerem uma atmosfera de melancolia e de mistério.



Soneto “Saudade” – *Revista Feminina*, abril de 1918

Ainda na seção “Jardim Fechado”, no mesmo número, de abril de 1918, nota-se outro soneto que também aborda a recorrência a elementos da rotina, ao período do dia, mas desta vez é a manhã a temática abordada.

MANHÃ DE SOL

(Ao Dr. Benjamin Franklin)

I

Que esplendida manhã ! A luz ondula
por todo o vale rebentado em flor.
O céu, sem nuvens, límpido, se azula,
jámais lhe conheci tão linda cor.

A brisa canta, o passarinho arrua,
e o céu e a terra em ondas de esplendor
o sol apaixonado e doido oscula
na ancia infinita de infinito amor.

Coral diluido é o veio pequenino ;
e a paisagem alegre e encantadora
tem a frescura de um painel divino.

Fitando-a, quasi que o meu mal esqueço.
Tem tanta luz e encantamento a aurora !
Minh'alma é isso tudo . . . pelo avesso.

Soneto “Manhã de Sol”, abril de 1918

É perceptível que a manhã, em oposição ao luar, anteriormente explorado pelas demais poesias, traz uma atmosfera de felicidade. Assim, os elementos escolhidos para confirmar este sentimento são a luz, os pássaros, a brisa o céu, as nuvens azuis. Porém, ao se chegar ao último verso, o leitor se surpreende com o eu - lírico que revela o real sentimento de sua alma, que é o da tristeza, raciocínio revelado pelo verso “Minh'alma é isso tudo... pelo avesso”.

Apenas para se ter noção, em setembro de 1920, alguns textos em prosa de autoria de Marilda Palínia revelam uma essência menos pura e mais maliciosa da escrita das leitoras. Essa malícia, também observada de maneira mais sutil no textos de Garcia Redondo – a exemplo – “Prelúdios”, anteriormente explorado e “Relógios do Coração” de Coelho Neto demonstram que apesar de a *Revista* ter como objetivo ou pelo menos manifestar a intenção de agir dentro dos preceitos morais – e neste ponto deve-se recordar que a religião é um dos pilares do periódico, tendo em vista a formação das diretoras ter ocorrido em colégios internos – há a veiculação de textos cujo enredo ultrapassa os limites do que se convencionava ser “correto”, isto é, digno de uma senhora de boa imagem dentro da sociedade. Os textos trazem para a leitora, sobretudo, uma atmosfera de sensualidade, que se não podia ser explícita na vida social, era experimentada no universo interior à *Revista*.

SILHUETAS

(Danilo)

IV

Mlle. é a encarnação da própria beleza. No rosto moreno de um admirável colorido roseo, nos grandes olhos negros e velludosos de oriental, no pequeno nariz de forma grega, no talhe da bocca vermelha e voluntariosa, na basta cabeça leira castanha e onduada, em toda ella — esplende e fascina a belleza escravizadora e irresistivel!

Mlle. tem excellente coração, espirito culto e a mais delicada alma de mulher — poetica, sensivel, affetuosa.

Sua palavra espirituosa e viva, scintilla e offusca como pedrarias preciosas no sol, e seu sorriso espiritual, — sorriso borboleta, sorriso flor, sorriso abelha, adeja e fluctua, encanta e entontece, brilha... e fere de leve, muito ao de leve!

E' que nos labios de Mlle. se occulta o florete da ironia — ironia praava — ironia sorriso, — a meiga, a indulgente ironia da mulher formosa.

Toca piano e sabe dar ás suas musicas adequada expressão. Ha uma vaiza de evocadora melancolia que ella interpreta com especial agrado... por que foi ao delihhar os melancolicos compassos da "Quando o amor se despede" que, no coração de Mlle. despontou timido um terno affecto.

E enquanto os dedos de Mlle. erram preguiçosos, pelo teclado, soltando phrases melodiosos, seu coração sonha... sonha... que, um dia, loiro forasteiro deixara longes terras em busca de um jardim encantado no qual vicejava uma flor maravilhosa de extraordinaria belleza — igual á mais bella das rosas — mas possuindo a suave essencia da violeta...

E o oiro forasteiro viu a flor esplendida e não mais pôde esquecer-la...

Antes morrer do que viver sem ella!...

- Si a colhesse!...

Estendeu a mão com infinito cuidado e — doce milagre! — sentiu que lhe fugia do peito o coração!

...e no coração de ouro da flor mirifica, no setineo estojo das petalas aromaes, repousou feliz, e tranquillo, — eternamente prisioneiro — o coração do loiro viandante.

Dizem que o sonho de mlle. em breve se tornará realidade, pois que ella como a flor mysteriosa do mago jardim attrae pela essencia subtil que inebria os corações — e que todas as mulheres deviam possuir, — o da modestia!

MARILDA PALÍNIA

"Silhuetas", de Marilda Palínia — setembro de 1920

O texto da escritora goiana Maria Paula Fleury de Godoy, que assinava sobre o pseudônimo Marilda Palínia traz, à primeira vista, uma descrição romântica de uma mulher que sonha com um amor. Mas é possível perceber através da descrição da moça "nariz de forma grega", que remete à valorização do belo no período neoclássico; "boca vermelha e voluntariosa", "mulher formosa"; dentre outros, trazem ao texto um sentido mais intenso, voltado à sensualidade.

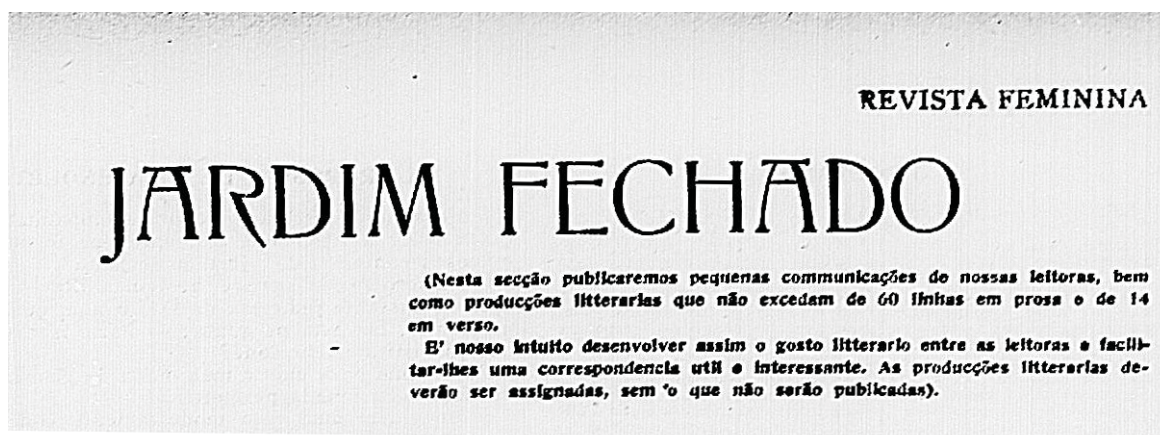
A escritora goiana é apresentada no artigo de Heloísa Capel como uma escritora de memórias, visto que em muitas de suas obras, traz como cenário não só a história de Goiás, como uma crítica aos costumes, mostrando-se madura em relação à sua época.

Não obstante, no caso de Maria Paula, está em causa uma escritora cuja obra foi significativa no panorama literário regional. Sua produção contém méritos inegáveis para a literatura e a história. A autora, que, na maioria das vezes, assinava sob o pseudônimo de Marilda Palínia, teve um poema recitado no programa lírico

do Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1926, sendo apresentada como um exemplo de pioneirismo para a literatura modernista em Goiás. (CAPEL, 2005, p. 162).

Apesar de Capel mencionar que Palínia trazia um vínculo com o Modernismo, o texto em questão é de 1920, período em que ainda se desenvolvia a Literatura Brasileira para em 1922, declarar-se definitivamente Modernista. Nota-se no texto acima o reflexo de uma narrativa escrita como meio de evasão ou de expressão utilizado pela mulher. A escrita de Palínia no contexto da *Revista Feminina* ainda não traz novidades, no sentido literário, mas avança no que se refere à uma narrativa de conotação sensual, ainda pouco explorada nas primeiras décadas do século XX, devido questões culturais em torno da figura feminina.

Vale lembrar que o intuito da seção “Jardim Fechado” era o de proporcionar às leitoras um espaço para publicarem seus textos e para discutirem a Literatura.



Nota da seção “Jardim Fechado”

É interessante perceber através da nota da seção que o espaço destinava-se ao “desenvolvimento do gosto literário entre as leitoras”. Perceba-se que a abertura desse tipo de espaço colaborava para que a Literatura pudesse ser apreciada, produzida e até mesmo discutida pela leitora, o que faz da *Revista* uma democratizadora e incentivadora das Letras, muito embora seu intuito não fosse o de atrelar seu conteúdo literário ao que era produzido pelo cânone literário. Portanto, pode-se dizer que a Literatura da *Revista Feminina* pode ser enquadrada no que menciona Antonio Candido em *Literatura e Sociedade*, “uma literatura de permanência”, no sentido que ainda não traz novidades literárias, mas que não perde ser valor porque retrata a Literatura produzida nessa época. A Seção Jardim Fechado funciona como uma lente de aumento para que se conheça com maior detalhes parte da Literatura produzida

no início do século XX inserida no contexto que propõe Candido, e colabora no sentido de enriquecer o repertório da História da Literatura no que se refere a esse período.

Apesar de a Literatura que compõe “Jardim Fechado” não ser assinada por escritores considerados referência na Literatura Brasileira, é inegável que a fonte literária nela presente revela um conteúdo documental do que era produzido em todo o país pela figura feminina. A poesia nela veiculada permite que se ouçam as vozes femininas ecoando nas páginas do periódico. Esse conteúdo, portanto, revela um movimento contrário ao que se viu até então: se antes pode-se ver o que era reproduzido para ser lido por essas leitoras, agora pode-se ver o que as leitoras pensavam, não só em relação ao conteúdo da *Revista*, mas em relação às suas próprias composições. Essa Literatura confeccionada por uma escritora-leitora ou uma leitora-escritora, que ao mesmo tempo funcionava como leitura, para as demais apreciadoras do periódico, ao ser publicada atestava para a história da Literatura a produção literária nos mais diversos lugares de nosso país, fosse na capital, fosse no interior e agregava ainda exemplos de como a literatura produzida nesse momento histórico era ampla. O rol de textos presente nesta seção colabora para um maior conhecimento de uma produção que permaneceu inexplorada por quase um século.

Em outubro de 1921, portanto, num período que seria próximo à Semana da Arte Moderna, que ocorreria em 1922, e pertence à segunda fase do periódico, sob domínio de João Salles, uma leitora revela seu gosto literário, e demonstra seu nível de conhecimento literário através de sua linguagem formal e do conhecimento das formas literárias – neste caso o soneto.

Permitta que eu concorra tambem com o meu contingente para enriquecer a sua colleção de sonetos. Um dos que mais me impressionaram, é um do poeta Luiz Carlos, autor do recente livro "Columnas", e intitulado "Resignação". Ell-o:

Soffre em silencio. Tua essencia ensina
Que o soffrimento deve ser discreto:
Na grande magua em que te esplende o affecto,
Contente, o coração: bate á surdina...

A lagrima, que é já de si tão fina,
Quando revela o nosso mal secreto,
Resvala pelo rosto, tendo o aspecto
De ir. a medo, fugindo da retina.

Não gesticules, pois, nem grites. Nota
Que a dor, sendo exhibida desagrada.
Tem mais poesia a vibração remota.

Olha o rio a teus pés: vencendo o mundo.
Na sua correnteza socegada
Vae recalcando tanta pedra ao fundo!

Acho que este póde figurar, com honra, na sua galeria.

MATHILDE SOARES, — S. Paulo.

O texto chama a atenção por tratar do sofrimento provocado pela imposição de valores sociais que reprimiam a figura feminina, usando a linguagem poética. O poema revela que na seção "Jardim Fechado" as leitoras sentiam-se livres para manifestarem sua opinião e seus sentimentos mais íntimos. Note-se que a autora demonstra no soneto alguns dos costumes impostos às mulheres "o sofrimento deve ser discreto", "não gesticules", "não grites", costumes estes que culminam na chave de ouro do poema – o último verso: "vai recalcando tanta pedra ao fundo", simbolizando o recalque sofrido pelas mulheres por não poderem se manifestarem.

Mas se a seção trazia temas polêmicos, e ao mesmo tempo demonstrava o conhecimento dos gêneros literários das senhoras cultas brasileiras, não podia deixar de discutir o fazer literário.

Divina Arte

Fazer versos, Senhora, amar ardentemente
Essa Deusa Poesia, essa Princesa da Arte,
Que vibra desde o Céu à mais remota parte
O seu cajado de ouro almo e resplandescete.

Que inveja a celebrada Astarte,
Se a visse hoje habitando o trono refulgente,
E a nova geração mandando, docemente,
Levar para o Porvir o s-u régio estandarte:

É ver desabrochar a Flor pela manhã,
Visitar a Floresta, o Campo, o Rio, o Lago
E gozar da Natura o misterioso afago.

Depois, olhar o Céu...volver, de novo, atento,
O mesmo olhar à terra e, num deslumbramento,
Admirar a Mulher, dessa outra Deusa irmã.

Oliveira Ferres

O poema, publicado na *Revista Feminina* de fevereiro de 1923, mostra-se metalingüístico, à medida que procura refletir sobre a composição do poema. Revela, em primeiro plano, o amor à linguagem poética, e corrobora que a Literatura atingia altos níveis culturais na elite brasileira. Pode-se perceber que existe um trabalho formal, com as rimas (A/B/B/A B/A/A/B C/D/D E/E/C), os versos alexandrinos e alexandrinos arcaicos que se alternam com doze ou quatorze sílabas, e a estrutura de soneto (dois quartetos e dois tercetos).

O texto pode ter sido escrito por uma autora ou autor, uma vez que Oliveira Ferres era apenas o sobrenome de quem assina o texto. Vale lembrar que na seção por vezes aparecem dentre os textos de autoria feminina, poemas de autores.

“ O PROFETA ”

Na adolescência disse-me um profeta
De longas barbas brancas de ancião,
E de olhar sábio e voz branda e discreta:
— “Amigo, ides em busca de illusão?”

Eu respondi-lhe: “E’ essa minha meta,
Busco-a! Que importa que a procure em vão?
Sou sonhador, sou jovem, sou poeta,
E tenho vida, crença, inspiração!...”

E elle me disse: — “Ves essas estradas?...
Por ellas fui atraz de uma ventura...
Andei por ellas em manhãs douradas!...”

E todos me tomaram como um louco;
E só pode encontrar a desventura
E o amor... o amor que me sorriu tão pouco!...”

(Inédito)

Mario de Lima.

Soneto “O Profeta”, de Mario de Lima

O poema, assinado por Mário de Lima, foge à temática recorrente nos poemas das autoras da seção “Jardim Fechado”, como a saudade, a dor, o sofrimento e a natureza. O autor, fundador da Academia Mineira de Letras, conhecido por seus poemas inseridos no movimento do Parnasianismo, publica um texto inédito na *Revista*. Note-se que a difusão de poemas no periódico geralmente não estava atrelada a um período específico da Literatura Brasileira, mas apenas refletia a produção e o gosto literário das leitoras da *Revista*.

Se por um lado na seção “Jardim Fechado” eram divulgado em sua maioria textos inéditos, por outro faziam-se notar poemas reproduzidos de autores que agradavam às leitoras. Era comum a seleção de poemas e a recomendação de algum texto a outra leitora. Isso mostra que a seção funcionava como uma rede de difusão literária, que se compunha tanto de textos produzidos pelas leitoras, quanto de reproduções que ocorriam de acordo com o gosto do público leitor.

PARA O "JARDIM FECHADO"

Violeta Mineira envia um effusivo "Obrigada" á delicada leitora da Revista Feminina que teve a gentileza de lhe arranjar o soneto "Bocca" de Mendes de Oliveira, conforme seu pedido. Agradece, igualmente, o lindo soneto, do mesmo autor: "Paradoxal", que ella apreciou muitissimo.

A' essa distincta e incognita amiga, Violeta Mineira toma a liberdade de offerecer a copia d'este soneto de Soares de Passos, que é dos seus preferidos:

ULTIMA VONTADE

Quando eu morrer, ó pomba estremecida,
Não lamentos, chorosa, a minha morte,
Pois que esse é o fatal termino da vida.
Para o rei, o pastor, o fraco e o forte!

Tão pouco vás, de luto succumbida,
E inconsolavel com a tua sorte.
De lagrimas regar minha jazida
Da acerba dôr, no acerrimo transporte.

Vôa, antes, oh! quérula rólina
— Si assim é tão sincera a tua amizade
Que nem depois de eu morto se definha. —

Vôa, antes, oh! rôla da saudade,
De aza panda, espalmada e unida á minha.
Para o eterno pombal da Eternidade!..

Nota na seção "Jardim Fechado"

Na nota que antecede o poema de Soares de Passos (1826-1860), poeta pertencente ao Ultra-Romantismo português, pode-se perceber que a leitora "Violeta Mineira" envia para a redação da *Revista* uma carta de agradecimento sobre um poema gentilmente concedido a ela por outra leitora do periódico. Como retribuição, envia um poema de seu apreço, dedicando-o à prestativa leitora que publicou o poema "Boca", de Mendes de Oliveira, no periódico.

Portanto, as trocas literárias, o gosto pela Literatura e ainda sua difusão fazem da seção "Jardim Fechado" um espelho da leitura e literatura apreciada pelas mulheres no início do século XX. Mesmo que não haja uma interação direta entre o que era produzido literariamente pelo cânone o que era publicado na seção, sua relevância se dá no plano do reconhecimento de que retrata vastamente a produção literária da época.

3.6 Contos e poemas: a Literatura de permanência na *Revista Feminina*

Não só as seções, mas também os contos, crônicas e poemas avulsos presentes em toda a *Revista* dão pistas de como se estruturava a literatura que antecedeu à Semana de 1922. Não desconsiderando o fato de que *Revista Feminina* era um instrumento que proporcionava status e lucro a seus idealizadores, embora se negasse esse intuito em todos os números, um dos pilares da *Revista Feminina*, a “instrução”, isto é, a educação e o acesso à leitura eram fatores que estimulavam a inclusão de textos literários e culturais para as leitoras do periódico.

Servindo-se de autores de renome, a *Revista Feminina* preenchia com literatura suas páginas culturais. Muitos autores- colaboradores apareciam na publicação, portanto, sob diversas formas, ora enviando textos inéditos, ora cedendo seus textos para reprodução na *Revista*, uma forma de recuperar e republicar obras já conhecidas. Dentre os 142 números analisados da *Revista Feminina*, encontram-se reproduzidas obras de Machado de Assis, de Olavo Bilac e de Coelho Neto – que foram selecionadas para prestigiar a publicação devido ao seu reconhecimento no âmbito literário.

Para ilustrar esse comportamento de recuperação e de republicação da *Revista*, com direito a saques de trechos de autores ilustres já falecidos, pode-se destacar o quadro abaixo.

Textos literários na <i>Revista Feminina</i> – abril de 1915	
Título	Autor
A confissão- Guy de Maupassant	Corina Sangermann
Seção “Livros recebidos”	Sem assinatura
Seção “Poemas da Juventude”	Garcia Redondo
Coleção Alva	Coelho Neto
AEIOU	Alphonsus de Guimaraens
O inimigo	Júlia Lopes de Almeida

Observando-se esse quadro que resume o conteúdo literário do primeiro número da *Revista Feminina* em 1915, pode-se notar primeiramente, a variedade de autores; a presença de dois textos que possuem prestígio por serem assinados e reconhecidos na Literatura Brasileira, nesse caso específico está-se falando de “AEIOU”, de Alphonsus de Guimaraes e “O inimigo”, de Júlia Lopes de Almeida; e por último, nota-se a presença de Coelho Neto,

porém como autor de uma seção intitulada “Coleção Alva”, conforme já exposto. Note-se, a partir de então a heterogeneidade na escolha dos textos serem publicados. Note-se ainda a convivência de textos de estéticas diferentes, como por exemplo “AEIOU”, do Simbolista Alphonsus de Guimarães, e “O inimigo”, de Juliaa Lopes de Almeida, Pré-Modernista. Tem-se, portanto que a recolha e publicação dos textos que apareciam no periódico obedecia apenas ao critério de se proporcionar o direito à Literatura à mulher daquele período.

Com relação aos demais textos, como por exemplo “A confissão”, há na verdade uma ampliação do papel da leitora culta do periódico. O texto que na *Revista* aparece confusamente acompanhado do nome do escritor francês Guy de Maupassant, consiste numa releitura do conto do escritor. Ao confrontar com a versão do texto apresentada na coletânea organizada por Noemi Moritz, em *125 Contos de Guy de Maupassant*, versão em português e com o texto em seu idioma original, nota-se que o texto apresentado na *Revista* revela-se diferente do texto assinado por Guy de Maupassant. Como ao término do conto, no periódico, encontra-se a assinatura de Corina Sangermann, cujo nome em pesquisa não trouxe nenhuma referência, subentende-se que Sangermann tenha inspirado-se no autor, mas escrito uma história completamente diferente. Por não se tratar de uma tradução, nem de uma reprodução, conclui-se que o texto traz uma releitura da obra, o que demonstra a abertura da *Revista* em relação às artes e ao que era produzido por suas leitoras. Apesar de o texto não ser de um autor renomado, isso demonstra a criação literária das colaboradoras, que eram mulheres cultas, preocupadas com a instrução de outras leitoras.

Também no número de abril de 1915, destacam-se uma narrativa de Coelho Neto que aparece sem título, mas que em publicações posteriores é possível reencontrá-lo sob o título de “Relógios do Coração”. Provavelmente o texto foi escrito especificamente para a *Revista*, e Dona Avelina de Souza Salles, em sua entrevista, atesta que a família mantinha proximidade com o autor. Como não foram encontrados registros deste texto em outras fontes, acredita-se que, de fato, a narrativa pertença ao autor e que consista num texto original de Coelho Neto.

Por outro lado, declaradamente se tem a reprodução, isto é, um resgate ou um saque de A-E-I-O-U, de Alphonsus de Guimaraens (1870-1921), cuja atuação, ao lado de Cruz e Souza, permitiu a seguinte afirmação de Alfredo Bosi na *História Concisa da Literatura Brasileira*: “foram as matrizes diretas do Simbolismo brasileiro” (2006, p. 299). A presença do texto, embora reproduzido, demonstra que a ideologia da *Revista* era a de propiciar o contato da mulher com a Literatura, sem no entanto se restringir à publicação de obras originais. Revela, ainda, que a *Revista* publicava textos de autores consagrados de um período antecessor ao Modernismo, fato que permite dizer que o periódico se atém à denominada

“Literatura de permanência”, isto é, a uma literatura introdutória ao Modernismo - porém sem que isso seja o mote de sua seleção textual.

A escolha dos contos e crônicas, poemas e até mesmo partituras presentes na *Revista* obedecia ao critério de interesse da redação em publicar um determinado texto. Para que um escrito viesse a figurar nas páginas da *Revista*, levava-se em consideração primordialmente o público-leitor. Dessa forma acredita-se que a escolha de textos de diferentes épocas, gêneros e autores não obedecia a uma ordem cronológica e não estava relacionada a um período literário específico, mas obedecia apenas o que se considerava ser de gosto da leitora da *Revista*.

Apesar de alguns textos serem reproduções, em alguns casos, a *Revista*, não deixa de mencionar às leitoras a obra original, como é o caso do aviso destacado em vermelho na imagem a seguir.

O INIMIGO

S. Paulo hospeda neste momento uma das nossas mais eximias escriptoras. D. Julia Lopes de Almeida cujo estilo simples e delicioso reflecte toda a suavidade da alma feminina. Saudando a consagrada escriptora a *Revista Feminina* offerece em seguida ás suas leitoras um dos capitulos do seu lindo volume, *Elas e ellas*, respeitando-lhe a orthographia.

Teu marido?

Sãbu, para tratar do divorcio.

Hein?!

E o que te digo, mamã!...

Só com um ano de casados... é pouco... Vejam se adiam isso para daqui a uns dez...

Tu ris-te!

Naturalmente. Sei o que isso é! São os primeiros arrulos. Não valem nada; tal e qual como os chuveisqueiros de primavera. Dá-me aquella almofada para o encosto e tira-me o chapéu. Estas com um lindo "peignoir", sabes? e esse já não é do enxoval...

Não... mas não foi para isso que eu te mandei chamar...

E' verdade. Para que foi mesmo que tu me mandaste chamar?

Oh! mamã! pois não te disse logo a quem se roupa, quando o marido, que meu marido tinha, se foi para tratar do divorcio?

Sim, sim, é verdade, disseste... mas não a pediste.

Pois eu não era de lembrar-te isso? E não bastava offerecer-te com mim, para se perceber no meu aturamento uma grande, uma enorme commoção?

Eternamente, estas com o nariz e os olhos vermelhos. Choras-te?

Como uma doída!

... ..
É pela primeira vez que tiveste saudades da tua vida de solteira...

Como sabes? Sim, tive uma saudade infinita, que desdobrou a minha alma por todo o meu passado, até o tempo em que, pequenina ainda, eu adormecia no

teu colo, sentindo que me beijavas ora as mãos, ora os pézinhos nús... oh! se a minha existência se tivesse crystalizado num desses minutos suaves...

— Não evoques quadros que me enteneçam, que eu preciso muito do meu sorriso... conta-me antes o motivo da tal grande pena; vá!

Oh! mamã, tu me parecerias cruel, se eu não estivesse percebendo através das tuas palavras, no brilho dos teus olhos sinceros, que tens o coração estrangulado pela dor de me veres sofrer...

Não soffres, não. Imaginas o sofrimento, o que ás vezes dá resultados identicos, porque faz chorar. E's bem minha filha, na imaginação!...

— Que! não acreditas na minha tortura?

Nada.

Oh!
... .. como as coisas mudaram! Antigamente, mal eu dava um suspiro, corrias logo para mim, perguntando-me com uma voz em que ballavam lágrimas: Quê tens, meu amor?! dezabafa no meu coração as tuas penas; eu estou aqui para salvar-te e para defender-te! Agora, na maior, na mais angustioza crise da minha vida, quando já não se trata de um sentimento de menina, pueril, mas de uma situação terrível de mulher, clamo por ti para que me socorras e conservas-te impassivel diante de mim! Por que, por que?!

Porque hoje és um ser independente do meu. A minha vigilância seria tão indiscreta, quanto a minha curiosidade offensiva. Somos duas mulheres que se amam, que se criticam, que se perdoam mutuamente e que se encontrarão sempre de braços abertos nas horas de angustia verdadeira. Nota bem: "angustia verdadeira". Desde o dia, porém, que sahiste da caza paterna para a tua, os teus segredos tornaram-se inviolaveis para mim. Poderás confessar-m'os, se quizeres e se a isso té impeller uma necessidade de expan-

são. Eu é que já não tenho o direito de pedil-os.

Queres dizer com isso que és agora para mim uma estranha!...

— Pensa antes que eu desejo empurrar-te para o teu lugar...

— Para a sepultura?!

Eh! como tu vales depressa! meuta: quando recidi a teu recado estava lendo uma descripção curioza. Não fuças gestos de impaciencia, que não roubaras a tua dor muitos minutos de voluptuosidade...

— Oh! mamã!...

— Lã eu que as passaras de rapina se escondem para beber, porque, obrigados a mergulhar a cabeça n'agua, ficam nesses momentos sem defeza...

— Que queres dizer com isso?!

— Que ha dores, que senofiantemente aos passaros de rapina, devem dezalterar-se nas lagrimas ás escondidias. O que o passaro faz por medo e precaução, a mulher faz por pudor e ativez. Tudo são instintos.

Mas... eu...

— Alarmaste a caza com exclamações e queixas. Desde a tua criada de quarto até a tua cozinheira, todos estão ao futo da tua situação. Exageraste a corda no mecanismo do teu sentimento. É o que fol.

Aconselhas-me assim a ser hipócrita?!

Quem fala nisso? Aconselho-te sómente a não ser tão... tão francamente franca. Não sei quem disse, com absoluta verdade, que a franqueza representa para nós uma especie de nudez que nos faz corar... Terias coragem de sair á rua, em pleno dia, decotada e sem capa?

Que idã!

Pois, filha, a tua alma andou assim pela caza desde o salão até a copa... esta manhã.

Quem te disse?!

Não abotoes agora o teu "peignoir" até o pescoço... felizmente elle ainda está longe de precisar dissimulações... tanto mais que estamos sós!

Oh! mas tu não perdoas nada!

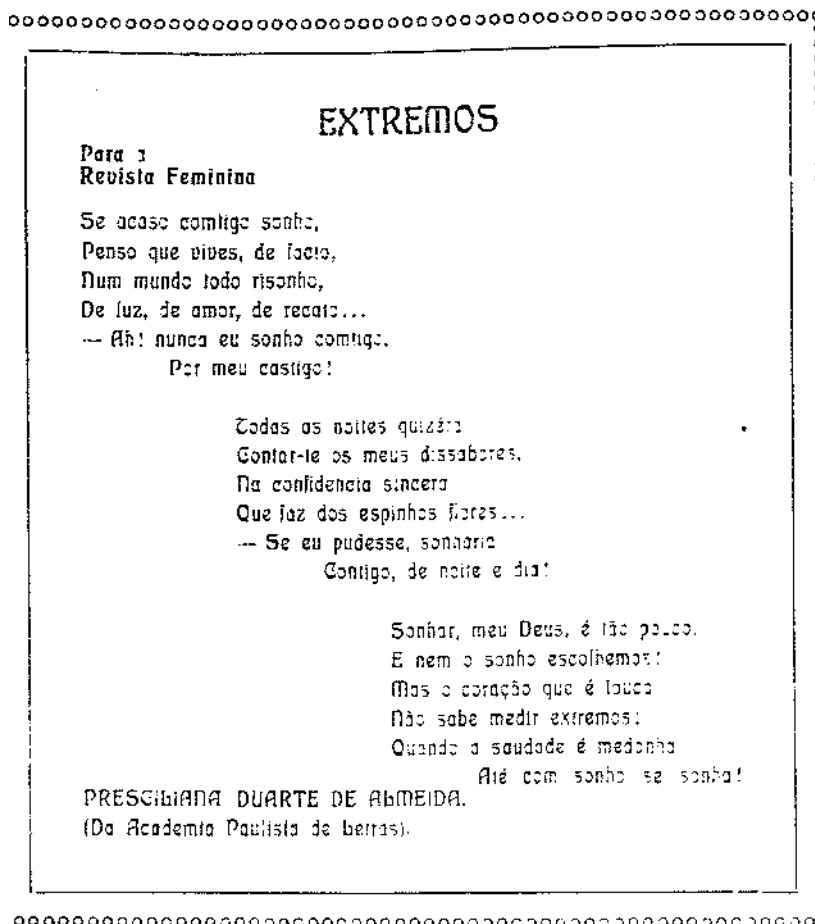
Entretanto a questão da reprodução de obras elucida que autores de prestígio perante a sociedade eram selecionados para tornarem a *Revista* mais atraente aos olhos das leitoras.

Outro colaborador bastante reconhecido nas Letras, Coelho Neto, tem suas obras também reproduzidas. Podem ser citados dois contos: “A Caçada”, no número de abril de 1915, e “No Tribunal”, em dezembro de 1915.

Machado de Assis é outra figura literária emblemática que aparece no periódico. Dentre os grande nomes da Literatura que são selecionados para fazer parte das seções de leitura da *Revista Feminina*, Machado é rememorado pelo periódico, através do conto “Pai contra Mãe”, publicado originalmente pelo autor no livro *Relíquias da Casa Velha* (1906) e na *Revista*, em janeiro de 1916. A escolha provavelmente tenha ocorrido devido ao caráter emotivo desse conto.

Vale registrar que os textos que foram analisados durante a pesquisa foram conferidos com os originais e apenas no caso de “A confissão”, de Corina Sangermann, em relação a “A confissão”, de Guy de Maupassant, houve a disparidade de conteúdo mencionada anteriormente. Nos demais textos, como os de Coelho Neto e de Machado de Assis, o conteúdo encontrado foi exatamente o mesmo.

Apesar de a *Revista* se utilizar de obras já publicadas, em notas sobre novos colaboradores e em alguns editoriais pode-se constatar que o periódico contava com uma equipe de colaboradores ilustres, que escreviam textos inéditos para publicação inédita e exclusiva. Alguns desses textos trazem dedicatórias, como é o caso do poema da escritora e membro da Academia Paulista de Letras, Prisciliana Duarte de Almeida, a seguir.



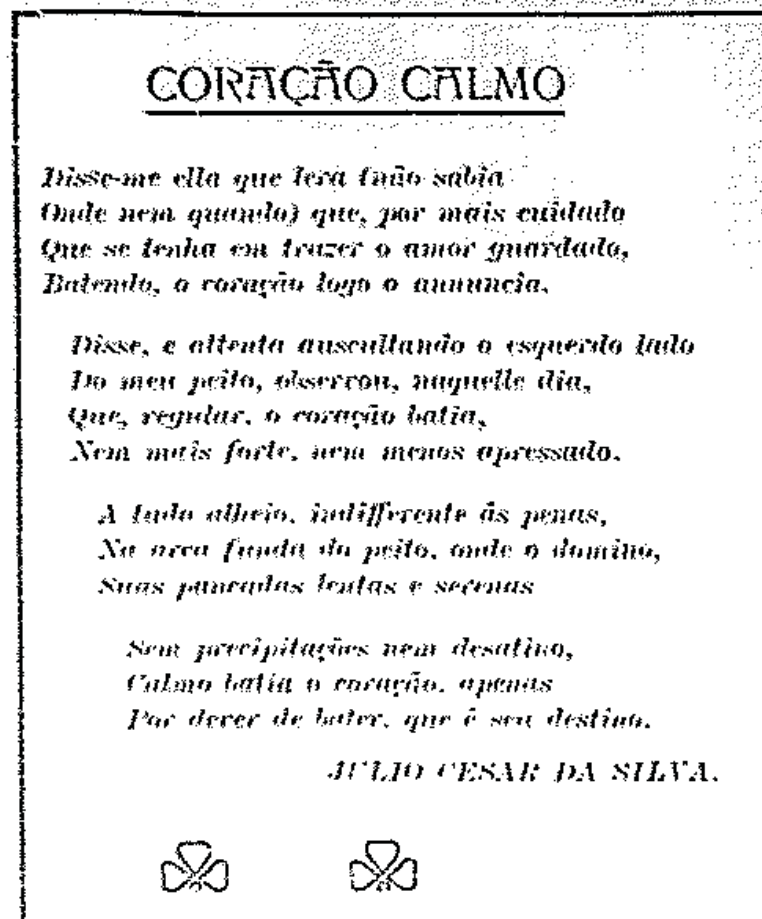
Poema “Extremos”, de Prisciliana Duarte de Almeida – dezembro de 1915

Conforme é possível depreender da leitura do texto, predomina o enredo de caráter emotivo. O “sonho”, aparece como temática central de um eu-lírico feminino ansioso pelo reencontro com o ser amado. Estruturalmente o poema não possui rigidez formal, e apresenta rimas soltas bem como métrica irregular.

Transitando entre os “extremos”, entre o sonho, a realidade e a saudade, o eu-lírico do poema pode representar a leitora do periódico, numa espécie de identificação da leitora em relação a situações de sua vida. A temática do texto mostra-se, portanto, assunto próximo da leitora. Pode-se dizer que a questão da emoção e da identificação entre as leitoras do periódico e dos textos literários por ela veiculados eram o que motivava a seleção dos textos a serem por ela publicados.

Para ilustrar ainda mais a questão, pode-se mencionar outro colaborador do periódico: é Julio Cesar da Silva (1872-1936), irmão da escritora Francisca Júlia. Sua obra, dividida entre o período do Parnasianismo e do Simbolismo, conforme já mencionado, aparece representada pelo poema “Coração Calmo”, cuja estrutura, composta em soneto, modela o poema numa estrutura apreciada pela estética do Parnasianismo. A presença desse texto, acrescenta mais

um exemplo de que o repertório da *Revista* compunha-se por uma literatura de permanência justamente por considerar importante a relação de identificação, ao menos temática, entre os textos e sua leitora.



O soneto “Coração Calmo”, de Júlio César da Silva

Neste texto, portanto, a emoção inspira todo o enredo central. Dessa vez o eu-lírico masculino dá voz a uma história de amor, o que encanta uma leitora romântica.

Como a *Revista Feminina* se inspirava nos moldes europeus, no que se refere à moda, estilo dentre outros, ainda em decorrência do fenômeno *Belle Epoque*, perceptivelmente o periódico incorporava a literatura produzida no Velho Continente. A literatura estrangeira é, portanto representada por Arthur Conan Doyle (1859-1930), com O “Espelho de Prata”, em janeiro de 1916, e “Confissão Conjugal”, em novembro de 1929.

A influência francesa na educação das senhoras brasileiras reflete-se na *Revista*, sobretudo no período em que Dona Avelina assume a direção do periódico. Mas pode-se dizer

que a relação do Brasil com a França, observada no início do século, principalmente no Rio de Janeiro e com menor intensidade em São Paulo, continua a ser observada até o encerramento das atividades da *Revista Feminina*, momento em que começam a ser observada a absorção dos costumes norte-americanos. Os escritores franceses que aparecem no periódico são o já mencionado Guy de Maupassant, “Trechos Clássicos”, de Alphonse de Lamartine (1790- 1823), cuja obra se define pelos temas da religião e do amor, em fevereiro de 1916; François Fénelon (1651-1715), com a fábula “A abelha e a mosca”.

Outro nome que aparece constantemente na publicação e que poderia levar a uma interpretação errônea de uma colaboração estrangeira é Chrysantheme. São vários textos assinados pelo pseudônimo da escritora brasileira Cecília Moncorvo Bandeira de Melo Rebelo de Vasconcelos²⁰ (1870-1948). A escritora, que contribuiu com seus textos para vários periódicos cariocas e paulistas, conforme mencionado no fragmento anterior, deixou parte de sua produção na *Revista Feminina*. Atuando como colaboradora, escreveu textos dramáticos como “*Flirt*”, encontrado no número de novembro de 1916; “A grande virtude”, de março de 1921; e “Ave Maria”, de maio de 1923.

A literatura de origem lusitana também fazia parte dos escritos da *Revista*. Armando Erse de Figueiredo (1874-1950), sob o pseudônimo “João Luso” pode ser lembrado por “Eterna Máscara”, em fevereiro de 1916, “Contos da Minha Terra”, em março de 1917. O escritor foi um dos fundadores de *A Província de São Paulo*, que após a implantação da República passou a se chamar *O Estado de São Paulo*. Outro texto de origem portuguesa é “Os Mestres da Língua”, de Almeida Garrett (1799-1854), escritor que foi um dos maiores representantes do Romantismo português.

Sendo assim, estabelecendo-se um paralelo entre os textos literários já vistos, pode-se concluir que a *Revista* focava-se em alguns pontos, dentre os quais: a) a questão educativa da leitora e da família; b) a questão da identificação texto (temáticas) e a leitora; c) a questão do direito da mulher à literatura. Esses eixos centrais moldavam a escolha dos temas e das obras

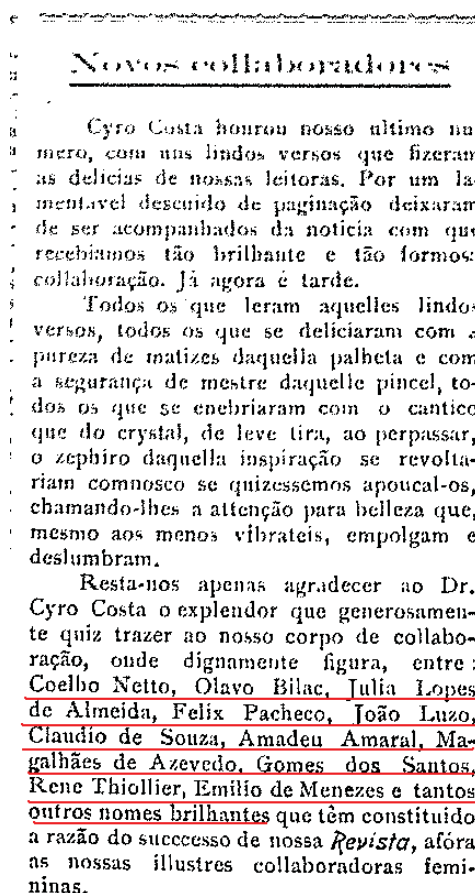
²⁰ De acordo com José Pedro Tanirosso e Mariangela Alonso, foi uma cronista de prestígio no Rio de Janeiro do período da *Belle Époque*, mas, esquecida pelos registros canônicos, buscou esconder-se atrás de pseudônimos, sendo Chrysanthème o mais usado. Ao longo de uma vasta carreira lítero-jornalística, escreveu para inúmeros periódicos e publicou dezesseis títulos; dentre os quais contos infantis, romances biográficos, históricos e bufos, peças de teatro e crítica literária. Seus escritos mantêm a força e a atualidade dos primeiros tempos, no sentido de rastrear a má distribuição *per capita*, a miséria, a seca, as guerras, o desemprego, a transformação do espaço urbano e principalmente a condição feminina, temas de alguns dos textos escritos por esta intrigante autora no início do século XX. [...]Ao longo de uma vasta carreira lítero-jornalística, Chrysanthème escreveu para inúmeros periódicos, tais como *O Paiz*, *Diário de Notícias*, *Correio Paulistano*, *Gazeta de Notícias*, *Mundo Literário*, *O Cruzeiro*, além de *A Imprensa*. Há ainda o registro de dezesseis títulos; dentre os quais contos infantis, romances biográficos, históricos e bufos, peças de teatro e crítica literária. Além desta vasta produção era constante, segundo levantamentos da crítica, a constante presença da autora como conferencista nos salões da época. (ALONSO, 2010, p. 1)

que eram expostas às leitoras a todo momento, desde os anos em que Virgilina dirige o periódico até sua extinção.

A literatura presente na *Revista* era, portanto, uma literatura descomprometida com o relato de tendências literárias. Porém, examinada em seu conjunto, revela uma coletânea que representa a movimentação literária de seu período, confirmando, portanto, a questão da existência e da subsistência de uma continuidade ou de um resgate e essa característica ilustra, no que se refere à Literatura, a denominação deste momento intelectual como literatura de permanência, nas palavras de Antonio Candido.

Vista sob os eixos da educação, da identificação com a leitora e do direito à literatura para a mulher, a navegação por temas emotivos permite observar um recorte temático, no que se refere à Literatura e, ainda, proporciona o contato com características adormecidas de alguns escritores como Coelho Neto, que embora tenha uma obra extensa e diversa, escreve poemas destinados ao público feminino utilizando-se dessas características.

Conforme é possível verificar na imagem abaixo, vários escritores colaboravam com o periódico, e, portanto compactuavam com os requisitos da *Revista*:



Coelho Neto (1864-1934) é um dos que mais publica na *Revista*, seja com textos inéditos, seja com reproduções de narrativas curtas ou contos. São dois textos na seção “Coleção Alva”, “A caçada”, “No tribunal”, “A partilha”, “O relógio do coração”, “Os órfãos”, “O ourives”. Olavo Bilac (1865-1918), outro escritor contemporâneo à *Revista*, é lembrado pela poesia “Criação”, na seção “Os nossos poetas”, de março de 1916; por um trecho de uma conferência intitulado “O que é o riso”, em dezembro de 1917; e por uma crônica, “Ressurreição”, em outubro de 1921. Além dos dois a também carioca, Julia Lopes de Almeida (1862-1934) tem registrada sua colaboração na *Revista Feminina* com o já mencionado texto “O inimigo”; com o artigo “A época das possibilidades”, de abril de 1916; com a resenha crítica do livro “A árvore”, em setembro de 1916; com a narrativa “Quem diria!”, de outubro de 1916; com o trecho de livro “O rosto triangular”, de março de 1917; com o conto “Males do estio”, de março de 1918; dentre outras não menos relevantes contribuições.

Felix Pacheco (1879- 1935), por seu turno, destaca-se pelo soneto “A mulher e o poeta” incorporada na seção “Os nossos poetas”, de março de 1916.

Amadeu Amaral (1875-1929) colaborou com a poesia inédita “Alegria”, em abril de 1916. Já Carlos Magalhães Azeredo (1872-1963) publica a crônica “A estrela amorosa”; em dezembro de 1916, a poesia “A serenata”; em fevereiro 1918, o conto “A caça do veado”; em junho de 1918 é a vez do soneto “Perfume evocador”; sua última colaboração é em 1921, com o soneto “Cativeiro”.

Inúmeros foram, portanto os colaboradores do periódico. Em termos de proporção facilmente pode-se notar que a literatura tinha seu espaço na publicação, fosse através de artigos e notas sobre livros e autores, fosse, através da inserção, reprodução e divulgação de textos já reconhecidos ou inéditos.

Se, portanto, Antonio Candido define o período inicial do século XX – especificamente as duas primeiras décadas – como um momento em que predomina no Brasil um sentimento de continuidade ou uma “literatura de permanência”, através da observação do corpo de colaboradores do periódico, do conjunto de textos selecionados pela *Revista*, e do confronto desses textos com o cânone é possível perceber que em suas páginas figurava uma Literatura muito mais presa ao molde e aos padrões estéticos do passado, que ao panorama literário que se desenharia na segunda década do século XX, com a Semana da Arte Moderna. A *Revista Feminina* também ecoou sutilmente as formas produzidas em períodos que a antecederam e permitiu a reprodução de textos de escritores e leitoras-escritoras sua época, registrando e divulgando as Letras daquele período.

Neste ensajo, a questão do apreço pelo que fosse estrangeiro também revela uma dualidade que permite refletir sobre tradição ou modernidade, porém no âmbito ideológico. Se por um lado havia uma notável submissão aos valores tradicionais da sociedade, por outro, figurava um culto exacerbado pela busca pelo novo, pela vanguarda. Isso acontece em relação à moda e aos costumes europeus, na passagem do século XIX para o século XX.

Esse conflito entre a tradição e a modernidade revela uma sociedade também de transição, tendo em vista que, ao mesmo tempo em que moralmente conservavam-se muitos costumes, havia o desejo de ornar o Brasil tão moderno quanto a Europa. Esse sentimento prevaleceu por anos após a *Belle Époque* e pode ser notado, conforme exposto anteriormente, nas páginas da *Revista*.

Sendo assim, a *Revista* transita entre o tradicional e o moderno em alguns níveis – como o que a torna conflitante: a tradição de revelar à mulher conteúdos dentro do que se julgava “moral e bons costumes”, isto é, dentro do que se aceitava socialmente, mas também, ao mesmo tempo, lutar pela possibilidade de a mulher ter acesso a uma literatura de qualidade, ou de se ter, pelo menos, o direito à leitura.

Em relação à literatura, predominam dois tipos de textos: aqueles pertencentes a um período anterior a ela ou aqueles produzidos concomitante à sua publicação, cujos conteúdo e forma trazem um perfil baseado na leitora. Por não veicular um conteúdo vanguardista é que se pode dizer que a *Revista* do ponto de vista literário representa a literatura de permanência proposta por Candido e, dessa forma, mostra-se mais tradicional que moderna.

A presença características ora tradicionais, ora modernas, aponta, por fim, para uma tensão entre a tradição e modernidade, que fazem da *Revista Feminina* uma publicação cercada de elementos que se misturam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de alguns trabalhos terem abordado a *Revista Feminina* como objeto de estudo acadêmico, muito de seu conteúdo permaneceu por um longo período inexplorado, principalmente no que se refere ao estudo do *corpus* em seu todo.

A necessidade de conhecer a educação feminina bem como a leitura e a instrução e ainda, a seleção literária que se realizava para a mulher brasileira no início do século XX foram fatores determinantes na escolha da *Revista* como tema de pesquisa.

Impulsionada pelo artigo de Antonio Candido que define as etapas da Literatura em *Literatura e Sociedade*, no artigo “Literatura e Cultura de 1900 a 1945”, a pesquisa iniciou-se com uma leitura do *corpus* e partiu para outras fontes que já haviam se dedicado ao mesmo com diferentes enfoques.

Dessa forma, descobriu-se que na área dos estudos literários, pouco se sabia sobre o periódico em questão, em sua totalidade.

Decidiu-se, apesar de se conhecer o extenso período de publicação na imprensa e de se saber que se tratava de um vasto campo de trabalho, optar pelo estudo de cada número, atentando-se para as particularidades que se sobressaíssem e fossem dignas de menção.

Para iniciar o estudo da *Revista*, procurou-se sistematizar, por meio da confecção de tabelas, as informações literárias encontradas no periódico. Essas tabelas deram origem a um vasto material que disponibiliza-se, neste estudo, sob a forma de “fichas demonstrativas”, que são fontes de informações organizadas que poderão auxiliar em futuras pesquisas.

Durante todo o período de estudo, aprofundou-se sobre a teoria de Antonio Candido e procurou-se observar, de acordo com o ponto de vista da “literatura de permanência” observar o periódico em sua totalidade, e depois, particularmente, em buscou-se analisar a Literatura nele encontrada.

Através da consulta de obras que abordavam a História do Brasil e também a História da Imprensa e da Mulher no Brasil, no período de publicação da *Revista*, tentou-se recompor o contexto do qual emerge o periódico. Esses dados foram a base para que se desenvolvesse e se compusesse o capítulo primeiro.

Além disso, procurou-se conhecer através de fontes sobre o periódico e de leitura de editoriais os aspectos ideológicos que trouxeram novo entendimento além de argumentos fundamentais para a análise do *corpus*. Utilizando-se ainda de obras de crítica literária, de

historiografia literária dentre outras, procurou-se demonstrar, no segundo capítulo a relação entre tradição e modernidade presente no periódico.

A percepção de que a *Revista Feminina*, criada por Virgilina de Souza Salles, tinha como objetivo a educação e instrução feminina, levou à uma leitura dos textos que procurou justificar como era feita sua seleção.

A presença de textos literários de autores de prestígio, membros de academias - como a Academia Brasileira de Letras, Academia Mineira de letras e Academia Paulista de Letras como atuantes, isto é, como colaboradores do periódico levou a questionamentos sobre a tendência literária exposta pela *Revista*.

A *Revista Feminina*, conforme pode-se constatar, foi um periódico feminino que embora tivesse o intuito de difundir a Literatura e as informações pertinentes ao universo da mulher – inclusive questões relativas à família – contava com pitadas de opiniões masculinas. Originado no pequeno jornal intitulado *A Luta Moderna* (1914), organizado por João Salles, marido da diretora da *Revista*, Dona Virgilina de Souza Salles, a publicação contou, desde sua elaboração, com a presença de do Sr. Salles, de Cláudio de Souza, irmão da diretora, e de inúmeros colaboradores na composição de suas seções literárias.

Assim, apesar de se tratar neste estudo de um objeto de pesquisa destinado à mulher brasileira do início do século XX, pôde-se perceber, ao longo das análises realizadas, que o periódico era organizado por todo um grupo familiar, composto por homens e mulheres, ou seja, sem distinções de sexo.

Uma figura que se sobressai a partir da leitura do periódico é a de Cláudio de Souza, irmão da fundadora da *Revista* cuja biografia permitiu que se percebesse que o médico, escritor e teatrólogo fosse uma das principais relações da *Revista* e a Academia Paulista de Letras, e portanto, um dos facilitadores para que a Literatura chegasse às páginas do periódico.

Com um enfoque sobre os textos produzidos para a leitora brasileira e sobre a leitura das senhoras que assinavam a *Revista*, pôde-se constatar que alguns pilares sustentavam o periódico em questão. Dentre os principais objetivos da *Revista Feminina*, a educação da mulher, isto é, a instrução, era um dos pontos-chave inclusive para que a Literatura se mantivesse presente em todos os números do periódico. Outro pilar era o entretenimento, que também pode ser interpretado pela inserção da Literatura no periódico, ou seja, o direito à Literatura. Assim os textos literários cumpriam várias funções: “instruir”, “entretêr” e ainda possibilitar o desenvolvimento de suas habilidades como escritoras.

Partindo da observação do contexto brasileiro no período que se inicia com a proclamação da República e se transcorre nas três primeiras décadas do século XX, procurou-se pensar na representação social e intelectual que aparece na publicação, em confronto com a “realidade” do país. Os registros sobre o panorama histórico-social foram realizados no primeiro capítulo e foram suporte para um melhor entendimento do contexto da *Revista*.

Lembrando através de obras que no início do século instala-se no país um desejo de modernidade, uma onda de aperfeiçoamento da imprensa e que surge para a mulher um novo cenário social, pôde-se perceber paulatinamente que a *Revista* dialogava com uma leitora de novo perfil, cuja situação começava a permitir a busca a leitura e a Literatura.

Outro ponto que não pode ser descartado é que o início do século foi marcado por uma onda de idealização dos valores que vinham de fora do país, e uma busca pela “civilização”, ou seja, por uma reorganização dos valores brasileiros. Assim, dedicados a absorver aquilo que era considerado novidade, o supra-sumo do luxo e do conhecimento, passa-se a imitar os padrões europeus, fossem eles na arquitetura das cidades, fossem nas vestimentas, cultura e língua. É a *Belle Epoque* brasileira, tão bem registrada em seus pormenores por Brito Broca em *A vida Literária no Brasil*, marcada pelo estrangeirismo, pela adoção dos hábitos parisienses e pelas reformas urbanas, principalmente, aquela arquitetada pelo prefeito da capital federal – Pereira Passos. Enquanto no Rio, a vida urbana é transformada pelas reformas de caráter higienista e preconceituosas – pois buscava-se a eliminação de doenças mas também da população pobre do centro da cidade, para que este novo centro fosse restrito à burguesia - em São Paulo, estado que sustentava a economia nacional através do cultivo do café, as mudanças advinham do progresso ocasionado pelo cultivo do café.

Essas questões, observadas e expostas no capítulo segundo, puderam ser notadas na *Revista Feminina*, que registrou, em vários momentos, nuances não só do estrangeirismo baseado na moda francesa, mas também naquele gerado a partir do convívio social, em São Paulo, de imigrantes de diversas nacionalidades.

Nas propagandas do periódico, anúncios de vestimentas, carros e produtos dos mais variados eram reflexos da sociedade miscigenada e da atmosfera que se instalara no país ao raiar do século XX. Os brasileiros experimentam, portanto, um período de valorização daquilo que vinha de outro continente àquilo que era típico.

Esta vivência, entre o local e o cosmopolita, coincide com um momento de procura por uma nova corrente estética, um período em que a Literatura Brasileira é vista pelos críticos literários como um momento de permanência, que corresponde aos anos de 1900 a 1922. Neste momento, a literatura brasileira também inspira-se nos moldes europeus e de

acordo com Antonio Candido, não traz grandes novidades em relação à forma e ao conteúdo. É no período de 1922 a 1945, com a Semana da Arte Moderna e o desenvolvimento de uma nova teoria estética, baseada na valorização daquilo que fosse nacional, o Modernismo, que o panorama literário brasileiro se transforma.

Com base nesse estudo de Candido, observou-se a Literatura que se presentificava no periódico. Notou-se basicamente que, ao longo dos 21 anos de publicação, a *Revista Feminina* reuniu, para a mulher brasileira um catálogo bastante amplo de textos e autores brasileiros e estrangeiros, para satisfazer seus ideais de difusão e disponibilização da informação para sua leitora. Pôde-se perceber que a Revista, em sua seleção literária, privilegiou autores que tinham prestígio na sociedade. A maior parte dos autores que aparece na *Revista* é formada de membros de alguma academia literária – fosse ela a Academia Paulista, a Academia mineira ou a Academia Brasileira de Letras.

A tese a que se propôs, traz como novidade em relação aos demais estudos, a leitura sistemática dos textos literários da *Revista*, centrando-se principalmente no período em que Virgilina de Souza Salles dirige o periódico. O recorte nesse período ocorreu por se observar uma maior tendência à publicação de textos literários nesse momento. Com o suporte do texto de Antonio Candido “Literatura e Cultura de 1900 a 1945”, procurou-se realizar análise dos textos, buscando elementos que mostrassem que a *Revista* esteve durante seus anos de publicação entre a tradição e a modernidade, em vários planos, porém, sobretudo dedicou-se a reproduzir ou a abrir espaço para textos voltados ao perfil de sua leitora.

Se no primeiro capítulo foram trazidas à luz questões relativas ao contexto histórico-social da *Revista*, no segundo, explorou-se dados sobre a origem, sobre seu programa e suas principais características, dentre as quais a da preservação da família e da visão da mulher por um viés educacional.

No terceiro capítulo, analisamos e confrontamos dados em específico as seções que inserem a Literatura no periódico, como “Livros Novos”, e mesmo “Jardim Fechado” e os principais contos e crônicas encontrados na *Revista*.

Ao término da tese, incorpora-se um anexo, produzido e organizado durante esta pesquisa, composto por uma lista de tabelas – fichas catalográficas - que trazem o título dos textos literários presentes na *Revista*, seu gênero e autoria até o ano de 1930, pois a partir de então são raros os textos literários e já não há mais colaborações. Composto por miniaturas de fotos microfilmadas das capas da *Revista* e por tabelas que reúnem os principais autores publicados no periódico, esta indexação foi realizada como forma de aproximar e facilitar o acesso aos textos presentes na *Revista Feminina*.

Como resultado, essa pesquisa visou mostrar que *Revista* estava inserida num contexto de modernização e de avanços e espelhava essas novidades, porém, ideologicamente e no âmbito da Literatura, havia um posicionamento tradicionalista - tanto no que se refere a questões sociais, quanto no que concerne à seleção de textos literários. Essa escolha de textos pautava-se numa “literatura de permanência” (CANDIDO), que pode ser observada através dos - em sua maioria sonetos e crônicas - de autores incluídos no período mencionado, classificado por Candido. Não foram notados textos que traziam uma literatura vanguardista - como fazia por exemplo a revista Klaxon, cujo intuito era o de propagar as idéias Modernista - para as páginas da *Revista*, e portanto, para a leitora brasileira. Disso se conclui que a *Revista Feminina* manteve uma forte ligação com o tradicional, mesmo que refletisse em alguns aspectos a essência de modernização de seu período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Corpus:

Revista Feminina (publicação mensal). São Paulo. 1914-1930.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Biografia de Cláudio de Souza. Disponível em: <http://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infolid=408&sid=283>. Acesso em 02 jan. 2011.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. *História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

ALVES, Branca Moreira & PITANGUY, Jacqueline. *O que é feminismo*. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

ANTELO, Raul. *Literatura em Revista*. São Paulo: Ática, 1984.

AMORA, Antônio Soares. *História da Literatura Brasileira*. 8 ed. São Paulo: Saraiva, 1974.

_____. *Teoria da Literatura*. 8. ed. São Paulo: Clássico-Científica, 1969.

ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: *Relíquias da Casa Velha*. Rio de Janeiro/São Paulo/Porto Alegre: W. M. Jackson Inc. 1937.

BAHIA, Juarez. *Jornal, história e técnica: história da imprensa brasileira*. 4.ed. São Paulo: FFLCH/USP, 1979.

_____. *Jornal, história e técnica: as técnicas do jornalismo*: 4.ed. rev. e aument. São Paulo: Ática, 1990.

_____. *Jornalismo, informação e comunicação*. São Paulo: Martins, s. d.

BARBOSA, Marialva. *Os donos do Rio: imprensa poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.

BASBAUM, Leôncio. *História Sincera da República*. 4 ed. São Paulo: Alfa- Ômega, 1981.

BLAKE, Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970. 7v.

BOND, F. Fraser. *Introdução ao jornalismo: uma análise do quarto poder em todas as suas formas*. Trad. de Cícero Sandroni. Trad. e rev. da 2. ed. de Pinheiro de Lemos. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962.

BONILHA, Juliana Cristina. *Eça de Queirós e a Gazeta de Notícias: Suplemento Literário (1892)*. 382f. Dissertação (Mestrado em Literatura e Vida Social)- Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2009.

BOPP, Raul. *Movimentos Modernistas no Brasil – 1922-1928*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 2.ed. São Paulo: Cultrix, 1974.

_____. *História Concisa da literatura brasileira*. 48.ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAIT, Beth (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. SP: Contexto, 2005

BROCA, Brito. *Horas de leitura*. Rio de Janeiro: MEC, INL, 1957.

_____. *A vida literária no Brasil-1900*. 4 ed. Rio de Janeiro: José Olympio 2004.

BUITONI, D. S. *Imprensa feminina*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

_____, D.S. *Mulher de papel*. São Paulo, Loyola, 1981.

BURKE, P. & PORTER, R. *História Social da Linguagem*. Trad. de Álvaro Hattnher. São Paulo: UNESP, 1997.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto; Edusp, 1988.

CARONE, Edgar. *A primeira república (1889-1930): texto e contexto*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.

CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (org.). *Jornalismo e Literatura: a sedução da palavra*. São Paulo: Escrituras, 2002.

CHARTIER, Roger. *L'Éducation en France do XVI ao XVIII*, Société d'édition d'enseignement supérieur, Paris, 1976,

COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel: escritores jornalistas no Brasil (1904-2004)*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.

COUTINHO, Afranio. *A Literatura no Brasil*. Record, Rio de Janeiro, Sul Americana, 2 ed.vol. II, 1968.

_____. *A tradição afortunada (O espírito de nacionalidade na crítica brasileira)*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1968

_____. *Enciclopédia de literatura brasileira*. São Paulo: Global.

DEL PRIORE, Mary. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DIMAS, Antonio. *Tempos eufóricos: análise da revista Kosmos (1904-1909)*. São Paulo: Ática, 1983.

DOYLE, Plínio. *História de revistas e jornais literários*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa; MEC, 1976. v.1.

FARIA CRUZ, Heloísa de (org.) (1997). *São Paulo em revista: catálogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana*. São Paulo, Arquivo do Estado.

FAUSTO, Boris. *História concisa do Brasil*. São Paulo: Editora da USP, 2002.

_____. *O Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Difel, 1977. tomo 3, v.2.

FREITAS, Affonso A .de. *A imprensa periódica de São Paulo: os seus primórdios em 1823 até 1914*. São Paulo: Typografia do “Diário Oficial”, 1915.

HELLER, Bárbara. *Da pena à prensa: Mulheres e leitura no Brasil (1890-1920)*. São Paulo: Porto de Idéias, 2006.

_____. *Mulheres entre linhas: Imagens da leitora brasileira do início do século XX*. 1990. 143f. Dissertação (Mestrado em Ciências de Comunicação)- Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

JANOVITCH, Paula Ester. *Preso por trocadilho: a imprensa de narrativa irreverente paulistana de 1900 a 1911*. São Paulo: Alameda, 2006.

KRISTEVA, Julia. *Introdução à semnálise*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: Ática, 1996. (Série Temas, 58).

Lima, Alceu. *Estudos literários*. Rio de Janeiro: Companhia Aguilar, 1966.

_____. *Introdução à Literatura Brasileira*. 4 ed. São Paulo: Agir, 1968.

LIMA, Sandra Lúcia Lopes. *Espelho da Mulher: Revista Feminina (1916-1925)*. 1991. 235f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas)- Departamento de História da FFCL, USP, São Paulo, 1991.

LORENZO, H. C. de & Peres, Wilma. *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. São Paulo: Ed. Unesp, 1998.

LUCA, Tania Regina de. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Ed. da UNESP, 1999.

_____.; LUCA, Tania Regina de (org.). *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

LUSTOSA, Isabel. *O nascimento da imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

MACHADO NETO, A. L. *Estrutura social da República das Letras*. São Paulo: Guijalbo, Edusp, 1973.

MAGALHÃES, Hilda Gomes de. *Tradição e modernismo em Prefácio Interessantíssimo* de Mário de Andrade. Disponível em: <http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/197.pdf>. Acesso em 22 de agosto de 2012.

MARTINS, Ana Luiza. *Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República*, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Imprensa Oficial, EDUSP; FAPESP, 2001.

MARTINS, Luís. *Do folhetim à crônica*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1972.

MASCARO, Sônia de Amorim. *A Revista Feminina: imagens de mulher (1914-1930)*. 1982. 290f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação)- Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1982.

MATOS, Hirvana Mara Zaina. *A Cigarra no espaço urbano 1914-1934*. Anais do XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão. ANPUH- USP. São Paulo, 2008. Disponível: <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XIX/PDF/Autores%20e%20Artigos/Hivana%20Mara%20Zaina%20de%20Matos.pdf>. Acesso em junho de 2010

MELO, José Marques de. *Teoria do jornalismo: identidades brasileiras*. São Paulo: Paulus, 2006.

_____. *História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

_____. *Sociologia da imprensa brasileira: a implantação*. Petrópolis: Vozes, 1973. p. 84-151.

_____. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. 3. ed. rev. e ampl. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MELO, Luís Correia de. *Dicionário de autores paulistas*. São Paulo: Irmãos Andriolis, 1954.

MENESES, Raimundo de. *Dicionário literário brasileiro ilustrado*. São Paulo: Saraiva, 1969. 5 v.

MEYER, Marlise. O romance-folhetim atravessa os mares. In: _____. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 279-318.

MICELI, Sérgio. Imagens negociadas. In: *Retratos da elite brasileira — 1920-1940*. São Paulo: Cia. das Letras, 2000.

NEEDEL, Jeffrey. *Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

PINTO, Maria de Lourdes de Melo. *Memória de autoria feminina nas primeiras décadas do século XX: a emergência da obra periodística de Chrysanthème*. 2006. 269p. Tese (Doutorado em Imaginários Culturais e Literatura – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006).

ROCHA, Clara. *Revistas Literárias do Século XX em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1985.

RODRIGUES, Ernesto. *Mágico folhetim: literatura e jornalismo em Portugal*. Lisboa: Editorial Notícias, 1998.

SAVIANI, Dermeval (et. al.). *O legado educacional do século XX no Brasil*. Campinas, SP: Autores Associados, 2004

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. 34 ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990

SCHWARCZ, Lilia Moritz; COSTA, Ângela Marques. *Virando séculos 1890-1914: No tempo das incertezas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEVCENKO, Nicolau. (org). *História da Vida privada no Brasil: República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

_____. *História da Literatura Brasileira*. 10 ed. Rio de Janeiro: Graphia, 1999.

TEIXEIRA, Ivan. *Apresentação de Machado de Assis*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

TELLES, Norma. Escritoras, Escritas, Escrituras. In: DEL PRIORE, Mary. (org.). *História das mulheres no Brasil*. 2.ed. São Paulo: Contexto, 1997.

VILLAÇA, Alcides. "*Machado de Assis: planos de um contista*". Em: Folhetim, 25 de novembro de 1984. p. 8-9, Folha de São Paulo.

ZANCHET, Maria Beatriz. *Tradição e Vanguarda na Escrita de Júlia Lopes de Almeida*. Revista Trama, Marechal Cândido Rondon, Volume 2, Número 4 - 2º Semestre de 2006 - p. 143-154. Disponível em: www.unioeste.br/saber. Acesso em junho de 2010.

ANEXOS

Anexo: Revista Feminina (Capas e textos literários de 1915-1930)

Catálogo de capas - Revista Feminina – Números de 1915



Fichas de textos e seções literárias da Revista Feminina – Números de 1915

Revista Feminina – abril de 1915			
Título	Autor	Tipo de texto	Página
A confissão	Guy de Maupassant	Conto	3- 4
Seção “Livros recebidos”	Sem assinatura	Resenha crítica	6
Seção “Poemas da Juventude”	Garcia Redondo	Crônica	11
Coleção Alva	Coelho Neto	Crônica	16
AEIOU	Alphonsus de Guimarães	Poesia	16
O inimigo	Júlia Lopes de Almeida	Poesia	17-18

Revista Feminina – dezembro de 1915			
Título	Autor	Tipo de texto	Página
A Loba: conto de dezembro	Guilherme Rubim	Conto	6, 15-17
A caçada	Coelho Neto	Conto	7 - 8
Hino à Primavera	Laurita Lacerda	Poesia	8
Sonhos Ambiciosos	B. Octavio	Poesia	10
Extremos	Prisciliana Duarte de Almeida	Poesia	10
No Tribunal	Coelho Neto	Conto	12
A Palmeira	Alberto Oliveira	Poesia	24
Cinzas	Heitor Lima	Poesia	24

Catálogo de capas - *Revista Feminina* – Números de 1916



Fichas de textos e seções literárias da *Revista Feminina* – Números de 1916

Revista Feminina – janeiro de 1916			
Título	Autor	Tipo de texto	Página
O espelho de prata	Conan Doyle	Conto	6-9
A partilha	Coelho Neto	Conto	14
Pai contra mãe	Machado de Assis	Conto	16-18 e 29
Seção “Poemas da Juventude”	Garcia Redondo	Crônica	30

Revista Feminina – fevereiro de 1916			
Título	Autor	Tipo de texto	Página
Seção “Trechos Clássicos”	Lamartine	Narrativa	7
A abelha e a mosca	Fenelon	Fábula	7
A eterna máscara	João Luso	Crônica	8 e 12
O templo do passado	Maeterlinck	Crônica	9-10
Um sorteio de noivas	Anna Rita Malheiros (Cláudio de Souza)	Crônica	10
Distâncias	Crysanthème	Peça teatral	24
O mendigo	Brito Mendes	Poesia	25

Revista Feminina – março de 1916			
Título	Autor	Tipo de texto	Página
Uma noite histórica	Raul Pompéia	Crônica	6 e 16
Seção “Os nossos poetas” - <i>Criação</i>	Olavo Bilac	Poesia	11
Seção “Os nossos poetas”- <i>Abençoada a lágrima</i>	Mário de Alencar	Poesia	11
Seção “Os nossos poetas”- A mulher e o poeta	Felix Pacheco	Poesia	11
O prazer da caça	Guy de Maupassant	Conto	17 a 18
O poeta	Allegretti Filho	Poesia	29

Revista Feminina – abril de 1916			
Título	Autor	Tipo de texto	Página
O Recitativo: conto cearense	Gil Amora	Conto	6

Sonho de mocidade	Stefan Zweig	Crônica	7 a 9
A época das possibilidades	Julia Lopes de Almeida	Crônica	10
Coração calmo	Julio Cesar da Silva	Poesia (soneto)	11
Teu sorriso	Carolina Wanderley	Poesia (soneto)	11
O lar	Amorim Brenha	Poesia (soneto)	11
Via- Crucis	Mariano Lemos	Poesia (soneto)	11
Conto d'inverno	Chrysanthème	Conto	17
Alegria	Amadeu Amaral	Poesia	20
O exemplo	Booth Tarkington	Conto infantil	22

Revista Feminina – maio de 1916			
Título	Autor	Tipo de texto	Página
A princesita das rosas	Fialho de Almeida	Conto	13-14 e 30
Tarde de abril	Y. de Schloenbach Blumenschein	Poesia	17
Caro bem	Prisciliana Duarte de Almeida	Poesia	19
Quanto vale uma mulher: narrativa de costumes africanos	Luis Bermudês de Castro	Crônica	29 a 30

Revista Feminina – junho de 1916			
Título	Autor	Tipo de texto	Página
Coleção Alva	Coelho Neto	Crônica	8
O velho	Guy de Maupassant	Conto	11-13
Ao Tiêê	Eugenio Fonseca Junior	Poesia	16
A flor da trapoeraba	Adelina Lopes Vieira	Poesia	23
A amizade	Prisciliana Duarte de Almeida	Poesia	25
PERRUQUES BLANQUES	Regis de Oliveira	Peça teatral	29
Livro d'alma: a minha esposa	Stocker de Lima	Poesia	32

Revista Feminina – julho de 1916			
Título	Autor	Tipo de texto	Página
Seção "Livros recebidos"	Sem assinatura	Resenha crítica	11
A estrela amorosa	Magalhães de Azeredo	Crônica	12
O Bêbedo	Guy de Maupassant	Conto	14-15

Revista Feminina – agosto de 1916			
Título	Autor	Tipo de texto	Página

As primeiras neves	Guy de Maupassant	Conto	13-14 e 26
Carta a uma noiva	Bebé de Mendonça Lima	Carta (ficção)	23-24
A mariposa	Julia de Asensi	Conto	27 a 28
Kosmos	J.M. Goulart de Andrade	Poesia	29

Revista Feminina – setembro de 1916			
Título	Autor	Tipo de texto	Página
Seção “Novos livros”: <i>A árvore</i>	Julia Lopes de Almeida	Resenha crítica	9
Histriões que passaram	Gomes dos Santos	Crônica	16
Amores d’além túmulo	Arthur Dourliac	Conto	25-27
A intriga	Anna Rita Malheiros (Cláudio de Souza)	Peça teatral	31-32
Un entretien d’amour	Lygio	Conto	34

Revista Feminina – outubro de 1916			
Título	Autor	Tipo de texto	Página
Tédio hibernal	Emílio de Menezes	Poesia	9
Seção “Livros Novos”	(sem assinatura)	Resenhas críticas	14
Quem diria!	Júlia Lopes de Almeida	Crônica	24
Seção “Jardim dos Poetas” – <i>Saudade; Ruínas</i>	Leôncio Correia/Cyro Costa	Poesia	25

Revista Feminina – novembro de 1916			
Título	Autor	Tipo de texto	Página
Junto de minha mãe	Leôncio Correia	Poesia	10
Flirt	Chrysanthème	Crônica	14
Seção “Livros recebidos”	(sem assinatura)	Resenhas críticas	33
Seção “Livros Novos”	(sem assinatura)	Resenhas críticas	36

Revista Feminina – dezembro de 1916			
Título	Autor	Gêneros Textuais	Página
A mulher brasileira	Benedicto Salgado	Poesia	(s/n)
Serenata	Carlos Magalhães de Azeredo	Poesia	(s/n)
O primeiro bilhete	G. de Biez	Peça teatral	(s/n)

Versos à vizinha: das “Cantigas”	Wenceslau de Queiroz	Poesia	(s/n)
Seção “Livros recebidos”	Sem assinatura	Resenha crítica	(s/n)
Jesus e a pecadora	Leão d’Eça	Poesia	(s/n)
O anjo da paz	Leôncio Correia	Poesia	(s/n)
Os mestres da língua	Almeida Garrett	Crônica	(s/n)

Catálogo de capas - *Revista Feminina* – Números de 1917



Fichas de textos e seções literárias da *Revista Feminina* – Números de 1917

Revista Feminina – janeiro de 1917			
Título	Autor	Tipo de texto	
Corações de mulher	Condessa de Tramar	Crônica	
Na roça	Carlos da Fonseca	Poesia	
A idiota	Rene Thiollier	Crônica	
(ilegível)	Olegário Mariano	Poesia (soneto)	
Ano velho	Luís Carlos	Poesia (soneto)	
O ramo de lilás	Max Villeneuve		

Revista Feminina – março de 1917			
Título	Autor	Tipo de texto	
Contos da minha terra	João Luso	Conto	
Sinfonias do ar livre	Orlando Maçal	Crônica	
Ave Maria	Sebastião de Carvalho	Poesia	
A elegância debanda	Paulo de Tharso	Crônica	
Poesia	Prisciliana Duarte de Almeida	Poesia	
Concha	(ilegível)	Narrativa romântica	
Fausto	Oliveira e Silva	Poesia (soneto)	
O rosto triangular	Julia Lopes de Almeida	Trecho de livro	
As aventuras da família camondongo (continuação)			

Revista Feminina – abril de 1917			
Título	Autor	Tipo de texto	
Ao Claire de Lune	Orlando Marçal	Crônica	
Envelhecendo	(ilegível)	Poesia (soneto)	
Sombras	Almeida de Oliveira	Poesia (soneto)	
Bem alto	Áurea pires da Gama	Poesia (soneto)	
Beata Visio	Wenceslau de Queirós	Poesia (soneto)	
Finados – Lenda das Praias	João do Norte	Conto	
As Agonias do Gólgota	Paulo de Tharso	Conto	
Em plena aurora	(ilegível) Odete	Poesia (soneto)	
Camélia	Eduard Camilo	Narrativa amorosa	
As aventuras da família camondongo (continuação)			
A lenda de Arlequim	Fernando da Costa Freitas	Conto	

Revista Feminina – maio de 1917		
Título	Autor	Tipo de texto
Literatura Pátria – O Rio	Affonso (ilegível)	Narrativa amorosa
O torpedo	Mario Sette	Conto
Ânsia de morte	s/a	Conto
A página mais triste	Osório Borba	Poesia (soneto)
A noite	Francisca Júlia da Silva	Poesia (soneto)
Ave Maria	Ibrantina Cardona	Poesia (soneto)
Ao meu filho	Ricardo Barbosa	Poesia
Crepúsculo	Climène Duval Baroni	Conto
Violetas	Eduard Camilo	Crônica
O jardim do rei		Parábola

Revista Feminina – junho de 1917		
Título	Autor	Tipo de texto
O mistério da vila azul	Carolina Tipainbocca	Conto
A igreja do caminho	Hélio Flores	Ode
Lenda indiana	Rabindranalh Jagore	Conto
Inverno	Laurita Lacerda	Poesia
Saudade	(Ilegível)	Poesia (soneto)
A loba de língua azul	M. Lara	Conto (infantil)
O despertar do primeiro sonho	Maria de Perales	Conto
Olinda poética	Maria A. Gama	Poesia
O roubo de uma estrela	Celina Assis	Conto (infantil)
Conselhos	B.S.	Poesia (soneto)

Revista Feminina – setembro de 1917		
Título	Autor	Tipo de texto
A criação da mulher	s/a	Conto
Anedotas	s/a	Anedotas
O relógio do coração	Coelho Neto	Conto
Miss	Eurico de Góes	Poesia (soneto)
Num leque	s/a	Poesia (soneto)
A vingança do amor	Frederica Schumann	Conto
O adereço	Guy de Maupassant	Conto
A princesa das pérolas	J.T.	Conto (infantil)
As esmolas	Oscar Lopes	Crônica
A semente alada	s/a	Parábola (infantil)

Revista Feminina – dezembro de 1917		
Título	Autor	Tipo de texto
Passeio Matutino	Escragnolle Doria	Crônica
De Eva antiga a Eva moderna	Cláudio de Souza	Conto
Gruta Eterna	Paulo de Tharso	Conto
Luz e Sombra	Laurindo de Brito	Poesia (soneto)
O que é o riso	Olavo Bilac	Trecho de conferência
O macaco	Fenelon	Tradução
Carta por terra	Palmyra Wanderley	Poesia
Amanhecer	Luis Carlos	Poesia (soneto)
Alba de amor	Cyro Costa	Poesia (soneto)
A cegonha	Cassiano Ricardo	Poesia (soneto)
Gato por lebre	s/a	Crônica
Novas felicidades	Andre Rivoire - tradução de Mimoso Castro	Teatro
Lágrimas de mulher	Irene Ferreira de Souza Pinto	Poesia
A mania dos bonecos	José Escamez	Conto (infantil)
As aventuras da família Ratazia	s/a	Conto (infantil)
A medida das horas	Maeterlink	Reflexões
O lago das fadas ou sonho de natal	s/a	Conto (infantil)
Sonho de amor	Eurico de Goes	Poesia
O lenço bordado	B. de B.	Conto
A pele do urso	Pierre W.	Teatro
Noturno no Natal	Luís de Almeida Braga	Conto
Sonetos	Bruno Barbosa	Poesia (soneto)
À antiga portuguesa	Fernando da Costa Freitas	Novela
Os órfãos	Coelho Neto	Crônica
Ao vento	Alegretti Filho	Poesia (soneto)
Teatro da Revista Feminina	Anna Rita Malheiros	Teatro
Como se encontrou o louco	Ismênia d'Oliveira	Tradução

Catálogo de capas - *Revista Feminina* – Números de 1918



Fichas de textos e seções literárias da *Revista Feminina* – Números de 1918

Revista Feminina – janeiro de 1918		
Título	Autor	Tipo de texto
Booz	Raimundo Reis	Poesia (soneto)
A arranjadeira de casamentos	P.A.	Conto
Portugal	René Thiollier	Ode
Última Cigarra	Altair O. Miranda	Poesia
Fascinação	J.A. Corrêa de Araújo	Poesia (soneto)
A lenda da terra	Sebastião de Carvalho	Poesia (soneto)
Pascomi di dolor, piangendo rido	Cyro Costa	Poesia (soneto)
De Eva antiga a Eva Moderna (conclusão)	Cláudio de Souza	Conto
O concílio das flores	José M. Escaméz	Conto (infantil)
Simplicidade	Castelar d'Aragão	Conto
Elma	J. Tibagy	Conto (infantil)
A caça do veado	Carlos Magalhães de Azeredo	Conto
Mãe	Angelina Vidal	Conto
O ourives	Coelho Neto	Crônica

Revista Feminina – fevereiro de 1918		
Título	Autor	Tipo de texto
Ceres propicia	Hugo Simas	Conto
Preto e Branco	Buno Barbosa	Poesia
Nunca Mais	Fernando da Costa Freitas	Conto
Rival de Si mesmo	Jerusa Alfán	Conto
A Primeira Cigarra	Astrogildo Cesar de Oliveira	Poesia
Consuelo	Fernando da Costa Freitas	Conto
Na ante-sala da morte	W. Flous	Conto
O velho pescador	Noemy	Conto
A dança da horas- o poema do girassol	Manoel Abril	Crônica
Prece	Edwiges M. de Carvalho	Poesia (soneto)
Do ódio ao amor		Conto
A rainha Miza	J. Tibagy	Conto (infantil)
Bendita Superstição	Marcel Prévost	Crônica

Revista Feminina – março de 1918		
Título	Autor	Tipo de texto
A Mártir	Emílio Sanches Pastor	Conto
O problema da vida: episódios da vida boêmia literária	Julius	Crônica
Males do estio	Júlia Lopes de Almeida	Conto
Os deuses na intimidade	G.M.	Crônica
Os cabelos	Emília Pardo Bazan	Conto
O filho (episódios da guerra)	J. Erliz de Pinedo	Crônica
Campo Santo	Laurita Lacerda	Poesia
O autor da muralha	s/a	Conto
Manhãs na roça	Irene Ferreira de Souza Pinto	Poesia (soneto)
Página triste	J. P. de Amaral	Parábola/reflexão
Rendendo graças	Laurindo de Brito	Poesia (soneto)
Resposta de uma carta	Raimundo Reis	Poesia (soneto)

Revista Feminina –abril de 1918		
Título	Autor	Tipo de texto
A minha cesta de costura	Irene de Sousa Pinto	Poesia
A lenda do chorão	Josefina de Lacerda	Conto
Diálogo dos vermes	Manoel Linares	Conto
Suprema virtude	Catulle Mendes	Conto
O beijo de Judas	Francisco Gaspar	Poesia (soneto)
Uma república de rãs	Júlio César da Silva	Conto
No pensionato das irmãs	L.M.	Teatro
Lealdade de cão	F.J.	Conto
A morte e a revolução	s/a	Adaptação
A miniatura	A.B.	Conto
Ninguém poderá dizer	Júlia Lopes de Almeida	Crônica
Laranjeira	Palmyra Wanderley	Poema (soneto)
Teatro infantil: Noves fora, nada!	Anna Rita Malheiros	Teatro

Revista Feminina –maio de 1918		
Título	Autor	Tipo de texto
Lúcia	s/a	Novela romântica
O Trabalho	C. Baró	Crônica
A Cigarra – calúnias e mentiras	s/a	Crônica
A miniatura (continuação)	A.B.	Conto
O vidro	C.M.	Conto
A trepadeira	Marilda Palínia	Conto

Se o tivesse	Fernando Gaspar	Poesia
A menina dos olhos	Breno Ferraz	Poesia

Revista Feminina – junho de 1918		
Título	Autor	Tipo de texto
Perfume evocador	Carlos Magalhães de Azeredo	Poesia (soneto)
A serra dourada	Marilda Palínia	Ode
O marido da sua viúva	Gonçalo folí	Crônica
Felizes	E.S.	Conto
O que valem os diamantes	David do Monjoy	Conto
Manhã na roça	Francisco Gaspar	Poesia (soneto)
Fantiza	J. tibagy	Conto
A saudade	Raimundo Reis	Poesia (soneto)
O fabricante de cachimbos	s/a	Conto (infantil)
Mimosa	Marilda Palínia	Conto (infantil)
Dor	Breno Ferraz	Poesia (soneto)

Revista Feminina – julho de 1918		
Título	Autor	Tipo de texto
A primeira valsa	Margarida Astray Caneda	Conto
O encanto das feias	José Maria Bosch	Conto
São Cristóvão	José Velho	Conto
É muito tarde	F. Sassone	Teatro
Marinha	Francisco Gaspar	Poesia (soneto)
As tâmaras	Noemy Rios	Conto

Revista Feminina – agosto de 1918		
Título	Autor	Tipo de texto
A esmola	Mario Sette	Conto
Vendeana	Emília Pardo Bazán	Conto
Outra Vida	Francisco Gaspar	Poesia (soneto)
Ao som de uma valsa	Marilda Palínia	Conto
Presente de aniversário	Raimundo Reis	Poesia

Revista Feminina – setembro de 1918		
Título	Autor	Tipo de texto
Luar	Luís Carlos	Poesia (soneto)

O Herói	J.G. Olmedilla	Conto
O rochedo de Sysifo	F. Sassona	Conto
Cantares cristãos	Alzira Reis	Poesia (soneto)
Teatro Ligeiro	A.R.M. (Anna Rita Malheiros)	Teatro
O Buriti Queimado	Marilda Palinia	Conto
A Guerra das Ratazanas	s/a	Conto (infantil)
Soneto	Guimarães passos	Poesia (soneto)

Revista Feminina – outubro de 1918		
Título	Autor	Tipo de texto
Sugestões da música	M. Bueno	Conto
A madrugada	(em resposta a João de Lemos)	Poesia
A sentinela	G. Rittwagen	Conto
Nossa senhora do fanado	Alzira reis	Poesia (soneto)
A bela Ernestina	Vicente tejada	Conto
A destruição de Pompéia	Bulwer Lytton	Conto

Revista Feminina – novembro de 1918		
Título	Autor	Tipo de texto
Salvei-me felizmente	Laura Vaz	Conto
Cismando	Palmira W.	Poesia (soneto)
Fantasmas	A.M.G.	Conto
Episódios de Sonho	Altair G. Miranda	Poesia
Seu Quintino	René Thiollier	Crônica
A filha de Herodes	Magda	Conto
Um Natal preto	Affonse Alfais	Conto (Adaptação)
O salto da morte	Marilda Palinia	Conto
Minha Filha	Irene Ferreira de Souza Pinto	Poesia
Uma dívida de gratidão	Cláudio de Sousa	Teatro
As pálidas	Affonso Schmidt	Poesia (soneto)
Ao luar	Joinville Barcellos	Poesia
Em vez de um, dois	Robert de Flers e G. de Caillave	Comédia
A melhor soberana	Clara Branca das Neves	Conto
A pequena Solange	Condessa de Pardo Bazar	Conto
O despertar na ambulância	Albina A. Pires de Campos	Conto
Os sonetos célebres	Chagas	Poesia (soneto)
Uma festa de caridade	Alfredo Capus	Teatro
Árvore Morta	Otoniel Menezes	Poesia (soneto)
Páscoa na aldeia	Francisco Gaspar	Poesia (soneto)
Vendado e às cegas	Ortiz Pinedo	Conto
Nox Anima	A. Corrêa de Araújo	Poesia
Sejamos Meigas	Clara das Neves	Conto

A gravata	Julião de Charras	Conto
A festa das crianças	Eça de Queirós	Crônica
O homem da nariganga	(página faltante)	Conto (infantil)
Um baile de bonecas	Marilda Palínia	Conto (infantil)
Festa de Natal	(ilegível)	Crônica
A Vapor – um tipo de rua	Giuseppi Cavaliere	Trecho de livro
Escrava...ou rainha?	M. Delly	Novela (Trecho traduzido) – folhetim
Amor à pátria	Francisco Gaspar	Poesia (soneto)
Flores e crenças	Raymundo Reis	Poesia

Catálogo de capas - *Revista Feminina* – Números de 1920



Fichas de textos e seções literárias da *Revista Feminina* – Números de 1920

Revista Feminina – janeiro de 1920		
Título	Autor	Tipo de texto
A Hoste	Emília Pardo Bazán	Conto
Minha mãe	Emiliana Delminda	Poesia (soneto)
O garoto (episódio de carnaval)	Clara Camara	Conto
Enfim	Odete Donah	Poesia (soneto)
Introspectivo	Ed. Cerqueira	Poesia (soneto)
A lebre encantada	Angelo Ramires	Conto
A poesia que passa	Laura Vaz	Conto
Boca	Hermenegildo Chaves	Poesia (soneto)
Mãos	Hermenegildo Chaves	Poesia (soneto)
Entre duas almas (continuação)	()	Novela (folhetim)

Revista Feminina – fevereiro de 1920		
Título	Autor	Tipo de texto
Luto pelo Sogro	José Luengo	Crônica
A estrela alada	s/a	Conto
Madrigal de Arlequim	Menotti Del Picchia	Poesia (madrigal)
Homu homini lupus	Eduardo Cerqueira	Poesia (soneto)
É o que lhe digo...	s/a	Novela (folhetim)
Entre duas almas (continuação)	()	Novela (folhetim)
A conversão	Francisco Gaspar	Poesia (soneto)

Revista Feminina – abril de 1920		
Título	Autor	Tipo de texto
Fidelidade e martírio de um cão	José Cesário	Conto
O laço de fita	s/a	Conto
Último Beijo	A.L. Ribeiro	Conto
É o que lhe digo (continuação)	s/a	Novela (folhetim)
Entre duas almas (continuação)	s/a	Novela (folhetim)

Revista Feminina – maio de 1920		
Título	Autor	Tipo de texto
Desolação	Marianela	Conto

As três fadas	Luiz Trigueiros	Conto (infantil)
Vaidade dum Pavão	Cassiano Ricardo	Poesia (soneto)
Biriba	Lucia Maçaria	Conto
O silêncio	Gabriel R.	Crônica
O beijo de Roxana	Francisco Gaspar	Poesia
Jardim interior	Mario Mendes Campos	Poesia (soneto)
Milagre	Eurico Curado	Poesia (soneto)
Falando ao destino	Alda P. Avelino	Poesia (soneto)
Entre duas almas (continuação)	s/a	Novela (folhetim)

Revista Feminina – junho de 1920		
Título	Autor	Tipo de texto
Desilusão	J.A.	Conto
Turris eburnea	Carolina Wanderley	Poesia
Mendigo	Margarida Laura	Conto
Galanteria fidalga	Diogo de S. José	Conto
Entre duas almas (continuação)	s/a	Novela (folhetim)

Revista Feminina – julho de 1920		
Título	Autor	Tipo de texto
Crianças	Vicente de Carvalho	Conto
Naufrágio	Francisco Gaspar	Poesia (soneto)
Por um fio de cabelo	Judith Gauthier	Teatro (adaptação)
O carro de boi	Francisco F. Sobral	Crônica
Canção Nostálgica	Francisco Gaspar	Poesia
Pennas e penas	Palmyra Wanderley	Poesia
Entre duas almas (continuação)	s/a	Novela (folhetim)

Revista Feminina – agosto de 1920		
Título	Autor	Tipo de texto
Os ratos e as mulheres	Emília de Sousa Costa	Crônica
Velha carta	Arthur Coelho	Poesia (soneto)
Recordações	Laura Vaz	Conto
A outra margem	Rabindremath Tagore (poeta indu)	Conto
A Figueira	Rabindremath Tagore (poeta indu)	Conto
Maria	Othoniel Menezes	Poesia (soneto)
O canto do Cisne	Gomes de La Mata	Conto
18º aniversário	Jorge Epifânio	Poesia (soneto)

Vive para cantar quando eu morrer	Palmira Wanderley	Poesia (soneto)
As viagens de uma gota d'água	Maria Ângela	Conto (infantil)
Entre duas almas (continuação)	s/a	Novela (folhetim)
Crepuscular	Mario Mendes Capôs	Poesia

Revista Feminina – setembro de 1920		
Título	Autor	Tipo de texto
A doutora	J. Delm	Conto
Amor microbicida	s/a	Crônica
Debaixo da terra	Maria Ângela	Conto (infantil)
A renúncia	Concha Espina	Conto
Poemas indus – Vocação e Mercador	s/a	Conto
Compaixão	E. Mudicor	Conto
O mais velho	s/a	Conto
Egoísmo e desprendimento	J. Alfan	Conto
A cheia	Crescas	Conto
A pequenina flor azul	Luiza D'Albuquerque Cavalcanti	Conto
Falando à terra	Odette Donan	Poesia (soneto)
A dor de amar	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – outubro de 1920		
Título	Autor	Tipo de texto
Berava	Carlos da Fonseca	Conto
O homenzinho	s/a	Conto
O regador vermelho	J. Perez	Conto (infantil)
Armas e armaduras	Laura Vaz	Conto
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – novembro de 1920		
Título	Autor	Tipo de texto
A honra de Florestan	Emile Carrère	Conto
Quem corre.. chega a tempo	L. Azevedo	Conto
Uma árvore amiga	Odette Donan	Poesia (soneto)
A origem da moeda	Maria Ângela	Conto (infantil)
A mangueira	Francisco Gaspar	Poesia
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – dezembro de 1920		
Título	Autor	Tipo de texto

A mensagem do vento	Angélica Palma	Conto
A poesia da saudade	Augusto Olmedilha	Conto
Os três reis do oriente	Ricardo Leno	Conto
Sonhos	Mário Mendes Campos	Poesia
A rosa e a gota de chuva	Elias Moscoso	Conto
A justiça do diabo	Linanes	Conto
Arte suprema	Júlio César da Silva	Poesia (soneto)
Cartas velhas	Júlio César da Silva	Poesia (soneto)
Frases feitas	Júlio César da Silva	Poesia (soneto)
Libertação	Júlio César da Silva	Poesia (soneto)
Torturas	Júlio César da Silva	Poesia (soneto)
Ciúmes	Júlio César da Silva	Poesia (soneto)
Ontem e hoje	Júlio César da Silva	Poesia (soneto)
Exílio	Júlio César da Silva	Poesia (soneto)
O jabuti e a onça	Monteiro Lobato	Conto
O ano velho	s/a	Crônica
A alma do anonimato	Margarida Laura	Conto
Minha Musa	Luis Carlos	Poesia (soneto)
Amor sentimental	Maria Angélica	Conto
Por que cupido é cego	Clara das neves	Crônica
As pérolas	Vicente Tejada	Conto
A árvore nua	Guilherme de Almeida	Poesia
A rosa da tua boca	Luis Edmundo	Poesia
Prazeres proibidos, prazeres queridos	H. Duvernais	Conto
A serenata	Luis Edmundo	Poesia
Aventureiro elegante	F. de S. Sarrion	Conto
A Guiomar Novaes	Prisciliana Duarte de Almeida	Poesia
Crônica de Vichy	Primerose	Crônica
Manhãs do sertão	Erico Curado	Poesia (soneto)
Inverno	Armando Wether	Crônica
O segredo	A.M. Villanil	Conto
O príncipe Pim-Pim	Margarida Laura	Conto (infantil)
Tréguas ao amor	José Gabriel	Conto

Catálogo de capas - *Revista Feminina* – Números de 1921



Fichas de textos e seções literárias da *Revista Feminina* – Números de 1921

Revista Feminina – janeiro de 1921		
Título	Autor	Tipo de texto
Mãe	João Assunção Mófreta	Poesia
Mary	Gilberto Aranha	Conto
O concílio das fadas	Tibagy	Conto
Esfinges	Amarilda Prado	Poesia (soneto)
Sóror Teresa	Manuel Viotti	Poesia (soneto)
Mademoiselle Lavalade	Lourdes Lambert	Conto
No cinema	Erico Curado	Poesia (soneto)
Página do coração - fragmento	Marilda Palinia	Conto
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – fevereiro de 1921		
Título	Autor	Tipo de texto
Olhos tristes	Lolla de Oliveira	Poesia (soneto)
A Hulha	Laura Vaz	Conto (infantil)
Um trocista de mau gosto	Carlos Luiz	Conto
O jardim do grão Vizir	J.S.	Conto
Lohengrin	J.Vio	Novela (folhetim)
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)
Quase um conto	Marilda Palinia	Conto
O medo	Tibagy	Conto (infantil)

Revista Feminina – março de 1921		
Título	Autor	Tipo de texto
Ao telefone	Virgínia Vitorino	Poesia (soneto)
Os cravos	Virgínia Vitorino	Poesia (soneto)
Revelação	Virgínia Vitorino	Poesia (soneto)
Carta ao meu amor	Virgínia Vitorino	Poesia (soneto)
Para o álbum	Lisippo Fraga	Poesia
Para o bom caminho	Curvo Navas	Conto
O mulato de Murilo	s/a	Conto
Dentro da Noite	Laurindo de Brito	Poesia
Destinos irmãos	Cesário Marco	Conto
Olhos que apalpm	Julio César da Silva	Poesia (soneto)

O meu primeiro artigo	Sérgio	Crônica
Saudade	Isabel Vieira de Serpa e Paiva	Poesia (soneto)
A morte da borboleta	Carolina Wanderley	Poesia (soneto)
Incontentado	Francisco Lopes de Azevedo	Poesia (soneto)
A Miguel Ângelo	Lola de Oliveira	Poesia (soneto)
A vontade	Laura Vaz	Conto
Um livro	Cerqueira Leite	Poesia (soneto)
Os três sorrisos	Diderot Goulart	Conto
A grande virtude	Chrisantheme	Crônica
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – abril de 1921		
Título	Autor	Tipo de texto
Contrastes	Crisantheme	Conto
A máscara	A. Hernandes Catá	Conto
Feminismo	Hector de Kantorowicz	Conto
O inimigo das mulheres	Narcisa Robledal	Conto
Quem muito escolhe	Olga Jurema	Conto
A origem das fadas	E.H.	Crônica
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – maio de 1921		
Título	Autor	Tipo de texto
Doce cativo	Carlos Magalhães de Azevedo	Poesia
A uma criança	Francisca Júlia	Poesia
Canção da saudade	Yainha Pereira Gomes	Poesia
Destino	Yainha Pereira Gomes	Poesia (soneto)
Mais um	Maria Paulista	Conto
Moça triste	Laurindo de Brito	Poesia
História de um roceiro	José Velho	Poesia
Tapera	Marilda Palínia	Conto
Amo ou criado	s/a	Conto
Os meninos pobres	Laura Vaz	Conto (infantil)
A estrada da glória	Aplecina do Carmo	Poesia
Altruísmo	Yainha Pereira Gomes	Poesia (soneto)
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – junho de 1921		
Título	Autor	Tipo de texto

Destino	Yainha Pereira Gomes	Poesia
A renda maravilhosa	s/a	Crônica
O homem do bonnet	Nicolosa Coronado	Conto
Os diamantes	s/a	Conto
A alma das coisas	Laura Vaz	Conto
A lei de Deus	Affonso Acata	Conto
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – julho de 1921		
Título	Autor	Tipo de texto
Morrer	Rabindranath Tagore	Conto
História de um coração	Marilda Palinia	Conto
Esperar	Francisco Lopes de Azevedo	Poesia (soneto)
Gli argonauti	Leopoldo De Recchi	Poesia (soneto)
Fantasia	Marilda Palinia	Conto
A valsa da agonia	Dalfrido V. Andrade	Conto
Amor...amor	Manoel Victor	Conto
O direito	Laura Vaz	Conto (infantil)
As mãos	Benedito Abreu	Poesia (soneto)
O estrangeiro	Miguel Zarraga	Conto
Mãos	Francisco Lopes de Azevedo	Poesia (soneto)
Entre dois céus	Erico Coelho	Poesia (soneto)
Tentações	Eduardo Pacheco	Poesia (soneto)
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)
Criados: episódios da atualidade	Irene de Sousa Pinto	Teatro
Freira	Francisco Lopes de Azevedo	Poesia (soneto)

Revista Feminina – agosto de 1921		
Título	Autor	Tipo de texto
Un, deux et trois	Lígia Marques	Teatro (comédia)
Mata virgem	Astrogildo César	Poesia (soneto)
Amor perfeito	Erico Curado	Poesia (soneto)
A flor da aldeia	Yainha Pereira Gomes	Conto
Quadras	Jader de Andrade	Poesia (quadras)
Casa abandonada	Aurélio Domingues	Poesia (quadras)
Como vai sua obrigação	Gláucia Leontino	Conto
Anjo da Guarda	Rabindranath Tagore	Conto (indu)
A arte de amar	Julio César da Silva	Poesia
A cegonha e o caranguejo	Laura Vaz	Conto
O triunfo	O. Pinedo	Conto

As andorinhas	Carlos D. Fernandes	Poesia
Diálogo com a alma e com a paz das sombras	Antonio Linares	Poesia
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – setembro de 1921		
Título	Autor	Tipo de texto
A avenca	Astrogildo César	Poesia (soneto)
A minha esposa	Alegretti Filho	Poesia
Não lhe chamem feia	Yainha Pereira Gomes	Poesia
Além da vida	Amorosa Guerreira	Conto
Mulheres	Manoel Vitor	Conto
Entre dois céus	Erico Curado	Poesia (soneto)
Dupla conveniência	Lourdes Lambert	Conto
A arte de amar	Júlio César da Silva	Poesia
Enquanto a morte não chega	Rafael Ruiz Lopes	Conto
Juiz	Rabindranath Tagore	Conto (indu)
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – outubro de 1921		
Título	Autor	Tipo de texto
A noite de estréia	Júlia Hoyos	Conto
Amor-perfeito	Erico Curado	Poesia (soneto)
Os cães	Augusto Martins	Conto
A realidade	Felisa Torralha	Teatro
Tudo ama	Astrogildo César	Poesia (soneto)
A alma de Mary Walter	Rene Borgia	Novela
Ressurreição	Olavo Bilac	Crônica
Leitura para crianças	M. Willian J. Hactchins	Leitura sobre moral
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – novembro de 1921		
Título	Autor	Tipo de texto
Marlino e carusão	Maria Henriqueta	Conto
Pétala	Marilda Palínia	Conto
Divagações	Walfrido V. Andrade	Conto
Hilda Brunel	Andrea Mee.	Conto
Folha de trevo	Delminda Silveira	Poesia (soneto)
Soneto	Allegretti filho	Poesia (soneto)
A ressurreição da carne	Tristão Cesário	Conto
A princesa Bibi	Luis Antonio Vega	Conto

Da “Arte de amar”	Júlio César da Silva	Poesia
Uma mulher por uma perna: excentricidade inglesa	Fernanda Samette	Conto
O paredão	Joaquina Adão	Conto
Minha Mulherzinha	Helena Edgard	Teatro
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – dezembro de 1921		
Título	Autor	Tipo de texto
Ao luar	Marilda Palinia	Conto
Centenário das dores de Nossa Senhora (I e II)	Alphonsus de Guimaraens	Poesia (soneto)
O dadaísmo	Lauro Borba	Artigo
Alma errante (evocação)	Yainha Pereira Gomes	Conto
Um paralelo	Fontoura Costa	Poesia (soneto)
Jesus	Santa Teresa de Jesus	Poesia (soneto)
Árvore Santa	Luiz Murat	Poesia (soneto)
Egoisum Lux Mundi	Alfan Galvan	Conto
Amizade e amor	Julia Neves	Conto
No fim do caminho	Laura Vaz	Conto
Noite de Natal	Lola de Oliveira	Poesia (soneto)
Uma história romântica	M. Olmedilla	Conto
Lenda oriental	Júlio Scheibel	Conto
Um conto de fadas	Laura Vaz	Conto
Dias de chuva	Rabindranath Tagore	Conto
A esmola trágica	L. Azevedo	Conto
Ao pé da letra	L. Gabaldão	Conto
Mudemos de assunto	Manuela Mora	Conto
Hino a Deus	Alegretti Filho	Música
O ricaço	Ramos Martin	Conto
No circo	Amando Cauby	Conto
O guarda-chuva	s/a	Crônica
Ladrões de frutas	Brenno Ferraz	Conto
A conversão de Frei Justo	Maria Henriqueta	Conto
Os monges	Aplecina do Carmo	Poesia
Triste confiança	Amando Caiuby	Conto
O castigo	Airam	Conto (infantil)
As árvores de Natal	Bertha Carr	Conto
A cigarra e a formiga	Monteiro Lobato	Fábula
O lobo e o cão	Monteiro Lobato	Fábula
A cabra, o cabritinho e o lobo	Monteiro Lobato	Fábula
Os dois burrinhos	Monteiro Lobato	Fábula
O leão e o ratinho	Monteiro Lobato	Fábula
O pavão e o corvo	Monteiro Lobato	Fábula
O cavalo e as mutucas	Monteiro Lobato	Fábula
O lobo e o cordeiro	Monteiro Lobato	Fábula

Os dois pombinhos	Monteiro Lobato	Fábula
A galinha dos ovos de ouro	Monteiro Lobato	Fábula
Os animais e a peste	Monteiro Lobato	Fábula
O jequitibá e a tábua	Monteiro Lobato	Fábula
A piúva e o jabuti	Monteiro Lobato	Fábula
A onça e os companheiros de caça	Monteiro Lobato	Fábula
Aventuras de um dramaturgo	Ortiz de Pinedo	Conto
A morte do bardo	Augusto Martinez Almeida	Teatro
País encantado	Rabindranath Tagore	Conto
A agenda do Tobias	Léo Vaz	Conto

Catálogo de capas - *Revista Feminina* – Números de 1922

Fichas de textos e seções literárias da *Revista Feminina* – Números de 1922

Revista Feminina – janeiro de 1922		
Título	Autor	Tipo de texto
Os ocios de rosa	Roberta Brenes	Conto
Águas que encantam	João Camara	Poesia
Árvore Santa	Luis Murat	Poesia (soneto)
O direito do primeiro ocupante	Miguel Unamuno	Conto
O sementeiro	Graccho Silveira	Poesia (soneto)
Visão de arte	José Siqueira	Poesia (soneto)
A volta	Rabindranath Tagore	Conto
Imprevidência	Pedro Eremita	Poesia (soneto)
Da “Arte de amar”	Júlio César da Silva	Poesia (soneto)
Queimada	Rocha Ferreira	Poesia (soneto)
A voz dos animais	Francisca Júlia / Julio César da Silva	Música/jogral
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – fevereiro de 1922		
Título	Autor	Tipo de texto
A rival – conto americano	Dimitri Ivanovitch	Conto
Saudade	Eva	Poesia (soneto)
Maternidade	H. Catan	Conto
A confessada	Joaquim Caldas	Poesia (soneto)
Chromo	Targino Amorim	Poesia (soneto)
Bodas místicas	s/a	Conto
História curta	Rocha Ferreira	Poesia (soneto)
O delírio de Hugo Van Der Goes	Henry Roujon	Conto
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – março de 1922		
Título	Autor	Tipo de texto
No meu aniversário	Alegretti Filho	Poesia (soneto)
Surge, amica meã, et veni!	Erico Curado	Poesia (soneto)
A rã, o burro e o bode	Bueno monteiro	Conto
Meditação	Lola de Oliveira	Poesia (soneto)
Boca de monja	Lola de Oliveira	Poesia (soneto)
O último romântico	Amando Caiuby	Conto

O primeiro amor	Irene de Souza Pinto	Conto
O fruto proibido	A. Bedoya	Conto
Da “Arte de amar”	Julio Cesar da Silva	Poesia (soneto)
Página antiga	Marilda palinia	Conto
Remorsos de um milionário	Maria Flores	Conto
Conselho as moças	Laura Vaz	Conto
A viagem de mamãe das Dores	Alfredo Marte	Conto
A mulher	Belmiro Braga	Poesia (soneto)
Lar feliz	Belmiro Braga	Poesia (soneto)
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – abril de 1922		
Título	Autor	Tipo de texto
A moça que não sabia coser	H. Hal	Novela
O mundo de nenê	Rabindranath Tagore	Conto
Onze horas	Rabindranath Tagore	Conto
Salve-se o ideal	Macela Mendes	Conto
Os olhos do outro	Arthuro	Conto
A chávena de café	Ed. Zamanis	Teatro
A partida	Yainha Pereira Gomes	Poesia
A jaboticabeira	Erico Curado	Poesia (soneto)
Genethliaco	Erico Curado	Poesia (soneto)
O colega do Silveira	Lourdes Lambert	Conto
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – maio de 1922		
Título	Autor	Tipo de texto
Como escrever a seu marido	Clemente Vautel	Teatro
A noite antiga	Caio de Melo Franco	Poesia (soneto)
As bonecas de hoje	Don Til	Crônica
Ingratidão	Rocha Ferreira	Poesia (soneto)
Aranhol humano	Rocha Ferreira	Poesia (soneto)
Conto triste	Roceira	Conto
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – junho de 1922		
Título	Autor	Tipo de texto
Comédia da vida elegante	Gregório Martinez Sierra	Teatro
Mãe	Joaquim Dicenta	Conto
A liga do coração	Goulart de Andrade	Conto

A mulher	João Luso	Crônica
O homem que veio do céu	Robert Francheville	Conto
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – julho de 1922		
Título	Autor	Tipo de texto
Drama da cruz vermelha	Ibrantina Cardona	Poesia (soneto)
Asas	Eduard Camilo	Trecho de livro
Quando o amor floresce	Miguel Zarraga	Novela
Delírio	Rocha Ferreira	Poesia (soneto)
O retrato do avô	M. Garcia	Conto
O tio dos nenês	A. Ramirez Pesa	Conto (infantil)
Quase um conto de fadas	Marilda Palínia	Conto
Carta a Hebe	Cláudia	Carta
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – agosto de 1922		
Título	Autor	Tipo de texto
O crepúsculo no locutório	George Rodenbach	Conto
Escaravelhos	Humberto Ronden	Conto
Mulher	Francisco Fabiano Alves	Poesia
Da luz à sombra	Miguel Zarraga	Novela
Querer Bem	Colombiuna Martha	Poesia (soneto)
O soldado	Ibrantina Cardona	Poesia (soneto)
Onipresente	Mendes de Oliveira	Poesia (soneto)
A meu pai	Ceci de Castro Lima	Poesia (soneto)
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – setembro de 1922		
Título	Autor	Tipo de texto
Marucha	Salvadora Onrubia	Conto
A arte de Apelles	Fanfreluche	Teatro
Em Cotinho	Erico Curado	Poesia (soneto)
Haru (novela de costumes japoneses)	Lafcadio Hearn	Novela
O ingênuo Dr. Lauro	O. Pinedo	Conto
O grão de areia	Clotilde Mattos	Conto

O almofadinha	Piruetta	Conto
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – outubro de 1922		
Título	Autor	Tipo de texto
O aeroplano de guerra	Ibrantina Cardona	Poesia (soneto)
A história de Honorina	Nataly	Conto
A mão	L. Alonso	Conto
Um drama no alpendre	Cleópatra Cordiviola	Conto (infantil)
A intrusa	José M. Braña	Conto
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – novembro de 1922		
Título	Autor	Tipo de texto
O naufrágio	Ibrantina Cardona	Poesia (soneto)
O criminoso	s/a	Conto
O sorriso dos dançadores	Cesário Julião	Crônica
O seu caminho	Lavínia	Conto
Versos	Prisciliana Duarte de Almeida	Poesia
Um golpe de vista	Pierre Valdagne	Conto
A amizade de Heitor	Eulália de Abreu Sampaio	Conto
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – dezembro de 1922		
Título	Autor	Tipo de texto
Bacilo da loucura	Firmo Antonio	Poesia (soneto)
Anjo enfermo	Honorina Galvão Rocha	Poesia (soneto)
Saudade	C. de Castro Lima	Poesia (soneto)
Querer bem	Francisco Fabiano Alves	Poesia (soneto)
Santa	Francisco Fabiano Alves	Poesia (soneto)
Amor heróico	Madame Thierry	Conto
Como uma flor	Carmen S. de Pandolfini	Crônica
A Bilac	Filomeno Stamato Sobrinho	Poesia (soneto)
As rosas (lenda persa)	George Delaguys	Conto
O cofre de Cid	Ítala Pia	Conto
Ano Novo	Maurice Level	Teatro
Sobre o lago de Tiberíades	Abrade Coubre	Conto
A ama Rosa	Bernardo Sierra	Conto
O Lobisomem	Annatole France	Conto

A alegria	Rabindranath Tagore	Conto
O reino da paz	Rabindranath Tagore	Conto
A última bruxa	José Monteiro	Conto
O desertor	s/a	Conto
Supremo anelo	Yainha Pereira Gomes	Poesia
O que dizem os mortos	Manuel Linares Rivas	Conto
O sábio Dr. Caturra	Don Til	Crônica
Rosita	Mario Gorostarzu	Conto
Senhoritas aplicadas	G. Timmory	Teatro
Crepúsculo	Ana Maria de Oliveira	Poesia (soneto)
O realejo	Boleslao Prus	Conto
Cada coisa por sua vez	s/a	Conto (infantil)
A busca da felicidade	Guilherme Rittwagen	Crônica
O conto do trovador	José Francês	Conto
Sob a cerejeira	a/a	Conto
Lazaro	A. Hernandez Cata	Conto
A morta que morreu outra vez	José Francês	Conto
Ao sol posto	Ibrantina Cardona	Poema
Ecce Homo	Ibrantina Cardona	Poesia(soneto)
Minha filha	Ana Amélia de Queirós/ Carneiro de Mendonça	Poesia
As duas irmãs	J.M. Braña	Conto (infantil)
Bem-me-quer, mal-me-quer	Milerba Arixandela	Conto
A entrada da primavera	Mado	Teatro
Almofadinhas e melindrosas	s/a	Conto
Sonetos simples (1 e 2)	Firmo Antonio	Poesia (soneto)
Buenadicha	Eduard Camilo	Conto
O drama da Herdade D'Orvey	J.H. Rosny Junior	Conto
O mascote da felicidade	Carmen Gutierrez de Agüero	Teatro
O pecado dos pais	Vicente A. Salverri	Conto
A criada de quarto	Mary florán	Conto
Eu	Francisco Fabiano Alves	Poesia (soneto)
Gota Serena	Franfeluche	Teatro
Esperança	Colombina Martha	Poesia (soneto)
Chave de ouro	Mendes de Oliveira	Poesia
No trabalho	Rafael de Jorio	Teatro (infantil)
A vontade sacrificada	Julião Fernandes Pisero	Conto
No templo	Clóvis Ernesto Correa	Poesia (soneto)
O presente	Maurício Level	Conto

Catálogo de capas - *Revista Feminina* – Números de 1923

Fichas de textos e seções literárias da *Revista Feminina* – Números de 1923

Revista Feminina – janeiro de 1923		
Título	Autor	Tipo de texto
A um ipê florido	Paulo Brandão	Poesia (soneto)
A mulher	José Alves de Figueiredo	Poesia (soneto)
A última jóia	Amélia Rodrigues	Conto
Pétala	Marilda Palínia	Conto
O valente Tinito	Ernesto Morales	Conto (infantil)
O gentleman grosseiro	Rodolfo Bringen	Conto
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – fevereiro de 1923		
Título	Autor	Tipo de texto
A independência do Brasil	Honorina Galvão Rocha	Poesia
Santo Antônio de Pádua	Maurice Level	Conto
O jogo	s/a	Conto (infantil)
Pétala	Marilda Palínia	Conto
Rinalda, a pegureira	Sinira de Rezende	Conto
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – março de 1923		
Título	Autor	Tipo de texto
A canção da agulha	Adella di Carlo	Contos
Leão, o leão	Felix Cuquerella	Conto (infantil)
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)

Revista Feminina – abril de 1923		
Título	Autor	Tipo de texto
Maldita seja a guerra	Concepción Hernandez de Roca	Conto
A boa prosa	s/a	Artigo instrutivo
A dor de amar (continuação)	s/a	Romance (folhetim)
Ave Maria	Allegretti Filho	Poesia

Revista Feminina – maio de 1923		

Título	Autor	Tipo de texto
Ave Maria	Chrysanthême	Conto
A Paz	Ibrantina Cardona	Poesia (soneto)
A chave	Condessa de Pardo Bazan	Conto
O réprobo	Luiz de Galinzoga	Conto
O menino triste	F. Navarro J. Ledenna	Conto
Poemas de mães e filhos	Rabindranath Tagore	Conto
As duas almas	Vina Centi	Conto
Orencio	José Benedito Cursino	Conto

Revista Feminina – junho de 1923		
Título	Autor	Tipo de texto
Noite de São João	s/a	Conto
A greve das almas	s/a	Conto
Alma de mulher	Amélia Rodrigues	Conto
Invocação ao céu	Cecy Sá de Brito	Poesia (soneto)

Revista Feminina – julho de 1923		
Título	Autor	Tipo de texto
O meu sertão	José de Castro Lagreca	Poesia (soneto)
Um dos sete dias felizes do Califa	M.R. Blanco Del Monte	Conto
Masanielo	s/a	Conto
O sino da matriz	Marilda Palinia	Conto
Hyno ao sol	Eduard Camilo	Poema em prosa
O poço	Nora	Conto
Samaritana	Jorge falleiros	Poesia (soneto)
O pedido	s/a	Conto
Jardim secreto	Crysantheme	Crônica

Revista Feminina – agosto de 1923		
Título	Autor	Tipo de texto
O velho das limas	Condessa de Pardo Bazan	Conto
O melhor amor de uma literata	Myrian Harry	Conto
O pintor sem braços	José Francês	Conto
As maravilhas do acaso	Conceción Hernandez de Roca	Conto
O tio Antonio	Etelvina Felício dos Santos	Conto
Talvez...	Mauricio Jokal	Conto

Revista Feminina – setembro de 1923		
Título	Autor	Tipo de texto
Drama entre pequenos	s/a	Conto (infantil)
A última valentia	s/a	Conto
A legenda do Castello de Neufchatel	Maria Domenech de Cañellas	Conto
A voz do destino	Roberto Molina	Conto
A infância de Dante: sonho e realidade	s/a	Artigo biográfico
A obra prima de um grande poeta: Cyrano de Bergerac	s/a	Crítica literária
Os legítimos direitos...dos senhores porcos	s/a	Conto
O louco e a noite	s/a	Parábola
Deus	s/a	Parábola

Revista Feminina – outubro de 1923		
Título	Autor	Tipo de texto
O retrato (contos de guerra)	s/a	Conto
O sapato da avozinha	Henrique Feijó y Rubio	Conto
Numa lousa	Prisciliana Duarte de Almeida	Poesia
A sombra da outra	A.J.	Conto
Paisagem noturna	Marilda Palinia	Conto
Pernambuco	Edwiges de Sá Pereira	Poesia (soneto)
Frivolidades femininas	Gomes Carillo	Conto
Knock out	Paul Giaferri	Teatro
Ruínas	Nora	Conto
As grandes obras do romanticismo	s/a	Crítica literária

Revista Feminina – novembro de 1923		
Título	Autor	Tipo de texto
O casamento da princesa	s/a	Conto
Os grilhões do dever	s/a	Conto
A boa literatura – Nova Seiva	s/a	Artigo crítico
Páginas infantis – a consulta	s/a	Conto

Revista Feminina – dezembro de 1923		

Título	Autor	Tipo de texto
A uma folha	Mariano Lemos	Poesia (soneto)
Suave caminho	Marilda Palinia	Conto
As mulheres do mar	José Francês	Conto
Lembras-te?	s/a	Conto
A bayadera	Elissa Rhais	Conto
O tesouro escondido	Vicente Manzanares	Conto
As núpcias do guerreiro	s/a	Conto
A mão e a luva	s/a	Conto
A grande chama	A. Guardiola	Conto
O valentão	Emilio Carrere	Conto
Um calvário	s/a	Conto
História simples de um homem que lutou e venceu	s/a	Conto
O jugo do nome fidalgo	s/a	Conto
A “Martingale”	Mauricio Level	Conto
O último senhor feudal	s/a	Conto
Amor de pai	Olga B. Prager	Conto
Os anjos do lar	Carolus Brio	Conto
As tâmaras de ouro de Sid Alal	s/a	Conto
A morte do renegado	Condessa de Pardo Bazan	Conto
Mais forte que a dor	Luis Bello	Conto
Mistério	Eduard Camilo	Conto
O sonho de Pepin	E.C.Requena	Conto
A vingança do morto	Isabelle B. Martin de Mello	Conto

Catálogo de capas - *Revista Feminina* – Números de 1924

Fichas de textos e seções literárias da *Revista Feminina* – Números de 1924

Revista Feminina – janeiro de 1924		
Título	Autor	Tipo de texto
Coração Bandido	Narciso Diaz de Escovar	Poesia (soneto)
Entre pérolas e lágrimas	s/a	Conto
Nem só de pão...	Vicente Diez de Tejada	Conto
A penitência	s/a	Conto
Melodia áurea	s/a	Conto
Violeta - Idílio Sertanejo	F. Mondino	Trecho de livro

Revista Feminina – fevereiro de 1924		
Título	Autor	Tipo de texto
Crepúsculo	T. Camacho	Conto
Página do meu diário	Marilda palinia	Conto
O enterro de um frade caturro	L.C.E.	Conto
A carta	s/a	Teatro
A tarde mais triste	s/a	Conto
Uma mulher	Fernandez Florez	Conto
Num chá de caridade	Mello Nogueira	Conto
O primeiro gato que morou com um rei	s/a	Conto

Revista Feminina – março de 1924		
Título	Autor	Tipo de texto
O último telefonema	Columbine	Conto
O estratagema	Raphael Lopez de Harc	Conto
Ao crepúsculo	Eduardo Zamacois	Conto
Soirées em casa de ninguém	s/a	Conto

Revista Feminina – abril de 1924		
Título	Autor	Tipo de texto
O ludibrio das ruas	s/a	Conto
O casal Kernloos	Henry Bordeaux	Conto
A águia dourada	A.Roma Partodo	Conto (infantil)

Revista Feminina – maio de 1924		
Título	Autor	Tipo de texto
O sono de David Swan	Nathaniel howthorne	Conto
O rio do ouro e da morte (conto africano)	Pedro Luiz de Galvez	Conto
Canção das mães	Lina Amélia de Queiroz	Canção
Crepuscular	Ricardina Mendes de O. Pacheco	Conto

Revista Feminina – junho de 1924		
Título	Autor	Tipo de texto
A dádiva de Pedrito	Cecílio Benitez	Conto
A loucura ambiente	José G. Acuna	Conto
Em um doce colóquio	s/a	Conto
A legenda dos trinta dinheiros	O. Havard	Conto
O rouxinol e a rosa	Oscar Widde	Conto

Revista Feminina – agosto de 1924		
Título	Autor	Tipo de texto
Almas que ressuscitam	E. Gonzalez Fiol	Conto
A volta do rebanho	s/a	Conto

Revista Feminina – setembro de 1924		
Título	Autor	Tipo de texto
Conto de lobos	Hernandez- Catá	Conto

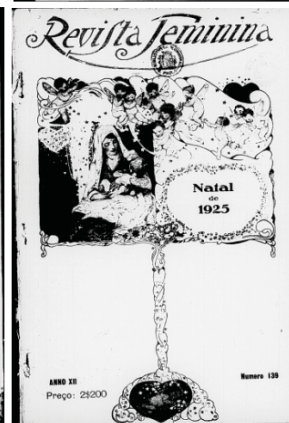
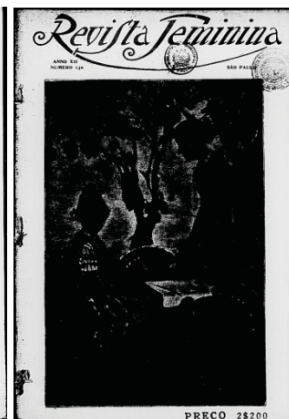
Revista Feminina – outubro de 1924		
Título	Autor	Tipo de texto
Secretária	Ernesto Mario Barreda	Conto
A crueldade da beleza	s/a	Conto
Andante apaixonato	Júlia Datta de Albertis	Conto

Revista Feminina – novembro de 1924		
--	--	--

Título	Autor	Tipo de texto
A piedosa mentira	José Lozano	Conto
Os rosais do presbitério	Guy Chantepleure	Conto
O viajante silencioso	F.G. Glick	Teatro
Liberdade	s/a	Teatro (infantil)
O vidente e as jóias	R. Tagore	Conto

Revista Feminina – dezembro de 1924		
Título	Autor	Tipo de texto
O fóssil	Gabriel Tinonarry	Conto
Tempos maus	s/a	Conto
Natal de rei	s/a	Conto
Chora o palhaço	Luisa Carrés Cabballero	Conto
O boticário e o cão	s/a	Conto
O primeiro abraço	J.M. Brana	Teatro
Páginas de ironia – a instrução pública	Raphael Zorrome	Conto
A pobre Olga Maria	s/a	Conto
O peixeiro e o flautista	A.R. Bonnat	Conto

Catálogo de capas - *Revista Feminina* – Números de 1925



Fichas de textos e seções literárias da *Revista Feminina* – Números de 1925

Revista Feminina – janeiro de 1925		
Título	Autor	Tipo de texto
Um roubo sensacional	s/a	Conto
As duas coroas	Elena de Montenegro (rainha da Itália)	Poesia
Os olhos d'alma	Guido Gozano	Conto
A igreja está vingada	Delfina Galvez	Teatro (infantil)
Cenas do pombal	s/a	Conto
O elogio do silêncio	s/a	Conto

Revista Feminina – fevereiro de 1925		
Título	Autor	Tipo de texto
A morte de César	Juan Hernandez Juez	Conto
A peruca do senhor Venâncio	s/a	Teatro
Continue sorrindo	s/a	Crônica
O mais hábil de todos	s/a	Conto (infantil)
Voltas	Violeta de Denis	Poesia
Ao Brasil	Othoniel Belleza	Poesia (soneto)
Língua Portuguesa	Othoniel Belleza	Poesia (soneto)
A confiança	s/a	Conto
A boneca	s/a	Conto

Revista Feminina – março de 1925		
Título	Autor	Tipo de texto
A voluntária reclusão de Gabriel D'Annunzio	s/a	Artigo
Meher Meja, a bela	s/a	Conto
A canção da moleirinha	Aplecina do Carmo	Canção
O rato e a coroa de louros	E. Ramirez Angel	Fábula
Um cerceiro	Júlia Datta de Albertio	Teatro
Núpcias de amor	Maurício Level	Conto

Revista Feminina – abril de 1925		
Título	Autor	Tipo de texto

A derrota da “vampiro”	s/a	Conto
Uma viagem de núpcias	Guy de Maupassant	Conto
O supremo recurso	Miguel Zamacois	Conto
O que se pode ver com um par de óculos	Victor Bridges	Comédia
O louco	Carlos Elysio	Conto
Conselho	Anthoniel Belleza	Poesia (soneto)
O grito de Salimá	s/a	Conto
O antiquário	Paulo Marsey	Conto
A noviça	Francisco Villaespesa	Poesia
A rainha da cidade morta	Jorge Luques Lobos	Conto
Dona Laura	Carlos Elysio	Conto
Uma história de amor	Henrique Federer	Conto
Conselho de mãe	Rafael Mesa de La Peña	Conto

Revista Feminina – maio de 1925		
Título	Autor	Tipo de texto
A noviça	Francisco Villaespesa	Poesia
A rainha da cidade morta	Jorge Luques Lobos	Conto
Dona Laura	Carlos Elysio	Conto
Uma história de amor	Henrique Federer	Conto
Conselho de mãe	Rafael Mesa de La Peña	Conto

Revista Feminina – junho de 1925		
Título	Autor	Tipo de texto
Fatuus	Othoniel Belleza	Poesia (soneto)
A Inspiração	Déa Lise	Conto
Bem o dizia ela	Carmem Burgos	Conto
Fórmula da felicidade	Othoniel Belleza	Conto

Revista Feminina – julho de 1925		
Título	Autor	Tipo de texto
O vestido coquetterie	Amália Guglielminetti	Conto
Um duelo	Miguel Zamacois	Conto
Feliz	Othoniel Belleza	Poesia (soneto)
O potro do senhor cura	s/a	Conto

Revista Feminina – agosto de 1925
--

Título	Autor	Tipo de texto
A alegria que se foi	Affonso Perez Nieva	Conto
O ramo de lilás	s/a	Conto
Clorinda	s/a	Conto
A cega que viu depois	Paulo Inestal	Conto
O freguês ideal	s/a	Conto
A maravilhosa história do rei Yayati	Maurice Pottecher	Conto

Revista Feminina –setembro de 1925		
Título	Autor	Tipo de texto
A mantilha e sua história e profecia	s/a	Conto
Hóspede	s/a	Conto
A rebelião de Jacobita	s/a	Conto
Por que sou triste	Othoniel Belleza	Poesia (soneto)
Pepita e Don Juan	Irmãos Quintero	Teatro
A filha do professor	Martin Marton	Conto
Os cisnes negros	Horácio Van Qftel	Conto
Caridade	Paul Louis Hervier	Conto
O vago dormitório	Muta	Teatro
História de um sapato	Ricardo Orpala	Conto

Revista Feminina –outubro de 1925		
Título	Autor	Tipo de texto
A paixão de Muriel	Susan M. Boogher	Conto
Amor supremo	Andrés Lichtemberger	Conto
Uma criatura indefesa	A. Chekov	Conto
A lição	Ymandi Rodriguez	Conto
O príncipe com furúnculos	Richard Honnel	Conto
Porto de salvação	Augusto M. Olmedina	Conto

Revista Feminina – novembro de 1925		
Título	Autor	Tipo de texto
O ardil	Pedro Valdargue	Conto
Um tio	Pino D'Agriento	Conto
O encontro	s/a	Conto
A ironia do ambiente	L. Sequier Roses	Conto
Uma idéia genial	s/a	Conto
Do outro lado da porta	R. Stevenson	Conto

A discípula	Henri Duvernois	Conto
A torre da aldeia	Leopoldo Lopez de Sá	Poesia
Casulos abertos	José Granger	Conto
Por que sou triste	Othoniel beleza	Poesia (soneto)

Revista Feminina – dezembro de 1925		
Título	Autor	Tipo de texto
Conto de Natal	Maria Clara da Cunha Santos	Conto
Bonecas	Eduard Camilo	Trecho de livro
O bom amigo	s/a	Conto
Tempestade e bonança	s/a	Conto
Helena e o macaquinho	Adap. Tia Aninha	Conto (infantil)
O melhor escudeiro	s/a	Conto (infantil)
O desenganado	Leon Xanrof	Conto
A voz	Menotti Del Picchia	Poesia (trechos de poema)
Os dois reinos	s/a	Conto

Catálogo de capas - *Revista Feminina* – Números de 1928



Fichas de textos e seções literárias da *Revista Feminina* – Números de 1928

Revista Feminina – janeiro de 1928		
Título	Autor	Tipo de texto
O anel	W. Fernandez Flores	Conto
Quando o amor compreende	Adelardo Fernandez	Novela
Assim não se ama	Augusto Lenconi	Conto
No devuelvo los trollos	Alberto J. Mazza	Canção
Uma árvore de Natal	José Francês	Conto
Rosa, Rosaura e Rosina	Cláudia Marsey	Conto
A saudade	Cláudio de Souza	Trecho de palestra

Revista Feminina – fevereiro de 1928		
Título	Autor	Tipo de texto
Virtude	Jean Boucher	Conto
Para ser um grande homem	Condessa de Baillehacke	Conto
O desejo	Maurício level	Conto
O homem que não podia dormir	Carlos Abreu	Conto
O batismo da boneca	Demósthene Guedes	Teatro (comédia)
A melindrosa	Erico Curado	Poesia (soneto)
Lábios	Erico Curado	Poesia (soneto)

Revista Feminina – março de 1928		
Título	Autor	Tipo de texto
A sorte de Carlos Potts	Michael Joseph	Conto
Nas florestas das guyanas	Henry Longwood Jacobo	Conto
Para ser um grande homem	Condessa de Baillehacke	Conto
O mágico	s/a	Conto

Revista Feminina – abril de 1928		
Título	Autor	Tipo de texto
Literatura luso-brasileira	Othoniel Belleza	Poesia (soneto)
O vento e a chama	Othoniel Belleza	Poesia (soneto)
Na praia	Mário Mendes Campos	Poesia (soneto)
Pequenos diálogos	Blondinetti	Diálogo
Radiolette	Pierre Adam	Conto

Revista Feminina – maio de 1928		
Título	Autor	Tipo de texto
Mona e seus amigos	Henry Duvernois	Conto
Um só homem	P. Puyalto	Conto
Um triunfo do amor sobre a moda	s/a	Conto
O cliente n. 13	Jean Ramt	Conto

Revista Feminina – junho de 1928		
Título	Autor	Tipo de texto
O que se não disse	Cora Coralina	Crônica
Conta saldada	s/a	Conto
Os felizes	A.G.	Conto
A pecadora	Colette	Conto
O vestido de baile	J. Ortiz Piñedo	Conto
O grande amor	Júlia Lopes de Almeida	Conto

Revista Feminina – julho de 1928		
Título	Autor	Tipo de texto
A noite de S. Bartolomeu	A. Monticelli	Teatro
Hebe travestida	Maria Portugal Dias	Conto

Revista Feminina – agosto de 1928		
Título	Autor	Tipo de texto
Cura homeopática	Sílvio Zambaldi	Teatro
Semelhança Fatal	Jorge Dolley	Conto
Veraneando	Ophélia	Teatro
A cozinheira	Pierre Valdagne	Conto

Revista Feminina – setembro de 1928		
Título	Autor	Tipo de texto
O tenente Carlos	Jorge Luque Lobos	Conto
O improvisador	Andrés Geiger	Conto
Por que sou triste	Othoniel Belleza	Poesia (soneto)

Revista Feminina – outubro de 1928		
Título	Autor	Tipo de texto
Buda canonizado	Mario Domingues	Conto
Noite mansa	Paulo Mendes de Almeida	Poesia
Os dois caminhos da vida	s/a	Conto
El asalto	Eduardo Zamacois	Conto

Revista Feminina – novembro de 1928		
Título	Autor	Tipo de texto
O cântaro milagroso	Malba Tahan	Conto
A vingança de Eva	s/a	Crônica
Conselhos II	Othoniel Belleza	Poesia (soneto)
Conselhos III	Othoniel Belleza	Poesia (soneto)
O cavalo do árabe	Ermelinda R. da Silveira	Conto

Revista Feminina – dezembro de 1928		
Título	Autor	Tipo de texto
Por ser curioso	Frederico Donaire	Conto
O bailado das horas	Mário Marques	Conto
Senhorita, quero sua mão	Claude Bressac	Conto
Os mestres do amor	Cláudio de Souza	Teatro

Catálogo de capas - *Revista Feminina* – Números de 1929



Fichas de textos e seções literárias da *Revista Feminina* – Números de 1929

Revista Feminina – janeiro de 1929		
Título	Autor	Tipo de texto
O amigo íntimo	Roberto Riacco	Teatro
O demônio tentador	João Papini	Conto

Revista Feminina – fevereiro de 1929		
Título	Autor	Tipo de texto
Prosadores e poetisas brasileiras	s/a	Artigo informativo
Para Cybele	Lucas Falcão	Poesia
O olhar penetrante	J.M. Saverria	Conto
Primavera	Antonio Maggiore	Teatro
Passado e presente	J.Lobos	Teatro

Revista Feminina – março de 1929		
Título	Autor	Tipo de texto
A dama de negro	Silvio Zambaldi	Conto
O nome	Carlos de Fraviis	Teatro
Estratagemas engenhosos	Erwin Rose	Conto
O cavalo maravilhoso	s/a	Conto
O belo vestido de lady Elmoor	s/a	Romance (trecho)

Revista Feminina – abril de 1929		
Título	Autor	Tipo de texto
Um bom pai	Pierre Mille	Conto
O vestido de lady Almoor	s/a	Romance (trecho)
Abnegação	Rodolfo Stratz	Romance (trecho)

Revista Feminina – maio de 1929		
Título	Autor	Tipo de texto
Os remendos da sorte	Júlio Dantas	Conto
Missa de defuntos	Franz Herczec	Conto
A armadura do conde	Angel Menoyo Portales	Conto

A hora da dor e do prazer	Roberto Molina (traduzido)	Conto
Último canto	Olegário Marianno	Poesia
O vestido	Humberto de Campos	Conto
O poeta Simplício	Padre Assis Memória	Biografia
O triste milagre	Yveta Ribeiro	Conto

Revista Feminina – junho de 1929		
Título	Autor	Tipo de texto
Café Paulista	Villaespesa	Poesia (soneto)/ espanhol
Aventura de príncipe	Pedro Mata	Conto/tradução
O belo vestido de lady Elmoor	s/a	Romance (trecho)
Pedido	J. Gambá	Poesia (soneto)
O poder da imaginação: Notas taquigráficas de um homem de mundo	Henrique Jardim Poncela	Poesia
Buena Dicha	Fernanda de Castro	Teatro
O vento e a chama	Othoniel Belleza	Poesia (soneto)
A riqueza e o amor	Olga Monteiro de Barros	Conto

Revista Feminina – julho de 1929		
Título	Autor	Tipo de texto
Mascarada sentimental	Antonio de Hojos e Vincat	Conto
Idílio de boemia	Ossid Kalenter	Conto
Painel	J. Gambá	Poesia (soneto)
Os ursos e a boneca	s/a	Fábula

Revista Feminina – agosto de 1929		
Título	Autor	Tipo de texto
Ciúmes	Arthur Wills	Conto
O clavicórdio	Edmond	Conto
O belo vestido de lady Elmoor	s/a	Romance (trecho)
O colar de pérolas	Abeox	Conto

Revista Feminina – setembro de 1929		
Título	Autor	Tipo de texto
Escritoras hispano-americanas	s/a	Artigo de literatura

Aspiração	Silvia de Castro	Reflexões
O belo vestido de lady Elmoor	s/a	Romance (trecho)
Y El amor se fue	Villaespesa	Poesia/ espanhol
A casa grande	Azorim	Conto
A mulher dos cabelos brancos	Mura	Conto
A fatalidade	s/a	Conto
A mão negra	J. Cesanne	Conto
Um prestigiador	s/a	Conto

Revista Feminina – outubro de 1929		
Título	Autor	Tipo de texto
O belo vestido de lady Elmoor	s/a	Romance (trecho)
O paraíso da velha		Conto
Duas mulheres	Júlio Dantas	Teatro

Revista Feminina – novembro de 1929		
Título	Autor	Tipo de texto
A mesa do chá	Álvaro Guerra	Trecho de livro (No lar)
A mensagem póstera	Trad. A. Rivero	Conto
Confissão conjugal	Conan Doyle	Conto
Uma solução magistral	Lincon Tregenda	Conto
O bordado do Diabo	E. Van Leberghe	Conto
As cabrinhas	Fausto Guedes Teixeira	Poesia (quodras)

Revista Feminina – dezembro de 1929		
Título	Autor	Tipo de texto
A nova imaginação: o presente sem alma	Juan de Soiza Reilly	Trecho de livro (No lar)
O belo vestido de lady Elmoor	s/a	Romance (trecho)
O final de uma conquista	Trad. A. Ribeiro	Conto
O dilúvio universal: diário de bordo do patriarca Noé	Pitigrili	Conto
Cabelos brancos	Carmela	Poesia (soneto)
Uma idéia genial	Mino Doletti	Poesia (quodras)

Catálogo de capas - Revista Feminina – Números de 1930


Fichas de textos e seções literárias da Revista Feminina – Números de 1930

Revista Feminina – janeiro de 1930		
Título	Autor	Tipo de texto
Sonho...realidade	Fauzi Maluf	Poesia
A morte de Rosário	Arthemio Precioso	Conto
O belo vestido de lady Elmoor	s/a	Romance (trecho)

Revista Feminina – fevereiro de 1930		
Título	Autor	Tipo de texto
Disciplina	Cláudio de Souza	Fábula
O belo vestido de lady Elmoor	s/a	Romance (trecho)

Revista Feminina – março de 1930		
Título	Autor	Tipo de texto
Doce Aniversário	s/a	Conto
A lenda do Harem	Otto Miguel Cione	Teatro
Crônica Literária	s/a	Artigo de crítica literária

